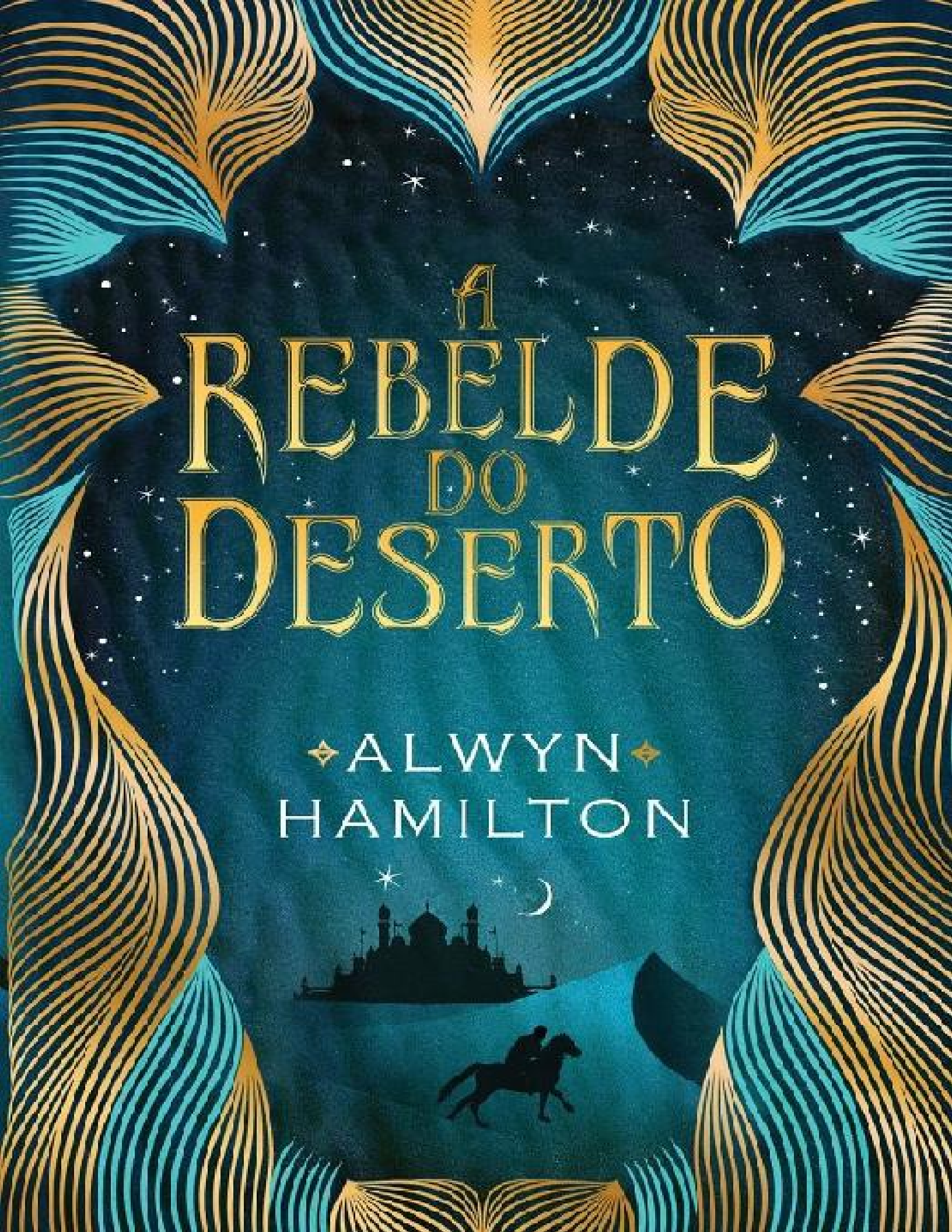




A REBELDE DO DESERTO

◆ ALWYN ◆
HAMILTON



A REBELDE DO DESERTO

◇ALWYN◇
HAMILTON

Tradução
ERIC NOVELLO

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Quando eu tinha quinze anos, meus pais pregaram no mural de cortiça da cozinha o desenho de uma garota brava escrevendo uma carta em que se lia: “Mamãe e papai queridos, obrigada pela infância feliz. Vocês destruíram qualquer chance que eu tinha de me tornar escritora”.

Dedico este livro aos meus pais.

Mamãe e papai queridos, obrigada pela infância feliz. Vocês possibilitaram que eu me tornasse escritora de várias maneiras, inclusive aquelas aparentemente insignificantes, como pregar um desenho no mural e brincar dizendo que vocês achavam que eu conseguiria escrever um livro mesmo assim.

Agora eu escrevi, e este primeiro é pra vocês.



DIZIAM QUE SÓ PESSOAS MAL-INTENCIONADAS andavam pela cidade de Tiroteio depois do anoitecer. Eu não tinha más intenções. Nem boas.

Desmontei de Azul e amarrei-a ao poste atrás de um bar chamado Boca Seca. O garoto sentado na cerca me olhava de cima a baixo, desconfiado. Ou talvez fossem seus olhos escuros que davam essa impressão. Abaixei mais a aba larga do chapéu ao deixar o pátio. Tinha roubado o chapéu do meu tio, assim como a égua. Emprestado, na verdade. De acordo com a lei, tudo o que eu tinha pertencia ao meu tio, até as roupas que eu vestia.

As portas do bar se abriram com força, deixando sair luz, barulho e um bêbado gordo com o braço em volta de uma garota bonita. Levei a mão imediatamente ao meu sheema, que escondia a maior parte do meu rosto, para verificar se estava firme. Eu estava toda coberta e, mesmo horas depois do pôr do sol, suave como um pecador durante as preces. Devia parecer mais um nômade perdido do que um atirador de verdade, mas, desde que não parecesse uma garota, não fazia muita diferença. Naquela noite eu escaparia dali viva. Se conseguisse sair com uns trocados também, melhor ainda.

Não foi difícil achar a arena de tiro do outro lado de Tiroteio. Era o lugar mais barulhento da cidade, e isso significava muito. Tratava-se de um enorme celeiro no fim de uma rua empoeirada, repleto de gente e muito iluminado, apoiado contra uma casa de oração caindo aos pedaços, com tábuas de madeira fechando a porta. Talvez o celeiro tivesse sido usado por algum criador de cavalos honesto, mas devia ter sido muitos anos antes, a julgar pelo aspecto do lugar.

Quanto mais perto eu chegava, mais densa se tornava a multidão. Como moscas sobre a carcaça fresca.

Um homem com nariz ensanguentado estava preso contra a parede por dois caras, enquanto outro socava seu rosto de novo e de novo. Uma garota à janela gritava coisas que fariam um ferreiro enrubescer. Um grupo de operários, ainda de uniforme, cercava um nômade em uma carroça arrebitada que bradava a venda de sangue de djinni, capaz de realizar os desejos mais secretos das pessoas de bem. Seu sorriso largo parecia desesperado à luz do lampião, o que não me surpreendia. Havia anos que não se via um ser primordial por aqueles lados, muito menos

um djinni. Além disso, ele já devia saber que os habitantes do deserto não acreditariam que os djinnis sangravam algo diferente de fogo puro, e que ninguém em Tiroteio se consideraria uma pessoa de bem. Todos no Último Condado compareciam com frequência suficiente às preces para saber as duas coisas.

Tentei manter meu olhar fixo, como se nada daquilo fosse novidade.

Se eu subisse além das construções, poderia enxergar, depois da areia e do mato, a Vila da Poeira, onde eu morava, embora não tivesse nada lá além de casas escuras. O povoado acordava e se deitava acompanhando o movimento do sol. Comportamento honesto, do bem, não era compatível com as horas de escuridão da noite. Se fosse possível morrer de tédio, todos lá já teriam virado cadáveres na areia.

Mas Tiroteio estava desperta e agitada.

Entreí discretamente no celeiro, e ninguém prestou muita atenção em mim. Já havia uma boa multidão reunida na arena. Fileiras de lampiões enormes pendiam dos beirais, dando um brilho oleoso ao rosto dos curiosos. Crianças magricelas colocavam os alvos no lugar, esquivando-se dos golpes de um homem parrudo que gritava para que se movessem mais depressa. Órfãos, a julgar pela aparência. Provavelmente crianças cujos pais trabalhavam nas imensas fábricas de armamento nos arredores da Vila da Poeira, até serem dilacerados pelas máquinas defeituosas. Ou até o dia em que foram trabalhar bêbados e acabaram morrendo queimados. Trabalhar com pólvora não era exatamente seguro.

Eu estava tão focada em observar o lugar que quase dei um encontrão no homem gigante que ficava na porta.

— Frente ou fundo? — ele perguntou, as mãos levemente apoiadas em uma cimitarra do lado esquerdo do quadril e em uma arma do lado direito.

— O quê? — Lembrei no último instante de usar um tom mais grave. Havia treinado imitando meu amigo Tamid a semana toda, mas ainda soava como um menino, não um homem. O segurança não pareceu se importar.

— São três fozas para ficar atrás, cinco para ficar na frente. Apostas a partir de dez.

— Quanto custa para ficar no meio?

Droga. Não devia ter dito aquilo. Tia Farrah havia passado o último ano tentando me ensinar na base da paulada a não bancar a esperta, sem muito sucesso. Eu tinha a sensação de que, se esse homem usasse o mesmo método, doeria muito mais.

Ele apenas franziu a testa, como se eu fosse burra.

— Frente ou fundo. Não existe meio, garoto.

— Não estou aqui para ver — eu disse, antes que perdesse a coragem. — Vim atirar.

— Então por que está desperdiçando meu tempo? Você tem que falar com Hasan. — Ele me empurrou na direção de um homem gordo com calças largas bem vermelhas e uma barba escura, parado atrás de uma mesa baixa cheia de moedas que vibravam conforme ele tamborilava os dedos.

Respirei fundo através do meu sheema e tentei não demonstrar que meu coração estava quase saindo pela boca.

— Quanto é para participar?

A cicatriz nos lábios dele pareceu se curvar em uma expressão de escárnio.

— Cinquenta fozas.

Cinquenta? Era quase tudo o que eu tinha. Tudo o que havia economizado para fugir para Izman, capital de Miraji.

Mesmo com meu rosto coberto do nariz para baixo, Hasan devia ter percebido a hesitação. Sua atenção já estava se dispersando, como se soubesse que eu estava prestes a virar as costas e desistir.

Essa foi a gota d'água. Joguei o dinheiro na mesa: um punhado sacolejante de moedas de louzi e de meio louzi que eu tinha economizado no último ano. Tia Farrah sempre dizia que eu fazia todo tipo de burrice só para provar que alguém estava errado. Talvez ela estivesse certa.

Hasan fitou as moedas, cético, mas quando as contou com a velocidade de um trambiqueiro profissional não pôde negar que estava tudo lá. Por um breve momento a satisfação superou meu nervosismo.

Ele empurrou um pedaço de madeira na minha direção, pendurado em um barbante. O número vinte e sete estava pintado nele em preto.

— Já atirou bastante, vinte e sete? — Hasan perguntou.

Passei o barbante sobre a cabeça, e o pedaço de madeira bateu contra os tecidos que eu havia enrolado no peito para completar o disfarce.

— Um pouco — respondi com cautela.

Faltava quase tudo na Vila da Poeira — e no Último Condado inteiro, na verdade. Comida. Água. Roupas. Só havia duas coisas que tínhamos de sobra: areia e armas.

Hasan riu.

— Então não precisa ficar com as mãos tremendo.

Pressionei as mãos contra o corpo para me controlar enquanto me aproximava da arena. Se não conseguisse segurar firme a arma, não faria muita diferença ter aprendido a mirar antes de ler. Me posicionei na areia perto de um homem que mais parecia um esqueleto sob o uniforme maltrapilho da fábrica. Outro homem, com o número vinte e oito pendurado no pescoço grosso, veio se colocar do meu lado.

Ao nosso redor, as arquibancadas se enchiam. Os coletores de apostas gritavam probabilidades e valores. Se eu estivesse vendo de fora, acharia que não tinha nenhuma chance de ganhar. Ninguém em sã consciência apostaria em um garoto magricela que não tinha nem coragem de abaixar o sheema e mostrar o rosto. Talvez algum bêbado maluco ganhasse uma pequena fortuna se eu conseguisse provar que as pessoas sensatas estavam erradas.

— Boa noite, pessoal! — A voz de Hasan se propagou pela multidão, que fez silêncio. Dezenas de crianças corriam entre nós entregando as pistolas. Uma garota com cabelo emaranhado e pés descalços me entregou uma arma. O peso na palma da mão me trouxe uma sensação instantânea de conforto. Abri o tambor depressa; havia seis balas perfeitamente alinhadas ali. — Todos sabem as regras. Então é melhor segui-las, ou juro por Deus que eu mesmo vou quebrar a cara de quem trapacear! — Risadas e gritos de comemoração irromperam das arquibancadas. Garrafas eram passadas de mão em mão. Homens apontavam para nós da mesma maneira que meu tio apontava para os cavalos quando estava tentando vendê-los. — Agora, vocês têm seis balas e seis garrafas. Se alguém ainda tiver garrafas de pé quando as balas terminarem, está fora. Os dez primeiros, entrem em posição.

O restante de nós ficou parado enquanto os competidores de um a dez se posicionavam lentamente, os pés atrás de uma linha branca pintada no chão de terra batida. Devia ter uns três

metros e meio entre eles e as garrafas.

Até uma criança seria capaz de acertar.

Apesar disso, dois deles conseguiram errar no primeiro tiro. No final, apenas metade havia acertado todos os alvos.

Um deles tinha o dobro do tamanho de qualquer outro competidor. Vestia o que talvez um dia tivesse sido um uniforme militar, mas estava tão gasto que não dava para saber ao certo se costumava ter o tom dourado reluzente do Exército ou se estava apenas sujo de areia do deserto. Levava o número um feito em uma pincelada grossa no pedaço de madeira no peito. A maior torcida era para ele. Gritos de “Dahmad! Dahmad! Campeão!” podiam ser ouvidos enquanto ele se virava e segurava uma das crianças que corria de um lado para o outro catando vidro quebrado. Dahmad falou algo baixo demais para que eu escutasse, então empurrou a criança para longe. Ela voltou alguns instantes depois com uma garrafa de bebida alcoólica marrom. Dahmad começou a beber vigorosamente, encostado em uma das barras que separava a arena das arquibancadas. Se bebesse demais, não seria o campeão por muito tempo.

A rodada seguinte foi ainda mais deprimente. Só um dos atiradores acertou todos os alvos. Enquanto os perdedores iam embora arrastando os pés, pude ver claramente o rosto do vencedor. Ele não era daquelas bandas, o que me pegou de surpresa. Todo mundo naquelas bandas era daquelas bandas. Ninguém em sã consciência escolheria ficar no Último Condado se não tivesse nascido lá.

Era um rapaz, talvez alguns anos mais velho que eu, e se vestia como um de nós, com um sheema verde enrolado casualmente no pescoço e roupas tão folgadas que ficava difícil saber se era tão forte quanto parecia. Seu cabelo era preto como o de qualquer garoto mirajin; sua pele era escura o suficiente para se passar por um de nós. Mas ele não era um de nós. Tinha feições que eu nunca tinha visto antes, com traços angulares, uma mandíbula quadrada e reta, sobrancelhas que pareciam cortes escuros acima dos olhos mais inquietantes que eu já tinha visto. E não era de se jogar fora. Alguns dos homens derrotados cuspiram aos pés do jovem forasteiro. Ele só levantou o canto da boca, como se estivesse tentando conter o riso. Então, como se tivesse sentido que o observava, olhou de relance para mim. Desviei rápido o olhar.

Ainda restavam onze de nós e, apesar de eu ter metade do tamanho de qualquer homem ali, disputávamos espaço na linha por causa dessa pessoa a mais.

— Se mexe, vinte e sete!

Senti um cotovelo na minha costela. Ergui a cabeça rápido, com uma resposta na ponta da língua. Desisti quando reconheci Fazim Al'Motem do meu lado.

Lutei contra a vontade de xingá-lo. Fazim havia me ensinado todos os palavrões que eu conhecia, quando ele tinha oito anos e eu, seis. Quando fomos pegos usando-os, lavaram minha boca com areia, e ele botou toda a culpa em mim. A Vila da Poeira era um lugar pequeno. Eu conhecia Fazim desde criança e passei a detestá-lo assim que adquiri um pouco de bom senso. Ultimamente ele passava a maior parte do tempo na casa do meu tio, onde eu era obrigada a morar, tentando enfiar a mão embaixo da roupa da minha prima Shira. De vez em quando, ele tentava abusar de mim também, quando ela não estava olhando.

O que ele estava fazendo ali? Pela arma em sua mão, dava para adivinhar.

Maldito.

Se alguém percebesse que eu era uma garota, seria um problema. Mas, se Fazim me

reconhecesse, seria ainda pior. Eu já tinha me metido em muita encrenca desde que me pegaram falando palavrão, mas só fui espancada quase até a morte uma vez. Foi logo depois que minha mãe morreu, quando tentei pegar um dos cavalos do meu tio para fugir da Vila da Poeira. Estava na metade do caminho para Juniper quando eles me alcançaram. Não consegui montar um cavalo por um mês depois que tia Farrah me surrou com uma vara. Se ela descobrisse que eu estava em Tiroteio apostando dinheiro roubado, ia me bater tanto que aquela surra pareceria um afago.

A coisa inteligente a fazer seria virar as costas e dar o fora dali. Mas, se fizesse isso, perderia cinquenta fouzias. E dinheiro era mais difícil de conseguir do que inteligência.

Percebi que estava com a postura de uma garota e me endireitei antes de encarar os alvos. As crianças ainda corriam de um lado para o outro, alinhando as garrafas. Fazim acompanhava o movimento delas com o cano da arma, gritando “Pou, pou, pou!” e rindo quando elas se assustavam. Desejei que seu tiro saísse pela culatra, apagando o sorriso de seu rosto.

As crianças saíram rápido do caminho, então ficamos apenas nós, os atiradores, e as garrafas. Éramos o último grupo da primeira rodada. As armas pipocavam ao meu redor. Me concentrei nas seis garrafas à minha frente. Poderia acertar um tiro daqueles de olhos vendados. Mas era melhor ser cuidadosa. Verifiquei a distância, alinhei o cano, conferi a mira. Quando me dei por satisfeita, puxei o gatilho. A garrafa mais à minha direita quebrou, e deixei meus ombros relaxarem um pouco com o alívio. Mais três garrafas caíram em rápida sucessão.

Meu dedo pressionou o gatilho pela quinta vez. Um grito perturbou minha concentração. Sem qualquer outro aviso, um corpo se chocou contra o meu.

O tiro saiu a esmo.

Fazim tinha sido empurrado para o lado por outro atirador, me acertando no caminho até o chão. A multidão vaiava enquanto Fazim brigava na areia com o homem. O grandalhão da porta já estava apartando a briga. Fazim foi arrastado para o canto pelo pescoço. Hasan observou os dois homens partirem com um ar entediado e então se virou para a multidão.

— Os vencedores desta rodada...

— Ei! — gritei, sem pensar. — Quero outra bala.

Risos soaram ao meu redor. Lá se foi o plano de não chamar atenção. Minha orelha ardia com os olhares sobre mim. Mas aquilo era muito importante. Importante demais para não falar. Uma expressão de escárnio cobriu o rosto de Hasan, e senti uma mistura de humilhação e raiva dentro de mim.

— Não é assim que funciona, vinte e sete. Seis balas, seis garrafas. Não tem segunda chance.

— Mas isso não é justo! Ele me empurrou.

Gesticulei em direção a Fazim, que apalpava a mandíbula, encostado na parede.

— Você não está na escola, garoto. Não precisamos ser justos. Você pode usar sua última bala e perder ou simplesmente abandonar a competição.

Eu era a única que ainda tinha uma bala na pistola. A multidão começou a vaiar para que eu saísse logo dali, e meu rosto oculto ficou vermelho de raiva.

Sozinha na linha, ergui a arma. Podia sentir o peso da única bala no tambor. Deixei escapar um longo suspiro que afastou o sheema dos meus lábios.

Um tiro. Duas garrafas.

Dei dois passos para a direita e meio para trás. Contorci o corpo e tentei visualizar tudo na cabeça. Se mirasse em uma, não teria como acertar a outra. Se pegasse de raspão, nenhuma das

duas quebraria.

Cinquenta fozas.

Me desliguei da gritaria em volta. Ignorei o fato de que todos ali estavam me olhando e de que o plano de manter a discrição tinha ido por água abaixo. Agora eu sentia medo. O mesmo medo que me corroera nos três dias anteriores. Desde a noite em que tinha me esgueirado pela casa do meu tio depois de anoitecer, a caminho da casa de Tamid, e ouvido tia Farrah mencionar meu nome.

— ... Amani?

Eu não tinha conseguido ouvir o que fora dito antes, mas bastou meu nome para me fazer parar.

— Ela precisa de um marido. — Dava para ouvir melhor a voz do meu tio Asid do que a de sua primeira esposa. — Um homem poderia botar aquela menina nos eixos na marra. Em menos de um mês, vai fazer um ano que Zahia morreu, e Amani vai poder casar. — Depois que minha mãe foi enforcada, aos poucos as pessoas pararam de pronunciar seu nome como um xingamento. Agora meu tio mencionava sua morte como um assunto casual.

— Já é difícil achar marido para suas filhas. — Tia Farrah soava irritada. — Agora quer que eu ache um para a fedelha que minha irmã deixou? — Tia Farrah nunca dizia o nome da minha mãe. Não depois que ela foi enforcada.

— Eu vou tomar a menina como esposa, então — tio Asid falou, como se estivesse negociando a venda de um cavalo. Quase desabei na areia.

Tia Farrah soltou um som de desdém.

— Ela é nova demais. — Havia um tom impaciente em sua voz que normalmente encerraria a conversa.

— Não é mais nova do que Nida era. E já está morando na minha casa mesmo. Comendo minha comida. — Como primeira esposa, tia Farrah normalmente dominava a casa, mas de vez em quando seu marido teimava com algo, e agora estava se entusiasmando com aquela ideia numa velocidade assustadora. — Ela pode ficar aqui como minha esposa ou partir como esposa de outra pessoa. Por mim, ela fica.

Por mim, não.

Por mim, fugiria ou morreria tentando.

De repente, meu foco voltou. Eu e meu alvo. Nada importava além da mira.

Puxei o gatilho.

A primeira garrafa quebrou no mesmo instante. A segunda balançou por um momento na beirada da barra de madeira. Eu conseguia ver no vidro grosso a marca onde a tinha acertado. Prendi a respiração enquanto a garrafa balançava de um lado para o outro.

Cinquenta fozas que talvez nunca mais visse.

Cinquenta fozas que eram meu único jeito de escapar.

A segunda garrafa caiu no chão e se espatifou.

A multidão rugiu. Soltei um longo suspiro.

Quando me virei, Hasan estava me olhando como se eu fosse uma cobra que tivesse escapado de uma armadilha. Atrás dele o forasteiro me observava, as sobrancelhas erguidas. Eu não conseguia parar de sorrir por trás do sheema.

— Como me saí?

Os lábios de Hasan se contorceram.
— Em posição para a segunda rodada.



EU JÁ TINHA PERDIDO A CONTA de quanto tempo fazia desde que começamos a atirar.

Tempo suficiente para o suor começar a se acumular no fim das minhas costas. Tempo suficiente para Dahmad, o Campeão, tomar três garrafas inteiras de bebida entre as rodadas. E tempo suficiente para a maior parte dos competidores ser eliminada do jogo. Mas eu seguia em frente.

O alvo me encarava do outro lado da arena: garrafas se movendo sobre uma placa de madeira que girava lentamente conforme um garoto acionava a manivela. Apertei o dedo com força no gatilho seis vezes. Não consegui ouvir o vidro estilhaçar de tanto que a multidão gritava.

Alguém colocou a mão no meu ombro.

— Os finalistas da noite! — Hasan gritou, perto do meu ouvido. — O campeão da casa, Dahmad! — O homem cambaleou por causa da bebida e ergueu os braços. — A Cobra do Oriente, desafiando-o mais uma vez. — O forasteiro mal registrou as provocações e os gritos; apenas curvou o canto da boca, sem erguer a cabeça. — E uma surpreendente revelação. — Ele levantou meu braço com força e a multidão enlouqueceu, gritando, batendo os pés e fazendo o celeiro tremer. — O Bandido de Olhos Azuis.

O apelido acabou com a minha animação. Senti um arrepio de pânico. Procurei por Fazim na arena. Mesmo que as pessoas acreditassem que eu era um garoto, eu não tinha como esconder meus olhos. Tudo em mim era tão escuro quanto deveria ser em qualquer garota do deserto, mas meus olhos azuis me destacavam. Apesar de burro, se Fazim estivesse ali, talvez fosse esperto o suficiente para somar dois e dois. Mesmo assim, sorri por trás do sheema e deixei o calor do público me tomar. Hasan soltou meu braço.

— Dez minutos para fazer as últimas apostas, pessoal. A rodada final já vai começar.

Todos correram para os coletores de apostas. Sem mais nada para fazer, me agachei em um canto vazio da arena, apoiada contra as grades. Minhas pernas ainda estavam meio bambas por conta do nervosismo, minha camisa colava na barriga de tanto suor, e eu sentia o rosto vermelho por trás do sheema.

Mas eu ainda estava na disputa.

Fechei os olhos. Talvez realmente conseguisse sair dali com o prêmio.

Fiz as contas na cabeça. O prêmio era de mais de mil fouzaz. Eu teria que roubar e economizar até morrer para conseguir juntar essa quantia. Especialmente com o desastre nas minas de Sazi algumas semanas antes. Um acidente. Explosivos mal colocados. Essa era a história oficial. Mas eu tinha ouvido rumores de sabotagem. Diziam que alguém havia plantado uma bomba. E o mais estranho: diziam que tinha sido um ser primordial. Um djinni punindo Sazi por seus pecados.

Mas não importava o que tinha acontecido, o fato era que, sem o metal das minas, não seriam produzidas armas, e sem armas não havia dinheiro. Todos estavam apertando o cinto. E eu não tinha nem dinheiro para comprar um cinto.

Mas com mil fouzaz poderia fazer muito mais que isso. Escapar daquele deserto sem fim, cheio de fumaça de fábrica. Poderia correr direto para Izman. Tudo o que precisava fazer era chegar a Juniper na próxima caravana. De lá haveria trens para Izman.

Izman.

Eu não conseguia pensar na cidade sem ouvi-la sussurrada como uma prece esperançosa na voz da minha mãe. A promessa de um mundo maior. Uma vida melhor. Que não terminasse em uma queda breve e uma parada abrupta.

— Então, “Bandido de Olhos Azuis”. — Abri os olhos e vi o forasteiro agachando perto de mim, apoiando os braços nos joelhos. Ele não me encarou. — É melhor que “Cobra do Oriente”, pelo menos. — Ele estava segurando um odre. Até aquele momento eu não tinha me dado conta de como estava com sede. Meus olhos acompanharam enquanto ele tomava um longo gole. — E ainda tem um ar de desonestidade. — Ele olhou para mim com o canto do olho. Havia certo tom na sua voz que faria até a pessoa mais ingênua considerá-lo perigoso. — Você tem um nome de verdade?

— Claro. Mas você pode me chamar de Oman. — Meus olhos poderiam me entregar, mas meu nome verdadeiro, Amani Al’Hiza, entregaria muito mais.

O forasteiro deu uma risada curta.

— Engraçado, também me chamo Oman.

— Engraçado mesmo — concordei secamente, com um sorriso no canto da boca.

Metade dos homens nascidos em Miraji deviam se chamar Oman, em homenagem ao nosso aclamado sultão. Não sabia se os pais achavam que isso poderia favorecê-los aos olhos do governante — não que um dia fossem chegar perto dele — ou que Deus poderia favorecê-los por engano. O que eu sabia era que o forasteiro era tão Oman quanto eu. Tudo nele era estrangeiro, dos olhos aos ângulos do rosto e ao modo como usava aquelas vestes de deserto como se não fizessem sentido sobre sua pele. Ele até tinha um sotaque, embora falasse mirajin melhor do que muitos nativos.

— De onde você é, aliás? — perguntei, falando sem pensar.

Toda vez que abria a boca era mais uma chance de descobrirem que eu era uma garota. Mas era mais forte do que eu.

O forasteiro tomou um gole de água.

— Nenhum lugar específico. E você?

— Nenhum lugar interessante. — Eu também podia fazer aquele jogo.

— Com sede? — Ele me ofereceu o odre, sua atenção intensa demais. Eu estava morrendo de sede, mas não ousaria levantar o sheema nem um pouquinho. Além disso, estávamos no deserto.

Era normal passar sede.

— Vou sobreviver — eu disse, tentando não passar a língua pelos lábios ressecados.

— Você que sabe. — Ele tomou um longo gole. Observei com inveja a água descendo por sua garganta. — Nosso amigo certamente parece estar. Com sede, quer dizer.

Me virei na direção para onde o forasteiro olhava. Com o rosto vermelho, Dahmad esvaziava outra garrafa.

— Assim é melhor pra você. — Dei de ombros. — Eu ia ganhar de qualquer jeito. Pelo menos agora seu segundo lugar está garantido.

O forasteiro caiu na risada. Eu me senti ridiculamente satisfeita de ter arrancado aquele riso dele. Um dos homens tentando chegar aos coletores de aposta aos empurrões olhou em nossa direção, franzindo a testa. Como se estivéssemos conspirando.

— Gosto de você, garoto — disse o forasteiro. — E tem talento, então vou dar um conselho. Desista.

Tentei soar corajosa, me endireitando tanto quanto possível:

— Você realmente acha que esse papo vai funcionar comigo?

— Está vendo nosso amigo ali? — Ele indicou Dahmad com a cabeça. — Ele joga pela casa. Hasan fica rico com suas vitórias. Eles não gostam quando desconhecidos ganham.

— E como você sabe disso tudo se não é daqui?

O forasteiro se inclinou para perto, como se fosse revelar um segredo.

— Porque ganhei dele semana passada.

Observamos Dahmad cambalear e se apoiar na parede para não cair.

— Não parece tão difícil.

— Não é. Mas os dois homens que Hasan mandou para me encurralar em um beco e pegar o dinheiro de volta foram um desafio maior. — O forasteiro abriu e fechou a mão, e vi marcas em seus punhos. Ele me flagrou observando. — Não se preocupe — disse, piscando pra mim. — Você tinha que ver como os outros caras ficaram.

Tirei do rosto o que quer que ele tivesse identificado como preocupação.

— E aqui está você, para dar a eles uma segunda chance de te pegarem.

Ele se virou e concentrou toda a atenção em mim, sério.

— Quantos anos você tem? Treze? — Dezesseis, quase dezessete, como garota, mas como garoto parecia mais nova. — Alguém que sabe atirar como você pode ir longe se não morrer hoje à noite. Não seria nenhuma vergonha abandonar a competição. Todos nós sabemos que você é bom de tiro. Não precisa morrer para provar isso.

Eu o olhei com cautela.

— Por que você voltou se é tão perigoso?

— Porque preciso da grana. — Ele tomou um gole do odre antes de levantar. — E sempre escapei das encrencas vivo.

Senti uma pontada quando ele falou isso. Sabia o que era estar desesperada. Ele me ofereceu a mão para me ajudar a levantar. Não aceitei.

— Duvido que precise mais do que eu — eu disse em voz baixa.

Por um momento senti como se nos entendêssemos. Estávamos do mesmo lado. Mas ainda assim um contra o outro.

O forasteiro deixou a mão cair.

— Você que sabe, Bandido.

Ele saiu andando. Fiquei sentada lá por mais um instante, me convencendo de que ele só estava tentando me intimidar para que eu abandonasse a competição. Sabia que nós dois podíamos ganhar de Dahmad. O forasteiro era bom de tiro.

E eu era melhor. Tinha que ser melhor.

Os coletores de aposta estavam se livrando dos últimos clientes quando nos posicionamos de novo na linha. Quando a garotinha de pés descalços veio correndo, só trouxe uma bala. Na outra mão carregava uma tira de pano preto.

— A rodada final! — Hasan proclamou. — O blefe do cego.

Estiquei a mão para pegar a venda, mas parei quando ouvi o som de tiros.

Eu me abaixei antes mesmo de perceber que o som vinha de fora. Alguém gritou. Metade do público estava de pé, um tentando enxergar por cima do outro o que acontecia lá fora. Não consegui ver nada, mas ouvi o grito bem claro.

— Em nome do príncipe rebelde Ahmed! Uma nova alvorada. Um novo deserto!

Calafrios percorreram todo o meu corpo.

— Droga. — O forasteiro esfregou o punho no queixo. — Isso não foi inteligente.

Uma nova alvorada. Um novo deserto. Todo mundo já tinha ouvido o lema do príncipe rebelde, mas apenas em sussurros. Só um idiota proclamaria seu apoio ao filho rebelde do sultão. Havia homens demais com ideias velhas e armas novas para alguém abrir a boca contra o governante.

Fragmentos de vozes se destacaram no burburinho.

— O príncipe rebelde foi morto em Simar semanas atrás.

— Ouvi dizer que ele está se escondendo nas cavernas de Derva com sua irmã-demônio.

— Ele devia ser enforcado imediatamente!

— Está marchando em direção a Izman agora mesmo!

Eu já tinha ouvido metade daquelas histórias. E mais meia dúzia delas. Desde o dia dos jogos do sultim, quando o príncipe Ahmed reapareceu depois de quinze anos sumido para reivindicar o trono do pai, as histórias sobre ele ecoavam na fronteira entre mito e fato. Diziam que ele tinha vencido os jogos do sultim e o sultão mandara assassiná-lo, sem sucesso, em vez de nomeá-lo herdeiro. Diziam que ele tinha trapaceado, usando magia, e mesmo assim perdeu. A única parte que permanecia igual em todas as versões era que, depois de falhar em conquistar o trono nos jogos, ele tinha desaparecido no deserto para começar uma rebelião e tomar o poder.

Uma nova alvorada. Um novo deserto.

Senti uma onda de entusiasmo pelo corpo. A maioria das histórias que conhecia era sobre eventos que tinham acontecido muito tempo antes, com pessoas que já tinham morrido. O príncipe rebelde era uma história que estávamos todos vivendo. Ainda que ele pudesse ser morto a qualquer momento.

A briga lá fora foi curta, e então o segurança da porta entrou arrastando um garoto pelo colarinho. Ele devia ser tão novo quanto eu parecia com o disfarce. Vaías bêbadas ecoaram pela multidão conforme ele passava.

— Ora, ora! — A voz de Hasan retumbou sobre o burburinho, tentando recuperar a atenção da multidão. O garoto cambaleou, tentando ficar de pé, sangue escorrendo do rosto. Parecia que tinha levado pancadas fortes no rosto, mas nada pior do que isso. Sem buracos de bala ou

ferimentos de faca até então. — Parece que temos um voluntário!

O segurança arrastou o garoto para a frente e empurrou-o em direção ao alvo. Colocou uma garrafa em cima da cabeça dele. Meu coração congelou.

— Temos um novo jogo então! O blefe do *traidor* — Hasan bradou, de braços abertos.

A multidão rugiu em resposta.

Eu conseguiria acertar o tiro sem machucar o garoto. O forasteiro também conseguiria. Mas o campeão estava cambaleando e esvaziando outra garrafa. Eu já nem tinha certeza se ele conseguiria acertar o chão caso tropeçasse.

O garoto tremeu um pouco, e a garrafa caiu com um baque na areia. A multidão reagiu com insultos. Parecia que ele ia começar a chorar quando o segurança de Hasan empurrou seu ombro com força até endireitá-lo e posicionou a garrafa novamente em sua cabeça.

— O garoto está machucado demais para ficar de pé, quanto mais manter a garrafa parada. — ouvi o forasteiro dizer a Hasan. — Não dá para atirar em um alvo assim.

— Então não atire. — Hasan fez um gesto de desprezo. — Se você e o Bandido forem covardes demais, podem virar as costas e ir embora. Deixem meu homem vencer.

Então era esse o plano. Forçar eu e o forasteiro a desistir e deixar Dahmad vencer. Só para salvar a vida de um garoto.

Um garoto que era mais novo que eu e já tinha os braços marcados com cicatrizes do trabalho na fábrica.

Não.

Era ele ou eu.

O garoto não ia mesmo sobreviver muito tempo no deserto falando de rebelião. Não quando metade do Último Condado estava disposta a destruí-lo por traição. Que diferença faria se eu desse um tiro ou outra pessoa o matasse? Não seria minha culpa.

— Ou acertem o garoto na cabeça, já vai ser perto o suficiente — Hasan disse, jocoso. Apertei os punhos. — Não faz diferença para mim.

Era claro que fazia. Ele estava contando com a nossa desistência. Eu e o forasteiro sabíamos disso.

— Você não acha que vai parecer um pouco suspeito se desistirmos e deixarmos seu homem vencer? — perguntei, interrompendo o que o forasteiro estava prestes a dizer.

Hasan girou uma bala entre os dedos.

— Acho que meus bolsos ficarão cheios de ouro e o de vocês não.

— Claro — eu disse sem me virar, mantendo os olhos no rebelde patético com as costas contra o alvo. Ele não merecia ser mais uma vítima do deserto tanto quanto eu. — E você vai ter mais problemas do que ouro quando seus clientes perceberem que foram enganados. — Ficou claro pelo silêncio de Hasan que ele não havia pensado a respeito. Passei os olhos pela multidão, tentando parecer entediada, como se não precisasse daquilo. Como se eu não estivesse tentando manipulá-lo do mesmo jeito que ele tentava manipular a gente. — Você tem um celeiro cheio de bêbados que pagaram dinheiro suado pelo espetáculo. E são tempos difíceis, sem a matéria-prima de Sazi. Todo mundo anda bem irritado. Não notou?

Não precisei confirmar se Hasan olhava na mesma direção que eu; um cego enxergaria a multidão de operários sem dinheiro e rapazes famintos com punhos calejados ansiando por violência. Até o garoto com o lábio machucado posicionado como alvo estava inquieto. A

diferença era que estava inebriado pela rebelião, e não por licor barato. Eu conhecia aquela sensação. Era o que me levaria até Izman.

— Viver sob este sol não deixa as pessoas de cabeça fria. Especialmente se, digamos, a Cobra do Oriente e o Bandido de Olhos Azuis começassem a inflamar os ânimos. — Olhei para Hasan com o canto do olho, rezando para que ele não ordenasse que atirassem em mim. — Mas quer saber de uma coisa? Posso ajudar você.

— Pode me ajudar, é? — Hasan disse em tom de escárnio, mas prestando atenção.

— Claro. Eu desisto da competição e troco de lugar com o garoto. Por mil fouzias.

O forasteiro se virou para mim e disse algo em um idioma que eu não conhecia, mas parecia um palavrão.

— Você está louco, garoto? Quer levar um tiro no lugar dele?

— Se eu tiver sorte, ele não vai me acertar.

Senti meu peito enchendo e esvaziando com cada respiração curta. O garoto oscilava para trás e para a frente na areia cheia de vidro. Estava descalço, mas não se queixou.

— A gente vai atirar ou o quê? — Dahmad vociferou, arremessando uma garrafa vazia na direção do garoto e errando por pouco.

Eu olhava fixamente para Hasan; ele não estava convencido.

— Se eu não tiver sorte, você não precisa me pagar nada, e a multidão ganha seu espetáculo sangrento.

Hasan curvou os lábios numa expressão cruel.

— E todos vão felizes para casa.

— Exceto você — o forasteiro disse, baixo o suficiente para que só eu escutasse. Então ele levantou a voz: — Vamos perder de propósito. — Os olhos do forasteiro continuavam fixos em mim, ainda que falasse com Hasan. Abri a boca para contestar, mas alguma coisa em seu olhar me fez parar. Estávamos do mesmo lado. — Se o Bandido de Olhos Azuis está com tanta vontade de ser o alvo, eu atiro primeiro. Posso errar a garrafa sem atirar na cabeça dele. Então você deixa o Bandido atirar. Comigo como alvo. Ele também vai errar. — Meus ombros ficaram tensos, como se meus braços soubessem que eu não aguentaria perder um tiro. Mas o forasteiro confiava em mim, então assenti com a cabeça, de forma discreta. — Seu campeão vence automaticamente. Vamos todos embora sem buracos de bala.

— E com dinheiro — acrescentei, antes que o forasteiro nos deixasse pobres, ainda que honrados. — Saímos daqui com mil, tirados dos ganhos da casa. Cada um.

— Posso oferecer cem para cada — Hasan disse.

— Oitocentos — retuquei.

— Quinhentos, e agradeça por eu não enviar alguém atrás de você para quebrar seus dedos e pegar meu dinheiro de volta.

— Feito.

Quinhentos não era mil, mas era melhor que nada. E talvez fosse suficiente para chegar a Izman.

A multidão estava inquieta. Um brado veio das arquibancadas.

— Que tal os covardes começarem a atirar? O garoto está prestes a mijar nas calças!

Hasan se virou e caminhou naquela direção.

— Cavalheiros! Alguém realmente quer ver esse pirralho rebelde levar um tiro? Ele é muito

baixinho. — Hasan arrancou a garrafa de cima da cabeça do garoto. — Some daqui!

O garoto olhou fixamente para ele como se Hasan fosse um carrasco que tinha acabado de cortar o laço. *Vá, implorei mentalmente.* Ele começou a cambalear para fora dali.

Minha angústia diminuiu, mas um murmúrio de insatisfação começou a se propagar pela arquibancada. Hasan silenciou a multidão com a mão levantada.

— Não seria melhor ver esses três homens mirarem *uns nos outros*? — O rugido das arquibancadas foi ensurdecedor, os pés batendo tão forte que a estrutura inteira sacudia, até os pregos. — Sua vez, Bandido!

Dei um passo hesitante. Talvez eu devesse ter pensado naquilo com mais cuidado. Talvez devesse ter exigido os mil.

— Vamos lá, garoto — disse uma voz no meu ouvido. — Você confia em mim, não?

O forasteiro sorria, confiante.

— Nem te conheço.

Ele estendeu a mão e tirou o chapéu da minha cabeça. Por sorte, eu tinha enfiado o cabelo embaixo do sheema. Ainda assim, me sentia exposta sem o chapéu.

— Mais um motivo para confiar em mim.

A caminhada através da arena pareceu longa demais.

Hasan sorria enquanto equilibrava a garrafa no topo da minha cabeça.

— Faça por merecer seu dinheiro, garoto. Não deixe a garrafa tremer como uma mocinha no dia do casamento.

Minha raiva me manteve firme no lugar; a garrafa não se mexeu. Nem mesmo quando o forasteiro se posicionou na linha. Nem quando ele colocou uma única bala no tambor. Nem quando levantou a arma e apontou diretamente para a minha cabeça. Só que eu não podia respirar. Ele mirou cuidadosamente, ajustando o tiro. Estava levando o seu tempo, e eu estava ficando cada vez mais nervosa.

— Atira logo, seu covarde! — O grito saiu dos meus lábios no mesmo instante em que a arma disparou.

Não tive tempo de reagir.

Uma vaia ecoou da multidão. E eu ainda estava viva para ouvi-la.

Inclinei a cabeça e a garrafa caiu intacta nas minhas mãos. Me virei e vi que uma bala estava cravada na parede a um dedo de distância do meu crânio. Foi só então que comecei a tremer. Eu não tinha certeza se era o nervosismo ou a adrenalina. De qualquer forma, segurei a garrafa com força usando as duas mãos para esconder.

Em meio a uma onda de vaias, voltei para a linha. O forasteiro passou por mim no meio do caminho até o alvo e parou por um instante, colocando o chapéu de volta na minha cabeça.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Foi por muito pouco. — Puxei o chapéu para baixo de novo.

— Qual é o problema, Bandido? — ele disse como se estivesse achando muita graça. — Está se sentindo um pouco menos imortal?

Empurrei a garrafa na direção dele.

— Eu não zombaria de alguém que está prestes a apontar uma arma para sua cabeça.

Ele riu e continuou andando.

E então eu era a única atrás da linha branca pintada, e ele era o alvo. Eu poderia acertar a

garrafa sem problemas se quisesse. Quais eram as chances de Dahmad acertar um tiro fatal no forasteiro? E, mesmo se acertasse, o que o forasteiro importava para mim? Menos que o prêmio.

Atirei. A garrafa permaneceu intacta.

— O jogo terminou! — Hasan gritou, mais alto que o barulho do público. — Dahmad reivindica seu lugar como campeão! — Alguns comemoraram, provavelmente os que tinham apostado nele.

Mas, aos poucos, um novo coro surgiu da multidão:

— Atira! Atira! Atira!

O campeão estava cambaleando.

— É isso aí! Eu também quero uma chance de acertar o Cobra.

O forasteiro tinha tirado a garrafa da cabeça, mas agora o campeão cambaleava até a linha, mirando e gesticulando para que ele voltasse ao lugar.

— Eles estão certos! — disse Hasan. — Não podemos eleger um vencedor se Dahmad não atirar. — Ele olhou rapidamente para mim. Entendi bem o que estava querendo dizer. Sem vencedor a casa não ganharia nada. E isso significava que nós também não ganharíamos nada. — O que você diz, Cobra do Oriente?

Meu olhar encontrou o do forasteiro e balancei a cabeça. Ele manteve o olhar fixo no meu por um longo instante, sem traços do bom humor de antes. Então deu um passo para trás e posicionou a garrafa na cabeça.

O campeão andou trôpego até a linha. Ele mal se aguentava em pé. Apertou os olhos na direção do forasteiro, como se estivesse tentando entender onde exatamente ele estava. Na maior parte dos dias, quando voltava do trabalho na fábrica, meu pai estava tão bêbado quanto ele. Em uma dessas ocasiões, acabou botando as mãos numa arma. Minha mãe e eu teríamos morrido se ele tivesse acertado a mira.

Dahmad levantou a arma. De onde eu estava, dava pra ver que mirava no peito do forasteiro.

Dahmad tinha sido vencido da última vez, e estava bêbado o suficiente para achar que vingança era melhor do que vencer. Um homem era um alvo grande o suficiente até para um bêbado acertar.

Quando o campeão fez menção de apertar o gatilho, lembrei das palavras de Hasan. Não havia segundas chances naquele jogo. Joguei o corpo para o lado sem pensar e esbarrei em Dahmad.

O empurrão fez o tiro desviar um metro para a esquerda. Bêbado, Dahmad desabou no chão enquanto eu cambaleava tentando recuperar o equilíbrio.

A multidão explodiu como um barril de pólvora que só precisava de uma centelha.

As pessoas sabiam que estavam sendo enganadas, mas ninguém parecia entender como. Alguns gritavam que o forasteiro e eu éramos parceiros; outros vociferavam que Hasan tinha enganado todo mundo. Em um instante estavam correndo pra cima dos coletores de apostas.

— Filho da puta! — Alguém me puxou pela camisa. Dahmad estava de pé de novo e tinha me erguido do chão, meus pés arrastando na areia. Tentei lutar, mas ele me empurrou com força contra a parede da arena, me deixando sem ar. E de repente havia uma faca em sua mão. Seu rosto estava próximo do meu, dentes à mostra, o bafo quente alcoólico na minha bochecha. — Vou te cortar do umbigo até o nariz e te deixar catando as tripas do chão, garoto.

O forasteiro agarrou os punhos do campeão e se moveu rápido demais para eu entender o que

estava acontecendo. Só ouvi o estalo horrível. Desabei na areia enquanto o campeão caía de lado, rugindo de dor. Vi o osso saindo de seu braço e o forasteiro pegando rapidamente a faca do chão.

— Corre — ele ordenou.

O caos tomou conta do lugar.

Um bêbado colidiu com um lampião, que caiu nas arquibancadas, se estilhaçando e espalhando óleo e chamas.

Olhei para a saída, mas a briga já tinha se espalhado. Não tinha como escapar por ali. O forasteiro e eu levantamos, as costas contra a parede. Tinham nos esquecido — a confusão não era mais por nossa causa. O celeiro inteiro enchia de fumaça. Sufocaríamos em pouco tempo.

— Você não consegue voar, consegue? — ele gritou mais alto que o barulho, apontando com o queixo para cima.

Havia uma janela acima das arquibancadas, fora do nosso alcance por pouco.

Sorri mesmo que ele não pudesse ver.

— Não consigo voar, mas sou leve.

Ele me entendeu perfeitamente. Entrelaçando os dedos, criou um apoio. Enfiei a pistola que ainda carregava na roupa. Nunca abandonaria uma arma decente naquele lugar.

Dei alguns passos curtos para trás e corri. No terceiro passo, pisei com a bota direita nos dedos entrelaçados do forasteiro, e ele me impulsionou para cima. Meus braços colidiram com a beirada da janela com um baque que certamente deixaria marcas depois. As mãos do forasteiro estavam lá, embaixo de mim, me mantendo estável enquanto eu puxava o corpo para cima. Dali foi fácil descer para o telhado da casa de oração, e dentro de alguns segundos eu estava respirando o ar noturno, louca para sair correndo.

Em vez disso me virei, apoiando o pé no telhado enquanto puxava o forasteiro para cima.

Saltamos da antiga casa de oração para o chão, rolando ao atingir a areia. Uma bala ricocheteou na madeira perto da minha cabeça.

— Certo, Bandido — ele disse, arfando. — Para onde, agora? — ele me perguntou, numa cidade cheirando a fumaça e com o caos flamejante pulsando na escuridão.

Sem dinheiro, eu tinha que voltar para a casa do meu tio. Precisava me livrar do forasteiro. Uma vez minha priminha Nasima recebeu vários tapas por levar para casa um rato que tinha encontrado perto da escola. O que aconteceria comigo se levasse o forasteiro? Isso sem falar o que ele faria quando descobrisse que eu era uma garota.

— Eu me viro daqui.

Ele olhou para os lados.

— Tem algum compromisso?

Eu já estava andando, de olho no bar onde tinha deixado Azul, rezando para que a égua ainda estivesse lá.

— Obrigado por tudo. — Forcei um sorriso, embora o forasteiro não pudesse vê-lo. — Mas preciso ir atrás de um cavalo.

Antes que ele pudesse dizer alguma coisa, corri.



— LEVANTA ESSA BUNDA INÚTIL E VAI PRA LOJA, senão hoje não tem comida. — Meu lençol foi arrancado com um puxão violento. Gemi, apertando os olhos contra a luz do sol e o rosto da minha tia. — E não espere comer amanhã também.

Contei seus passos quando saiu batendo os pés. Chegou à cozinha em dez. Abri um olho. Quanto tempo eu havia dormido? Algumas horas, talvez. Precisava dormir mais do que comer. Mas a luz da manhã entrava no quarto e a chamada para as preces tinha começado.

Rolei do colchão para o chão, puxando o lençol sobre a cabeça enquanto procurava roupas. Ao meu redor, seis primas com quem dividia o quarto apertado começavam a se mexer. A pequena Nasima sentou reta de repente, antes de cair para trás e enfiar um pedaço do lençol na boca.

Mal dava para enxergar as tábuas do chão entre os colchões. O quarto parecia um campo de batalha, com roupas espalhadas por toda a parte, como se fossem cadáveres. Apenas o canto de Olia estava limpo. Ela até tinha tentado pendurar uma manta para cavalo no teto para se separar das irmãs. Eu tinha demorado um tempo para me acostumar com aquele quarto.

Havia apenas dois cômodos na casa do meu pai. O quarto onde ele e minha mãe dormiam e a sala grande onde comíamos e onde dormi por quase dezesseis anos. Aquela sala não existe mais, assim como o resto da casa.

Levei algum tempo procurando, mas encontrei meu khalat azul embolado sob o colchão. Fiz o melhor que pude para alisar os vincos com as mãos antes de vestir a túnica rapidamente sobre o shalvar marrom simples que usava na parte de baixo.

Shira suspirou no travesseiro.

— Você poderia parar de se mexer como um bode agonizando? Estou tentando dormir.

No seu canto, Olia cobriu a cabeça com o lençol.

Encontrei uma bota e larguei-a da maior altura possível para que atingisse o chão com um baque alto. Shira se encolheu. Ela era a única prima com quem eu tinha laços de sangue. As demais eram filhas das outras esposas do meu tio. Tia Farrah tivera três garotos com o marido, e então Shira.

Ela esboçou um sorriso cínico, com os olhos semicerrados.

— Você está com uma cara péssima, prima. Não dormiu bem? — Hesitei enquanto amarrava uma faixa na cintura. Ela sorriu sarcasticamente. — Parece que ficou rolando de um lado para outro.

Resisti ao impulso de puxar a manga para cobrir o cotovelo machucado. É claro que Shira sabia que eu tinha fugido. Ela dormia a um metro de distância.

Não que pudesse imaginar aonde eu tinha ido. Mas isso não a impediria de contar o pouco que sabia, mesmo que fosse apenas pela satisfação de me ver levar uma surra.

— E como é que eu ia conseguir dormir? — Recomecei a amarrar a faixa devagar. — Você ronca.

Olia soltou um riso de escárnio sob as cobertas.

— Viu? Eu falei pra você — ela disparou para a meia-irmã.

Às vezes eu quase gostava de Olia, que tinha quase a minha idade. Costumávamos nos dar bem até eu mudar para a casa do meu tio, quando me odiar se tornou uma das regras da casa da tia Farrah.

— Mas talvez não fosse você roncando na noite passada — cutuquei Shira. — Uma pilha de lençóis não costuma roncar.

A cama de Shira estava tão vazia quanto a minha quando saí escondida para a arena de tiro. Na volta, entrei pela janela, depois de usar um pouco da nossa preciosa água para tirar o cheiro de fumaça e pólvora de mim. A julgar pelo cheiro doce e nauseante dela, tinha escapado para encontrar Fazim. Ele devia ter dito a ela que voltaria da arena rico.

Tentei não sorrir ao lembrar dele sendo eliminado da competição. Não sabia nem se Fazim tinha escapado com vida de lá.

Estávamos em um impasse. Eu não contaria desde que ela não contasse. Shira me ignorou e começou a pentear o cabelo.

Eu estava ajeitando meu próprio cabelo desganhado quando cheguei à cozinha. Meus primos homens já começavam a se aglomerar, se preparando para o trabalho, gritando uns com os outros enquanto os sinos das preces tocavam. Nenhum operário tinha tempo para preces, exceto nos feriados religiosos. Contornei meu primo Jiraz, cujo uniforme estava meio vestido, meio amarrado na cintura, enquanto ele coçava uma marca de queimadura no peito. Tinha ganhado aquela marca em uma das máquinas meses antes, quando ela subitamente cuspiu fogo nele. Teve sorte de só perder um mês de trabalho, e não a vida.

Peguei a lata de café da prateleira de cima. Estava bem leve. Misturavam serragem nele para que rendesse. Meu estômago apertou. As coisas ficavam ruins quando a comida era escassa. Na verdade, eram sempre ruins. Mas pioravam.

— Farrah. — Tio Asid entrou na cozinha, esfregando o rosto. Nida, sua esposa mais jovem, vinha logo atrás, olhando para o chão, as mãos sobre a barriga de grávida. Desviei a atenção no último instante, bem a tempo de fingir não notar meu tio me devorando com os olhos. — O café já está pronto?

Fui tomada por uma angústia desesperada. Eu não ia ficar ali, ainda que a bolsa de moedas que eu usava amarrada na cintura estivesse leve depois da noite anterior.

— Me dá isso aqui. — Tia Farrah arrancou a lata de mim e me deu um tapa forte na nuca. Fiz uma careta. — Falei pra você abrir a loja, não ouviu?

— Não tinha como *não* ouvir. — Dei um passo para sair do alcance dela, mas isso não ia me

salvar de levar uma surra depois. Estava aliviada de poder sair correndo daquela casa e escapar do olhar do meu tio, mas não conseguia segurar a língua. — Se tivesse falado mais alto, a cidade inteira teria escutado.

Deixei a porta bater atrás de mim e corri escada abaixo, as ameaças de surra com pedaço de pau da tia Farrah ficando cada vez mais distantes.

A loja e a casa do meu tio ficavam em pontas opostas da Vila da Poeira, o que significava duzentos e cinquenta passos de distância. A única rua da cidade estava no ápice do movimento, com homens se arrastando para a fábrica e mulheres e velhos se apressando para a casa de oração antes que o sol queimasse os últimos resquícios de frescor do ar noturno. A familiaridade da cena pesava sobre mim. Ultimamente achava que alguém devia eliminar aquela cidade do mapa por misericórdia. Não vinha aço das montanhas. Fazia anos que um buraqi não era visto. Ainda havia alguns cavalos normais para vender, mas eles não valiam muito.

A única coisa de que eu gostava na Vila da Poeira era o enorme espaço ao redor dela. Indo além das casas sem graça de madeira, dava para correr por horas sem encontrar nada além de arbustos e areia. Agora eu me ressentia de como a cidade era longe de qualquer outra coisa. Mas quando eu era mais nova, correr para longe era o bastante. Tão longe que não conseguia ouvir meu pai xingando minha mãe, dizendo que ela não passava de uma puta usada por um forasteiro, que não conseguia dar a ele um filho. Tão longe que ninguém conseguia enxergar uma garota com uma arma roubada, atirando até os dedos cansarem e a mira ficar boa o suficiente para acertar um copo na mão trêmula de um bêbado.

O mais longe que eu conseguia chegar era quando minha mãe contava histórias de ninar de Izman. Isso só acontecia quando meu pai não podia escutar. A cidade dos mil domos dourados, com torres que arranhavam o azul do céu e tantas histórias quanto pessoas. Um lugar onde uma garota poderia pertencer a si mesma, uma cidade inteira tão rica de possibilidades que você quase tropeçava em aventuras na rua. Ela lia para mim histórias da princesa Hawa, que cantava para trazer a alvorada mais cedo quando Izman era atacada por pesadelos durante a noite. Lia sobre a filha desconhecida de um mercador que enganou o sultão e pegou suas joias quando o pai perdeu a fortuna. E lia as cartas de sua irmã Safiyah.

Safiyah era a única pessoa que eu sabia que tinha escapado da Vila da Poeira. Fugiu na noite anterior ao seu casamento e conseguiu chegar até Izman. As cartas dela chegavam da capital para minha mãe muito raramente, com uma caravana. Falavam sobre as maravilhas da cidade, um mundo maior e uma vida melhor. Naquela época, minha mãe falava bastante sobre Izman. Sobre como íamos partir e nos juntar a Safiyah um dia.

Ela parou de falar sobre isso no dia mais quente dos últimos tempos. Ou talvez fosse só um dia normal que ficou gravado na memória por causa do que aconteceu. Eu estava no deserto, o mais longe que podia chegar sem perder minha casa de vista. O reflexo do sol nas garrafas vazias que eu havia alinhado era tão forte que me obrigava a apertar os olhos enquanto mirava, mesmo com meu sheema puxado até o nariz e o chapéu quase cobrindo os olhos. Lembro que estava tentando matar uma mosca quando ouvi três tiros. Parei. Mas imaginei que não era nada. Afinal, aquele era o Último Condado. Então a fumaça começou a subir.

Corri de volta para a cidade.

A casa do meu pai estava pegando fogo. Mais tarde, descobri que minha mãe tinha atirado na barriga dele três vezes e então incendiado a casa. Mas só lembro do alívio que senti no

momento em que arrastaram o corpo dele para fora de casa. Ele nem era meu pai de verdade. Eu lembro da minha mãe tentando correr até mim antes de a levarem embora. E de ficar rouca de tanto gritar quando colocaram a corda em torno do pescoço dela.

Sonhar com os lugares de que minha mãe falava deixou de ser suficiente quando o alçapão se abriu sob os pés dela.

Eu estava na metade do caminho quando notei a multidão se formando na grande área aberta perto da casa de oração, onde antes ficava a casa onde cresci. Vi o cabelo preto dividido certinho demais de Tamid na multidão. Abri caminho empurrando as pessoas até chegar a ele. As pessoas costumavam manter distância de Tamid. Como se achassem que iam começar a mancar como ele. Pelo menos sobrava mais espaço para mim.

— Qual é o espetáculo? — Mudei de lado para assumir o lugar da muleta de madeira sob seu braço esquerdo. Ela cumpria seu papel, mas Tamid insistia em crescer, e toda vez que alguém se dava ao trabalho de construir uma nova ele crescia mais um pouco. Ele sorriu pra mim e respondi mostrando a língua.

— O que você acha? — Tamid passou a muleta de volta para Hayfa. Ela era a única serva da cidade, já que a família de Tamid era a única capaz de pagar tanto a comida quanto alguém para fazê-la. Ele apoiou o peso em mim. Era muito pálido para um garoto do deserto. Pelo menos seu corpo alto e magro parecia menos curvado naquele dia.

A princípio, no fulgor do nascer do sol, tudo o que eu conseguia enxergar eram os familiares tijolos enegrecidos da fábrica de armas do sultão nas redondezas da cidade. O único motivo para buracos como a Vila da Poeira terem permissão de existir era servir à fábrica. Então percebi o reflexo do sol no metal polido.

O Exército do sultão estava chegando.

Os homens marchavam em linhas de três, lado a lado, descendo as colinas. Seus sheemas dourados os protegiam do sol, os sabres pendiam de um lado da cintura, as armas do outro, as calças largas e brancas enfiadas com cuidado dentro da bota, as camisas douradas apertadas na cintura. Sua marcha era lenta mas inevitável. Sempre inevitável.

Pelo menos não havia uniformes azuis espalhados entre o branco e dourado. Azul era a cor do Exército gallan. O Exército do sultão não tornava nossa vida fácil, mas pelo menos era composto de mirajins como nós.

Os gallans eram forasteiros. Ocupantes. Perigosos.

Política e história não eram exatamente tema de conversa no fim de mundo onde morávamos, mas o que me contavam era que, duas décadas antes, nosso aclamado sultão Oman tinha decidido que seria um governante melhor para Miraji do que seu pai. Então fez uma aliança com o Exército de Gallan. Os forasteiros mataram o pai dele e todos que se recusaram a jurar lealdade a Oman. Em troca, ele deixou o Exército de Gallan acampar em Miraji e usar nossas armas para vencer guerras em terras distantes.

— Não é um pouco cedo para voltarem de Sazi? — perguntei, cerrando os olhos contra a luz da alvorada e tentando contar os soldados. Pareciam estar em número menor do que o normal.

— Você não soube? A arena em Tiroteio foi destruída pelo fogo ontem à noite. — Fiquei tensa e torci para que Tamid não notasse. — Aconteceu algum tipo de revolta. Meu pai ouviu

falar disso hoje de manhã; alguma coisa a ver com o príncipe rebelde. Meu pai falou que o Exército está voltando para resolver o problema.

— Para enforcar bêbados e apostadores, você quer dizer.

O Exército do sultão tinha passado por ali a caminho de Sazi fazia apenas alguns dias. Os oficiais tinham ido visitar as minas, provavelmente para ver se ainda dava para aproveitar alguma coisa de lá. Era preocupante que estivessem voltando tão cedo. Normalmente, o Décimo Quinto Comando de Miraji passava por aqui a cada três meses para coletar as armas que a fábrica produzia e levá-las para os gallans.

— Tiroteio sempre foi um antro de pecados. Eles fizeram por merecer. Eu estava meditando hoje de manhã sobre a cidade dourada de Habadden... — Tamid assumiu um tom religioso. Ele lia os Livros Sagrados até destruir a lombada, e eu podia jurar que, ultimamente, me passava mais sermões do que o pai sagrado. — O povo foi tão corrompido pela riqueza que deu as costas para Deus. Então Deus enviou os djinnis guerreiros para purificá-los com seu fogo sem fumaça.

Claro, havia também as histórias menos divinas dos djinnis seduzindo mulheres, tirando-as de seus pais e maridos, levando-as para torres ocultas.

Aqueles eram os bons tempos. Ninguém via um djinni havia décadas. Para queimar um antro de pecados, bastava uma garota, um forasteiro e um bando de bêbados.

— Viu só? — Tamid continuou, voltando a parecer um amigo me dando bronca. — Ainda bem que você me ouviu quando falei para não ir à arena. — Fiz uma careta que foi praticamente uma confissão. A expressão de Tamid se desmanchou. — Não acredito que você fez isso!

— Que tal calar a boca? — Olhei para Hayfa, que mantinha os olhos fixos na muleta de Tamid enquanto fingia não escutar. — Você quer que eu seja enforcada?

Quando Tamid suspirou, senti sua decepção.

— Então é por isso que você parece acabada hoje.

— Obrigada pelo elogio. — Esfreguei o rosto, como se pudesse limpar as evidências da noite anterior. — Eu poderia ter vencido. — Me aproximei mais de Tamid para que ninguém pudesse ouvir. — Se tivessem jogado limpo.

— Nunca falei que você não era capaz, Amani. — Tamid não compartilhava do meu entusiasmo. — Falei que não devia ir.

Era uma discussão antiga, vinha da época em que minha mãe ainda estava viva. De quando ela falava sobre Izman. Não voltou à tona depois que ela morreu. Não me dei ao trabalho de contar a Tamid que ainda planejava ir embora. Não até a noite em que escutei o que meu tio disse.

Depois de rastejar do lugar onde estava agachada na janela, fui direto para a casa de Tamid. Escalei a janela dele do mesmo jeito que tinha feito desde que ganhara altura suficiente para pular o parapeito. Como sempre, Tamid me cumprimentou, tentando inutilmente parecer irritado. Conteí que meu tempo estava se esgotando, que ou eu fugia agora ou nunca mais. Enquanto eu falava, sua expressão se tornou mais séria.

Tamid nunca tinha entendido minha necessidade de sair da Vila da Poeira. De todas as pessoas naquela maldita cidade, ele deveria entender.

Naquela noite meu amigo disse a mesma coisa que sempre dizia. Não importava aonde fôssemos, nada mudaria quem éramos: um aleijado e uma garota. Se não tínhamos valor ali, por

que seria diferente em qualquer outro lugar? Tentei convencê-lo do contrário. Falei das cartas da tia Safiyah. De uma vida melhor. De algo maior do que viver e morrer no beco sem saída que era aquele deserto. Mas para alguém tão religioso, Tamid não tinha nenhuma fé. Então o deixei acreditar que tinha mudado de ideia e não contei que planejava me disfarçar de garoto e fugir. Eu não era como ele; tinha que acreditar que Izman era melhor do que aquele lugar, ou não haveria propósito em viver onde quer que fosse.

Hayfa pigarreou.

— Não é meu papel dizer isso, mas o senhor vai se atrasar para as preces.

Tamid e eu trocamos olhares, ambos reprimindo risadas como se fôssemos crianças na sala de aula novamente.

— Se atrasar é pecado, sabia? — Tamid disse, com falsa seriedade.

Na escola, eu e Tamid estávamos sempre atrasados. Costumávamos botar a culpa na perna dele, mas o professor nos dava bronca, dizendo que se atrasar era pecado. Talvez isso fosse assustador em outras circunstâncias, mas o problema era que ele dizia que tudo era pecado. Tamid tinha lido os Livros Sagrados três vezes, e até onde sabia nem se atrasar nem falar ou dormir durante a aula era pecado.

Ainda assim, ele pegou a muleta que estava com Hayfa enquanto ela o encorajava a seguir para a casa de oração, para longe de mim.

— Ainda não encerramos esse assunto — Tamid disse, conforme eu virava para seguir na direção oposta.

Cumprimentei meu amigo de um jeito jocoso antes de correr pela areia quente em direção à loja.

Abri as grades de ferro na frente da loja antes de abrir a porta com um chute, para deixar o máximo de luz entrar antes de mim. Dei uma olhada nos sacos de sal e nas prateleiras cheias de produtos enlatados imersos em caldas espessas que os faziam durar muito mais do que o normal, procurando qualquer sombra que se movesse. As portas e janelas da loja eram reforçadas com ferro, assim como todas as casas do Último Condado, mas isso nem sempre impedia que criaturas rastejassem para dentro na calada da noite. No deserto, você tinha que ficar atento a carniçais nas sombras. Eles podiam assumir mil formas diferentes. Podiam ser andarilhos, seres altos e sem rosto que consumiam a carne de alguém e assumiam sua forma para poder se banquetear com o resto da família. Pequenos pesadelos com pele de couro, que cravavam os dentes no peito das pessoas enquanto elas dormiam e se alimentavam do seu medo até a alma ser sugada.

Ferro era a única coisa que os mantinha à distância. E era a única coisa que os matava. Eles se escondiam da luz do sol, mas o que realmente funcionava era um tiro no crânio ou uma faca de ferro nas costelas. Ferro transformava todos os imortais em mortais. Impotentes. Foi assim que a Destruidora de Mundos matou os primeiros seres primordiais. E foi assim que os humanos, por sua vez, mataram os carniçais da Destruidora de Mundos.

Não havia mais tantos carniçais quanto antes. O último ataque fatal de um deles por ali tinha acontecido uma década antes. Mas, de vez em quando, um deles conseguia se esgueirar por uma rachadura ou pelos cantos sombrios de uma casa e acabava levando uma bala na cabeça para aprender.

Satisfeita por a loja estar tão vazia quanto a garrafa de um bêbado, deixei a porta aberta para

entrar um pouco de brisa e então esparramei no balcão tudo que havia sobrado do meu dinheiro. Seis fouzas e três louzis, não importava quantas vezes eu contasse. Não era suficiente para sumir da Vila da Poeira, muito menos para chegar a Izman. Mesmo se esvaziasse o caixa da loja e não fosse pega, não conseguiria ir tão longe.

Eu precisava de um novo plano. E rápido.

O sino de ferro na porta soou, e só tive tempo de varrer minha coleção patética de moedas do balcão antes que Pama Al'Yamin entrasse com seus três filhos.

O dia se arrastou com a lerdeza do deserto enquanto eu tentava pensar num jeito de escapar da Vila da Poeira. No final da tarde, minha cabeça pendia de cansaço conforme o calor tentava me arrastar para as profundezas do sono.

O som de cascos de cavalos me fez levantar o olhar a tempo de ver um punhado de soldados passando. Fiquei de pé, nervosa, com a boca seca. Tamid dissera que o Exército estava vindo para lidar com Tiroteio. Então o que aqueles homens estavam fazendo ali? Será que alguém tinha contado a eles sobre o Bandido de Olhos Azuis e apontado na direção da única garota que poderia desempenhar esse papel?

Um vulto mergulhou na loja, rápido como uma sombra, encolhendo-se no ponto cego entre a porta e a janela. Tateei em busca do rifle que tia Farrah guardava embaixo do balcão. Mas ele não avançou na minha direção. Ficou tão imóvel que pensei que tivesse parado de respirar. Um soldado montado passou sem olhar para a loja.

Esperei até que a barra estivesse limpa para falar:

— Belo dia para se esconder por aí.

Ele virou para mim. Seu sheema mal amarrado caiu do rosto e o enxerguei claramente à luz do fim da tarde que entrava pela janela. Meu coração deu um salto. Era o forasteiro.

Me esforcei para manter uma expressão impassível. Ele me deu um sorriso incompatível com a tensão em seus ombros.

— Só precisava sair um pouco do sol. — Sua voz era confiante e suave, como minha lembrança da noite anterior. Não havia qualquer sinal de que me reconhecesse, e senti uma ponta de decepção.

— Esta cidade não é exatamente grande, viu? Eles vão acabar procurando aqui dentro mais cedo ou mais tarde. Diria que mais cedo. — Outro cavalo passou trotando, então diminuí o passo, dando a volta. Parou do lado de fora da loja e um soldado montado falou alguma coisa. Dois outros cavalos entraram no meu campo de visão. Um músculo se contraiu na mandíbula do forasteiro. A faca que carregava era a mesma que havia pegado de Dahmad na noite anterior, quando tinha me salvado, e eu o abandonara para se virar sozinho. — Talvez seja melhor achar outro lugar para se esconder.

Sua mão ainda estava brincando com o punho da faca quando ele olhou para mim, confuso.

Dei um passo para trás, apontando com a cabeça em direção ao espaço embaixo do balcão. O soldado desmontava do cavalo. No segundo em que virou de costas, o forasteiro correu a curta distância entre a porta e o balcão, saltou por cima dele e parou tão perto de mim que senti seu ombro roçar no meu antes de se abaixar. Mudei rápido de posição para ficar de pé na frente dele um segundo antes de os soldados chegarem. O primeiro ficou parado na entrada bastante tempo, vasculhando com os olhos cada canto do lugar minúsculo, com mais um soldado de cada lado. Finalmente, seu olhar parou em mim.

Ele era novo. Seu cabelo estava penteado para trás com mais cuidado do que o da maioria dos soldados, e ele tinha um rosto redondo que o deixava com uma aparência inofensiva. Mas a faixa dourada atravessando seu uniforme mostrava que ele estava no comando.

— Boa tarde, senhor — eu disse com a minha melhor voz de atendente de loja. Estava plenamente ciente do forasteiro embaixo do balcão, tentando controlar sua respiração.

— É comandante para você. — Sua mão estremeceu, e ele transformou o gesto numa ajeitada de mangas.

— Posso ajudá-lo, *comandante*? — Eu tinha aprendido cedo a demonstrar falso respeito ao Exército.

Os dois outros soldados se posicionaram na porta. Como se eu pudesse tentar fugir ou algo parecido. Um deles era mais velho e tinha toda a aparência de um soldado de carreira: costas duras, olhos focados. O segundo era mais novo do que o comandante, talvez até do que eu. O uniforme era maior que ele e seu olhar estava meio perdido. Podia apostar que não sobreviveria tempo o bastante para parecer um soldado de verdade.

— Estou atrás de um homem. — O sotaque do norte do comandante era ríspido e refinado. Senti o braço do forasteiro raspar na minha perna quando ele ficou tenso. Eu não sabia se era por causa da voz do soldado ou porque achava que eu estava prestes a entregá-lo.

Pisquei para o comandante, me esforçando para parecer o mais inocente possível.

— Engraçado, a maioria dos homens por aqui está atrás de uma mulher. — As palavras saíram da minha boca antes de eu lembrar que ele poderia dar um tiro na minha cabeça e achar justo. O mais velho dos dois soldados tossiu, disfarçando o riso.

O comandante apenas franziu a testa, como se achasse que eu não tinha entendido.

— Um criminoso. Você o viu?

Dei de ombros.

— Vi algumas pessoas hoje. Pama, uma senhora gorda, e seus filhos estiveram aqui algumas horas atrás, e o pai sagrado também.

— Esse criminoso não é da região. — Ele virava a cabeça rápido de um lado para o outro, analisando a pequena loja. Começou a andar pra lá e pra cá. Seus passos fizeram as garrafas de bebida na prateleira atrás de mim tilintar.

— Ah, é? — Eu o acompanhava com a vista conforme ele caminhava até a porta do depósito e apertava os olhos para examinar as pilhas de enlatados. Nossos suprimentos eram esparsos demais para esconder alguém.

Quando o comandante virou novamente na minha direção, notei uma pequena mancha vermelha no balcão. Parecia uma gota de sangue. Coloquei a mão sobre ela da forma mais casual que consegui.

— Você saberia se o tivesse visto — o jovem comandante disse em seu sotaque precisamente treinado.

Sorri como se meu coração não estivesse acelerado, me dizendo para sair correndo.

— Como falei, vi poucas pessoas hoje. Poucos forasteiros também.

— Tem certeza?

— Bem, fiquei aqui o dia todo. Pouco movimento, por causa do calor e tudo o mais.

— Não é inteligente mentir para mim, *garota*.

Mordi a língua. Ele era um pouco mais velho do que eu. Dezoito, dezenove anos no máximo.

Provavelmente a mesma idade do forasteiro.

Cruzei os braços, com cuidado para esconder a mancha de sangue, e me inclinei sobre o balcão com um sorriso.

— Ah, eu não minto, comandante. Afinal, mentir é pecado, não é? — A piada interna não funcionava sem Tamid.

Para minha surpresa, o mais novo dos dois soldados entrou na conversa:

— Este deserto é um antro de pecados.

O comandante olhou para o soldado no mesmo instante que eu. Achei que ele fosse levar uma bronca por ter falado sem receber ordem para isso. Mas o comandante não disse uma palavra. Não tinha sido à toa que o soldado mais velho não se esforçara muito para esconder o riso. Nenhum comandante que se desse o respeito deixaria um soldado tomar a iniciativa daquele jeito.

Os olhos do soldado mais novo encontraram os meus e me dei conta com um susto que também eram azuis.

Eu nunca tinha conhecido outro mirajin de olhos claros. Habitantes do deserto tinham cabelo escuro, pele escura, olhos escuros. Eram os gallans que tinham feições pálidas.

Só porque eles tinham direito a nossas armas, o Exército de Gallan parecia achar que tinha direito a tudo no deserto. Poucos anos antes os homens da Vila da Poeira tinham enforcado a jovem e bela Dalala Al'Yimin porque um soldado gallan tinha se interessado por ela. Todas as mulheres na cidade confortaram a mãe de Dalala dizendo que era a melhor coisa a fazer, já que ela não servia para mais nada agora que o soldado a usara e jogara fora. Naquela noite encarei meus olhos azuis no espelho e pensei no gallan de olhos e cabelos claros. Por anos não entendera realmente o que meu pai queria dizer quando ficava bêbado e dizia que minha mãe era a prostituta de um forasteiro. Eu tinha catorze anos na época, idade suficiente para entender que as pessoas não acreditavam que o homem do deserto de olhos escuros com quem minha mãe (também de olhos escuros) se casara era meu pai. Cheguei à conclusão de que minha mãe só tinha sido mais esperta do que Dalala. Ela se casou com Hiza a tempo de fingir que ele era o responsável por sua gravidez, e não um soldado estrangeiro que a pegou sozinha e contra sua vontade em uma noite escura do deserto. Quando nasci com aqueles olhos, era tarde demais para que me acusassem de não ser filha de Hiza.

Parecia que o soldado magricela tivera uma mãe esperta como a minha. Mas ela não fora esperta o suficiente para mantê-lo longe do Exército. O “pai” provavelmente queria se livrar dele, imaginei. Por isso ele estava de uniforme apesar de ser novo demais, magricela demais e espertinho demais para durar muito tempo.

Quando seus olhos azuis encontraram os meus, o calor do deserto pareceu mais sufocante. Como se a loja estivesse encolhendo ao nosso redor e o ar ficasse mais espesso. Senti uma gota de suor rolar pela nuca.

— É verdade, Noorsham. — A voz do comandante trouxe minha atenção de volta, e ele deu outra puxada nervosa nas mangas. Fez um sinal para os dois soldados. O mais velho se inclinou na direção do mais novo e disse algo para ele antes de conduzi-lo para fora, segurando com força seu cotovelo. Achei estranha essa comunicação entre os dois.

Mas não tive tempo de refletir muito, porque agora estava sozinha com o comandante. E com o forasteiro escondido. Me ocorreu que talvez o comandante só tivesse se livrado de qualquer

um que pudesse interferir. Encostei no rifle sob o balcão.

O comandante apoiou os braços no balcão para que pudesse olhar diretamente para mim.

— Esse homem é perigoso. É um mercenário, só pensa em dinheiro. Estamos no meio de uma guerra. — Aparentemente ele achava que eu poderia ter vivido dezesseis anos sem notar os soldados gallans no nosso deserto. — Miraji tem mais inimigos do que você é capaz de entender. E qualquer um deles pode estar pagando esse homem. Se servisse aos seus propósitos, ele cortaria a garganta de uma garota. Só que faria outras coisas com ela antes, se é que você me entende. — Minha mente voltou para a noite anterior, para o desconhecido que se colocou na linha de tiro para salvar um garoto. — Se você o vir, é melhor avisar seu marido.

Franzi a testa, fingindo estar confusa.

— Não tenho marido.

— Seu pai, então. — Ele se afastou de mim, ajeitando as mangas.

— Também não tenho pai. — Continuei fingindo ser burra. — Tenho um tio, serve?

O comandante assentiu com a cabeça, aparentemente convencido de que eu era burra mesmo, e não uma mentirosa. Eu o observei caminhar até a porta.

Mas nunca fui boa em ficar com a boca fechada.

— Senhor... comandante! — chamei, mantendo os olhos no chão, como uma boa garota na presença de um oficial. Com a cabeça baixa, meu olhar encontrou o do forasteiro. Alguma coisa mudou na expressão dele, e por um momento me perguntei se me reconheceu. — Esse mercenário. Ele é procurado pelo quê?

O comandante parou no alpendre.

— Traição.

Levantei a sobrancelha para o forasteiro, inquisidora. Ele piscou para mim, e não pude evitar devolver um sorriso.

— Então vou ficar de olho caso ele apareça, comandante.

Esperei até não conseguir mais ouvir o cavalo do comandante antes de puxar o forasteiro para cima.

— Traição?

— Você é uma boa mentirosa. — Um leve sorriso permanecia em seu rosto. — Para alguém que não mente.

— Pratiquei bastante. — A mão dele hesitou sobre a minha, os dedos no meu pulso. Afastei o braço e olhei para ele. Foi então que notei o vermelho em sua camisa branca, o mesmo do sangue no balcão.

— Vire. — Inspirei fundo. As costas da camisa eram um caos vermelho. — Não quero te preocupar nem nada — eu disse, tentando manter a voz calma —, mas você percebeu que levou um tiro?

— Ah. — Observando-o mais de perto, dava pra ver que ele se apoiava no balcão para permanecer de pé. — Tinha quase esquecido disso.



SENTAMOS NO CHÃO ATRÁS DO BALCÃO para que o forasteiro não fosse visto caso alguém entrasse. O sangue estava praticamente seco, e a camisa colava na pele. Tive que cortá-la usando a faca. Os ombros dele eram largos e musculosos. Subiam e desciam com sua respiração curta conforme eu descolava o tecido. Eu estava tão perto que dava para sentir o cheiro da fumaça do incêndio da noite anterior.

Peguei uma garrafa de bebida da prateleira. O forasteiro permaneceu completamente imóvel enquanto eu ensopava um canto limpo da camisa e passava nele. Tínhamos mais bebida do que água para gastar.

— Você não deveria estar me ajudando, sabia? — ele disse. — Não ouviu o digníssimo comandante Naguib? Sou perigoso.

Soltei uma risada.

— Ele também é. — Preferi responder isso ao forasteiro a mencionar que o Bandido de Olhos Azuis devia um favor a ele. — Além disso... — Levantei a mão rápido. — Eu estou com a faca. — O forasteiro congelou, sentindo a lâmina contra seu pescoço. Os pelos da sua nuca arrepiaram. E então ele riu.

— É verdade — ele disse, fazendo a pele do pescoço roçar perigosamente contra a lâmina. — Não vou machucar você.

— Sei que não. — Tentei fazer soar como um aviso enquanto voltava a trabalhar no ombro dele. Enfiei a ponta da faca na pele. Senti seu corpo enrijecer, mas ele não soltou um pio.

Enquanto tentava chegar até a bala, notei uma tatuagem nas costelas dele. Tracei o contorno da tatuagem com a ponta dos dedos. Seus músculos ficaram tensos sob meu toque, o que fez os pelos do meu braço se arrepiarem.

— É uma gaivota. — Quando ele falou, o movimento fez o pássaro de tinta se mover sob meus dedos. — Era o nome do primeiro navio onde servi. *Gaivota negra*. Parecia uma ideia boa na época.

— O que você estava fazendo num navio?

— Navegando. — Dava para sentir a inquietude se acumulando sob sua pele. Ele deixou escapar um longo suspiro que fez parecer que o pássaro estava voando. Tirei a mão e o senti

relaxar.

— Acho que a bala não rompeu nenhum músculo — eu disse, movendo a faca. — Fique parado. — Apoiei os cotovelos na lateral de suas costas. Ele tinha um compasso tatuado no outro ombro, que subia e descia enquanto respirava fundo. A bala quicou no chão e o sangue começou a jorrar livremente. Fiz pressão sobre o ferimento com a camisa estragada. — Você precisa de pontos.

— Vou ficar bem.

— Talvez, mas vai ficar melhor com os pontos.

Ele riu, embora não parecesse fácil naquele momento.

— Então você teve treinamento médico?

— Não — respondi, pressionando o pano ensopado com bebida mais forte do que o necessário. Peguei um carretel de linha amarela e uma agulha da prateleira. — Mas ninguém cresce nessas bandas sem ver um monte de gente baleada.

— Achei que essa cidade não tivesse mais do que algumas dezenas de pessoas.

— Exatamente — eu disse. Embora não pudesse ver seu rosto, sabia que estava sorrindo. O forasteiro cravou as unhas no chão quando a agulha furou sua pele. Resolvi fazer uma pergunta que estava me perturbando. — Como você cometeu traição contra o sultão se nem é de Miraji?

— Eu nasci aqui — ele disse, depois de um instante. Ele sabia que não era isso que eu tinha perguntado. *Que tipo de traição um mercenário poderia cometer?* A pergunta estava na ponta da minha língua.

— Não parece — eu disse.

— Não aqui exatamente. Em Izman. — A menção à capital doía, considerando o quanto eu tinha chegado perto de fugir para lá na noite anterior. — Minha mãe era de um país chamado Xicha. Foi lá que vivi a maior parte da vida.

— E como é lá?

Ele ficou em silêncio, e eu não sabia se ia responder ou não.

— Imagino que você nunca tenha visto uma tempestade — ele começou. — Não deve conhecer o ar pesado que cola na pele e entra sob as roupas. — Olhei para os meus dedos sobre as costas dele; seus ombros levantavam e desciam conforme ele falava. — O ar em Xicha é assim o tempo todo. E tudo é verde e vivo, tanto quanto este país é seco e morto. O bambu cresce tão rápido que pode derrubar casas com suas raízes. Mesmo na cidade. Como se estivesse tentando recuperar o chão onde construímos, tomá-lo de volta. E é tão quente que as mulheres andam com leques de papel tão coloridos que deixam os espíritos com inveja. Costumávamos nos refrescar pulando no mar de roupa e tentando não ser atingidos por nenhum navio. Navios de todo o mundo. De Albis, com sereias entalhadas; de Sves, construídos para aguentar o frio; e navios locais, parecendo dragões esculpidos numa única árvore. Algumas árvores em Xicha são mais altas do que as torres em Izman.

— Imagino que você não vai me contar o que veio fazer aqui, já que Xicha é tão incrível.

— Imagino que não — ele disse, se contorcendo quando a agulha atravessou sua pele. — Imagino que não vai me contar por que mentiu para o nosso amigo comandante Naguib Al'Oman para me ajudar.

— Imagino que não. — Minha agulha parou em sua pele. — Naguib Al'Oman? — Era um nome comum, mas mesmo assim... — Ele é filho do sultão?

— Como você sabe disso? — Ele baixou um pouco a cabeça e a respiração ficou mais funda quando dei o último ponto.

— Todo mundo sabe a história do príncipe rebelde — falei. — E dos outros príncipes que competiram nos jogos do sultim.

Segundo a história, quando o sultão Oman tinha acabado de subir ao trono, uma de suas esposas mais bonitas deu a ele um filho, Ahmed. Um garoto forte e esperto. O harém do sultão crescia e mais esposas davam filhos a ele, mas Ahmed continuava sendo o favorito de seu pai. Três anos depois, a mesma esposa deu à luz uma filha, mas não era um bebê, era um monstro meio humano meio djinni, com escamas no lugar da pele e garras no lugar dos dedos, além de chifres saindo de sua cabeça roxa. Ao se dar conta de que sua esposa o traía com um djinni imortal, o sultão a espancou até a morte. Na mesma noite, o monstro e Ahmed desapareceram.

Catorze anos depois, chegou a época dos jogos. Era assim que o sultim, o sucessor do trono, era escolhido desde os primórdios de Miraji. Segundo a tradição, os doze príncipes mais velhos deveriam competir pela coroa.

Isso tinha acontecido fazia pouco mais de um ano. Minha mãe ainda estava viva. Quando a notícia dos jogos chegou à Vila da Poeira, mesmo homens que diziam que jogos de azar eram pecado começaram a apostar em qual dos jovens príncipes venceria.

No dia da competição, os doze filhos apareceram e toda a cidade se reuniu para ver. Então um décimo terceiro homem se juntou à multidão. Ao tirar o capuz, ele se revelou uma cópia mais nova do sultão Oman; quando declarou ser o príncipe Ahmed, ninguém pôde negar. Apesar das suspeitas sobre seu súbito retorno, a tradição foi seguida. O príncipe Ahmed competiria, e o mais novo dos doze príncipes foi expulso da competição. Esse príncipe se chamava Naguib. Eu lembrava do nome porque, quando todos estavam apostando nos jogos do sultim, antes de o príncipe rebelde voltar, Naguib era apontado como o que tinha mais chances de morrer durante a competição. O irmão talvez salvara sua vida ao fazê-lo ser expulso.

Ahmed ganhou dos outros onze príncipes no teste de inteligência, um enorme labirinto cheio de armadilhas construído nos arredores do palácio, e no teste de sabedoria, um enigma apresentado pelo mais sábio dos conselheiros do sultão. Quando chegou o teste de força, Ahmed venceu todas as lutas até que sobraram apenas ele e o príncipe Kadir, o primogênito do sultão. Eles lutaram o dia todo, até que Kadir se rendeu. Mas Ahmed poupou a vida de seu irmão mais velho. Virou-se de costas para ele para falar com o pai e reivindicar o título de sultim. Então Kadir ergueu sua espada para dar um golpe que teria matado Ahmed. Mas, naquele momento, a meia-irmã dele, filha do djinni, se destacou da multidão, descartando seu disfarce de humana, e usou os poderes herdados do pai para desviar a lâmina de Kadir. Furioso com a intervenção, o sultão declarou Kadir sultim e ordenou a execução de Ahmed. Mas o jovem príncipe escapou com a irmã e iniciou uma rebelião para tomar o trono. *Uma nova alvorada. Um novo deserto.*

Dei um nó e cortei o excesso de linha com a faca.

O forasteiro se virou, e pela primeira vez vi seu peito descoberto. De repente senti como se precisasse olhar para qualquer outra coisa. O que era ridículo, já que estávamos no deserto e eu já tinha visto todos os homens que conhecia sem camisa. Mas aquele homem eu não conhecia. E normalmente eu não prestaria atenção nos músculos dos braços ou no modo como a barriga subia e descia, ou na tatuagem de sol que tinha sobre o coração.

Ele também me observava sob os últimos raios de sol do dia.

— Não sei seu nome — ele disse.

— Nem eu o seu. — Levantei a cabeça, tirando o cabelo do rosto com as costas da mão para não me sujar de sangue. Comecei a esfregá-las com um dos panos ainda ensopados com álcool.

— Jin.

Ele tinha me dado um nome falso na noite anterior. Talvez estivesse me dando outro agora, já que eu nunca tinha ouvido aquele nome antes.

— Tem certeza?

— Do meu nome? — Os cantos de sua boca se ergueram um pouco. Ele deu de ombros, o que me permitiu ver a pontinha de outra tatuagem surgindo acima do cinto. Quis saber do que era. O pensamento esquentou meu rosto. — Certeza absoluta.

Levantei o olhar para o rosto dele.

— Tem certeza de que não está mentindo para mim?

Seu sorriso aumentou.

— Mentir é pecado, sabia?

— Ouvi dizer.

O olhar de Jin percorreu meu rosto de um jeito que me deixou inquieta.

— Você sabe que eu estaria morto sem a sua ajuda.

Eu também estaria sem a sua.

Mas eu não disse isso a ele. Resisti à vontade de brincar que ele podia me chamar de Oman. Ou de Bandido de Olhos Azuis. Não disse nada que queria.

— Amani — falei. — Meu nome é Amani Al'Hiza.

Era muito difícil confiar num garoto com um sorriso daqueles. Um sorriso que me dava vontade de acompanhá-lo até os lugares sobre os quais havia me contado, mas ao mesmo tempo me deixava certa de que eu não devia fazer isso.

— Posso arranjar uma camisa limpa pra você — consegui falar. Estava difícil manter o foco em seus olhos quando tinha tantas outras partes expostas. — Espera aqui.

— O Exército vai voltar para me procurar. — Ele coçou a nuca, revelando um pouco mais da tatuagem na cintura. Parecia um animal, mas não o reconheci. — Eu devia ir embora.

— Verdade. — Desviei o olhar. Lembrei a mim mesma que não podia confiar nele. Não sabia quem era aquele forasteiro de nome estranho. Não importava que tivéssemos salvado a vida um do outro. Fazia só dois dias que eu o conhecia. Mesmo assim, eu gostava muito mais dele do que de qualquer homem que tinha conhecido naquela cidade. E minha vida estava em jogo. De um jeito ou de outro. — E devia me levar junto.

— Não. — A resposta de Jin veio tão rápida que deu para perceber que ele já estava esperando aquela pergunta, talvez antes mesmo de eu decidir fazê-la. Ele não me encarou quando disse: — Você salvou minha vida, então estou devolvendo o favor.

— Não pedi que fizesse isso. — Percebi que soava desesperada e tentei mudar o tom de voz. — Só quero que me tire daqui.

Seus olhos se fixaram nos meus, me deixando imóvel.

— Você nem sabe pra onde vou.

— Não faz diferença pra mim. — Percebi que estava me inclinando mais para perto, tão perto que já não havia espaço entre nós. — Só preciso de ajuda para chegar a qualquer lugar que não seja aqui. Algum lugar com um trem ou uma estrada. Então vou poder seguir meu caminho para

Izman. Não tem nada pra mim aqui, assim como não tem nada aqui pra você.

— E quem disse que existe algo lá fora pra você?

Essas palavras doeram.

— Deve ter mais do que isso — eu disse, arrancando uma risada dele. Aproveitei essa abertura. — Por favor... — Eu estava tão perto quanto poderia ficar sem que nos tocássemos. — Você nunca quis algo com tanta força que se tornou mais do que um simples desejo? *Preciso* sair desta cidade. Preciso disso tanto quanto preciso de ar.

Ele soltou um suspiro forte. Vi sua determinação à beira do abismo. Não ousei dizer outra palavra, com medo de pressionar na direção errada.

Então os sinos começaram a tocar, e o momento se foi. Virei tão rápido que quase bati a cabeça no balcão.

— Não é um pouco cedo para as preces noturnas? — Jin perguntou. Eu estava pensando a mesma coisa.

— Não são os sinos das preces. — Meu coração parecia ter parado, mas eu ainda estava respirando. Prestei mais atenção para ter certeza.

— Será que o Exército...

— Não.

Não tocávamos os sinos para o Exército.

— Você deveria...

— Cala a boca. — Levantei a mão em um sinal para que ficasse quieto. Para que escutasse. Eu sabia o que aqueles sinos frenéticos significavam, embora já fizesse anos desde que ouvira aquele som. Alguns instantes mais tarde outros sinos se juntaram à sinfonia. O barulho vinha das varandas, das janelas abertas. Ferro batendo em ferro. Me provocou arrepios. — É uma caçada.

E então corri para a porta.



CORRI PARA FORA DA LOJA COM TANTA PRESSA que quase colidi com Tamid.

— Vim te procurar. — Ele estava sem fôlego e se apoiava na muleta. — É melhor voltar para dentro da loja.

— É um... — comecei a falar.

— Buraqi — ele confirmou, assentindo com a cabeça. Meu coração pulou no peito.

Um cavalo do deserto. Um ser primordial criado numa era anterior aos mortais, feito de areia e vento. Capaz de correr até o fim do mundo sem cansar. Uma criatura que valia seu peso em ouro, se capturada. Eu não ia voltar para a loja de jeito nenhum.

Apertei os olhos para observar o limite da cidade. Como imaginava, dava para ver uma nuvem de pó e homens se aproximando, conduzindo a criatura com barras de ferro. Ela devia ter acionado uma das antigas armadilhas.

— Deve ter sido por causa do incêndio em Tiroteio — Tamid disse, com sua voz de pregador. — Seres primordiais são atraídos pelo fogo.

Vi um prego torto espetado no batente e o arranquei. Antes o povo ganhava dinheiro coletando metal nas montanhas e enviando suas filhas para as areias com luvas de ferro para capturar e domar os buraqi. Para transformá-los de areia e vento em carne e osso, para que homens pudessem levá-los até as cidades e vendê-los. Até que o sultão construiu a fábrica. As dunas se encheram de pó de ferro. Até a água tinha gosto de ferro. Buraqis se tornaram mais raros, tendas viraram casas, comerciantes de cavalos viraram operários.

O ferro conseguia prender seres primordiais. Ou matá-los, como se fazia com carniçais. Era possível trazê-los à mortalidade. Mas a única coisa que podia transformá-los em carne e osso para sempre éramos nós.

Tamid tinha lido em algum texto sagrado que não havia fêmeas entre os seres primordiais. Eles não precisavam de filhos. Podiam viver para sempre. Não precisavam de nós.

Mas se conhecimento era poder, o desconhecido era a grande fraqueza dos seres imortais. Todos sabiam as histórias. Djinnis se apaixonavam por princesas e concediam todos os seus desejos. Garotas bonitas atraíam pesadelos direto para as lâminas dos homens. Filhas corajosas de mercadores capturavam buraqis e os cavalgavam até os confins do planeta.

Eles eram atraídos por nós, mas também vulneráveis a nós. Éramos capazes de transformá-los em carne e osso.

Naquele momento, as pessoas saíam para a rua, uma ponta de empolgação nervosa percorrendo a todos. Um buraqi significava um monte de ouro para quem o capturasse, ou um massacre. Ou ambos.

Já dava para vê-lo chegando à cidade.

Alguém gritou. Portas bateram. Mas a maioria das pessoas se inclinou para a frente, tentando ver melhor. Estiquei o pescoço na frente da loja.

Ele não ia se entregar tão fácil.

Num instante parecia um cavalo normal. No outro era areia pura, mudando de dourado brilhante para vermelho violento, fogo e sol no meio da ventania do deserto. Um arrepio de empolgação vindo de uma longa linhagem percorreu meu corpo. A fábrica tinha mudado nossas vidas. Não éramos mais tribos do deserto caçando buraqis. Mas ainda assim enchíamos o lugar de armadilhas de ferro. Quando uma delas pegava algo, todo mundo sabia o que fazer.

Um arrastar de correntes atraiu minha atenção. A jovem viúva Saira prendia uma ponta sob a caixa de za'atar na sua janela, enquanto a outra era presa à casa de oração pelo pai sagrado. Metade da cidade jogava pó de ferro da janela, uma reserva que todos mantinham em caso de ataque de carniçais. Ele se misturou com a areia e o ar até que toda a cidade se transformasse numa prisão para um ser primordial.

O buraqi levantou com um relincho. Os homens tentavam controlá-lo com as barras de ferro, lutando para evitar que mergulhasse de volta na areia. Seus cascos desceram com força e um grito ecoou, interrompido pelo som de um crânio esmagado pelo casco. Sangue esguichou na areia.

Dourado e vermelho como os pelos dele.

Tio Asid cutucou o buraqi com a ponta afiada de sua barra de ferro. O cavalo recuou, a ferida se materializando em carne somente por tempo suficiente para sangrar. Tempo suficiente para os homens recuarem para trás das correntes de ferro com todos os demais. O trabalho deles tinha terminado.

Os homens haviam levado o buraqi para a cidade juntos. Mas agora era cada mulher por si. Se uma mulher capturasse um buraqi e conseguisse mantê-lo por tempo suficiente em sua forma mortal, então ele pertenceria a ela — ou melhor, ao seu marido ou seu pai. Ou tio, no meu caso. E o dinheiro da venda pertenceria a ele também.

Não que eu planejasse entregá-lo, se conseguisse capturá-lo. Eu precisava de um jeito de sair dali, e lá estava ele. Só faltava capturá-lo.

As outras mulheres esperavam à beira das correntes de ferro. A viúva Saira lambeu os lábios rachados. Até Shira tinha saído de casa. Ela parecia rezar, com os dedos agarrados à corrente de ferro. Eu sentia os batimentos do meu coração por todo o corpo — estômago, pescoço... qualquer lugar menos onde ele ficava.

Com dois passos me aproximei da fronteira da corrente de ferro. Essa era minha chance. Minha oportunidade de escapar.

— Amani... — Tamid chamou. Me virei para responder. Um relance de khalat rosa chamou minha atenção. Tia Farrah gritou o nome de Shira, e vi minha prima passar por baixo da corrente e correr em direção ao buraqi.

Maldita. Ela tinha que escolher justo aquele momento para finalmente tomar uma iniciativa. O buraqi, que estava se debatendo freneticamente ora como areia ora como pele, virou e acelerou em sua direção.

Shira não ia vencer aquela luta.

Me abaixei e rolei sob a corrente de ferro. Levantei e comecei a correr antes que Tamid conseguisse gritar tentando me impedir.

Dei um encontrão em Shira e caímos no chão. Um casco resvalou na minha cabeça, irradiando uma dor capaz de turvar meu campo de visão.

Tentei levantar, mas Shira segurou meu calcanhar, me puxando pra baixo. Seus olhos estavam quase tão furiosos quanto os do buraqi.

— Mamãe vai acabar com você por isso — minha prima sibilou, as unhas perfurando meus punhos.

— Ela vai ter que me pegar primeiro. — Enfiei o calcanhar em sua barriga antes que nós duas morrêssemos por culpa dela. Enquanto Shira tossia, levantei rapidamente.

Meia dúzia de mulheres tinha entrado no círculo de ferro enquanto eu e Shira brigávamos como se estivéssemos na escola. Elas estavam mantendo distância. Os cascos do buraqi começavam a afundar de novo na areia. Se demorássemos muito mais, ele conseguiria voltar à sua forma imortal e se tornar parte do deserto.

Assoviei. Ele virou.

Nos encaramos durante algumas batidas de coração. Dei um passo. Então outro. E mais dois. O buraqi ainda não tinha se movido.

De repente, Saira mergulhou na direção dele, segurando um punhado de ferro. O buraqi desviou. E então avançou para cima de mim.

Eu me forcei a manter a posição. Como se estivesse cara a cara com a bala de Jin novamente. Não ia morrer naquele dia, sabia disso mesmo com o buraqi acelerando na minha direção com toda a força.

Saí do caminho um instante antes de ele me alcançar. Estiquei a mão, segurando o prego; meu toque roçou seu couro, e então pressionei seu flanco. Ferro e pele.

O grito do buraqi era o som de alguma coisa rasgando, e eu o senti dentro de mim. Me movi junto com a fera imortal enquanto ela lutava furiosamente. Acompanhava seus movimentos, me esforçando para manter pele contra espírito. Vi a angústia no rosto da criatura. Ele não queria ser preso. Eu entendia isso. Tampouco queria. O prego caiu da minha mão, mas já não fazia diferença.

Envolvi com as mãos o pescoço dele, que se transformava em músculo. O mundo parecia ter sumido enquanto o buraqi bufava contra meu peito. Sol e areia se tornaram carne e osso sob meus dedos. Senti a força dele, antiga como o mundo, mais antiga que a morte, a escuridão e o pecado. Tudo o que precisava fazer era subir em suas costas e deixar que me carregasse até o fim do deserto.

O buraqi relinchou e senti seu desespero como um rasgo dentro de mim, fazendo meus pensamentos se dispersarem.

Alguém me puxou para trás enquanto vários homens cercavam o buraqi, liderados pelo meu tio. Minha chance de fugir tinha passado. O ser primordial relinchou fracamente quando um freio de ferro foi enfiado em sua boca e ferraduras foram postas em seus cascos. Três sapatos de

ferro, ferro suficiente para ancorá-lo à sua forma física permanentemente, e um de bronze, para que fosse obediente.

Homens gritavam para que uma mensagem fosse enviada, avisando que tínhamos um buraqi. Curiosos celebravam e riam. Crianças batiam palmas. Eu já tinha sido esquecida. A fera virou a cabeça, olhando para mim como se eu a tivesse traído.

Havia sangue no meu cabelo e nas minhas roupas. Não. Eu não ia deixar que o levassem tão fácil. Comecei a abrir caminho pela multidão antes que pudesse pensar duas vezes.

Alguém segurou meu braço e me puxou para um vão entre duas casas. Uma mão cobriu minha boca, impedindo que eu gritasse.

— Ora, ora... — Uma voz desagradável rastejou pelo meu ouvido — Aonde vai a Bandida?



— QUE DROGA, FAZIM. — Eu o empurrei para longe. Pelo visto ele tinha escapado com vida da arena. E tinha me chamado de Bandida, então sabia de tudo. — O que você pensa que está fazendo?

Fazim me largou, enfiando as mãos nos bolsos. Ele se afastou dois passos de mim, até o limite das sombras entre as duas casas. Não precisava ficar tão perto para me vigiar. Ambos sabíamos que eu não tinha para onde correr.

— Você sempre arrasta garotas para trás da sua casa para se vingar por terem dado uma joelhada na barriga da sua namoradinha? — Me inclinei para trás, encostando na fraca estrutura de madeira.

— Casa comigo. — Fazim disse isso tão de repente que por um momento apenas o encarei de boca aberta.

E então caí na risada.

Não havia como evitar. Ele parecia tão satisfeito consigo mesmo. Como se realmente esperasse que eu dissesse sim.

— Que me pintem de roxo e me chamem de djinni se isso não for a coisa mais idiota que ouvi hoje.

Tirei uma mecha de cabelo ensanguentado do rosto.

Ele ainda estava sorrindo.

— Você tem olhos bonitos, sabia? Tinha alguém com olhos iguais aos seus em Tiroteio ontem à noite. O Bandido de Olhos Azuis, foi como o chamaram. Então pensei... poucas pessoas no deserto têm olhos assim.

Péssima hora para ele começar a usar o cérebro.

— Está dizendo que eu tenho algum irmão perdido por aí?

— Você sabe o que estou dizendo, Amani. — Fazim deu um passo na minha direção, e eu lutei contra tudo em mim que dizia para recuar. A apenas alguns metros de distância, o tumulto em torno do buraqi concentrava a atenção, mas naquele momento parecia que o mundo se resumia a Fazim e eu. — E vai se casar comigo para que ninguém mais descubra.

— E qual é o próximo passo? — Olhei de relance para a abertura entre as duas casas. Vi de

relance um khalat colorido quando alguém passou correndo. Torci para que a próxima pessoa olhasse na nossa direção. — Você vai me contar que está apaixonado por mim e que todos esses meses com Shira foram uma grande armação enquanto esperava pelo aniversário da morte da minha mãe?

Fazim deu um sorrisinho. Como se estivesse esperando que eu fizesse essa pergunta.

— Bem, até você capturar aquele buraqi, Shira era minha melhor chance na cidade de enriquecer.

— E ela vai te ajudar ainda mais nisso quando meu tio fizer a venda. — Então era por isso que Shira tinha se atirado na disputa? Para forçar um idiota a se casar com ela, por amor ou dinheiro?

— Veja bem, eu já pensei em tudo. — Fazim bateu com o dedo na cabeça. Ele era muito burro se estava se achando o cara mais inteligente do mundo. — Claro, se eu me casasse com Shira, conseguiria um pouquinho desse dinheiro. Mas, como foi você que o capturou, se você se casasse, o buraqi não pertenceria mais ao seu tio.

Ele pertenceria ao meu marido.

Maldito. Ele não era dos mais espertos, mas estava certo. E o pior de tudo: estava falando sério. Agora eu me encontrava na mesma situação da qual estava tentando escapar, só que desta vez a culpa não era do meu tio.

A raiva expulsou o medo de mim.

— Eu preferiria atirar em mim mesma.

Eu preferiria atirar em você.

— Não precisa se dar ao trabalho. — Fazim ainda estava sorrindo, os dentes parecendo grandes demais para seu rosto bonito. — O Exército provavelmente vai se encarregar disso quando eu contar que você estava com aquele forasteiro que estão procurando. — Ele me despiu com o olhar, dos meus olhos azuis às minhas botas. — É claro que provavelmente vão te torturar primeiro.

Sorri para Fazim em vez de quebrar o nariz dele.

— Ainda parece melhor do que passar a vida inteira casada com você.

Ele socou com força a parede atrás de mim, arrancando meu sorriso do rosto.

— Sabe, não preciso casar com você agora. — Sua voz era baixa, seu sorriso fixo na cara, como se achasse que estava me conquistando. — Posso te usar antes e acabar com a sua dignidade. Então você não teria escolha. Poderia se casar comigo ou ser enforcada. Se você puxou a sua mãe, então tem o pescoço perfeito para isso.

Sua mão traçou uma linha ao longo do meu pescoço. Eu poderia acabar com praticamente qualquer homem naquele deserto se tivesse uma arma. Mas estava desarmada e vulnerável.

— Fazim — a voz de Shira me salvou. — O que você está fazendo?

Ele se afastou só o suficiente para que eu pudesse ver Shira, de pé na abertura estreita entre as duas casas. Ela apertava os lábios como quando éramos pequenas e ela tentava não chorar. Me afastei de Fazim e corri em direção à rua. Diminuí o passo quando passei por Shira. Achei que ela ia me parar, exigindo saber o que eu estava fazendo entre uma parede e seu namorado. Mas ela deu um passo para o lado no último instante, seu olhar fixo no chão.

Corri em direção à casa do meu tio.

Eu tinha que fugir. Fazim era burro demais para blefar. Ele iria até o Exército e contaria que eu sabia sobre o traidor. Eu não ia implorar pela ajuda de Jin. Ia obrigá-lo a me levar com ele.

Parei na entrada da casa do meu tio, prestando atenção em qualquer barulho que significasse que eu não era a primeira a voltar para lá. Quando tive certeza de que era, entrei. As tábuas de madeira do chão rangiam sob minhas botas, e eu rezava para que aquela fosse a última vez que eu atravessasse a soleira. Peguei tudo que pude encontrar que julgava que era meu no caos do chão do quarto, e algumas coisas que eu sabia que não me pertenciam.

Corri para o quarto dos garotos. Era ainda pior do que o nosso, com roupas empilhadas até metade da altura das paredes. Agarrei a camisa que parecia mais limpa, considerando as opções. Ouvi a porta da frente se abrir com força e tia Farrah chamar meu nome.

Prendi a camisa no pescoço enquanto saía pela janela, caindo na areia antes que ela pudesse pensar em dar uma olhada no quarto dos garotos.

A rua principal estava cheia de pessoas pendurando lampiões, montando barracas de comida e afinando instrumentos sob os últimos fiapos de luz do dia. Não tivéramos motivo para comemorar desde a Shihabian, a noite mais longa do ano, quando lembrávamos a época em que a Destruidora de Mundos trouxe escuridão e comemorávamos o retorno da luz. Isso já fazia quase um ano. O Último Condado estava sedento por comemorações. Haveria bastante à noite. Eu só não estaria ali para ver.

Ninguém notou quando entrei sorrateiramente na loja, fechando a porta e abafando o barulho da rua. Assim que fiz isso, soube que o lugar estava silencioso demais. O chão de madeira rangia sob meus pés. Poeira dançava entre as prateleiras.

— Jin? — sussurrei. Me senti idiota.

Era tarde demais.

Ele já tinha ido embora.

Não sei por que tinha achado que ficaria.

A camisa pendia solta nos meus dedos. De qualquer forma, era tolice pensar que ele me ajudaria. Jin não me devia nada. Além do mais, no deserto era assim: cada um cuidava dos próprios interesses.

Por um momento insano pensei em correr até o jovem comandante. Poderia entregar Jin antes de Fazim me entregar. Não. Rejeitei o pensamento assim que ele apareceu. Nunca entregaria alguém para o Exército.

Enfiei a camisa na sacola. Eu teria que achar outra maneira de escapar da cidade antes que me achessem.

O sol tinha terminado de se pôr quando saí pelos fundos da loja, e a Vila da Poeira estava iluminada para as comemorações. Pequenos lampiões estavam pendurados entre as casas, e tochas queimavam na rua, iluminando o espetáculo patético. O que restava da nossa comida estava exposto em barracas para vender, mas a bebida fluía livremente conforme as pessoas dançavam e cantavam. Mais algumas doses e alguém começaria uma briga.

Metade do Último Condado estava ali. Tinham ido ver o buraqi, amarrado no centro da cidade, sacudindo a cabeça irritado. Tio Asid estava tentando acalmá-lo, mas o cavalo ficava cada vez mais incomodado com a multidão que se aglomerava para encostar nele. Finalmente meu tio o conduziu para longe, para onde não pudesse dar um coice e rachar a cabeça de

alguém. Eu mantinha um olho nele e com o outro procurava Fazim enquanto abria caminho pela multidão, desviando de bêbados e pessoas dançando.

Alguma coisa bateu forte nos meus tornozelos, e uma dor lancinante irradiou pela minha perna. Chutei em resposta, sem pensar, e quando virei vi Tamid parado um pouco além do meu alcance, no meio da multidão, apoiado na muleta e parecendo inocente, como se não tivesse acabado de me acertar com ela.

— Você não vai bater em um aleijado, vai? — ele disse, brincando. Eu queria sorrir de volta, mas sentia como se alguém tivesse drenado minhas forças. O próprio bom humor dele vacilou. — Bem, hã, eu estava te procurando. — Tamid tropeçou nas palavras. Era doloroso para mim. Eu ia sentir muita saudade dele. Sempre soubera que um dia eu ia partir e ele ia ficar pra trás, mas não imaginava que esse dia chegaria tão rápido. — Toma. — Ele colocou algo na minha mão. — Parece que você apanhou bastante daquele buraqi. — Era uma pequena garrafa de vidro com pílulas brancas. Pílulas contra a dor. Pílulas com as quais o pai dele ganhava dinheiro, vendendo-as para operários que se machucavam na fábrica, ou que atiravam uns nos outros durante uma briga.

— É forte, não é? — Eu conhecia remédios melhor do que gostaria. Tinha levado várias surras no ano anterior por ser metida a espertinha. — Não posso tomar isso. — Tentei devolver as pílulas. — Vou tentar fugir no buraqi. Quer vir?

Tamid sorriu.

— Claro, aonde vamos? — Ele achava que eu estava brincando. Levantei minha sacola para ele ver. Aos poucos sua expressão mudou. — Amani... — Tinha algo no seu tom de voz quando disse meu nome, como se ele precisasse ter medo suficiente para nós dois. — Você vai acabar enforcada.

— Eu provavelmente acabaria morta se ficasse aqui também. — Puxei-o para o lado, para longe da multidão, perto da escola. Uma impetuosidade selvagem tinha se acumulado em mim durante horas. Dias. Semanas. Anos. E preenchia uma parte grande demais para deixar qualquer outra coisa entrar agora. — Eles podem fazer coisas muito piores do que me enforcar.

A verdade veio em uma onda, enquanto as comemorações continuavam à nossa volta. A verdade sobre tudo: meu tio, Jin, Fazim, como Jin havia partido sem me levar com ele, e como Fazim me chantageara para casar com ele ou morrer caso eu ficasse. E eu não ia casar com ninguém. Não com ele. Não com meu tio.

— E em que parte desse brilhante plano você ia me contar que estava indo embora? — Tamid parecia ofendido.

— Eu não pensei... — Engoli em seco, sentindo a culpa se acumular. Eu não tinha pensado nisso. Essa era a verdade. Não houve tempo para pensar em qualquer coisa a não ser em Fazim e em fugir. — Você nunca iria comigo, Tamid — eu disse suavemente. — Ia tentar me fazer ficar, e estou em apuros demais para isso.

— Para começo de conversa, você não estaria em apuros com o Exército se tivesse ficado aqui em vez de escapulir para a arena de tiro. Por que não falou comigo? Poderíamos ter pensado num jeito de lidar com seu tio, eu e você, juntos. Por que você sempre...? — Tamid parou, soltando um suspiro frustrado. — Você sempre precisa tornar as coisas tão difíceis. — Um longo silêncio caiu sobre nós em vez da mesma discussão de sempre. — Eu sei o que fazer. — Ele não estava olhando para mim. O lampião projetava uma sombra oscilante na casa,

tornando difícil identificar a expressão em seu rosto. Olhei em volta nervosa, procurando por algum sinal de Fazim. — Você poderia... casar comigo.

Minha atenção voltou para ele.

— Quê?

— Fazim não poderá fazer nada se você já estiver casada. — Ele parecia tão sério que me fez sentir pena. — Posso manter você segura. Dele. Do Exército. De sua família. Você não precisaria mais viver sob o teto de Farrah. Eu estava mesmo pensando em pedir ao seu tio. — Ele não conseguia olhar nos meus olhos, constrangido. — Daqui a um tempo. Eu não queria parecer afobado, logo depois do aniversário da morte da sua mãe. Queria te dar tempo. Mas eu nunca deixaria você casar com seu tio, Amani. Se tivesse me contado, teria feito o pedido antes.

Ele estava planejando me pedir em casamento? Desde quando? A ideia nunca havia passado pela minha cabeça. Achei que ele sempre soubesse que eu planejava ir embora. Ou talvez só achasse que eu nunca conseguiria.

— Tamid. — Baixei a voz, incerta sobre o que dizer. Eu não sabia como explicar o que queria. Pensávamos de maneiras muito diferentes.

Fazim apareceu na multidão. Ele não estava sozinho. Uniformes dourados e brancos o seguiam, abrindo caminho entre as pessoas.

Senti o coração na boca e me escondi rapidamente nas sombras. Tamid olhou de relance para o lado. Ele viu o que eu vi. Quando virou para mim, devia ter visto a resposta à sua proposta estampada na minha cara. Eu não podia ficar. Ele não podia me proteger.

— Vai.

— Tamid... — Eu não queria deixá-lo com raiva de mim. Mas ele não estava com tanta raiva a ponto de querer que eu morresse.

— Vai!

Pelo menos daquela vez fiz o que me mandaram.

A rua estava cheia de gente. Desviei do velho Rafaat, que se apoiava com força no braço da neta, e passei por um desconhecido tocando cítara desafinado antes de colidir com a lateral da casa do meu tio. Eu estava a meros passos do estábulo. Se conseguisse chegar ao buraqi...

— Aí está você! — Tia Farrah me puxou com força para encará-la. Ela ia gritar comigo por ser espertinha, por derrubar sua filha, por não ajudar com o jantar, e eu nem sabia pelo quê mais. Talvez aquilo tivesse relevância pela manhã, mas eu já não me importava mais.

— Me solta. — Tentei arrancar o braço das mãos dela, mas ela segurou mais forte.

— Aonde pensa que vai?

— Para longe. — Parei de lutar e a encarei. — Para longe dessa cidade e de você. Você não me quer aqui. Não quer que seu marido me deseje. — Os dedos dela me apertaram. — E eu não quero pertencer ao seu marido ou a qualquer outro. — Olhei rapidamente para o lado, mas não consegui ver ninguém através da multidão. Era uma cidade muito pequena. Fazim logo me encontraria. — Larga o meu braço e eu vou embora. — Me virei de novo para tia Farrah. O ódio que ela normalmente sentia por mim vacilava. Eu estava certa, e ela sabia. Naquele momento, éramos aliadas. — Por favor.

Seus dedos me soltaram.

Era tarde demais. Braços uniformizados me seguraram, me arrancando dela. Fui erguida do chão e soltei um grito. Então me arrastaram de volta para a rua. O ritmo das comemorações

tinha diminuído, a folia se transformando em pânico conforme o Exército conduzia pessoas em fila até a parede das casas. Soldados marchavam pela rua, com os lampiões erguidos, analisando o rosto de cada um.

— Procurem em todas as casas por ele. — Reconheci o tom cuidadoso do jovem comandante Naguib. Ele andava pela cidade como se fosse dono do lugar.

Estavam atrás de Jin por traição. Era um mercenário, pelo que diziam. Não enviariam tantos homens para levar um traidor à justiça. Então ou não estavam ali por Jin ou ele era muito mais do que um mercenário.

O soldado me largou na frente do jovem comandante. Naguib me olhou de cima a baixo antes de virar o rosto para Fazim.

— É ela?

— Sim. Estava com o forasteiro em Tiroteio. — A luz instável do lampião deixava Fazim horrível conforme ele se esticava sobre o ombro do comandante. Eu já havia sentido medo antes, mas aquele era um novo tipo de terror. — Eles estavam conspirando. Ela é o Bandido de Olhos Azuis.

Um soldado deu uma risadinha.

— Da arena de tiro? Essa menina?

— Ele é um idiota. — Finalmente consegui falar alguma coisa. Eu estava tentando ser corajosa. Mas era a palavra de Fazim contra a minha. Sempre acreditariam no homem, não na mulher.

O comandante segurou meu queixo e levou o lampião tão perto da minha cabeça que achei que fosse me queimar.

— Você tem belos olhos. — Não adiantava fingir. Eu tinha sido traída pelo meu próprio rosto. — Agora, onde está nosso amigo estrangeiro?

— Se eu soubesse, não estaria aqui respondendo perguntas estúpidas.

O comandante Naguib bateu na minha cara com tanta força que fiquei com medo de que tivesse quebrado meu pescoço, mas estava surpresa demais para morrer. A dor irradiou pelos meus dentes e ossos.

— Onde ele está? — A voz do comandante superou o zumbido no meu ouvido. Eu só me mantinha de pé porque havia um soldado me erguendo. Lutei para encontrar o chão novamente. O comandante segurou meu queixo. — Diga. — Havia uma arma na minha têmpora. — Ou vou atirar.

Minha mandíbula doía, mas consegui movê-la.

— Isso não seria muito inteligente, porque aí você jamais saberia o que tenho a dizer.

O clique de uma bala sendo inserida no tambor de uma arma era um som que eu conhecia tão bem como a minha própria voz. Mas nunca o escutara tão próximo do meu ouvido.

— Isso não vai funcionar com ela — Fazim disse. — Se quiser assustá-la de verdade, precisa pegar o aleijado.

A raiva tomou conta de mim, expulsando o medo. Me atirei na direção dele com tanta rapidez que escapei do soldado que me segurava. Agarrei o pescoço de Fazim, mas me arrancaram antes que eu pudesse causar algum dano. Alguém me deu um tapa. Quando minha visão voltou, Tamid estava ajoelhado na areia, no meio do círculo de lampiões. A perna ruim parecia torta, e havia uma arma encostada na nuca dele.

Eu odiava Fazim, mas me odiava ainda mais. Tamid tinha me avisado que aquilo acabaria mal. Eu só não esperava envolvê-lo.

— Agora — o comandante disse com seu sotaque refinado. — Que tal nos dizer se estava junto com nosso amigo do oriente em Tiroteio?

Engoli o xingamento que subiu automaticamente. A vida de Tamid valia mais que aquilo.

— Eu não estava com ele — falei entre os dentes cerrados. — Só estávamos no mesmo lugar.

— E onde ele está agora?

— Não sei. — Achei que ele ia bater em mim de novo. Mas o comandante só apertou os lábios, como se estivesse desapontado com um aluno. Ele andou até Tamid. O medo voltou com tudo.

— O que aconteceu com a sua perna?

— Deixe Tamid em paz!

Tanto Tamid quanto o comandante me ignoraram.

— Nasci com ela assim — Tamid respondeu, cauteloso. Tínhamos um público de cerca de vinte soldados e algumas centenas de pessoas do Último Condado. Todos assistiam com um misto de horror e fascínio.

O comandante andou até ficar atrás de Tamid.

— Então ela não é muito útil para você, não é mesmo?

A bala acertou o joelho de Tamid em cheio. Gritei tão alto que não consegui ouvir o choro dele quando desabou no chão. Outro grito, agudo, prevaleceu sobre o burburinho. Era a mãe de Tamid. Dois soldados a seguravam.

— O que você acha, Bandida? — o comandante Naguib falou mais alto que o barulho da multidão. — Um aleijado pode ficar sem perna nenhuma, não faria muita diferença. — Ele mirou a arma na perna boa de Tamid.

— Não! — gritei abruptamente.

— Então me diga a verdade. E rápido. Onde ele está?

— Eu não sei!

A mãe de Tamid gritou.

— Não! Não! Eu realmente não sei! Ele estava aqui. Veio aqui. Mas foi embora.

— Quando? — O comandante veio com tudo na minha direção, a raiva fervente que vivia embaixo da aparência fria subindo à tona novamente.

— Hoje, quando o sol se pôs. Faz algumas horas.

— Para onde ele foi?

— Eu não sei! — gritei. Ele bateu com a arma na minha cabeça. O sangue inundou meu campo de visão. Vi uma explosão de vermelho e luz antes de me recuperar e enxergar de novo os lampiões balançando sobre a minha cabeça.

— Onde ele está? — o comandante perguntou.

— Não sei — repeti, porque a verdade era tudo o que eu tinha agora, por mais insignificante que fosse.

— Vou atirar nele de novo, e desta vez talvez não seja na perna.

— Não estou mentindo! Ele não me contou. Por que me contaria? — Eu estava gritando agora.

— Para qual direção ele foi?

— Não sei!

— Mentir é pecado, sabia? — A arma foi pressionada contra a minha bochecha e pude sentir o metal quente.

Então o mundo explodiu em luz e barulho.

Zumbindo.

Tudo estava zumbindo.

Meu primeiro pensamento foi de que alguém tinha levado um tiro.

Tamid?

Eu estava de cara no chão. Usei meus cotovelos de apoio.

No escuro, tudo o que eu conseguia enxergar era um incêndio onde deveria estar uma parede de tijolos negros.

A fábrica de armas estava pegando fogo.

De repente comecei a ouvir os sons novamente. Os gritos primeiro. O povo da Vila da Poeira estava jogado no chão, rezando, ou tinha apenas coberto a cabeça; alguns cambaleavam para ficar de pé, outros olhavam fixamente. O comandante Naguib estava gritando ordens, Tamid e eu esquecidos. Os soldados montavam rapidamente, cavalgando a toda velocidade em direção ao incêndio.

Tamid.

Ele estava largado na areia, imóvel. Quando chamei seu nome, levantou a cabeça para me olhar. Naquele mesmo instante alguém mais chamou por ele. Sua mãe estava encolhida na areia, chorando e tentando rastejar até ele.

Então ouvi o relinchar inconfundível de um buraqi. O cavalo do deserto vinha pela rua. Montado nele estava Jin, cavalgando diretamente na minha direção. Armas miraram nele, hesitantes. Ele deu um tiro, e um soldado caiu.

Me virei para onde Tamid estava.

O buraqi se aproximava.

Tinha segundos para decidir. Minhas pernas estavam travadas, meu impulso me guiava imprudentemente em direção a Tamid. A uma morte quase certa. Meu coração me guiava para Jin, para a fuga e o desconhecido.

Jin se inclinou sobre o cavalo, estendendo a mão. O barulho de um tiro ecoou aos meus pés.

Não foi uma decisão. Era mais do que um desejo.

Era um instinto. Uma necessidade.

A mão de Jin entrou no meu alcance. Segurei com força e dobrei o corpo conforme ele me puxava. Captei um relance do rosto de tia Farrah me observando. Vi Tamid desabado na areia. Vi o comandante Naguib recarregando a arma. Indefeso. Jovem.

Seria um tiro fácil. E Jin estava armado. Um tiro e o comandante estaria morto. Jin sabia disso, dava pra sentir na tensão de seus ombros. Mas ele virou o cavalo, abaixando a arma, e minhas mãos agarraram sua camisa um segundo antes de o buraqi disparar na velocidade de uma fera de vento e areia.



— DIGA QUE VOCÊ BEBE.

Acordei com um tecido áspero no rosto e cheiro de pólvora. Tinha cochilado com a cabeça encostada nas costas de Jin enquanto cavalgávamos. Suas palavras vibraram pelos seus ombros e para dentro do meu crânio, sacudindo sem sentido até que eu juntasse os pedaços.

— Você viu onde eu cresci. — Minha voz saiu rouca. Quando abri os olhos, tudo o que podia ver era o tecido da camisa dele, mas já dava para perceber que estávamos bem longe da Vila da Poeira. O ar tinha outro sabor, de manhãs refrescantes e de cascalho, em vez de calor, pó e pólvora. — É claro que eu bebo. — Meu corpo doía e parecia que havia algo chacoalhando dentro do meu peito. Deus era testemunha de que eu podia beber uns cinco copos naquele momento.

Em algum momento da viagem eu tinha abraçado a cintura de Jin para manter o equilíbrio. Eu o larguei e limpei o suor das mãos na camisa, enquanto ele deslizava para fora da sela. Tentei alinhar meus pensamentos com a minha coluna, me forçando a ficar reta.

Onde quer que estivéssemos, era parecido com a maioria das cidades do deserto. Casas de madeira amontoadas e chão empoeirado. Só que havia mais pedras do que na Vila da Poeira, e o horizonte pairava ao nosso redor, coberto pela névoa que antecedia a alvorada. Devíamos ter subido as montanhas.

Apertei os olhos e vi uma placa balançando com a imagem de um homem azul de olhos fechados mal desenhado. A inscrição anunciava que aquele era o Djinni Bêbado. Eu sabia a história, mas não conseguia lembrar.

A cidade estava completamente silenciosa.

— Onde estamos? — perguntei, para só então perceber que Jin não estava mais por perto.

Girei em cima do buraqi e o avistei a duas casas de distância, pulando uma cerca branca lascada. Havia um varal pendurado entre a casa e um poste torto, e Jin pegou uma peça de roupa vermelha. Meus olhos passaram por ele e seguiram até a montanha, além das casas. Respondi minha própria pergunta.

Sazi ficava a um dia de cavalgada da Vila da Poeira. Ou a algumas horas, com o buraqi. Eu tinha ouvido falar muito da cidade mineradora, mas nunca a vira. Diziam que as coisas ali

tinham ficado ruins depois do colapso das minas, algumas semanas antes. Mas eu não teria imaginado aquilo.

Uma explosão. Um acidente. Algo tinha dado errado com a pólvora, segundo os rumores na Vila da Poeira, e achei que entendesse o que queriam dizer. Eu tinha explodido garrafas e latas com os outros garotos no deserto. Eu as vira se estilhaçar enquanto corríamos para nos proteger, gritando. Às vezes um garoto queimava o dedo e precisava amputar, ou ficava com uma cicatriz no queixo, mas geralmente só havia uma confusão de metal, vidro e areia, tudo se fundindo.

As minas pareciam muito piores do que um pedaço derretido de lata velha. Lembravam o corpo do meu pai quando o arrastaram para fora de casa, a pele ainda borbulhando. A própria montanha estava desfigurada, como se a terra tivesse se rebelado e fechado a boca anciã da montanha, engolindo completamente as minas.

Não à toa o Exército não tinha ficado muito tempo em Sazi. Não havia muito a ser feito. Centenas de panos de oração estavam presos em torno de pedras e estacas por todo o caminho até a montanha, mas Deus tinha falhado ali.

— Toma. — A mão de Jin no meu joelho me trouxe de volta. Ele estava segurando o tecido vermelho para mim. Percebi que era um sheema. — É melhor ninguém ver seu rosto.

— Foi assim que conseguiu essa camisa? — perguntei. — Você arrancou do varal de alguém no caminho para fora da cidade?

Ele assentiu com a cabeça de leve.

— Enquanto você dava um show e tanto com o buraqi. Eu precisava sair de lá antes que o Exército me achasse. Você era uma distração boa demais para desperdiçar.

Eu era uma distração.

Revirei a sacola que ainda estava presa ao meu ombro. A camisa que eu tinha pegado do chão do quarto dos meninos estava por cima. A que eu tinha planejado dar a ele quando fui idiota e pensei que precisasse da minha ajuda. Fiz uma bola com ela e atirei nele. Jin a pegou agilmente com a mão livre.

— Roubar é pecado, sabia? — Arranquei o sheema da mão dele e comecei a amarrá-lo. Fiz uma careta quando meus dedos roçaram o ponto em que a arma de Naguib tinha atingido minha bochecha. — E essa camisa não cai bem em você.

Jin parou por um momento antes de tirar a camisa que estava vestindo.

— Beber até cair também é pecado?

Ele vestiu a outra camisa enquanto eu cobria o rosto para me proteger do sol que subia no céu.

— Se eu disser que não, você paga? — perguntei, ajeitando a ponta do sheema.

O segundo drinque queimou menos do que o primeiro na descida pela garganta, mas ainda não estava perto de preencher o vazio doloroso no meu peito.

— Tamid. — Soltei o nome que segurava desde que sentamos. — O meu amigo. Levou um tiro na perna. O que você acha que vai acontecer com ele?

— Não faço a menor ideia. — Estava escuro no Djinni Bêbado. Cheio, também. Cheio de homens sem minas onde trabalhar e com nada pra fazer além de beber e contar histórias para garotas maquiadas. Não era nem meio-dia e a cidade inteira estava bêbada, ou ficaria em breve.

Eu inclusive. Jin havia afundado o chapéu na cabeça, ocultando seu rosto o máximo possível. — Talvez eles o deixem viver. Talvez atirem na cabeça dele para terminar o serviço. Nunca se sabe quando se trata do Exército do sultão. Mas não há nada que você possa fazer sobre isso agora: você já o deixou lá. — Eu queria dizer a Jin que não tinha feito isso, que ele me levara embora, mas ambos sabíamos que não era verdade. — A única forma de descobrir com certeza seria cavalgar de volta para a cidade e tomar uma bala na cabeça cada um. Ouvi dizer que é a última moda em Izman.

— Bom, é a última coisa que eles esperariam — eu disse, brincando.

Mas eu sabia que não voltaria. Tinha gasto quase dezessete anos planejando escapar. Com a minha mãe. E então sozinha. E agora finalmente tinha conseguido. Depois de todo aquele tempo economizando, lutando, e tentando agarrar o horizonte com as unhas, um louzi de cada vez, eu estava a caminho. O calor que sentia dentro de mim não era só da bebida.

— Para onde agora? — Comecei a bater o pé no chão. Depois de anos no mesmo lugar, agora que tinha começado a me mexer era difícil parar.

A garota do bar veio até nós. Jin a interrompeu quando começou a encher seu copo.

— Deixe a garrafa. — Ele deslizou uma moeda pela mesa até ela.

A garota levantou a moeda contra a luz fraca antes de arremessá-la de volta na mesa.

— Isso não é dinheiro de verdade.

Peguei a moeda para dar uma olhada. Era verdade: o pedaço redondo de metal tinha aproximadamente o mesmo tamanho de um louzi, mas era fino demais, e tinha um sol impresso em vez do perfil do sultão.

— Falha minha. — Jin manteve a cabeça baixa, para que a aba do chapéu escondesse suas feições estrangeiras, e deu a ela outra moeda. A garota a testou nos dentes antes de caminhar lentamente de volta para o bar.

Jin apoiou os cotovelos na mesa e encheu meu copo de novo até a boca. Ele usava o braço em que não tinha levado o tiro. Observei a tensão em suas costas, sua camisa revelando a tatuagem do sol subindo pelo colarinho. Olhei para baixo, para a moeda na palma da minha mão, onde a mesma imagem estava estampada na moeda estrangeira.

— O que é o sol? — eu perguntei.

— Essa é uma pergunta existencial demais depois de quatro drinques — Jin disse, colocando a garrafa na mesa, fazendo a camisa levantar de novo e tampar a tatuagem.

— Três drinques. E estou falando desse sol em particular.

Estendi a mão e puxei o colarinho dele para baixo, para que pudesse ver a tatuagem em seu peito. As pontas dos meus dedos roçaram sua pele, e senti os batimentos do seu coração. Eu o soltei rápido, me dando conta de que estava a um passo de começar a tirar sua roupa.

— É um símbolo de sorte — Jin disse. Ele puxou o colarinho para cima, mas ainda dava para ver a ponta da tatuagem.

— Ele está nessa moeda estrangeira.

Jin levantou as sobrancelhas diante do meu tom acusatório. Mas entendeu o que eu queria dizer. O sol estava impresso no que eu imaginava ser uma moeda de Xicha, o que significava que era um símbolo nacional. Jin podia ter nascido no deserto, mas dissera que tinha sido criado em Xicha. Era muito patriótico para um mercenário ter o sol de seu país tatuado sobre o coração.

— Por que voltou para me buscar? — Me inclinei em sua direção, tentando entendê-lo. — Você podia ter escapado ileso sem problemas.

O canto de sua boca se ergueu um pouco quando ele se aproximou para sussurrar em tom conspiratório:

— Eu precisava de um cavalo rápido. — Ele estava tão próximo que eu sentia o cheiro de álcool em seu hálito. Tão próximo que poderia ter me beijado. Jin pareceu se dar conta disso no mesmo momento que eu e se afastou. — Além disso, eu te devo uma. Quando capturou o buraqi, atraiu todas as pessoas no Último Condado para longe daquela maldita fábrica por tempo suficiente para eu entrar e detonar o lugar. Eu estava tentando fazer aquilo há semanas. E meu dinheiro estava acabando.

Então era por isso que ele tinha aparecido na arena de tiro naquela noite.

— E tudo isso para explodir uma fábrica no meio do nada?

— A maior fábrica de armas do país. E, por extensão, do mundo.

— Do mundo? — Eu não sabia disso. Não parecia possível.

— É simples. Nos outros lugares não dá pra construir nada com metade do tamanho daquela fábrica, porque os seres primordiais destruiriam.

Eu me sentia leve por conta do álcool, e tentava entender o que ele dizia no escuro do bar.

— O que você quer dizer com “destruiriam”?

Jin parou o drinque na metade do caminho até a boca.

— Vamos lá, garota do deserto. Quanto tempo faz que você viu um ser primordial antes do buraqi chegar à cidade? Magia e metal não se dão muito bem. Estamos matando a magia. Mas ela está reagindo. — Os gritos do buraqi iluminaram minha memória. — A maioria dos outros países consegue fazer qualquer coisa em pequena escala, incluindo armas. Mas alguns tentaram construir fábricas como a sua, centenas de anos atrás. A própria terra se rebelou. Tem um vale em Xicha chamado Túmulo do Tolo. Costumava ser uma cidade. Construíram uma fábrica de enlatados lá. Dizem as lendas que funcionou por um mês, até que os seres primordiais que viviam na terra não aguentaram mais e abriram o chão sob a cidade, deixando tudo em ruínas. Algo similar aconteceu em outros lugares. Então, depois de um tempo, as pessoas pararam de construir fábricas. Exceto em Miraji. Seus seres primordiais são os únicos que parecem tolerar isso.

— E o que nos torna tão especiais?

Jin deu de ombros.

— Talvez o fato de a magia do deserto já vir do fogo e da fumaça, e não de seres vivos. Ou talvez a terra aqui já esteja morta. Seu país está na encruzilhada entre o oriente, onde as armas foram criadas, e o ocidente, onde há uma guerra entre impérios. E é o único do mundo capaz de construir armas em escala maciça. Este deserto é valioso. Por que acha que os gallans estão aqui?

— Então somos apenas uma grande fábrica de armas para eles? — A ideia era perturbadora.

Jin serviu outro drinque para si.

— E muitos países não estão felizes de ver seu sultão fornecer aos gallans armas que poderiam ser usadas para invadir qualquer um.

— Então para qual desses países você está explodindo fábricas? — Cutuquei o sol em seu peito. O símbolo de Xicha.

Jin levantou o copo como se estivesse brindando.

— Talvez eu seja um pacifista.

Encostei o copo no dele.

— Você tem armas demais para um pacifista.

Ele reagiu com um sorriso no canto da boca.

— E você é inteligente demais para alguém que não sabe muito sobre o próprio país.

Bebemos. Quando meu copo vazio bateu na mesa, um estrondo soou no canto da sala. Dei um pulo. Uma cadeira tinha sido derrubada. Um cara com um sheema verde e sujo agora estava de pé, encarando outro homem que estava inclinado para trás, os pés em cima da mesa, onde havia um jogo de cartas montado. Uma garota bonita estava entre eles. Agarrou o homem exaltado e sussurrou em seu ouvido, até que ele sentou de novo. O citarista recomeçou a tocar e alguém deu uma risada alta, quebrando a tensão.

De repente me veio um pensamento.

— Você explodiu as minas também?

Se Xicha queria cortar nosso suprimento de armas, então fazia sentido cortar o suprimento de metal. Fábricas poderiam ser reconstruídas. Minas desmoronadas eram um assunto mais complicado.

— As daqui? — Ele parecia realmente surpreso. — Não, não fui eu. Ouvi falar que foi um acidente.

— Por que eu deveria acreditar em você? Nem sei se Jin é seu nome mesmo.

— Bem, por aqui eles me chamam de Cobra do Oriente. Mas você já sabe disso — ele olhou para mim sob a aba do chapéu —, Bandida de Olhos Azuis.

O choque me fez recuar. Jin abriu um grande sorriso diante da minha surpresa.

— Você sabia quem eu era? — perguntei, meio sem fôlego. — Na Vila da Poeira?

— Seus olhos não são exatamente discretos — Jin disse.

— Você sabia quem eu era e ainda assim não quis me levar com você? — A sensação de medo e humilhação de retornar para a loja vazia voltou. — Por quê?

— Porque você não deveria ir para Izman. — Ele se acomodou novamente na cadeira. — Não importa quão bem você saiba se virar sozinha com uma arma, a cidade te devoraria.

— Eu não estaria sozinha — eu disse. — A irmã da minha mãe mora em Izman. É pra lá que eu vou.

— E você sabe como chegar lá?

Dei de ombros.

— Como você vai chegar lá?

— Não vou pra lá — ele disse simplesmente, me pegando de surpresa. Parei para pensar, tentando lembrar se ele tinha dito em algum momento que ia. Parecia fazer tanto sentido que ele tivesse dito isso.

Ouvi outro barulho forte e fiz menção de pegar uma arma que não estava lá enquanto Jin se virava, já se preparando para a luta. A mesa de cartas do outro lado da sala tinha sido derrubada, e o homem de sheema verde estava no chão, segurando um nariz ensanguentado.

Eu tinha um momento de distração para decidir.

Se ficasse com Jin, não iria para Izman. Ele já tinha me deixado para trás uma vez, e poderia facilmente fazer isso de novo.

Além disso, só tínhamos um buraqi.

Peguei os remédios que Tamid tinha me dado. Esmaguei as pílulas nos dedos com facilidade e despejei no drinque de Jin. Quando a luta foi interrompida e ele voltou a me encarar, eu já estava segurando meu próprio copo.

Eu o observei enquanto virava sua bebida.



NUNCA TINHA VISTO TANTA GENTE NA MINHA VIDA quanto do lado de fora da estação de trem de Juniper. À minha esquerda, um homem de barba grisalha gritava através do vapor que subia de sua barraca, enquanto botava mais espetos de carne no fogo. Do outro lado, uma mulher vestida de dourado e carregando sinos cantava a cada passo que dava. O som de alguém pregando ecoou sobre o burburinho. Um pai sagrado estava de pé na pequena plataforma acima da multidão, as mãos levantadas, as tatuagens circulares idênticas da ordem sagrada nas palmas, viradas para a plateia. O tom de sua voz, subindo e descendo conforme pregava, me lembrou de Tamid. Senti uma onda de culpa quando pensei no meu amigo. Eu o deixara sangrando na areia para me manter viva.

O pai sagrado abaixava as mãos no fim de cada prece, abençoando a multidão que se aglomerava a seus pés. Perdoando nossos pecados.

O fluxo de pessoas me levou adiante, até a ponta do souq, sob um arco sujo de fuligem. Mulheres carregando trouxas na cabeça passaram por mim; homens arrastando baús com o dobro de seu tamanho me empurraram.

Me movi com a multidão espremida até a parte sombreada da estação, cambaleando enquanto absorvia o cenário ao meu redor. Tinha ouvido falar dos trens, mas não estava pronta para aquilo. A enorme fera preta e dourada se estendia pela estação como um monstro das histórias antigas, respirando fumaça negra sob o domo de vidro sujo. A multidão se aglomerou para entrar.

— O bilhete? — Um homem de uniforme e boné amarelo pálido estendeu a mão, com cara de tédio.

Precisei me esforçar para abrir mão do bilhete e deixar que o pegasse. Eu havia levado dois dias para ir de Sazi a Juniper, mesmo no buraqi. Além disso, a bússola que eu roubara de Jin enquanto ele estava desmaiado (junto com metade dos seus suprimentos) estava quebrada e me levava para a direção errada, me obrigando a esperar até o nascer do sol para encontrar o caminho de novo.

Quando cheguei à cidade fui obrigada a fazer um péssimo negócio, vendendo o buraqi por metade do que ele valia. Mas metade era melhor que nada. E o mais importante: era suficiente

para comprar um bilhete direto para Izman. Ver o nome impresso em tinta preta no papel amarelo o fazia parecer só mais uma lenda, prestes a desaparecer a qualquer momento das minhas mãos. Eu tinha escondido o bilhete sob o colchão do quarto que alugara, e fiquei verificando se estava lá tantas vezes que acabei decidindo que era mais fácil simplesmente mantê-lo colado em mim.

O cara do bilhete olhou para mim e franziu a testa. Ajeitei as roupas novas, insegura. Não era tão fácil me fingir de garoto à luz do dia, mas eu tinha que tentar. O machucado feio na minha bochecha tinha passado para um amarelo esverdeado que mal aparecia sob o sheema vermelho, e minhas roupas estavam soltas nos lugares certos. Tudo o que eu tinha de valor estava enfiado em faixas amarradas para esconder minha cintura, incluindo o que sobrara do meu dinheiro, algumas moedas de Xicha e a bússola velha que Jin tinha deixado pendurada perto dos alforjes. Bastaria alguém olhar bastante para mim para desmascarar meu disfarce. Mas até uma pobre imitação de garoto era melhor do que uma garota viajando sozinha.

Puxei a ponta da camisa, cobrindo a arma nova que tinha comprado com o dinheiro do buraqi. Não conseguiria entrar no trem à força, mas talvez conseguisse escapar dos homens de boné amarelo se precisasse.

Estava prestes a descobrir se seria necessário.

— Este bilhete é de primeira classe. — Ele balançou o bilhete na minha cara como se fosse uma mãe dando bronca no filho.

— Ah — eu disse, porque não sabia do que ele estava falando. Me esforcei para me acalmar. — É?

Por um instante tive certeza de que ele ia me acusar de ter roubado o bilhete. O que quer que fosse a primeira classe, aparentemente eu não tinha cara dela. Especialmente com a bochecha ferida e o corte no supercílio.

— Você precisa ir para a frente do trem. — Ríspido, ele me estendeu o bilhete e apontou para uma área mais adiante da fera de metal, além da multidão aglomerada.

— Ah — eu disse de novo. Peguei o bilhete de volta e abri caminho entre as pessoas, desviando por pouco de um homem que conduzia uma gaiola de rodinhas coberta, de dentro da qual saía um pio alto, audível mesmo no alvoroço da estação.

O homem que tinha me vendido o bilhete havia perguntado se eu queria uma cabine só para mim, e eu dissera que sim. Na hora pareceu mais sensato, e não pensei duas vezes em pagar o valor que ele pediu. Agora eu me perguntava se não teria mais vinte fozas comigo se tivesse sido mais esperta.

Vi uma área isolada por cordas onde pessoas em khalats de tecido fino e sheemas coloridos esperavam, segurando bilhetes amarelos como o meu. Minhas roupas eram novas, mas eram roupas simples de deserto. Minha vida inteira estava na sacola pendurada no meu ombro. Não era grande coisa. Munição extra, uma muda de roupa. O básico para sobrevivência. Todas as outras pessoas pareciam carregar uma dezena de vidas em baús grandes e lotados.

Percebi um homem com barba trançada me analisando da cabeça aos pés pelo canto do olho, e as duas garotas atrás de mim tentavam disfarçar as risadas. Eu não tinha certeza se o homem que pegou meu bilhete estava erguendo as sobrancelhas por causa do modo como eu me vestia ou se aquela era sua expressão normal. Independente do motivo, ele aceitou o bilhete, rasgando-o com cuidado antes de devolvê-lo. Então subi os degraus de metal o mais rápido que pude sem

parecer que estava me safando de algum crime.

Eu nunca tinha visto nada parecido com o interior do trem. Um longo corredor com carpete cor de sangue atravessava o vagão em linha reta, de onde se abriam portas de metal polido, cada uma com uma janela de vidro com cortina vermelha.

E eu achava que a família de Tamid tivesse dinheiro.

As garotas das risadinhas passaram por mim, os véus de musselina balançando. O homem atrás delas cuspiu um “com licença” ríspido, que soou como se não quisesse pedir licença a ninguém. Abaixei a cabeça para ocultar meus olhos e acabei observando a bainha colorida dos khalats varrendo o carpete espesso e descendo o corredor.

Segui o grupo até encontrar uma cabine com o número inscrito no meu bilhete. Abri a porta com tanto cuidado quanto na vez em que me desafiaram a descobrir se uma cobra atrás da escola estava morta ou só dormindo. Ainda bem que minha mãe sabia o antídoto para veneno de cobra. Mas aquilo seria algo completamente desconhecido para ela.

Tranquei a porta da cabine e me enfiei na cama, tirando meu sheema com um suspiro de alívio. Estiquei a mão hesitante para acariciar o travesseiro incrivelmente limpo, mas meus dedos se retraíram instintivamente. Eu tinha tomado um banho naquela manhã. Em um banheiro decente, inclusive. Tinha passado óleo no cabelo e o penteado sob a água até que não estivesse mais embaraçado. O vapor seguira o caminho tortuoso das pinturas dos azulejos, fazendo meu cabelo enrolar. Mas eu ainda sentia como se estivesse carregando todo o deserto comigo, como se a areia tivesse penetrado fundo demais na minha pele depois de quase dezessete anos.

Um assovio cortou o ar. Um alarme? Levantei rápido e fui para o outro lado da cabine, arma em punho, apontando para a porta. Esperei alguém abrir de repente.

Nada aconteceu, embora houvesse bastante movimento do lado de fora. E então a cabine inteira sacudiu para o lado. Caí para a direita, aterrissando sentada na cama, e por pouco não apertei o gatilho por acidente. Me segurei enquanto o trem estremecia mais algumas vezes e começava a se movimentar, agora mais suave.

Eu não tinha parado pra pensar como seria andar de trem — achei que seria o mesmo que andar a cavalo. Estava errada. Sentei na cama, sentindo o trem acelerar por alguns instantes antes de levantar. Tudo o que podia enxergar pela janela era fumaça negra preenchendo a estação.

Então, em um impulso violento, estávamos livres. A fumaça correu para cima, sugada em direção ao céu do deserto. Minha janela clareou.

Descansei a testa no vidro. Pela primeira vez o deserto não parecia se estender para sempre. O horizonte acelerava na minha direção. Um sorriso esticou dolorosamente o machucado na minha bochecha.

Eu estava a caminho de Izman.

Deitei na cama macia, balançada gentilmente pelo movimento do trem. A cabine escureceu quando o sol percorreu o caminho de um lado do vagão para o outro. Finalmente, meu estômago começou a roncar, faminto.

Eu o ignorei pelo maior tempo possível. Mas era uma jornada de uma semana até Izman. Eu teria que deixar a cabine mais cedo ou mais tarde.

O trem estava bem movimentado quando pus o pé para fora. Mulheres em roupas finas passavam perto de mim nos corredores, e homens riam e batiam nas costas uns dos outros com as mãos tão cheias de anéis que era incrível que conseguissem levantá-las. Eu me peguei passando a mão pelo papel de parede grosso e vermelho conforme atravessava o trem. Enfiei a mão no bolso. Aquele não era o gesto de alguém da primeira classe.

Saí da área de dormir e entrei num vagão que parecia um bar. Era totalmente diferente do bar escuro e empoeirado em Sazi: estava repleto de luz e o teto tinha manchas da fumaça espessa dos cachimbos. Um grupo de homens jogando cartas caiu na risada perto de mim. Depois dessa área havia um vagão-restaurante. Parei hesitante na porta por um momento até que um homem de uniforme veio e me conduziu até uma mesa.

O couro escuro cedeu sob minhas costas enquanto me instalava apreensiva em uma poltrona perto da janela. Ela rangia embaixo de mim toda vez que eu mudava de posição. Uma mulher na mesa ao lado olhou para ver o que estava fazendo barulho, enquanto eu tentava me acomodar sentando o mais imóvel possível. Eu ainda estava me acostumando com a ideia de ficar sozinha, cercada de pessoas estranhas em vez daquelas que conhecia desde sempre. O melhor a fazer era não chamar atenção. Se alguém olhasse na minha direção, poderia se perguntar por que havia um garoto desarrumado, enrolado em seu sheema, comendo no meio das pessoas bem-vestidas.

Pratos coloridos com pilhas de comida foram colocados na minha frente. Afrouxei um pouco o sheema na boca, olhando em volta para ver se alguém estava prestando atenção em mim. Mas todo mundo olhava para a própria comida. Mantive a cabeça baixa enquanto enfiava uma garfada enorme na boca. Quase engasguei de surpresa. Temperos como aqueles valiam o salário de um mês na Vila da Poeira. Engoli antes de esvaziar o copo de áraque deixado para mim.

A segunda garfada, menor, foi melhor, porque eu já sabia o que esperar. Logo estava devorando a comida. Já estava raspando o garfo no desenho do prato quando vieram levá-lo embora.

Veio um prato depois do outro. Quando lambi a última gota de mel do baklava dos meus dedos, estava quase explodindo de tão cheia. Além de exausta.

Dormir para escapar do calor da tarde não era um luxo que podíamos ter na Vila da Poeira. Mas eu vi isso acontecer em Sazi, onde os mais ricos fugiam das ruas, se protegendo atrás de suas paredes frias. Pelo visto honravam essa tradição ali. As pessoas retornavam discretamente para a cabine ou encostavam nas almofadas do vagão-restaurante para tirar um cochilo.

Voltei para a minha cabine, chutando a porta para fechá-la atrás de mim. Arranquei as botas e desmaiei em cima dos lençóis limpos. Em uma semana estaríamos em Izman. Até lá, eu precisava descobrir como comer, me vestir e me portar do jeito que as pessoas da cidade grande esperavam. Mas enquanto isso eu poderia fazer o que bem entendesse.



ACORDEI NO ESCURO. A luz fraca do outro lado das cortinas da cabine me dizia que o sol tinha acabado de se pôr. Ainda faltava um tempo para a noite cair de vez no deserto. Logo o pessoal acordaria de novo para jantar.

A refeição ainda pesava no meu estômago, e o sacolejo do trem não estava ajudando. A cabine parecia quente e apertada, mesmo depois do crepúsculo. Eu precisava de ar fresco. Tentei abrir a janela, mas não havia como.

Eu tinha comprado algumas roupas. Puxei uma camisa limpa, curtindo seu toque contra minha pele, antes de me aventurar pelo corredor. Estava silencioso; o vagão ainda parecia tomado pelo sono da tarde. Se bem que os ruídos abafados atrás de algumas portas sugeriam que certas pessoas não estavam exatamente descansando. Abri a janela mais próxima o máximo possível e deixei o ar fresco do deserto entrar.

Como o corredor estava vazio, baixei meu sheema e encostei a testa no painel de vidro. Fiquei lá, respirando fundo, deixando a comida refinada assentar na minha barriga. O sopro de ar, como se eu corresse em direção a Izman, em direção à aventura, mais rápido do que nunca, me fez finalmente sentir que estava em movimento.

Uma porta foi aberta com força atrás de mim. Estava puxando meu sheema para cima quando identifiquei um rosto familiar.

Congelei.

Dando um passo para fora da porta, com a cabeça inclinada para a frente enquanto fechava o botão mais alto de um khalat rosa e amarelo, cabelos pretos despenteados cascadeando sobre os ombros, lá estava Shira. A visão dela era tão familiar que se destacava como um prego enferrujado naquele lugar novo.

Ela não me viu. Deu outro passo sem olhar, esperando que o mundo saísse de seu caminho, como sempre. Ela quase esbarrou em mim. Foi só então que levantou a cabeça. Estava tão perto que dava para ver o comentário sarcástico se formando em sua boca. Seus lábios se abriram numa exclamação de surpresa, e então ela sorriu como uma hiena.

— Prima.

Eu já tinha apontado a arma para a cara dela antes que terminasse de falar.

— Não grite. — Eu já estava procurando um jeito de escapar.

— Por que eu faria isso? — Havia um tom de zombaria em sua voz, e Shira entrelaçou as mãos atrás das costas, inclinada casualmente contra a parede. — Você não vai atirar em mim.

— Ah, é? — Coloquei o dedo no gatilho.

— É pecado matar a própria família. — Ela fez um biquinho. — Viu, eu presto atenção nas preces.

— O que está fazendo aqui?

Olhei para os lados o mais rápido que pude sem tirar os olhos dela por muito tempo, evitando que tentasse alguma coisa. Alguém podia aparecer a qualquer momento e nos ver.

Ela revirou os olhos.

— Você realmente achava que era a única que queria uma vida fora daquela cidadezinha horrível? — Verdade seja dita, eu nunca tinha parado pra pensar no que Shira queria. Imaginava que ela era igual a todo mundo, conformada em ficar na Vila da Poeira. — Fazim e eu costumávamos imaginar um futuro em que seríamos ricos e teríamos tudo o que desejássemos no mundo. Só que, para Fazim, não importava às custas de quem ele enriqueceria. — Ainda havia uma marca no meu pulso, no lugar onde Fazim tinha me segurado. — Então vou atrás da minha fortuna sem ele. Aquele comandante jovem e charmoso que arrebentou a sua cara foi gentil o suficiente de me trazer com ele. Eu sabia que você estaria aqui, prima.

— Como?

Ela levantou um ombro de leve.

— Bem, você não dorme a um metro de alguém sem descobrir algumas coisas. — Isso era verdade. Eu sabia que Shira gostava de roupas amarelas, odiava limão em conserva e brincava com o cabelo quando mentia. E Shira sabia que eu iria para Izman se algum dia escapasse da Vila da Poeira. Mas não havia como ela saber que eu estaria naquele trem.

Mesmo se só saísse um por mês.

— E o que você ganha com isso? — perguntei.

— Vou te mostrar, prima. — Ela sorriu como se estivéssemos compartilhando uma grande piada. Então respirou fundo e gritou.

Antes que eu pudesse reagir, a porta da cabine mais próxima se abriu com força, e Naguib cambaleou para fora. Era a mesma cabine da qual Shira tinha saído na ponta dos pés. Ele parecia mais novo sem a jaqueta do uniforme, com a camisa desabotoada no pescoço. Arregalou os olhos quando me viu.

— Socorro! Eu a encontrei! — Shira berrou. — O traidor deve estar por perto. Socorro!

Gastei um instante precioso tentando pensar em uma boa mentira, mas minha língua travou.

Minhas pernas não podiam se dar a esse luxo.

Agarrei Shira e comecei a me mexer no mesmo momento em que o trem sacolejou. A força arremessou minha prima na direção do comandante com um gritinho. Ele a segurou de modo desajeitado.

Corri até a porta do vagão, ignorando os gritos atrás de mim. Abri caminho empurrando passageiros no corredor e atravessei a porta seguinte, procurando freneticamente uma tranca que pudesse fechar atrás de mim. Qualquer coisa que dificultasse a perseguição.

Nada.

Praguejando, voltei a correr sem parar até chegar à metade da segunda classe. Dava para

ouvir pessoas vindo atrás de mim. Logo chegaria ao fim do trem. Precisava pensar no que fazer antes que fosse parar no meio da areia.

Não, eu me preocuparia com isso quando fosse a hora.

Me atirei contra a porta no final do vagão. Ela estava emperrada.

Sacudi a maçaneta, olhando para trás para ver se tinha alguém uniformizado. Bati o ombro contra a porta, de novo e de novo. Os gritos estavam chegando mais perto, embora fosse difícil identificá-los com o barulho do trem.

A porta cedeu. O ar noturno, os trilhos e a areia vieram na minha direção conforme eu caía para a frente. Agarrei a moldura da porta, me segurando no último instante.

Onde existia uma passarela entre os outros vagões, ali só havia um fosso perigoso com uma conexão estreita de metal entre os dois carros. Com a luz do vagão atrás de mim eu conseguia enxergar os trilhos que passavam correndo embaixo dos meus pés. As rajadas de ar açoitavam minhas roupas, como dedos invisíveis tentando me arrastar de volta para a areia, onde era o meu lugar.

Havia uma porta do outro lado. Talvez eu conseguisse passar por ali.

Provavelmente conseguiria.

Só tinha um jeito de descobrir.

Saltei e acertei a porta com força total. Ela cedeu com um baque surdo. Caí no chão do vagão, machucada e sem fôlego, mas viva.

Puxei meus pés pendurados pra fora de modo apressado e deselegante. A porta fechou sozinha, errando meus dedos por pouco. Ela tinha uma trava; eu a tranquei e levantei rápido.

Não havia mais cabines ali, só fileiras de beliches até o fundo. Dezenas de passageiros esticaram o pescoço contornando as estruturas de metal para me observar. Pareciam prisioneiros, pressionando o rosto desesperado contra as barras de ferro da cama. Algum deles me deduraria assim que os soldados passassem pela porta.

Me esquivei entre as camas. Um grupo de homens estava entretido com um jogo de dados e bebidas. Estavam sentados no chão, usando o beliche como mesa. Cartas manchadas se espalhavam pelos lençóis, entre um punhado de moedas. Abri caminho pela multidão, procurando um lugar para me esconder. Quatro mulheres se aglomeravam em um único beliche, penteando o cabelo umas das outras e comendo tâmaras. Um garotinho de pés descalços tentou roubar uma. Levou uma pancada na mão com um pente e começou a chorar.

Me dei conta de que meu sheema estava solto em volta do pescoço. Meu cabelo esparramado me identificava como garota. Uma garota com roupas de garoto. Ergui a mão para enrolá-lo de novo em volta do rosto. Antes que pudesse fazer isso, alguém me pegou pela cintura e cobriu minha boca com a mão. Fui puxada para fora da multidão e empurrada contra a parede do trem entre dois beliches.

Levantei a cabeça e dei de cara com os olhos familiares do forasteiro.

— Você é realmente muito esquisita — Jin disse, me mantendo presa.

O pânico diminuiu. Jin não parecia estar lá muito feliz em me ver, mas era melhor do que ser pega por um soldado. Eu o empurrei para tirar sua mão da minha boca.

— Vou considerar um elogio. O que está fazendo aqui?

— Procurando você por todo canto deste maldito trem — ele disse, aparentemente aliviado.

— Bem, você não procurou na parte da frente — eu disse.

— Na parte da frente? — Ele levantou uma sobrancelha, parecendo confuso, e então entendeu. — Você comprou um bilhete de primeira classe? Por quê? Como?

Eu nunca admitiria que não sabia o que estava fazendo. Em vez disso, falei:

— Vendi Iksander.

— Iksander? — Jin diminuiu um pouco a força com que me segurava.

— O buraqi — expliquei, olhando por cima do ombro dele. Era só uma questão de tempo até que eu visse os uniformes dourados e brancos.

— Você o chamou de Iksander? — Havia uma expressão curiosa em seu rosto, como se ele estivesse tentando me decifrar.

— Eu tinha que chamar o buraqi de algum jeito, e Iksander é um nome tão bom quanto qualquer outro. Meu tio tinha uma égua que chamava Azul. Não sei quanto a você, mas eu nunca vi um cavalo azul. — Não sabia por que estava na defensiva.

— Então você o batizou com o nome de um príncipe que foi transformado em cavalo por um djinni duzentos anos atrás?

— Que diferença faz há quanto tempo isso aconteceu? — perguntei, irritada. — Ele não vai ficar com o nome mesmo. Eu o vendi. Para um comerciante que se intitulava Oman das Mãos Rápidas, embora suas mãos só parecessem suadas. Ele não era exatamente honesto, porque um comerciante honesto teria me dedurado por ser uma garota.

— Ou uma bandida de olhos azuis — Jin parecia estar se divertindo. — *Eu* deveria te entregar.

— Bem, você vai ter sua oportunidade em breve, porque o Exército está neste trem, atrás de mim. Na verdade atrás de *você*, mas estou no meio do caminho.

Jin levantou a cabeça rapidamente, olhando na direção de onde eu tinha vindo.

— Tudo bem — ele disse. — Me dá a bússola que vou tirar a gente daqui.

— *A bússola?* — Eu não sabia exatamente o que esperava depois de Jin ter passado três dias me rastreando pelo deserto, mas não era aquilo.

— Você é inteligente demais para se fingir de burra, Bandida.

Os olhos dele me analisaram, como se eu pudesse estar escondendo a bússola debaixo do seu nariz.

— Não estou me fingindo de burra. Só estou pensando que você é um idiota por correr atrás de uma bússola velha.

Ele segurava meu pulso firme.

— Devolva a bússola e podemos esquecer que você me envenenou. Não vou nem pedir para me pagar metade do dinheiro da venda do buraqi que roubou.

— Não envenenei você. Só te botei pra dormir. E aquele buraqi era meu. — Tentei soltar meu braço, mas Jin era mais forte. — Você o roubou de mim. Se não tivesse dado um mau exemplo, talvez eu nunca tivesse roubado sua bússola quebrada.

— Quebrada? — Ele apertou a mão até eu sentir dor.

— Sim. — Tentei não fazer uma careta. Ele não estava mais sorrindo. — Cavalguei a noite toda na direção errada seguindo aquela agulha, até que o sol apareceu e me colocou na direção certa.

Senti Jin relaxar um pouco.

— Se não é útil para você, então não vai fazer falta.

— Se não é útil para mim, por que acha que eu teria guardado?

— Amani. — Ele se inclinou na minha direção até eu sentir o calor de sua pele. — Onde está a bússola?

Contraí a mandíbula.

— Os soldados estão vindo.

— Então é melhor me contar rápido, Bandida.

Não falei nada na hora. Era a determinação dele contra a minha. Eu queria mentir. Dizer que tinha me livrado da bússola junto com o buraqi. Continuar a fazê-lo sofrer por se recusar a me levar da Vila da Poeira, por dizer em Sazi que eu não chegaria até Izman. Por tentar me manter presa enquanto eu lutava com tanto afinco para escapar.

— Amani — ele baixou a voz. Senti um tom real de desespero quando disse meu nome. — Por favor. — Minha raiva se desfez com aquelas palavras.

— Está escondida na minha roupa — admiti, finalmente. Ele me soltou.

Levantei a camisa, ciente de seus olhos em mim ao expor a pele para alcançar o pano que tinha enrolado em volta da cintura. Deslizei a mão entre o tecido e a pele, sentindo o metal e o vidro frios. Deixei minha camisa cair de volta enquanto puxava a bússola. Era um objeto velho de latão. O vidro estava arranhado e lascado em uma ponta. A agulha oscilava sobre um fundo de céu azul, da mesma cor dos meus olhos, pontuado por estrelas amarelas. Imaginei que tivesse algum valor.

A expressão de Jin mudou conforme sua mão se fechou sobre a bússola, prendendo-a entre nossas mãos. A tensão se esvaiu de seu corpo e ele apoiou a testa contra a minha, me pegando desprevenida. Senti o cheiro do deserto nele.

— Obrigado — ele disse.

Seus olhos estavam fechados, mas os meus estavam bem abertos. Daquela distância, dava para analisar a menor das cicatrizes em seu lábio superior. Eu estava plenamente ciente da nossa respiração misturada com a proximidade. Não precisaria de quase nada para me inclinar e encostar a boca naquela cicatriz.

Houve um estrondo e um grito na outra ponta do vagão. Jin arregalou os olhos. Finalmente pareceu se tocar dos soldados dos quais eu vinha falando, e seu rosto mudou.

— Venha. — Ele começou a me conduzir por entre os beliches. — Vamos...

Branco e dourado reluziram pelo vagão, destoando dos passageiros maltrapilhos da terceira classe.

Tarde demais.

Não havia tempo para correr, e menos tempo ainda para pensar. Precisávamos nos esconder. E o único lugar para isso era exatamente onde estávamos. Puxei Jin de volta na minha direção. Meus punhos roçaram as pontas do sol tatuado em seu peito. Foi a última coisa que percebi antes de beijá-lo.

Sua mandíbula ficou rígida de surpresa por um momento; ele segurou meu braço com força, a ponto de doer. Então seu corpo grudou no meu, me empurrando contra a parede do trem.

Eu era uma garota do deserto. Achei que soubesse o que era calor.

Estava enganada.

O contato provocou um arrepio tão súbito em mim que comecei a me afastar antes que pegasse fogo. Mas Jin prendeu meu rosto com as mãos. Eu não tinha para onde fugir. Não tinha

para onde correr.

E não havia nenhum lugar aonde eu quisesse ir.

Eu tinha feito aquilo sem pensar, e agora não havia mais espaço para pensamentos. Só a força de seus dedos contra minha nuca.

A respiração de Jin pulsou pelo meu corpo até eu não conseguir sentir nada além de desejo.

Mais do que desejo.

Necessidade.

Seu polegar encostou onde Naguib tinha me acertado com a arma. Um gemido involuntário de dor escapou dos meus lábios.

Jin se afastou e o momento foi quebrado. O ar frio percorreu o espaço entre nós, preenchendo o lugar onde suas mãos tinham encostado na minha pele um momento antes. Agora ele pressionava as palmas abertas contra a parede atrás de mim.

Seus olhos não estavam mais em mim. Ele olhava para a arma na minha cintura. Vi de relance um uniforme por baixo do seu braço. Seu corpo não estava pressionado contra o meu. Não estava me desejando — lembrei a mim mesma —, apenas me escondendo.

Eu respirava como alguém que nunca teve ar suficiente. Em algum lugar no fundo dos meus pulmões, encontrei forças para falar novamente.

— Eles ainda não estão fora de vista.

Jin não olhou para mim.

— Não. — Seus braços continuavam apoiados cada um de um lado da minha cabeça, pressionando a parede sacolejante do vagão. Ele se inclinou um pouco, e meu corpo avançou em direção ao dele. — Não estão mesmo.

Alguém deu um tapinha nas costas dele e o mundo voltou a entrar em foco.

— Quanto ela está cobrando, amigo? — A um beliche de distância, alguém riu.

Na outra ponta do vagão, uma cabeça que talvez pertencesse a um soldado se virou em direção ao som. Jin pegou minha mão.

— Vamos dar o fora daqui.

A porta por onde eu havia passado ainda estava aberta. Eu estava prestes a dizer a Jin que não adiantava voltar por aquele caminho, que não tínhamos onde nos esconder. Então seus braços estavam em torno da minha cintura.

Não tive tempo de dizer nada antes de Jin pular.



POR UMA FRAÇÃO DE SEGUNDO, EU ESTAVA VOANDO.

E então trilhos reluziram na minha visão periférica, perdendo por pouco a oportunidade de conhecer meu crânio mais de perto. Já minhas costelas e o chão não foram tão tímidos.

Atingimos a areia com força. Perdi o ar. Rolamos um por cima do outro, Jin me segurando forte, o trem gritando nos meus ouvidos, abafando tudo o que eu queria gritar de volta. Finalmente paramos em um banco de areia.

Empurrei Jin para longe, uma dor irradiando do meu ombro até a cintura. Ele praguejou, segurando o próprio torso, mas eu estava pronta para correr tão rápido quanto o trem até alcançá-lo. Levantei a tempo de ver a noite e a fumaça negra engolirem o último dos vagões de metal reluzente.

Por um instante insano pensei em correr atrás do trem. Viajar por dias presa às costas dele.

Mas o trem havia partido. Carregando centenas de pessoas em direção a Izman. Sem mim. Senti alguma coisa dentro de mim se quebrar. Abracei meu próprio corpo para me manter inteira.

— Você está bem? — Jin estava me observando, ainda segurando o torso. — Amani?

O modo como ele disse meu nome em um longo suspiro foi a faísca que faltava para detonar o barril de pólvora. Tentei dar um soco na cara dele.

Jin segurou meu punho antes que pudesse atingir seu nariz. Ele me puxou em sua direção, tirando meu equilíbrio.

— Uma dica. — Ele estava próximo de mim agora, tão próximo quanto quando me beijou, ou quando *eu* o beijei. — Não tente acertar um homem no rosto quando ele está olhando diretamente nos seus olhos. Seus olhos te traem, Bandida.

Usei a outra mão para dar um soco tão forte no estômago dele que minhas articulações doeram. Jin se contorceu, tossindo.

— Obrigada pela dica.

Queria que a vitória não tivesse a mesma sensação de uma mão luxada.

— Disponha. — Ele apertou a barriga onde eu havia acertado, mas parecia rir. Senti uma vontade louca de acertá-lo de novo, aproveitando que estava vulnerável. Em vez disso, levantei

a camisa e peguei a arma da cintura.

— Devíamos começar a andar — Jin disse. — Provavelmente estamos a menos de um dia de distância de Massil. Vamos ter que seguir os trilhos. Podemos chegar lá antes que o sol esteja muito forte se sairmos agora.

— O que faz você pensar que eu iria a qualquer lugar com você? — Se o Exército não estivesse atrás de Jin, eu ainda estaria a caminho de Izman. É claro que, se não fosse por ele, eu ainda estaria na Vila da Poeira. Mas não ia parar pra refletir sobre isso. Guardei a arma no cinto. Não havia necessidade de escondê-la: era melhor que as pessoas soubessem que eu estava armada.

— Você tem um plano melhor? — Jin acenou para o deserto vazio, como se estivesse me oferecendo um banquete de ilusões. — Prefere vagar pelo deserto e acabar virando comida de abutre do que caminhar mais um dia comigo?

Ele não estava errado. Era um imenso nada até onde a vista alcançava. Exceto pelos trilhos, que percorriam a areia como uma cicatriz de ferro. Só havia dois caminhos se eu quisesse continuar viva. Para a frente com ele. Ou de volta para Juniper.

Eu não ia voltar.

— Não se iluda. — Passei os dedos pelo cabelo, soltando-o onde estava preso sob o sheema, enquanto começava a caminhar. — Não vale a pena morrer por sua causa.

Andamos em silêncio enquanto a noite se arrastava pelo céu. Minha raiva me mantinha três passos à frente de Jin. Mas mesmo aquele fogo começou a diminuir ao longo da noite. Eu disse a mim mesma várias vezes que deveria haver outro jeito. Poderíamos ter ficado no trem. Achado um lugar para nos esconder. Alguma coisa.

Depois de algumas horas refletindo sem parar sobre a situação, a verdade é que não conseguia pensar em nada que pudéssemos ter feito a não ser pular.

Era difícil continuar com raiva de alguém que tinha salvado minha vida.

Tínhamos caminhado quase a noite toda quando notei uma silhueta.

Achei que fosse alguma ilusão produzida pela luz cinza borrada que antecede a alvorada. Aquele momento incerto entre o dia e a noite, quando nem Deus nem a Destruidora de Mundos estavam no domínio, era o mais perigoso. Mas não: mais adiante nos trilhos, alguém caminhava na nossa direção.

Me joguei na areia por instinto, tentando me camuflar no horizonte. Jin não hesitou em se juntar a mim no chão.

— O que foi? — Ele teve o bom senso de manter a voz baixa, arrastando-se até mim pelos cotovelos.

— Alguém está vindo. — Fiz um movimento com a cabeça apontando para a frente. Tudo o que conseguia distinguir era uma silhueta andando na nossa direção. Talvez fosse um nômade solitário do deserto, partindo de Massil. Talvez alguém da terceira classe tivesse contado aos soldados que vira uma garota vestida de garoto e um forasteiro saltar do trem.

Claramente, o mesmo pensamento ocorreu a Jin.

— Venha. — Ele começou a rastejar para a frente, afastando-se dos trilhos. Tínhamos andado entre uma ripa de madeira e outra, para evitar deixar rastros. Eu me arrastei atrás dele,

desfazendo as marcas deixadas pelo nosso corpo com a bota. Escalamos uma duna. Rolei para o outro lado, permanecendo deitada.

Peguei a arma, por via das dúvidas. Jin já tinha uma faca na mão.

Permanecemos na areia em silêncio, lado a lado. Eu podia sentir o deserto se mexendo embaixo da minha barriga a cada respiração. Prestei atenção, tentando escutar o som de passos. Este era o problema da areia: ela abafava a maioria dos sons. Não conseguiríamos escutar a pessoa subindo a duna até que estivesse à nossa frente. Estávamos em vantagem numérica, mas o fator surpresa tornava o estranho perigoso.

Provavelmente não era um soldado, refleti. Soldados não costumavam viajar sozinhos. Mas ainda restava uma centena de possibilidades perigosas. Um andarilho faminto. Um bandido ganancioso do deserto. Um djinni.

Não. Era ridículo. Não poderia ser um carniçal. O ferro dos trilhos deveria ser suficiente para mantê-los afastados. E ninguém via um djinni havia décadas. Eles não viviam mais entre nós.

Mas eram imortais. E estávamos em pleno deserto. As lendas diziam que havia coisas ali que não eram vistas na civilização havia décadas.

A curiosidade me deixou com vontade de subir a duna e dar uma olhada. Comecei a me mover bem devagar, escalando-a aos poucos. Jin sussurrou um aviso. Pressionei a arma contra os lábios, para silenciá-lo. E para lembrá-lo de que eu estava armada e provavelmente seria melhor de tiro do que quem estivesse nos trilhos. Ele não tentou me impedir quando continuei a rastejar para cima.

Os trilhos estavam tão vazios quanto a garrafa de um bêbado.

— Não tem ninguém lá. Ele já passou por nós. — Ou desapareceu numa coluna de fogo sem fumaça, como os djinnis das histórias.

— Você tem algum instinto suicida? — Jin soava quase impressionado, sua voz retornando ao volume normal enquanto sentava.

— Se eu tivesse, seria um instinto bem incompetente, já que ainda estou viva — eu disse, colocando a arma de volta no coldre.

— Só Deus sabe como. — Ele esfregou as mãos no rosto, cansado. Eu estava exausta também. Como se todo o peso dos últimos dias tivesse caído de repente em cima de mim. — Ninguém nunca te contou a história da Atiyah Impulsiva e do djinni Sakhr quando você era criança?

— Você quer dizer do djinni Ziyah — eu o corriji.

— O quê?

— É Atiyah e Ziyah, para rimar. De onde você tirou “Sakhr”? — perguntei. Todo mundo conhecia a história de Atiyah, a garota impulsiva que sempre se metia em confusão, e de seu amante, o djinni Ziyah, que temia tanto pela vida dela que revelou seu nome verdadeiro. O nome que ela poderia usar para conjurá-lo quando precisasse ser salva. O nome que ela poderia usar para controlá-lo. O nome que ela poderia sussurrar na fechadura de qualquer porta, e ela se abriria para o seu reino secreto.

— Você acha que o nome do djinni é a parte importante da história?

— Não, mas não custa saber o nome certo. Na história, ela morreu porque disse o nome dele errado, não porque era impulsiva. E por que estamos discutindo isso? — eu falei, com raiva.

Ficamos em silêncio.

— Vale a pena morrer pela sua tia em Izman? — ele perguntou, finalmente.

— Não sei, não nos conhecemos.

Jin passava a mão no cabelo e parou no meio do gesto. Ele tinha arregaçado as mangas e vi a tensão nos músculos de seus braços enquanto me analisava.

— Você está indo para Izman encontrar alguém que nem conhece?

— Estou indo para Izman porque a vida lá deve ser melhor do que aqui.

— Não é — Jin disse. — É tão ruim quanto, se não for pior. Não é como na Vila da Poeira, onde todo mundo sabe seu nome e só te matam por um bom motivo. Lá eles te matam sem motivo nenhum. E isso seria um enorme desperdício. Você é especial demais para apodrecer numa sarjeta. — Ele levantou e ofereceu a mão. Eu a ignorei. Ignorei o que tinha dito sobre eu ser especial também.

— Você está parecendo meu pai — falei, levantando sem sua ajuda.

— Seu pai? — Jin deixou a mão cair.

— Ele costumava dizer que a cidade era para ladrões, prostitutas e políticos — eu disse, imitando a fala enrolada do meu pai, acenando com uma bebida imaginária. — Era melhor ficar onde minha família pudesse me proteger. Não que ele me protegesse.

— O que aconteceu com ele? — Jin perguntou, com uma tensão na voz cujo motivo eu não conseguia identificar.

— Minha mãe o matou. — Ele ficou de boca aberta. — E não se dê ao trabalho de dizer que sente muito. Ele era horrível, e nem era meu pai de verdade. — Lembrei do soldado de olhos azuis trabalhando para o comandante Naguib e me perguntei quantas crianças meio gallans existiam no deserto. Nenhuma outra que eu conhecesse, mas não era como se eu tivesse viajado muito. Até então.

— Eu ia dizer que aparentemente ele teve o que mereceu — Jin falou. — E sua mãe? — Sua voz indicava que ele já sabia.

— O que normalmente acontece com assassinos? — Às vezes eu ainda tinha pesadelos com ela balançando numa corda. Assumi uma postura defensiva. Esperei ele dizer que minha mãe merecia, como todo mundo sempre falava.

— Sinto muito — ele disse. — É uma perda difícil. — Tive a sensação de que talvez ele soubesse como era perder a mãe.

— Não tenho nenhum motivo para voltar — admiti. — Minha tia Safiyah em Izman é tudo o que tenho. Então por que não?

Ele demorou para responder. Travava alguma guerra dentro da sua cabeça.

— Está bem — ele disse, com um suspiro longo e resignado. — Vamos fazer o seguinte. — Ele ajoelhou e começou a desenhar um triângulo de cabeça para baixo na areia, que devia representar Miraji. — Andamos até Massil. Aqui. — Ele apontou para um lugar na área inferior do triângulo. — Trens são a única forma de atravessar as montanhas nesta época do ano. E eu imagino que você não tenha dinheiro suficiente para esperar pelo próximo. — Ele olhou para mim, esperando uma confirmação enquanto desenhava uma linha tracejada por Massil, nos isolando de Izman.

— Bilhetes de primeira classe são caros — admiti.

— Haverá caravanas se preparando para a travessia do Mar de Areia. Em direção às cidades

portuárias da costa noroeste — ele completou.

— Era para lá que sua bússola estava apontando.

O chapéu inclinado sobre seu rosto escondeu qualquer resposta de mim.

— E eles vão estar contratando.

— Contratando o quê? — perguntei.

— Força bruta. — Jin deu de ombros. — Segurança armada. Seu deserto não é lá muito seguro, sabia? A travessia é só areia de Massil até Dassama. — Ele indicou o outro ponto à esquerda do triângulo. Norte e oeste. — É um mês andando.

— É a direção errada para quem está indo para Izman. — Fiz uma marca com o dedão no canto superior direito, mais ou menos onde sabia que a capital ficava.

Ele me olhou irritado, uma expressão que dizia “Cala a boca e me deixa terminar de falar”.

— De Dassama são outros dez dias de caminhada pelas planícies. As caravanas aproveitam para fazer comércio ao longo do caminho, então pode demorar mais. Aí chegamos no mar. São dois dias velejando até Izman. Você pode comprar sua passagem com o dinheiro que ganhar na caravana. O que acha, Bandida?

— Acho que você não devia largar tudo para ser cartógrafo. — Olhei para as linhas bagunçadas na areia onde ele tinha desenhado o trajeto. Assim parecia fácil. Mas eu sabia que não era bom subestimar o deserto. — Isso é bem mais difícil do que pegar um trem — falei em um tom de acusação.

— É, mas com menos soldados tentando te matar. — Jin levantou, limpando a areia das mãos na roupa. Era típico de um forasteiro. O gesto de alguém que não estava acostumado com a areia impregnada em tudo. Alguém que ainda tentava lutar contra ela.

— Eles estão atrás de *você*. Eu só estava tentando chegar a Izman intacta.

Apesar de tudo, aquele era o melhor plano à mão. Ele parecia conhecer Miraji melhor do que eu. E eu estaria mentindo se dissesse que não queria continuar perto dele. E mentir era pecado.

Mas ainda assim alguma coisa me incomodava.

— Você quer que eu acredite que é coincidência que a melhor forma de atravessar o deserto seja indo na direção para onde sua bússola aponta?

— Quero várias coisas, Bandida. Sair deste maldito país, tomar um banho gelado, comer uma refeição decente... — Jin deixou a frase solta, e por um momento podia jurar que seu olhar flutuou até mim. — Mas o que *precisamos* fazer é começar a andar, para chegar a Massil antes de morrer de sede. Então, o que me diz? — Ele estendeu a mão. — Estamos juntos nessa?

Minha mão se encaixou bem na dele.



JIN ESTAVA IMÓVEL NO CENTRO DA ARENA, os músculos das costas brilhando de suor enquanto subiam e desciam. Ele deixou o oponente contorná-lo. O homem se atirou em direção a ele, que o agarrou e o arremessou ao chão. Ouvi o som do nariz do desconhecido quebrando antes de as comemorações do público abafarem o resto.

— Tenho que admitir que ele é tão bom em atacar quanto em suportar os golpes. — Parviz, da caravana Joelho de Camelo, coçou o queixo com as articulações dos dedos enquanto observava o oponente de Jin limpar o nariz ensanguentado.

Dei risada, mantendo a voz grave, compatível com o disfarce. Naquela noite, eu era um garoto novamente. Não importava quantos narizes Jin quebrasse, ninguém nos aceitaria como seguranças se eu fosse garota. E precisávamos de uma caravana para atravessar o Mar de Areia sem morrer de sede.

Foi necessário gastar um dia andando e todos os nossos suprimentos para chegar a Massil. O que sobrara do dinheiro gastamos para entrar na cidade. Custava cinco fouzias para cada camelo atravessar as antigas muralhas, e três fouzias para cada pessoa. O custo de uma vida dizia tudo o que era preciso saber sobre um lugar, especialmente na cidade do comércio, onde tudo era tratado como produto. Ali, a vida humana era o item mais barato. Essas tinham sido as palavras de Jin enquanto atravessávamos um enorme arco de pedra e entrávamos na cidade que já tivera seus dias de glória.

Até eu conhecia a história de Massil. Um djinni sábio e poderoso a governara muito tempo antes, quando era a maior cidade à beira do Pequeno Mar. Até que se apaixonou pela filha de um comerciante e ofereceu a ele toda a cidade em troca dela. A garota já estava prometida a um mercador do outro lado do Pequeno Mar, mas o pai ganancioso queria a cidade. Então construiu uma boneca de cera e magia para enganar o djinni ao mesmo tempo que casava sua filha com o mercador. Quando o djinni descobriu o truque, já tinha dado a cidade ao homem. Djinnis só podiam dizer a verdade, então ele ficou preso à sua promessa. Incapaz de tomar a cidade de volta, ergueu uma tempestade de areia tão grande que o mar foi preenchido por mais e mais areia até que a água foi engolida e não havia nada além de deserto até onde a vista alcançava. E então ele desapareceu, deixando a cidade inútil à beira do deserto para o comerciante

ganancioso.

Massil era o último bastião da civilização antes do Mar de Areia.

A multidão rugiu quando Jin esmagou a cara do oponente com um soco, derrubando-o novamente no chão.

Pelo visto Massil era tão civilizada quanto qualquer outro lugar que eu conhecia.

— Você devia ver quando Jin está encurralado de verdade — eu disse a Parviz. — Já o vi quebrar a mão de um homem *assim*. — Estalei os dedos, pensando no som que o pulso de Dahmad fez ao quebrar. Justamente naquele momento o oponente de Jin investiu contra ele. Jin deu um passo para o lado, esticando a perna, e acertou o joelho do homem, fazendo com que caísse de cara na areia. Parviz tinha o rosto de um mercador, ainda mais impassível do que o de um apostador. Mas parecia impressionado.

— Ele tem que saber lutar se vai precisar cuidar de irmãozinhos esqueléticos — alguém disse ali perto. Eu sabia antes de cometer o erro de levantar a cabeça que o comentário era direcionado a mim. Um garoto com os dentes da frente tortos estava tentando me provocar a noite inteira. Imaginei que quisesse que eu partisse para cima dele para que pudesse me espancar e impressionar um líder de caravana sem ter que entrar na arena e lutar com alguém do seu tamanho. Jin talvez conseguisse acertá-lo com força suficiente para endireitar seus dentes, mas eu não estava a fim de machucar o braço.

Parviz virou para mim e me comparou com Jin.

— Ele é seu irmão?

— Por parte de pai. — Nossa farsa era tão frágil quanto um galinheiro velho, mas era o único jeito de termos uma chance de conseguir trabalho e atravessar o deserto sem acabarmos despedaçados por abutres em dois dias. — Podemos trabalhar por metade do que os outros estão pedindo.

Já tínhamos sido rejeitados duas vezes naquela noite, não sei se por causa das feições estrangeiras de Jin ou do meu tamanho. Mas o clã Joelho de Camelo tinha a reputação de ser mão de vaca.

— Trabalho como mercador desde que tinha a altura do joelho de um camelo. — Parviz riu da própria piada. — Sei fazer conta e vejo que vocês dois valem um único homem, só que com uma boca extra para alimentar. Não preciso de peso morto, Alidad. — Ele me chamou pelo nome falso que eu tinha dado. — Apesar de você não pesar quase nada.

Parviz virou para ir embora, e o garoto que tinha me provocado avançou para falar com ele.

— Você tem um bom faro para negócios, meu amigo. E eu posso ganhar de qualquer um desses rapazes facilmente. — Ele fez um gesto amplo com um copo de bebida na mão.

Em um piscar de olhos, minha arma estava na minha mão, pronta para executar um plano improvisado.

Apertei o gatilho.

O copo na mão do garoto se estilhaçou, e a bala afundou na parede atrás dele.

A arena se calou. Ele olhou fixamente para o punhado de vidro, sangue e bebida, com uma expressão vazia. Alguém na multidão caiu na gargalhada, e então o ruído de conversas voltou.

— Seu filho da puta! — O garoto tinha um pedaço de vidro cravado no dedão. — Você atirou em mim!

— Não, atirei no copo. Não se preocupe, a bebida vai lavar o sangue. — Guardei a arma de

volta no coldre, torcendo para não levar um tiro em troca. — Como eu estava prestes a dizer antes de ser interrompido, os tempos são outros. Não preciso de muitos músculos para apertar o gatilho.

Parviz analisou o garoto, então me olhou de cima a baixo. Comerciantes sabiam o valor das coisas. E sabiam quando estavam diante de um bom negócio.

— Partimos do portão oeste ao nascer do sol. Não se atrasem.

Parviz desapareceu, e de repente Jin estava do meu lado, vestindo a camisa.

— Você acabou de atirar em alguém ou foi impressão minha?

— Acabei de conseguir um emprego para a gente, isso sim. — Cocei a nuca e tentei parecer constrangida. Certamente não estava tendo sucesso, a julgar pelo jeito que Jin me olhava. — E só atirei no copo.

Ele passou o braço em torno do meu ombro, se apoiando em mim.

— É por isso que gosto de você, Bandida.

E então veio aquele sorriso. Talvez eu tivesse olhos que me traíam, mas Jin com certeza tinha o tipo de sorriso capaz de converter impérios inteiros. O tipo de sorriso que me fazia sentir que o entendia direitinho, embora não soubesse nada sobre ele. O tipo de sorriso que me fazia sentir que éramos capazes de qualquer coisa juntos.

Eu tinha as próximas seis semanas para descobrir se isso era verdade.



PARTIMOS NA ALVORADA COM A JOELHO DE CAMELO, conforme combinado. Eu achava que conhecia o deserto, mas quando vi o sol nascer num céu azul perfeito sobre a longa faixa dourada, entendi que aquilo era diferente. O Mar de Areia era enorme e inquieto. A caravana o tratava como um misto de fera a ser domada e tirano a ser temido. Me senti em casa na mesma hora.

O cenário mudava de um instante para o outro, as areias em movimento me arrastando para baixo de uma duna em um momento e me prendendo no lugar em outro. Algumas dunas pareciam infinitas — não importava o quanto caminhássemos, era como se nunca fôssemos chegar ao topo. O vento percorria a região, espalhando areia como estilhaços nos meus olhos e na minha boca, apesar do sheema. Na metade do dia, a paisagem do deserto mudou quando surgiu uma enorme estrutura de madeira no meio da areia, a tinta vermelha e azul descascando com o vento.

— O que é aquilo? — eu perguntei a Jin, protegendo os olhos do sol.

— As ruínas de um naufrágio — ele me contou. E, com a mesma rapidez com que tinha surgido, a estrutura foi engolida pela areia.

Quando montamos acampamento na primeira noite, minha pele estava toda ressecada e meu corpo inteiro doía de tanto andar, mas eu estava feliz.

Havia umas sessenta pessoas na caravana, e mais duas dúzias de camelos carregados de suprimentos e produtos para comércio. A experiência de viagem deles era evidente: moviam-se como uma coisa só, em perfeita harmonia.

— O mar de verdade também é assim? — perguntei a Jin, pegando minha comida e sentando perto dele em uma duna mais afastada do fogo.

Jin tinha espalhado um rumor de que eu havia me queimado num incêndio quando criança, por isso tinha vergonha de mostrar o rosto. Soltei o sheema apenas o suficiente para comer.

— O mar não se atravessa a pé. — Ele mexia na comida com um pedaço de pão queimado.

— Então o que os marinheiros fazem o dia inteiro? Ficam de bobeira perdendo a forma física? — Dei um cutucão na barriga dele, que era puro músculo. Como uma idiota, fiquei contente quando ele riu.

Antes que pudesse responder, o velho Daud levantou a voz perto da fogueira.

— Sentem-se, crianças, vou contar uma história. — Ele tinha uma voz profunda como a noite do deserto, rápida como o fogo. Era uma boa voz para contar histórias.

— Quem sabe ele não te explica direito a história de Atiyah e Sakhr? — Jin sussurrou. Eu sabia que ele estava falando o nome errado só para me irritar.

— Talvez ele devesse contar a história do forasteiro que abusou da sorte — sussurrei de volta.

— Nos primórdios do mundo — começou o velho Daud —, Deus olhou para a terra e decidiu preenchê-la. De seu próprio corpo de fogo, criou os imortais. Primeiro os espertos djinnis, depois os rocs gigantes, que cruzavam os céus de um pico de montanha ao outro, e então os buraqis selvagens que atravessavam o deserto.

— Será que Deus pode me salvar de ter que ouvir essa história de novo? — uma garota disse, me surpreendendo ao desabar na areia entre mim e Jin. Eu já sabia quem ela era: Yasmin, filha de Parviz, a princesa da caravana.

Isra, sua avó, passou por mim e deu um tapa na nuca de Yasmin, fazendo a trança dela saltar sobre o ombro.

— Fica quieta e presta atenção, princesa Boca Suja. — Aquele nome também combinava com ela, suponho.

Yasmin mostrou a língua para as costas da avó antes de se inclinar na minha direção.

— O velho Daud está contando a história para vocês, sabiam? — Ela baixou o tom da voz. — É um aviso para os seguranças contratados sobre os perigos que rastejam na escuridão do deserto. — Ela balançou os dedos comicamente, quase derrubando o prato de latão que equilibrava nos joelhos. Segurou o prato antes que caísse, revirando os olhos enquanto enfiava comida na boca e continuava a falar. — Os perigos dos quais supostamente vocês devem nos proteger. Embora faça anos que não vemos um carniçal por aqui. — *Como na Vila da Poeira*, pensei. Eu tinha oito anos quando vira um pesadelo pela última vez. — São os homens mortais que dão trabalho hoje em dia.

Isra levantou a mão, ameaçando dar outro tapa, apesar de estar do outro lado da fogueira. A princesa da caravana fez uma careta, mas calou a boca, deixando o velho Daud voltar à história.

Todo mundo conhecia a história do primeiro mortal. Mas Yasmin não estava errada: o velho Daud parecia mesmo olhar com frequência para mim e Jin enquanto a contava. Então prestei atenção enquanto ele falava de uma era de ouro, quando apenas os seres primordiais andavam pela terra. Depois de um tempo imensurável ter se passado, a Destruidora de Mundos veio das profundezas da terra. Trouxe consigo uma enorme serpente negra, que engoliu o sol e transformou o céu em noite eterna, além de mil novas criaturas — os monstros que chamava de filhos, mas que os seres primordiais chamavam de carniçais. Quando ela matou o primeiro ser primordial, ele explodiu e se tornou a primeira estrela no novo céu escuro. Deus havia criado os seres primordiais com vida eterna, então, quando eles descobriram a morte, tiveram medo. Foi a alvorada da primeira guerra, e conforme os seres primordiais caíam, o céu noturno foi preenchido. Os djinnis, os mais inteligentes dos seres primordiais, temiam tanto a morte que se reuniram e coletaram terra e água, usando então o vento para moldar uma criatura, à qual deram vida com uma faísca de fogo. Fizeram assim o primeiro mortal. Ele faria o que os djinnis mais temiam, mas era inevitável em qualquer guerra: morrer.

Então o primeiro mortal criou uma arma de ferro e com ela decepou a enorme serpente que

tinha engolido Deus em sua forma de sol. O sol foi liberado da garganta do monstro e a noite eterna terminou.

Os seres primordiais olharam para essa coisa mortal que tinham feito e viram com espanto que ela não tinha medo da morte. Ousava lutar porque seu destino era morrer. O primeiro mortal teve coragem de enfrentar o medo que a Destruidora de Mundos havia criado. Os imortais nunca precisaram de coragem. Mas os mortais, sim.

Então os seres primordiais fizeram outro mortal, e mais outro. Moldaram cada um como a imagem opaca de uma criatura imortal — homens como djinnis, cavalos como buraqis, pássaros como rocs. Trabalharam até terem um exército. E, contra a força da mortalidade, a Destruidora de Mundos finalmente caiu. Seu domínio sobre a terra chegou ao fim e suas criaturas foram abandonadas, sendo obrigadas a caçar na noite do deserto.

O velho Daud terminou de contar a história, e o ar ficou permeado do encantamento silencioso tecido por suas palavras. Então o mundo voltou ao normal, o mesmo mundo pelo qual o primeiro mortal tinha lutado e morrido, agora preenchido pelo burburinho do acampamento e pela fumaça de cachimbo e por Isra chamando Yasmin para lhe dar uma bronca por causa do khalat de cores vibrantes que tinha acabado de encontrar no meio das outras roupas.

— Eu fico de vigília no seu turno — ofereci a Jin enquanto Yasmin se juntava à avó a contragosto e o acampamento se acomodava ao nosso redor. Eu me sentia viva. Preenchida pelo deserto. Acesa. — Não acho que conseguiria dormir agora.

— Prefiro ficar acordado depois disso. — Jin me ofereceu uma bebida. — O velho Daud me deixou com um pouco de medo de ser devorado por um carniçal enquanto estiver dormindo.

— Na Vila da Poeira dizem que isso só acontece com pecadores. — Tomei um gole do cantil e devolvi.

— E ateus — Jin disse. — Como eu.

— Você não acredita em Deus?

— Estive em muitos lugares — Jin disse. — E as pessoas creem em verdades diferentes. Quando todo mundo parece ter tanta certeza, é difícil acreditar que alguém esteja certo.

Eu nunca tinha parado para pensar se acreditava em Deus. Acreditava nas histórias dos Livros Sagrados da mesma forma que acreditava nas histórias do primeiro mortal ou do príncipe rebelde Ahmed. Para mim, nunca tinha importado se eram reais ou não. Traziam verdade suficiente sobre grandes ideais, heróis, sacrifícios e coisas que todo mundo queria ser.

— Em Miraji vocês dizem que Deus criou os imortais, seus djinnis, do fogo, e eles criaram os primeiros mortais. Na península ioniana, dizem que os próprios imortais são deuses e que criaram os humanos para seu divertimento. Os albish dizem que tudo surgiu diretamente do rio e das árvores, criadas pelo coração do mundo, tanto seres mortais quanto imortais. Os gallans acreditam que os imortais e andarilhos são todos ferramentas da Destruidora de Mundos, e que algum deus diferente do seu criou a humanidade para destruí-los e purificar a terra.

Imortais podiam ser mortos pelo ferro. Assim como carniçais. Mas a ideia de assassinar um djinni ia contra tudo dentro de mim. O relacionamento entre humanos e imortais era complicado. Havia mil histórias de mortais enganando djinnis, descobrindo seu nome verdadeiro e usando-o para capturá-lo. Imortais eram forças da natureza. Criaturas de Deus. Tão antigos quanto o próprio mundo. E nossa vida curta não era nada em comparação à deles, infinita. Destruir imortais era o que a Destruidora de Mundos fazia. A humanidade tinha sido criada para salvá-

los.

— É para isso que os gallans estão usando nossas armas?

— Hoje eles as usam principalmente contra outros humanos — Jin disse. — Já eliminaram os seres primordiais do país deles faz tempo. Agora estão cuidando de outros locais.

— Como Xicha. — Meu olhar flutuou para seu colarinho aberto, onde ficava a tatuagem. Não tinha percebido até então que uma parte de mim ainda estava com raiva dele por ter explodido a fábrica na Vila da Poeira. Mesmo que prejudicasse Gallan, o fato é que acabava com o Último Condado. Claro, havia muita gente ali que não merecia nada além de morrer de fome. Mas também havia pessoas, como Tamid, que só não tinham aprendido a odiar aquele lugar como deveriam. E minha prima Olia, que de vez em quando trocava olhares comigo pelas costas de Farrah e revirava os olhos também. E minha priminha Nasima, que ainda não entendia que devia sentir vergonha por ter nascido menina. Essas pessoas não mereciam passar fome.

Por outro lado, o país de Jin não merecia ser invadido como Miraji tinha sido.

Ele puxou o colarinho para cima.

— Os gallans foram mantidos à distância por seus vizinhos durante mil anos. Quando era magia contra espada, tratava-se de uma luta justa. Mas os gallans têm armas de fogo agora, e a magia está se esvaindo em tudo quanto é lugar.

— Então no que você acredita? — perguntei.

— Acredito que hoje dinheiro e armas de fogo são bem mais úteis na guerra do que a magia.

— Se isso fosse verdade você estaria rico, morando em alguma cidade com uma cama macia e cinco esposas. Não explodindo fábricas no fim do mundo, meu caro xichan.

— Cinco esposas? — Ele deu um riso de escárnio. — Não sei se conseguiria dar conta de tantas. — Não falei nada. Eu já tinha entendido que, dando tempo suficiente a Jin, ele me diria a verdade. — Sempre imaginei que a terra cria os seres primordiais do mesmo jeito que cria os mortais. Nas florestas e nos campos do ocidente, a magia é cultivada no solo profundo. No norte congelado, ela se arrasta e abre caminho pelo gelo com suas garras. Aqui, ela queima na areia. O mundo cria seres para cada lugar. Peixes no mar, rocs nos céus das montanhas, garotas morenas com pontaria perfeita em um deserto onde os fracos não sobrevivem. — Eu nunca tinha sido descrita daquele jeito antes. Jin desviou o olhar rápido demais, sem me dar tempo de encontrá-lo. — É claro que meu irmão diria que os seres primordiais são manifestações na terra do único Deus Criador. É isso que os novos filósofos estão dizendo.

— Você tem um irmão? — Assim que disse isso, percebi pela expressão dele que havia sido um desliz. Jin não tivera intenção de me contar aquilo. Mas agora não dava para voltar atrás. — Onde ele está?

Jin levantou, limpando a areia das mãos.

— Acho que vou aceitar aquela sua oferta de cobrir meu turno, afinal.



O DESERTO ERA CONSTANTE. Por seis semanas só havia areia e céu azul. As bolhas no meu pé começaram a sangrar e novas se formaram no lugar delas. A inquietude que eu havia enterrado fundo durante a vida inteira já não se deixava reprimir tão fácil. Eu estava a caminho de Izman e nunca havia me sentido tão desperta.

À noite, quando o resto do acampamento dormia, eu tirava meu sheema para respirar e fazer companhia a Jin no seu turno de vigília até ficar cansada o suficiente para adormecer antes do meu. Ele me ensinou palavras de outros idiomas que tinha aprendido navegando. Depois do primeiro mês, eu já era capaz de ameaçar alguém e xingar sua mãe em xichan, albish e gallan. Jin me mostrou como tinha quebrado o pulso de Dahmad na arena de tiro, uma manobra que aprendera de um marujo de Jarpoor em um porto albish. Uma vez perguntei a ele sobre seu nariz quebrado. Ele contou que uma garota mirajin o havia golpeado, e que o irmão dele o recolocara no lugar. Jin fazia isso às vezes, mencionava o irmão, como se estivesse esquecendo de manter o segredo de mim. Mas falava livremente sobre quase todo o resto. Ele me contou sobre os lugares que havia conhecido. As costas estrangeiras onde tinha velejado, histórias de todas as coisas que tinha feito. Eu morria de vontade de ver os Palácios Dourados de Amonpour e sentir a força de um navio sob meus pés. As histórias de Izman pertenciam à minha mãe. Mas o mundo era bem maior do que ela havia me contado. E me ocorreu uma ou duas vezes que eu poderia ir a qualquer lugar.

Soube que estávamos nos aproximando do fim do deserto quando vi algo além de dunas no horizonte.

— Aqui é o vale de Dev — Jin me contou, enquanto a caravana acampava. — É uma confusão de montanhas e desfiladeiros que desce até a fronteira oeste de Miraji. Dizem que foi esculpido durante a guerra contra a Destruidora de Mundos. Antes da humanidade.

— Deve ter sido uma batalha e tanto. — Provavelmente estávamos a dois dias de caminhada do lugar. Não era muito. Levantei a cabeça para observar a noite. A areia rolava em uma ondulação sem fim, azul devido à luz das estrelas, então seria difícil dizer onde ela encontrava o céu não fosse pela constelação acima de nós. — Estamos caminhando há quase dois meses. As estrelas se moveram.

— O capitão de um dos navios onde trabalhei navegava se guiando só pelas estrelas.

— Mas você precisa de uma bússola quebrada. — Como sempre acontecia quando eu mencionava a bússola, não conseguia arrancar nenhuma reação de Jin, exceto um mínimo movimento do lábio.

— Quer que eu assuma seu turno? — perguntei. Era um padrão que tínhamos repetido desde a primeira noite.

— Você não é normal. — Jin passou as mãos pelo rosto. — Esse deserto é capaz de drenar as forças de qualquer homem.

— Bem, eu não sou um homem — falei. — E estava só tentando ser gentil, então...

— Não, espera. — Jin entrelaçou os dedos nos meus rápidos demais para eu reagir, me puxando para sentar com ele. Isso provocou um maldito arrepio pelo meu corpo, antes de ele me soltar igualmente rápido. — Desculpa. Acho que essa areia onipresente está me deixando cansado.

— Estou acostumada com a sensação. — Olhei para um ponto fixo além das dunas. Era como se o deserto se estendesse para sempre, mas o horizonte parecia mais próximo por causa das montanhas. — A areia entra fundo na alma depois de um tempo.

— E na pele também.

Jin estendeu a mão. Antes que eu pudesse pensar, ela estava na minha bochecha, quente e um pouco áspera. Seu polegar percorreu a maçã do meu rosto. Uma cascata de areia desceu no seu rastro, caindo da pele onde estava grudada e deixando um estranho calafrio ardente no lugar.

— Amani. — Ele não tirou a mão do meu rosto. — Você vai precisar ser cautelosa quando chegarmos a Dassama. A cidade é usada há anos como ponto de parada dos soldados gallans. Existem quase tantos deles quanto mirajins ali.

— Quando eu não sou cautelosa? — Tentei adotar um tom leve, mas na verdade estava absorvida pela mão dele no meu rosto.

— Sempre — Jin disse, irônico, seu polegar percorrendo linhas ásperas na minha bochecha, seus olhos acompanhando o movimento. Como se estivesse me memorizando. — Aliás, se alguém da caravana olhasse agora, seu disfarce iria pelos ares. — Ele deslizou a mão pelo meu queixo. Conforme sentia seu toque no meu rosto, minha respiração ia ficando irregular.

— Eu diria que é você que não está sendo cauteloso agora. — De repente, Jin pareceu se dar conta daquilo. Baixou a mão depressa, deixando para trás uma sensação fria na minha pele. — Além disso, você vai estar comigo. Como Atiyah pode se meter em apuros se tem Sakhr por perto? — Atiyah e Ziyah era uma bela história de amor. Atiyah e Sakhr era nossa piada interna.

Ele não achou graça. Eu sabia o que o silêncio de Jin significava. Que ele estava escondendo alguma coisa de mim. De repente, me dei conta de que logo partiríamos em direções diferentes. Minha tia Safiyah podia ser sangue do meu sangue, mas eu conhecia Jin. E não queria deixá-lo. Ele tornava o mundo maior. Eu queria visitar os países onde Jin estivera. E mais do que tudo queria que me pedisse para ir com ele. Mas nosso tempo juntos estava se esgotando.

Na primeira luz da manhã, as montanhas pareciam ainda mais próximas. Senti um frio na barriga de antecipação. A noção de que o deserto estava chegando ao fim e logo chegaríamos a Dassama, o primeiro sinal de civilização em semanas, começou a se espalhar pela caravana ao longo do dia. A caminhada normalmente estoica pelas areias se tornou inquieta. As crianças mais novas corriam para cima e para baixo ao longo da cáfila, tentando convencer qualquer um

que encontrassem a dar alguns louzis para comprarem guloseimas quando chegássemos a Dassama. Homens e mulheres começavam a declarar seu desejo por um copo de qualquer coisa gelada. Isra dava broncas em Parviz, dizendo que as provisões quase não tinham sido suficientes dessa vez e por isso teríamos que reabastecer assim que chegássemos à cidade. Yasmin entretinha seus primos menores com um jogo que chamava “Quando eu chegar à cidade”.

— Quando eu chegar à cidade, vou arrancar meus pés e trocá-los por outros que não estejam tão doloridos — disse o pequeno Fahim, curvando-se dramaticamente e deixando os braços balançarem como um boneco de pano.

— Quando eu chegar lá vou comer cem bolos de yazdi — disse sua irmã, erguendo-o pelo colarinho da camisa.

— Cem! — Yasmin fingiu arregalar os olhos de surpresa. — Como vai ter espaço para isso tudo depois de comer cem tâmaras e cem galinhas?

Tentei impedir que meu estômago roncasse diante da lista de tudo o que a garotinha já tinha prometido comer.

— E você, Alidad? — Yasmin perguntou, tentando me incluir no jogo. — O que vai fazer quando chegar a Dassama?

Tudo o que eu queria era me lavar até a poeira que estava na minha pele transformar a casa de banho numa versão em miniatura do Mar de Areia. Só que eu não poderia fazer aquilo sem revelar meu segredo.

E, mais do que em Dassama, era em Izman que eu pensava conforme nos aproximávamos do fim do deserto.

Quando meu pai não estava em casa, minha mãe falava sobre encontrar a irmã em Izman com tanta frequência que era quase uma prece. Mas eu nem sabia se ainda queria ir. Não sabia se minha vontade tinha sido real, ou se minha mãe desejara aquilo o suficiente para nós duas seguirmos em frente durante todos aqueles anos.

Minha tia poderia ser tão ruim quanto tia Farrah. E, mesmo que não fosse, eu não tinha tanta certeza de que queria ficar com alguém que poderia reivindicar qualquer direito sobre a minha vida.

E eu nunca mais veria Jin.

Meus olhos estavam fixos nas costas dele, bem à frente, quando percebi que a caravana estava parando.

— O que está acontecendo? — Yasmin colocou a mão na cabeça de Fahim, impedindo que ele saísse correndo para ver.

Um burburinho percorreu a caravana conforme as pessoas levantavam a cabeça, tentando enxergar adiante, protegendo os olhos contra os últimos raios de sol. Todos estavam curiosos, porém a caravana devia esperar as ordens. Mas eu não.

Corri até a frente. Tínhamos chegado ao topo de uma duna. Parviz estava de pé, Jin ao lado dele, com o sheema puxado para baixo. Os camelos tinham ajoelhado para descansar, sem entender por que tínhamos parado.

Cheguei ao topo de uma duna alta perto deles. De início, tampouco entendi o que se passava.

Onde Dassama deveria estar, só havia ruínas. Paredes velhas e semidestruídas refletiam o sol poente, os últimos raios criando sombras entre elas, estendendo-se pela areia. Então percebi

que não eram sombras.

Minha boca secou.

— Como a areia pode queimar? — Jin perguntou bem devagar quando me aproximei.

Quanto mais próximo chegávamos, pior a situação parecia. Onde as pedras não estavam pretas, haviam se desintegrado em cinzas. Em alguns lugares a própria areia estava preta ou queimada até ficar dura. Não falamos enquanto caminhávamos com cautela pelo que sobrara das ruas estreitas e casas carbonizadas. Não era um incêndio. Algumas pessoas sobreviveriam a um incêndio, correndo dele e extinguindo o fogo, abafando-o com areia.

Jin foi o primeiro a dizer o que ambos estávamos pensando, baixo demais para o resto da caravana ouvir.

— Não há corpos.

— Corpos queimam mais fácil do que pedra. — Chutei uma pedrinha, e o que tinha restado dela se desintegrou. — Nenhum fogo se espalharia desse jeito a menos que o lugar inteiro estivesse ensopado em óleo.

— Uma bomba — Jin disse. Não era uma pergunta, mas isso não significava que ele estava certo.

— Não parece — eu disse.

Jin olhou de soslaio para mim.

— Por quê?

— Ora, meu caro xichan. — Tentei forçar um tom mais leve. O vento puxando meu sheema tinha sabor de cinzas, o que me dava ânsia de vômito. — Você está me dizendo que nunca acendeu pólvora quando era criança só para explodir alguma coisa?

Jin soltou uma risada de escárnio.

— Nem todo mundo cresceu perto de uma fábrica de armas.

Dei de ombros.

— Uma explosão sempre tem um centro. Aqui as construções estão queimadas por todos os lados. — Como se alguma coisa tivesse vindo por cima e inundado a cidade com fogo. Aquilo soava familiar, mas eu não sabia por quê. Contornei uma esquina destruída e parei de repente.

— E uma bomba não pouparia uma casa de oração.

Em meio aos destroços, uma enorme construção com um domo no topo era a única coisa intacta na cidade. Suas paredes continuavam brancas, novas e reluzentes, e as marcas de queimadura cessavam ligeiramente antes delas.

— O que fez isso? — sussurrei.

Jin só balançou a cabeça.

— Alguma coisa sobrenatural.

— Temos outro problema. — Havíamos perambulado até o centro da cidade, e indiquei com a cabeça o amontoado de metal derretido e pedra no meio da praça. — Acho que aquilo devia ser o poço.

O medo que percorreu a caravana quando viram a mesma cena foi evidente. Ninguém sabia o valor da água tanto quanto as pessoas do deserto.

— Quanta água ainda temos? — Jin disse, levantando a voz para falar com Parviz.

— Suficiente para um dia. — Ele tinha uma expressão sombria no rosto. — Dois, se racionarmos. É uma caminhada de seis dias até Saramotai.

Reconheci o nome da próxima cidade oásis no nosso roteiro, onde deveríamos parar depois de reabastecer em Dassama.

— São apenas dois dias até Fahali — Jin disse. — Se seguirmos para o oeste, não para o norte.

— Fica fora do nosso caminho — Parviz respondeu rápido demais.

— Acha melhor morrer de sede do que desviar? — Jin estava de braços cruzados. Olhava para os próprios pés, mas também para algo distante. Como se tivesse coisas mais importantes na cabeça do que nossa morte iminente de sede. — E não estou ouvindo nenhuma outra ideia.

Parviz olhou de relance para o irmão, um homem chamado de Oman, o alto, para que se diferenciasse dos três outros Omans na caravana. Alguma comunicação silenciosa ocorreu entre os dois. Oman, o alto, balançou a cabeça discretamente. Olhei para Jin para ver se tinha percebido também, mas ele estava perdido em pensamentos.

— Existe algo que devemos saber? — perguntei. — Sobre Fahali?

— É uma cidade perigosa — Parviz disse apenas.

— O deserto também é perigoso — eu disse. Ele estava escondendo algo, mas eu não conseguia entender o quê. — Não é por isso que está nos pagando?

Houve um momento de silêncio tenso, então Parviz assentiu com a cabeça, a expressão fechada.

— Fahali, então. E vamos rezar para que sua mira seja realmente boa, jovem Alidad.



DE FAHALI, AS MONTANHAS PARECIAM DENTES TORTOS contra o pôr do sol. Amonpour ficava atrás delas, do outro lado do vale de Dev. A fronteira significava soldados. Fomos parados nos portões pela guarda da cidade, mirajins com cara de tédio vestindo um uniforme amarelo pálido, vasculhando preguiçosamente nossos alforjes enquanto papeavam com Parviz. A maior parte da caravana sentou na areia, apoiando-se nas muralhas enquanto as sacolas eram revistadas.

Tínhamos caminhado praticamente sem descanso desde Dassama, parando apenas nas horas mais escuras da noite, quando continuar poderia significar a morte por causa dos carnicais em vez da sede. Eu lembrei do que Jin tinha dito na nossa primeira noite no deserto: ali os fracos não sobreviviam.

E ainda estávamos vivos. Éramos mirajins e tínhamos sobrevivido. Mesmo com as pernas falhando eu nunca estivera mais orgulhosa de ser uma garota do deserto, viajando com a Joelho de Camelo.

Yasmin brincava distraída com uma moeda, refletindo a luz do sol. Uma expressão de preocupação brilhou em seu rosto mais rápido do que o reflexo da luz no metal, e desapareceu na mesma velocidade. Ela fechou a mão com força em torno da moeda de meio louzi. Parviz desviava o olhar constantemente para observar o entorno enquanto o guarda revistava seus pertences, suas costas parecendo tensas demais. Levei a mão à arma sem ter muita certeza do que temia.

Olhei em volta, procurando Jin. Achei-o a uns bons vinte passos de distância, abaixando o chapéu enquanto se afastava do acampamento. Esquecendo por um momento do cansaço e das pernas doloridas, levantei e corri para alcançá-lo.

— Ei!

Dei um empurrão no ombro dele, chegando um momento antes que Jin pudesse desaparecer virando a esquina. Em um único movimento, Jin segurou meu punho, a outra mão já puxando a arma antes de se dar conta de que era eu. Ele estava mais aflito do que alguém descalço na areia quente.

— Você já devia saber que não se deve chegar de mansinho desse jeito, Bandida. — Jin

baixou o braço, tentando manter um ar mais casual. Não mordeu a isca.

— E você já devia saber que não tem como fugir sorrateiramente de mim. — Estávamos distantes o suficiente da Joelha de Camelo para que não nos ouvissem, mas mantive a voz baixa por via das dúvidas. — Você está escondendo alguma coisa.

Jin riu, mas não parecia ter achado graça. Era como se não soubesse por onde começar. Quando passou a mão pelo cabelo, seu sheema caiu. Agora eu podia vê-lo claramente, à luz do dia, pela primeira vez em semanas.

— Tem muitas coisas que você não sabe, Amani.

Era verdade. Jin não me contava muitas coisas. Havia poucos momentos em que as paredes erguidas em torno dele rachavam e eu vislumbrava algo através delas, quando Jin cometia um desliz e mencionava um irmão, ou a mãe morta, mas ele fechava essas brechas bem rápido.

— Então, o que eu não sei sobre Dassama? — A lembrança da areia queimada pairava desconfortável entre nós, matando qualquer tentativa de piada que ele pudesse fazer. Ambos tínhamos visto uma cidade inteira destruída pelas chamas. Jin mal falou comigo depois daquilo. Como se estivesse me evitando.

— Amani... — Ele estendeu a mão para mim, baixando-a a tempo de impedir um gesto que não faria sentido entre irmãos, caso a caravana visse. Olhei de relance para trás. Eles ainda estavam sendo revistados no portão. Cachecóis coloridos foram desenrolados por um dos guardas, que levou uma bronca da mãe de Parviz enquanto ela os pegava de volta do chão.

— Você não precisa seguir pelo deserto depois daqui se não quiser.

Voltei toda a minha atenção para Jin. Não era isso que eu estava esperando. Ele me observava com cuidado, medindo minha reação.

— Como assim? — perguntei, cautelosa.

— Dá pra pegar um trem. Ele parte de um entreposto a algumas horas de caminhada de Fahali. Vai direto para Izman. Você pode beber áraque à sombra das muralhas do palácio em poucos dias, se quiser.

Um trem. Que nem aquele do qual Jin havia me arrancado tantas semanas antes, do outro lado do deserto. Ele estava me oferecendo um tiro direto para o coração de Izman, depois de dezesseis anos mirando a capital. Eu nunca veria Jin novamente. Era aquilo que ele estava me oferecendo de verdade: um jeito de escapar. De dar as costas a Dassama e ao que ele sabia, de fugir para a vida que eu sempre quis. Ou sempre achei que quisesse.

— E se eu quiser outra coisa? — Meus olhos me traíam, e ele com certeza entendeu o que eu estava dizendo.

Jin respirou fundo. Eu não sabia dizer se era alívio ou resignação. Quando inspirou, pude ver o sol xichan sobre seu peito subir um pouco.

— Conte para você em Sazi que o sultão estava produzindo armas para os gallans. Mas não eram apenas armas de fogo.

— Como assim? — A fábrica perto de casa só fabricara armas de fogo durante minha vida inteira.

Jin moveu a mandíbula como se estivesse ruminando as palavras. Eu o vi enfrentar a morte e se esquivar dela acenando sarcasticamente com o chapéu meia dúzia de vezes. Aquilo era diferente. Era maior do que simplesmente estar em apuros.

— Existem rumores de outra arma — Jin finalmente disse. — Algo que estão criando lá no

sul. Uma bomba capaz de destruir cidades inteiras, como a mão de Deus. Países inteiros.

Países inteiros, como o dele. Jin tinha me contado outras coisas sobre os gallans: eles estavam construindo um império, roendo as bordas dos países vizinhos conforme a magia deles se esvaía. Uma arma como a que destruiu Dassama permitiria que engolissem outros países por completo.

— Pensamos que pudesse ser apenas um boato para assustar as pessoas — Jin continuou. — Mas era melhor prevenir do que remediar. — Ele deixou escapar um longo suspiro, enquanto minha própria respiração ficava mais curta. — Então fui enviado até os confins da civilização para ver o que descobria. E veja só, existe uma fábrica gigantesca de armas. Imaginei que, mesmo que não fosse nada capaz de aniquilar civilizações, ainda assim era importante. Eu poderia atrapalhar os gallans por um tempo, interromper o suprimento de armas de fogo para seus exércitos no além-mar. Quando a explodi, pensei que qualquer grande arma capaz de dizimar cidades seria destruída junto. A julgar pelo oásis queimado, Naguib a retirou de lá antes. Se o sultão fabricou uma arma dessas para os gallans, eles não vão precisar de uma bala sequer para deixar o mundo inteiro de joelhos.

Eu pensava que conhecia o medo. Tinha crescido na Vila da Poeira. Mas aquele era um medo inquieto, do tipo que me fazia querer fugir correndo. O que eu sentia agora era do tipo que subia rastejando de dentro de mim e dizia que não havia para onde correr. Do tipo que paralisava.

— E Dassama foi...

— Um teste — ele completou, sombrio. — O comandante Naguib deve ter levado a arma até Izman para entregá-la. Mas eles precisariam de um local para ver se a coisa funcionava. Onde os gallans pudessem ver os resultados por si mesmos. — E o sultão deixou que usassem uma de suas cidades, com seu povo, para testar uma bomba que dominaria o resto do mundo. — Dassama era uma grande base gallan, mas havia rumores de que eles estavam perdendo o controle da cidade para a rebelião. — Lembrei da noite em que nos conhecemos em Tiroteio. *Uma nova alvorada. Um novo deserto.* A rebelião. O sultão estava se aliando aos gallan. A manutenção do seu poder dependia deles. Eu nunca tinha percebido que o príncipe rebelde poderia ser a oportunidade de nos livrar dos gallan, assim como do sultão. Os gallans deviam ter percebido.

— E você acha que a arma está aqui? — perguntei. — Em Fahali?

— Esta é a única cidade próxima o suficiente de Dassama. Dizem que os gallans dobraram a quantidade de soldados aqui nos últimos meses, procurando pelo príncipe rebelde — Jin sorriu, como se fosse uma piada interna.

Seria mesquinho demais gritar com ele. Por não ter me contado. Por ter se afastado da caravana sem dizer uma palavra.

— Você vai fazer com que a gente acabe morto se sair procurando por ela sozinho, sabia? Se fosse para morrer por sua causa, teria sido melhor semanas atrás, antes de encarar toda essa caminhada. — Talvez eu fosse um pouco mesquinho, afinal.

— Amani, você não é parte disso se eu... — Jin parou de repente. Meus olhos seguiram os dele, para algum lugar atrás de mim. Percebi um reluzir de uniformes azuis. Era tudo o que precisava saber.

Jin pegou minha mão quando comecei a correr, me puxando para o lado, para dentro de um beco estreito. O frescor da sombra me envolveu e nos encolhemos ali enquanto soldados de

Gallan cercavam a Joelho de Camelo.

— Todas as caravanas precisam passar por inspeção. — O soldado gallan falava mirajin com um sotaque carregado que vinha do fundo da garganta, como se estivesse fazendo gargarejo enquanto conversava.

— Nós já os revistamos. — Um dos guardas mirajins deu um passo à frente. — Eles não têm nada. Estávamos prestes a liberá-los, senhor.

— Vamos revistá-los mais uma vez. Ordens do general Dumas. — O soldado gallan acenou para que seus homens avançassem, ao mesmo tempo que a caravana recuava.

A guarda da cidade tinha revistado as sacolas da caravana como o calor preguiçoso de deserto. Entretanto, os soldados de Gallan as reviravam como uma tempestade, só que ainda mais hostil. Observei quando as sacolas foram arrancadas dos flancos dos camelos, e o que sobrara dos suprimentos foi jogado no chão. Yasmin foi forçada a erguer as mãos atrás da cabeça enquanto soldados gallans a revistavam devagar.

Então alguém gritou. Um jovem gallan levantou o que tinha sobrado de um dos alforjes. Ele o cortara com uma faca, abrindo as camadas de couro, e segurava o que parecia ser um saco de seda fina. Virou de ponta-cabeça e alguma coisa caiu, dispersada pelo vento da tarde. Parecia um fio azul fino, quase como cabelo. Jin praguejou.

— O que é aquilo? — perguntei.

— Remédios — ele disse. — Produzidos por magia, não ciência. — Não era possível. Havia muitos charlatões desesperados no deserto que vendiam água vermelha e diziam que era sangue de djinni com poderes curativos, mas ninguém acreditava naquilo. Por outro lado, essas pessoas não escondiam a mercadoria no revestimento dos alforjes. — Não importa quem você seja, a magia custa sua vida — Jin disse, sombrio. — Agora dá para entender por que Parviz queria evitar a cidade.

Observei aterrorizada quando Parviz foi arrastado e colocado de joelhos em frente ao soldado que tinha falado mirajin. Saquei rapidamente a arma, no mesmo instante em que o soldado gallan puxou a dele. Minha raiva foi instantânea. Eles não pertenciam ao nosso deserto. Tampouco à minha linhagem. Eu era uma garota do deserto. Odiava que metade de mim fosse forasteira.

Eu podia atirar nele.

O pensamento passou pela minha cabeça com a mesma naturalidade que uma bala passa pelo cano da arma. Talvez não salvasse Parviz, mas poderia tentar. Enquanto pensava a respeito, Yasmin correu, abrindo caminho pela guarda mirajin. Ela se atirou entre o pai e o guarda, bem na minha linha de tiro. O soldado não abaixou a arma; ela continuou apontada, só que para Yasmin em vez de Parviz. Ele colocou o dedo no gatilho. O meu já estava lá.

— Pare. — O guarda mirajin se adiantou. — Você não vai atirar nele aqui.

— É a lei — o soldado gallan disse. — Ordens do general Dumas. — Ele repetiu o nome, como se carregasse o peso da autoridade de Deus.

— A lei prevê que contrabandistas sejam julgados antes da execução — o guarda mirajin argumentou. — Ordens do príncipe Naguib.

Senti Jin ficar tenso atrás de mim com a menção do nome, assim como eu. Naguib estava ali. O comandante que tinha apontado uma arma para a minha cabeça e dado um tiro no joelho de Tamid. Irônico que fosse justo ele salvando a caravana. Guardei a arma na cintura.

Encostei de novo na parede fria enquanto a caravana era reunida para ser levada presa. Jin e eu permanecemos parados na boca do beco. Quando não conseguimos mais ouvir passos, seu corpo relaxou contra o meu.

— Sabe, não acreditava em destino até conhecer você — ele disse, inclinando a cabeça até encostar na parede com um suspiro profundo. — Aí eu comecei a achar que a coincidência jamais teria um senso de humor tão cruel.

— Você é o charme em pessoa, alguém já te disse isso?

— Pra falar a verdade, já. Mas costumam dizer sem revirar os olhos.

Ficamos encostados na parede em silêncio. Um varal flutuava preguiçoso acima de nós no calor da tarde enquanto eu refletia sobre a situação. Estávamos presos em uma cidade com soldados gallans, sua grande arma destruidora de cidades e Naguib. E sem a caravana.

— Precisamos sair daqui — eu disse.

— E quanto aos outros, Bandida? — Toda vez que Jin me chamava assim, alguma coisa dentro de mim era atraída para ele de um jeito que eu não podia evitar. — Está planejando deixar todos para trás?

Eu não estava planejando deixar você para trás, pensei.

— Não estou planejando nada. — Eu realmente não tinha pensado em nada tão à frente. Mas agora que parara para refletir a respeito, Jin estava certo. Eu sabia o que a maioria das pessoas na caravana faria se estivesse no meu lugar. Estávamos no deserto. Cada um cuidava de si mesmo e da família. O resto era deixado na areia para morrer. Como Tamid.

— Um trem parte direto para Izman amanhã — Jin disse. — Não precisa pensar mais à frente do que isso.

— Então vem comigo. — As palavras saíram rápido demais. — Você não vai encontrar a bomba aqui sem acabar morto no processo. Sabe disso. E, se ficarmos por muito mais tempo, vamos morrer os dois.

Algo entre nós pareceu se acalmar. Observei seus ombros subindo e descendo lentamente enquanto Jin respirava fundo. Uma vez. Duas vezes. Três.

— Tudo bem.

— Tudo bem? — Eu estava pronta para discutir e arrastá-lo dali. Mas toda sua rebeldia tinha sumido com aquelas duas palavras. — É isso? Você não vai tentar me convencer do contrário com argumentos inteligentes?

— Tudo bem — Jin repetiu e então abriu os braços como se estivesse se rendendo, embora a expressão sombria em seu rosto dissesse que não estava nada contente com a situação. — Você tem razão. Então o que sugere?

Eu estava me sentindo mais ousada do que nunca.

— Poderíamos simplesmente continuar fugindo, Jin. Se for preciso.

— Você quer dizer se eu quiser.

Seu olhar vasculhou o meu e por um instante seus olhos pareciam tão escuros e concentrados como antes do beijo no trem. Meus olhos provavelmente também estavam tão selvagens quanto naquele momento. A última vez que estivemos tão perto um do outro. Na fronteira entre a vida e a morte. Entre o desejo e a necessidade.

— Diga pra mim que não seríamos capazes. — Jin interrompeu meus pensamentos. — Diga que nós dois juntos não conseguiríamos tirar cada uma das pessoas da caravana viva da cidade,

se realmente tentássemos. Diga que não conseguiria fazer isso sozinha se realmente teimasse em fazer. — Um pequeno sorriso voltou sorrateiro ao seu rosto. — Diga isso pra mim e vamos embora. Neste instante. Vamos fugir, nos salvar e deixar os outros para morrer. Tudo o que precisa fazer é dizer isso. Diga que é assim que deseja que sua história seja contada, e vamos escrevê-la pela areia até o mar. É só dizer.

Minha história.

Eu tinha passado a vida sonhando que minha história começaria quando finalmente chegasse a Izman. Uma história escrita em lugares distantes com os quais eu nem sonhava ainda. No meu caminho até lá, eu me livraria do deserto até não sobrar nenhum grão de areia para marcar as páginas.

Mas Jin estava certo. Eu era uma garota do deserto. Mesmo em Izman ainda seria a mesma Bandida de Olhos Azuis, com uma mãe enforcada, que abandonou seu amigo morrendo.

Jin não precisava que eu respondesse. Era fácil ler minhas intenções. Ou talvez ele me conhecesse bem demais.

— Alguma ideia, Bandida?

E, simples assim, éramos uma equipe novamente.

Olhei para cima. Entre duas janelas, o varal balançava devagar ao vento quente do deserto.

— Algumas.

Me vesti como garota pela primeira vez desde o outro lado do deserto. O khalat azul simples que tínhamos roubado do varal era muito apertado nos braços, principalmente com minhas roupas masculinas por baixo.

— Eu quase tinha esquecido que existia uma garota embaixo daquelas roupas. — Jin me olhou de cima a baixo, as mãos entrelaçadas atrás da cabeça. Ele parecia meio amarrotado. Enquanto esperávamos pela proteção da noite, exaustos, caímos no sono encostados na parede de um beco estreito o suficiente para nos esconder. Acordei com as costas duras e o braço de Jin me envolvendo como se estivesse tentando me impedir de fugir de novo enquanto ele dormia. Mas não havia a menor chance de isso acontecer. Eu não ia deixar mais ninguém para trás.

— Você queria ser a garota? — perguntei, ajustando o sheema vermelho que tinha amarrado na cintura como uma faixa.

— Você fica melhor como garota do que eu. — Ele piscou e eu revirei os olhos.

O plano era simples. Eu iria até o quartel da cidade e voltaria com informações sobre a localização da prisão. Na maior parte do tempo o quartel era usado pela guarda mirajin, mas parecia que metade dela estava acampada em tendas enquanto o Exército gallan ocupava o quartel com seus soldados. Assim que soubéssemos a localização da prisão, poderíamos começar a bolar o plano para libertar a caravana. Se alguém perguntasse, eu deveria dizer que estava lá para buscar água, assim como o fluxo de mulheres que entrava e saía o dia todo.

Ao que parecia, os rumores estavam se espalhando mais livremente do que a água de Fahali. A Joelho de Camelo não era a única caravana a aparecer de lábios rachados contando histórias assustadoras sobre Dassama. Os suprimentos da cidade não davam conta de todos os soldados, pessoas e caravanas adicionais. A água estava sendo racionada, e metade dos poços e bombas

se encontrava fechada. Mas não a bomba d'água no quartel.

— Estarei por perto caso se meta em apuros. Fique onde eu possa te ver. — Com a cabeça, Jin indicou o telhado com uma visão razoável do quartel, suficiente para um bom atirador acertar um soldado lá dentro. Eu atirava melhor. Mas ele estava certo: eu levava mais jeito para garota. O que significava que estava contando com Jin para me dar cobertura.

A caminhada até o quartel era curta, mas as ruas estavam cheias em meio ao frescor que antecedia o crepúsculo. Mantive a cabeça baixa enquanto abria caminho pela multidão sob os últimos raios do sol poente em Fahali. Quase havia esquecido a sensação de ser uma garota em Miraji. Eu desaparecia na multidão, mas de um jeito diferente de quando me vestia de garoto. Não porque era igual a todos os outros, mas porque como garota eu não importava.

Ninguém em Miraji valorizava uma garota o suficiente para imaginar que eu poderia ser uma espiã.

O quartel era composto de quatro prédios baixos pintados de branco em torno de uma praça empoeirada. Além da prisão, supostamente havia alojamentos, cozinhas, armazéns e estábulos. Foi o que Jin me contou, pelo menos. Eu só precisava descobrir onde ficava a prisão e sair dali.

Tentei fingir que estava olhando para os próprios pés enquanto caminhava pelo pátio empoeirado. Havia soldados praticando com armas de fogo e alvos variados. Um dos gallans tinha uma arma com uma ponta afiada que eu nunca tinha visto antes. Ele atirou em um boneco de pano antes de avançar, enfiando a ponta afiada na barriga dele.

No meio da praça, havia uma bomba d'água com três soldados gallans posicionados à frente, coletando pagamento de quem quisesse usá-la. Uma fila de mulheres segurando um balde na cintura esperava. Todas elas mantinham a cabeça baixa, como se tentassem evitar ser notadas pelos homens armados em volta. Eu não tinha um balde. Só podia torcer para que ninguém me notasse, ou haveria mais perguntas do que eu seria capaz de responder.

A garota na frente da fila tinha mais ou menos a minha idade e vestia um khalat rosa encardido. Uma criança pequena agarrava a bainha, chupando a própria mão. A garota implorava, seus olhos vermelhos de tanto chorar, e ouvi um pouco da conversa quando passei. Ela dizia que sua família passava sede. Não tinham água nem dinheiro. Ela não podia pagar o novo imposto sobre a água, mas implorava pela piedade deles. O soldado a olhou de cima a baixo do mesmo modo que as mulheres sedentas olhavam a bomba d'água.

Dois soldados gallans se aproximaram e conversaram um pouco em seu idioma estrangeiro desagradável. Então um deles, com olhos pálidos como os meus e cabelo excessivamente loiro, gesticulou para que a garota o seguisse. A garota ajoelhou e fez a criança soltar seu khalat, deixando o balde com ela. Eu estava longe demais agora, mas imaginava que dizia para a criança esperar. Apesar disso, a criança deu um passo cambaleante, mas uma das outras mulheres na fila a segurou, mantendo-a parada. Mesmo segurando a criança, a mulher cuspiu aos pés da garota.

— Puta dos forasteiros! — ela gritou, alto o suficiente para que eu ouvisse. A garota de rosa se encolheu.

Lembrei da minha mãe. A raiva me impulsionou na direção deles antes que eu pudesse pensar duas vezes. Eu não tinha um plano, não tinha nem uma arma, mas daria um jeito.

Estava a cinco passos deles quando dois vultos familiares saíram por uma porta, me fazendo congelar. O comandante Naguib vestia um uniforme mirajin dourado com o dobro de botões em

relação à primeira vez em que o vira na Vila da Poeira. Ele parecia se esforçar para ficar reto o suficiente para que seu uniforme caísse bem. O gallan perto dele, por sua vez, parecia ter nascido de uniforme. Era velho o suficiente para ser pai de Naguib, e mais alto. Havia borlas vermelhas penduradas em seu uniforme, mas em vez de fazê-lo parecer uma almofada, elas lembravam cicatrizes. O soldado largou o braço da garota chorosa e saudou rapidamente o oficial superior:

— General Dumas.

Então aquele era o general gallan cujo nome era dito como se carregasse o peso da lei. Fora ele que deslocara meio Exército até lá para caçar o príncipe rebelde. Que arrasara uma cidade do deserto para testar uma arma feita para conquistar o mundo.

Talvez eu não me destacasse muito como mulher, mas Naguib com certeza me reconheceria. Virei rapidamente, olhos procurando uma via de escape. Havia uma porta à minha direita. Palavras sagradas tinham sido gravadas em um rabisco profundo na madeira, o que só podia significar uma coisa: uma casa de oração. Os gallans não veneravam o mesmo deus, Jin me explicara. A porta abriu sem dificuldade e eu entrei, batendo a porta atrás de mim.

Fui recebida pelo som de preces misturadas a soluços.

Os últimos raios de sol escoavam pelas treliças das janelas. Entravam irregulares nos pontos onde a madeira tinha apodrecido. Nas áreas em que a luz batia no chão, dava para ver que os azulejos tinham sido esmagados e transformados em pó. À medida que meus olhos se ajustaram à penumbra, percebi que as preces vinham de uma garota, de joelhos, as mãos acorrentadas à parede. Ela estava rezando, com o rosto pressionado contra o chão, escondido pelo cabelo desgrenhado que parecia quase vermelho no pôr do sol. Como se fosse tingido. Ou estivesse manchado de sangue.

Alguna outra coisa se movia na escuridão. Um uniforme dourado do Exército apareceu sob a claridade. Recuei em direção à porta, mas era tarde demais. Ele tinha me visto.

— Está aqui para rezar? — o soldado perguntou, um tom de sarcasmo palpável em sua voz. Alguma coisa tilintou em seus punhos. Mais correntes. Não era uma casa de oração afinal, pelo menos não mais. Fazia parte da prisão. — Não temos um pai sagrado, mas você é bem-vinda a se juntar a nós.

Por um breve e estúpido momento, eu poderia jurar que aquelas palavras vinham de Tamid. Hesitei, lembrando dos incontáveis dias que passei ajoelhada ao lado dele, enunciando palavras sagradas. Então voltei para o presente, onde meu amigo devia estar morto. Era só o sotaque, percebi. Soava um pouco como o Último Condado. Mas havia mais alguma coisa familiar naquele soldado, algo que não era exatamente próprio da Vila da Poeira, mas que eu reconhecia. Finalmente seu rosto entrou na luz, revelando olhos excessivamente pálidos, e a memória voltou com tudo.

— Conheço você — eu disse.

Do outro lado do deserto, na loja do meu tio, quando Jin se escondeu atrás do balcão e o comandante Naguib entrou. *Este deserto é um antro de pecados*. O garoto magricela metido a esperto com olhos iguais aos meus, que seguia o comandante.

— E eu conheço você. — Ele franziu a testa e baixou as mãos, as correntes tilintando enquanto a garota continuava suas preces. Seu rosto amarelado se contorceu, até que ele lembrou de mim. — É a garota da loja.

— Então é isso que acontece quando você dá respostas sarcásticas ao seu comandante? — perguntei, sem conseguir me segurar.

— Não. — Seu sotaque parecia ficar cada vez mais carregado ao conversar comigo, e meu próprio jeito de falar voltou a ter aquela cadência do Último Condado. — Só sou especial mesmo.

— Você se tem em alta conta. — As preces da garota ficaram mais altas. — E ela?

— Ela é especial também — o soldado disse.

Imaginei que os dois deviam ter irritado bastante o comandante Naguib para merecerem ser trancados ali em vez de com o resto dos criminosos.

— E onde vocês dois estariam se não fossem tão especiais? — perguntei.

O jovem soldado percebeu minhas intenções.

— Você está tentando achar a prisão, não está?

Passei a língua sobre os lábios ressecados, nervosa. Não deveria confiar nele. Era um soldado. Mas era um prisioneiro também. E aquilo deveria significar que estávamos do mesmo lado. Ou pelo menos que tínhamos o mesmo inimigo.

— Se eu ajudar você a sair daqui, vai me dizer onde é?

Encostei nas algemas em suas mãos. Seu pulso parecia febril. Eu tinha prometido a Jin que não faria nada idiota. Mas, se queríamos salvar a caravana, fazia sentido salvar os outros prisioneiros também. Jin sabia forçar uma fechadura. E tinha me ensinado. Numa das vezes em que começara a falar sobre algo que tinha aprendido com o irmão, para logo em seguida se fechar novamente.

— E para onde eu iria? — ele perguntou.

— Não sei — admiti. Ambos estávamos bem longe de casa. — Para onde você quiser.

O som de um tiro lá fora me assustou. E então tudo ficou em silêncio novamente, exceto pelas preces da garota.

— Amani. — Meu nome na boca do jovem soldado me pegou desprevenida. — É o seu nome, não é?

— Como sabe disso?

— Sua prima falava bastante de você. Aquela bonitinha de cabelo escuro. — Shira. Deviam tê-la levado para ajudar a me encontrar, e então chegar a Jin através de mim.

— O que aconteceu com ela? — perguntei. Minha prima tentara me entregar para ser executada. Eu não deveria me importar. — Shira está viva?

— Ela não foi tão útil para o comandante quanto fez parecer que seria. Ou talvez o problema tenha sido você não estar onde deveria. Nós a deixamos com o sultão em Izman. — Uma vez ele espancou até a morte uma mulher que amava. O que aconteceria com uma garota que não significava nada para ninguém em Izman? — Meu nome é Noorsham, aliás. Não que você tenha perguntado. — E o que aconteceria com um pobre menino magricela dos confins do deserto, muito metido a esperto para ser um soldado?

Vozes vieram do outro lado da porta. A garota redobrou a intensidade das preces. Levantei abruptamente.

— É melhor se esconder — Noorsham disse, seus olhos azuis sérios fixos em mim.

Com o coração acelerado, fugi da luz da lâmpada. Não havia iluminação nos fundos da enorme casa de oração transformada em prisão. Eu já estava escondida nas sombras quando a

porta se abriu. Naguib e o general Dumas entraram. Jin dissera que não acreditava em destino até me conhecer, e eu estava começando a achar que ele tinha razão. A única coisa que me impedia de ser pega era um fino véu de escuridão e a boca fechada de Noorsham. Mas Naguib e o general Dumas não deram nenhuma atenção a ele. Só pararam na frente da garota que rezava.

— É ela? — O mirajin do general Dumas era mais claro do que o do soldado que tinha prendido a caravana, como se tivesse sido polido por anos de prática. Ele olhou de relance para Noorsham: — E esse aqui?

— É só um soldado incapaz de obedecer a uma simples ordem — disse Naguib. Até eu sabia que desobedecer uma ordem direta significava execução no Exército. Se não tirasse Noorsham dali, ele estaria morto ao amanhecer.

— Soldados desobedientes representam uma falha de seu comandante — disse o general Dumas. A mandíbula de Naguib estremeceu. — Significa que não respeitam você. — O general sacou a arma. A cabeça da garota ainda estava pressionada contra o chão. Ele segurou seu cabelo, puxando-a para cima com força. A prece se transformou em um grito de dor.

— Por favor — ela implorou. — Não fiz de propósito.

— Solte as algemas dela — o general gallan ordenou. Naguib se incomodou com a ordem, mas o general não notou ou não se importou. O comandante fez como ordenado.

No instante em que as algemas caíram, alguma coisa aconteceu com a garota. As feições de seu rosto começaram a mudar. Seu queixo ficou mais pontudo, seu nariz se achatou, seus olhos pareceram afundar, antes de voltarem ao normal. Ela estava frenética, mudando de um rosto para outro, como se estivesse vasculhando um baralho, tentando encontrar a carta certa para se salvar. Era uma andarilha? Com certeza não era humana.

O general observou com ar de tédio até que finalmente pressionou o cano da arma na testa dela. A metamorfose parou instantaneamente, e ela congelou na forma de uma garota de bochechas redondas e sobrancelhas altas, o cabelo ainda enrolado dolorosamente em torno do punho do general gallan.

Me senti indefesa. Parada no escuro, invisível, com outra pessoa prestes a morrer na minha frente. Do mesmo jeito que havia me sentido com Tamid.

A prece para os mortos ecoou com força pelas paredes. Chegou ao ápice quando a garota suplicou por perdão por seus pecados. Fechei os olhos.

Então ouvi o barulho de um tiro. Eu o senti até nas minhas entranhas.

A prece parou de repente. Mordi meu próprio dedo para não gritar.

— Queime o corpo dela. — A voz do general deslizava pela escuridão. — E diga a qualquer um que perguntar que a levamos como prisioneira.

Quando abri os olhos novamente, a garota estava no chão, imóvel, o sangue se acumulando em torno da cabeça. Noorsham tinha recuado até onde as correntes permitiam e olhava fixamente para o corpo.

— Por quê? — Naguib perguntou. Sua voz não demonstrava qualquer emoção; tinha perdido a aspereza de sempre. — Ela já está morta. Para que fingir?

— É um dos jogos que eu e seu pai fazemos, jovem príncipe. — O general gallan guardou a pistola de volta no coldre. — Eu estava lá na noite do golpe, sabia? A noite em que ele tomou o trono. Eu era apenas um jovem soldado na época. Mas estava logo atrás do meu general quando seu pai fez um acordo com ele, e sei o que foi dito, melhor do que muitos. Melhor até do que

meu rei, talvez. Sei que o sultão concordou em público com a nossa autoridade, mas não concordou que livrássemos seu país desse culto pecaminoso aos demônios que vocês chamam de religião. Sei também o que não foi dito, mas ficou subentendido.

Naguib respirou como se fosse responder, mas o general prosseguiu sem pausa, ganhando impulso enquanto falava.

— Minha mãe também se deitou com um demônio, assim como a esposa do seu pai, mãe do filho que ele não consegue controlar. Minha mãe deu à luz uma criatura verde chorosa. Mas meu pai fez o que deveria fazer. Prendeu minha mãe com ferro e a jogou no mar para morrer afogada. O bebê foi entregue a mim. Parecia que tinha vindo do solo. Então eu o devolvi ao solo. Ele ainda gritava quando o enterrei.

Eu via a garganta de Naguib apertar, como se estivesse engolindo uma resposta.

— Quando aquele demônio nasceu no palácio do sultão, admirei seu pai por assumir a responsabilidade de matar a esposa com as próprias mãos, de acordo com a lei de Gallan. Lembro de pensar que tínhamos feito a escolha certa: aquele homem respeitava os valores gallans, ainda que nem todo mundo no seu país concordasse. Então, para manter os camponeses quietos, fingimos que pequenos demônios serão tolerados, mas eles são enviados discretamente para nós e depois esquecidos. Mas a sua guarda tentou esconder essa prisioneira de nós e entregá-la a você.

— A guarda da cidade não está acostumada a uma grande presença militar gallan. Eles não conhecem seu modo de vida. — Naguib parecia uma criança discutindo com os pais.

— O deserto está fraquejando — o general gallan prosseguiu. — A presença do seu irmão rebelde está cada vez mais forte. Dassama é uma grande perda para nós.

— Ele não é meu irmão — Naguib disse, cuspiendo as palavras. — Meu pai o rejeitou.

— Você é um insulto maior para ele como irmão do que o contrário — o general Dumas retrucou. — Os rumores na capital são de que seu pai fala frequentemente de como gostaria que seus filhos leais fossem tão fortes e inteligentes quanto o dissidente. Acha que não sei que veio para cá montado nos cavalos de areia com sangue de demônio?

Cavalos de areia. Ele estava falando de buraqis. Meu coração deu um salto.

Um buraqi foi capaz de distrair a Vila da Poeira por tempo suficiente para Jin escapar e explodir a fábrica. Vários deles seriam uma distração e tanto.

— Não há lei... — Naguib começou a falar.

— Não, só há jogos. — O general Dumas deu um passo à frente e Naguib cambaleou. — Ganhei minha primeira patente porque matei três dos seus tios na noite do golpe do seu pai. Homens que apoiavam os caminhos pecaminosos da magia e dos demônios, que nem seu avô. Sou muito bom em me livrar de príncipes. Estou aqui para encontrar e executar seu irmão, mas sou eu que decido quem são meus inimigos, jovem príncipe.

— Meu pai...

— Seu pai tem mais filhos do que o dia tem horas. Me pergunto se notaria sua ausência.

O general Dumas se virou e saiu. Naguib permaneceu parado, e ele e Noorsham observaram o general partir. Quando o som de seus passos já tinha cessado, o comandante falou com Noorsham, baixo demais para eu ouvir. Então foi embora também.

Fiquei encostada na parede por algum tempo, tremendo, enquanto o sol terminava de se pôr.

— Amani? — Noorsham chamou na direção da escuridão. Eu não tinha muito tempo. Jin

tentaria vir atrás de mim em breve.

— Noorsham. — Saí das sombras. Eu mal podia enxergá-lo à luz dos lampiões do pátio lá fora, que vazava pelas rachaduras na porta. Ele parecia assustado. — Conte onde fica a prisão e os estábulos, e vou te tirar daqui.

Me perguntei se Jin conseguiria me ver no meu próprio esconderijo no telhado. Estava escuro agora e mesmo a luz da lua cheia não era suficiente para enxergar uma silhueta armada no topo do quartel. Ele tinha dito para eu não fazer nada idiota. Mas era muito idiota da parte deles deixar uma janela aberta nos estábulos. E eu teria que ser muito idiota para não aproveitar.

Segurei na beira do telhado e desci devagar, procurando um apoio com o pé. Em mais de uma ocasião, havia entrado e saído da janela de Tamid com as costas doloridas para trocar um dos meus livros por uma de suas pílulas contra a dor. Eu podia segurar na beira do telhado da mesma forma que me pendurava na beira da janela de Tamid e daria tudo certo. Ou pelo menos as chances de cair e rachar a cabeça seriam as mesmas.

A janela estreita mal possibilitava a passagem de uma pessoa. Tive que deslizar por ela como uma linha entrando pelo buraco da agulha. Senti a pedra raspando na cintura.

Respirei fundo e soltei.

Por um instante insano tudo o que podia ver eram as estrelas, e só conseguia pensar na tolice dos seres imortais que nunca tinham visto a morte e, portanto, não sabiam que deveriam temê-la.

Ralei as costas na pedra do parapeito. Meu cotovelo bateu na pedra, um instante antes de meus pés acertarem o chão com força suficiente para abalar todas as minhas articulações.

Enquanto tentava ficar de pé, soltei vários palavrões em mirajin e em cada idioma no qual Jin me ensinara a praguejar. Havia uma dúzia de baias de cada lado, com portas de madeira com ferrolhos de ferro.

O ar ali era como o céu do deserto antes de uma tempestade de areia. Dava para ouvir dezenas de corpos se mexendo, presos, magia lutando contra ferro. Totalmente de pé, agora eu conseguia vê-los, cabeças espiando sobre a porta de cada baia com curiosidade.

Buraqis.

Eu nunca tinha visto tantas criaturas imortais na vida, todas sozinhas em um único lugar, preenchendo boa parte das duas dúzias de baias. Mas, como os buraqis viviam para sempre, imaginei que os sultões de Miraji tivessem tido bastante tempo para encher o estábulo do palácio ao longo dos anos. Me perguntei se alguns deles seriam os buraqis das lendas. Aqueles cavalgados por príncipes heroicos em batalhas ou cruzando o deserto para salvar uma donzela antes de a noite cair.

A tranca de ferro na primeira porta deslizou com um estrondo capaz de acordar os mortos. Mas parecia que tudo tinha congelado ao meu redor. Respirei fundo, meus dedos tocando o ferro frio. Empurrei a porta para abri-la antes que perdesse a coragem.

A cabeça que levantou para me encarar era da cor do sol do meio-dia sobre uma duna de areia. Dei um passo cuidadoso para a frente. Eu era sobrinha de um comerciante de cavalos, e aprendera a tirar uma ferradura com praticamente a mesma idade em que aprendera a atirar. Mesmo no escuro, era fácil executar aquela rotina familiar. O buraqi sacudiu a cabeça, inquieto, quando a quarta ferradura caiu no chão. Talvez levasse algum tempo para ele se livrar do toque

de ferro na pele e abandonar sua forma mortal, mas eu não podia esperar. Já estava na baía seguinte, com um buraqi da cor da luz fresca da manhã em montanhas poeirentas. O próximo era da cor da escuridão eterna do deserto à noite.

Todos os buraqis estavam se mexendo agora. Começavam a levantar a cabeça além da porta de ferro da baía. Começavam a se transformar de carne em areia e de volta em carne, como se estivessem se preparando para correr como um furacão, enquanto eu rastejava como o calor em um dia sem vento, libertando a todos.

Os buraqis podiam ser criaturas imortais, mas odiavam o som de um tiro tanto quanto um cavalo normal. Me encostei numa parede, levantei o cano da arma em direção ao céu e atirei.

Eles explodiram nas baías, estilhaçando-as pelo caminho. Recuei instintivamente, apertando os olhos enquanto corpos, areia e vento se agitavam ao meu redor. Os buraqis já estavam longe de serem mortais agora, mais próximos de tempestades do deserto em forma de cavalo, e a natureza já tinha derrubado mais paredes do que as mãos dos homens conseguiriam. Os galopes ecoaram pelo estábulo, trincando meus dentes. E então veio um barulho como uma explosão. Quando abri os olhos, a parede que dava para o quartel tinha sido destruída.

Corri pelos destroços e entrei no caos que havia criado. Os buraqis tinham invadido a área de treinamento, levando metade dela com eles — a maior parte de uma parede já tinha desabado, e o que restava parecia que ia cair a qualquer momento. Soldados com uniformes de todas as cores, e alguns sem uniforme, apareciam aos montes. Os gallans sacavam armas, mas os mirajins sabiam que não adiantaria. Não era possível lutar contra uma tempestade de areia com pistolas. Um homem com uma camisa azul abotoada pela metade ergueu a pistola, mirando, então desapareceu sob os cascos de um dos buraqis. Logo gritos humanos se juntaram aos dos seres imortais.

Os buraqis eram feras do deserto e achariam um jeito de retornar às areias. De fato, enquanto eu observava, dois deles atravessaram outra parede, correndo livres pelas ruas. No caos, notei que mais pessoas chegavam ao pátio. Mulheres e crianças com roupas do deserto. Reconheci Yasmin primeiro: ela estava bombeando água freneticamente em um grande cantil de couro pendurado num camelo, tentando reunir suprimentos.

Noorsham. Eu tinha quase esquecido dele no meio da confusão. Estava virando na direção da casa de oração quando fui agarrada por trás.

— O que eu falei sobre não criar problemas? — Havia um brilho bem-humorado nos olhos de Jin, e ele me segurava tão perto que se me puxasse me derrubaria em cima dele.

— Funcionou, não é? — retruquei.

— Isso é indiscutível. — Jin largou meu braço. — Mas precisamos correr enquanto ainda temos uma distração. — Ele olhou para o rastro de destruição criado pelos buraqis. — Diria que agora é um bom momento.

— Não. — Comecei a puxá-lo na direção contrária. — Prometi ajudar um soldado.

Enquanto eu tentava puxá-lo em direção à casa de oração, um buraqi passou acelerado, por pouco não me atropelando. Jin me puxou com força para trás.

— Amani, não temos tempo. Precisamos ir enquanto temos chance, senão vamos ficar presos aqui.

Hesitei. Eu não poderia deixar para trás outro garoto idiota do deserto, fraco demais para sobreviver. Não se ainda tinha como salvá-lo.

— Amani — Jin repetiu. — Você é muito boa em sobreviver. Não jogue isso fora agora. — Ele estava certo. Noorsham não era Tamid. Era tarde demais.

Corri.

As ruas rapidamente se enchiam de homens e mulheres da caravana brigando por espaço, camelos gemendo, moradores de Fahali gritando e correndo em busca de abrigo.

Mergulhamos na multidão. Num instante dei de cara com alguém aterrorizado, no seguinte fui empurrada contra uma parede. Num instante Jin estava lá, em seguida sua mão foi arrancada da minha. E então eu estava sozinha, correndo no meio de uma confusão de desconhecidos. Arranquei meu khalat enquanto corria, me transformando de volta em garoto.

Os sons de tiros ecoaram bem atrás de nós. Virei desajeitada numa esquina, as mãos ocupadas tentando amarrar meu sheema. Tropecei e caí. Alguém me puxou pelo ombro, me botando de pé. Olhei para trás e vi um homem que não conhecia. Ele tinha me salvado de ser pisoteada.

Não tive nem tempo de agradecer antes de a multidão engoli-lo e me forçar a seguir pelas ruas.

Os portões estavam abertos. Era uma visão que fazia meu coração disparar mais rápido do que os buraqis. Comecei a acelerar, minhas pernas correndo com o dobro da força, me impulsionando como se eu estivesse correndo no vento e na areia também. Avante. Avante. Para fora dos muros. Longe dessa armadilha. Um grito de puro alívio, alegria e vida na minha garganta.

E então tudo o que eu podia enxergar era areia, e esqueci de todo o resto. Medo. Bombas. Jin. O deserto nos recebia com enormes braços abertos. A massa confusa que era puro caos nas ruas se tornou ordem na areia, um retorno ao lar.



NÃO TÍNHAMOS ESCOLHA A NÃO SER CAMINHAR PELA ESCURIDÃO. Havia perigos na noite do deserto, mas também havia ameaças atrás de nós em Fahali. E precisávamos estar bem longe delas quando o sol nascesse. Nem mesmo o comandante Naguib seria estúpido o suficiente para nos seguir pelo deserto no escuro.

A noite era diferente ali, sem uma fogueira de acampamento. Sem risos, música e histórias da caravana para abafar os sons que vinham da escuridão. Coisas que faziam barulho sob a areia na noite do deserto. Coisas que gritavam das montanhas. Agora podíamos ouvir todas elas.

Os integrantes da Joelho de Camelo se aglomeraram bem próximos. O único som que vinha deles era o tilintar da sela dos animais e o som de preces murmuradas. O rosto de Yasmin parecia pálido à luz do lampião que balançava nas costas do camelo mais próximo. Um de seus primos menores tinha dormido em seu colo.

— Três horas até o nascer do sol — Jin disse, observando o céu.

Assenti conforme ele voltava para defender o fim da caravana, enquanto eu permanecia à frente. Sabia que fazia muito tempo que estávamos caminhando. A distância tinha engolido Fahali atrás de nós. A noite parecia muito maior do que jamais havia sido. E eu me sentia menor do que nunca.

Então ouvi um som e parei de andar. Tinha alguma coisa ali perto... Me virei devagar, examinando as áreas pouco iluminadas pela lua e pelo punhado de lampiões pendurados nos camelos, os poucos que tínhamos conseguido levar conosco, criando pequenos círculos de luz.

Eu o vi um instante antes de ele saltar. Uma pequena bola de couro viscoso se revelou um carniçal, com membros magros e compridos, asas negras translúcidas, a enorme boca aberta em um guincho.

Atirei. Algumas pessoas da caravana gritaram e abaixaram instintivamente diante do barulho.

A bala o acertou bem no meio do peito. Tripas negras se espalharam pela areia. A criatura guinchou novamente. Dessa vez, das profundezas da noite, uma centena de vozes idênticas gritou em resposta.

Yasmin virou o cadáver com o pé enquanto a caravana olhava fixamente em silêncio. Congelada de medo.

— Um pesadelo — ela confirmou.

Eu não via um pesadelo desde criança, quando um deles rastejara para dentro de casa enquanto dormíamos. Minha mãe enfiou uma faca de cozinha nele antes que alcançasse alguém. A criatura não lutou muito. Mas era um pesadelo sozinho, ferido e desesperado. O que eu tinha acabado de matar estava no seu próprio território, onde viajavam em bando.

Eu podia vê-los conforme meus olhos se ajustavam à escuridão. Rastejando pela areia, as asas cheias de tendões ondulando nas sombras. Criaturas que se alimentavam de medo em vez de carne ou sangue. Uma mordida venenosa colocava as vítimas em um sono inquieto preenchido pelos piores pesadelos que a mente poderia criar. Então os pesadelos cravavam os dentes no coração e sugavam o medo que sangrava da primeira mordida. Alguns diziam que eles sugavam a alma da pessoa. A maioria não acordava depois da mordida de um pesadelo. Verifiquei o punhado de balas no bolso. Não tinha o suficiente para tantas criaturas.

— Todo mundo perto da luz — gritei para a caravana. Carniçais não conseguiam caçar durante o dia. A luz dos lampiões não era exatamente a mesma coisa, mas era o melhor que tínhamos. — Isso não muda nada. Vamos continuar andando e...

— Um andarilho! — disse Oman, o alto.

Levantei a arma, pronta para encarar o novo monstro, procurando na direção que ele apontava.

Só que o homem estava apontando para mim.

Meu sheema, mal amarrado depois da fuga de Fahali, tinha caído quando eu atirara, e agora meu cabelo descia até os ombros, meu rosto exposto.

Oman avançou até mim a passos largos e furiosos. Jin chegou num instante. Ele barrou Oman, pondo a mão no peito dele antes que chegasse até mim, um gesto que avisava que poderia facilmente tornar aquilo doloroso se necessário.

— Pense bem no que vai fazer, amigo.

— Ele é um andarilho — Oman disse, ríspido, embora tivesse o bom senso de não se esforçar para se livrar da mão de Jin. — Acabou de mudar de forma.

— Não. — Parviz levantou um lampião para me ver melhor. — É só uma mentirosa.

— Bem, eu não menti exatamente, só enganei vocês. — Era um alívio falar na minha própria voz, mesmo que estivesse me esforçando para manter um tom casual. — A diferença é que vocês podem culpar a si mesmos tanto quanto a mim. — Eu não estava mais tremendo. Me recusava a tremer, mesmo que a caravana inteira estivesse olhando para mim como se eu fosse uma aberração.

Isra sussurrou um pouco alto demais para Jin:

— Então vocês não são irmãos... — Ela me olhou de cima a baixo. — E cá estava eu pensando que você seria um bom partido para a jovem Yasmin. Devia ter suspeitado, era atenção demais para um irmão.

Parviz me analisou do mesmo jeito que tinha feito em Massil. Eu não sabia o que ele estava enxergando. O mesmo garoto com a arma, talvez, só que com seios e uma cintura bem definida.

— Como devo confiar em uma garota para nos manter vivos?

— Pai, ela nos salvou da força em Fahali — Yasmin argumentou, mas foi silenciada com apenas uma mão levantada.

— Ela nos trouxe até o deserto à noite. — Parviz acenou para os pesadelos no escuro. —

Veja onde estamos agora. — Parviz cuspiu de raiva. — Estaríamos seguros à luz do dia se não fosse por ela.

Aquilo doeu. Depois de quase dois meses de confiança, bastava eu ser uma garota para mudar tudo.

— Vocês estão aqui porque decidiram que o dinheiro era mais valioso do que a vida de vocês — Jin interrompeu. — E agora Amani é sua melhor chance de sobreviver. Eu ouviria o que a garota do deserto com uma arma tem a dizer, se fosse você.

— Pretendo continuar viva esta noite. — Fechei o tambor da arma. Parecia que naquele deserto eu sempre era vista como fraca, simplesmente por não ser homem. — Permaneçam na luz e peguem qualquer coisa de ferro que tiverem. Se alguma coisa se mexer, vamos atirar. — Como mulher, eu havia perdido qualquer autoridade que tivesse.

A caravana olhou para Parviz, cujos olhos se alternaram entre mim e Jin.

— Façam o que ela diz — ele ordenou finalmente, colocando a caravana em movimento. E então, voltando-se para nós, completou: — Protejam-nos até a alvorada e não vou cortar seu pagamento.

Os pesadelos estavam cautelosos, mas famintos. Eles se mantinham fora da luz, mas toda vez que notavam uma sombra saltavam no ar abrindo as asas e bloqueando as estrelas. Então um tiro ecoava e eles caíam se contorcendo na areia.

Eu praticamente atirava às cegas. Os pesadelos eram tão negros quanto a noite ao nosso redor. Pareciam parte da areia até se arremessarem na nossa direção, a luz de tochas os iluminando por apenas um instante antes que fosse tarde demais.

Mas nunca era tarde demais. Eu não errava.

Dava um tiro atrás do outro, em um transe hipnótico enquanto minha mente se rendia às minhas mãos e ao gatilho. A noite era gritos, cheiro de pólvora e o clique do tambor se fechando com balas novas.

Atirei de novo, duas vezes seguidas. Um par de pesadelos caiu e minha arma fez um som indicando a falta de balas. Eu já estava procurando munição nova antes de o último pesadelo parar de estremecer. Meus dedos roçaram três. Só três.

Voltei a mim mesma de repente.

Minhas mãos tremiam um pouco quando inseri as balas na arma. O céu tinha a cor de uma ferida convalescente. Em algum lugar além do horizonte, o sol parecia não ter pressa nenhuma. Eu não sabia se conseguiria fazer aquelas três balas renderem.

Um pesadelo se destacou das sombras a um metro de distância, e eu atirei antes que pudesse vê-lo direito.

Duas balas agora. Mais um pesadelo morto. Dezenas rastejando pela areia. Esfreguei os olhos, cansada.

— Você está bem? — As mãos de Jin estavam no meu ombro, mas seus olhos ainda fitavam o deserto. O brilho distante no horizonte criava um jogo de luz e sombras em seu queixo.

— Eu estou viva — falei. — Você parece estar também.

— Sabe, no mar tem um ditado que diz: “Céu vermelho ao amanhecer, marujos, melhor correr”.

Olhei de relance para o horizonte.

— É um pouco tarde para um alerta. Teria sido útil ontem. — Eu podia sentir minhas mãos

doloridas de apertar a arma com tanta força. — Quantas balas você ainda tem?

Jin simplesmente sacudiu a cabeça em negativa. Abri o tambor da minha arma. Meus dedos cansados procuravam uma das balas.

— Não — Jin balançou a cabeça de novo. — Você atira melhor que eu.

— Uma bala para cada um. É justo. Você cobre a traseira, eu pego a dianteira. — Jin hesitou apenas um segundo, então pegou a bala e abriu o tambor de sua arma enquanto eu apontava a minha para o deserto, dando cobertura por tempo suficiente para que recarregasse e recuasse. O sol estava quase nascendo.

Dois deles saltaram ao mesmo tempo. Mirei no segundo. E hesitei. O primeiro estava correndo pela areia, direto para Yasmin. Ela deu um grito. Jin a empurrou para fora do caminho. Ele atirou antes que eu pudesse mirar. E errou.

O pesadelo agarrou seu peito. Seus dentes afundaram em seu coração.

Atirei sem pensar no que aconteceria se eu errasse a criatura e acertasse Jin, e sem levar em conta que já era tarde demais para salvá-lo. Minha última bala atingiu o pesadelo na cabeça, e a criatura cambaleou para longe em um caos de asas se debatendo, morrendo na areia quando o sol irrompeu no horizonte.

O deserto foi preenchido pelo som de gritos e correria, e os pesadelos se enterraram de novo na terra.

Corri para Jin, com minha arma inútil na cintura.

— Ei, ei. — Dei tapinhas leves em seu rosto para não precisar olhar para a enorme ferida em seu peito e para o sangue e o veneno se misturando logo abaixo da tatuagem. Ele parecia ter tomado uma dose de veneno direto no coração. Eu tinha certeza de que o meu estava batendo forte o suficiente por nós dois.

Minhas mãos tremiam tanto que eu não conseguia achar sua pulsação. Seus olhos estavam fechados, seu corpo esparramado, a arma ainda na mão como um soldado caído. Finalmente vi seu peito subir e descer bem devagar, a respiração fraca.

Uma sombra alongada pela primeira luz da manhã caiu sobre nós. Apertei os olhos em direção a Parviz.

— Me ajude. — Eu não era muito fã de implorar, mas já estava de joelhos, então podia aproveitar. Não tinha como a situação ficar pior.

— Ele está condenado, a menos que receba o tratamento adequado — Parviz disse, avaliando Jin. Seu pulso parecia fraco demais na minha mão. — Ainda estamos a dias da civilização.

Tentei lembrar quanto tempo levava para o veneno de um pesadelo atingir o corpo inteiro. Uma noite? Um dia? Menos?

Parviz roçou a barba com o punho.

— Estamos desperdiçando a luz do sol.

Ele estava certo. Me posicionei para apoiar o braço de Jin e botá-lo de pé.

— Me ajude a levar Jin até um camelo.

Parviz franziu a testa, como se eu fosse ruim da cabeça. Imaginei que ele realmente achasse aquilo, já que eu não era homem.

— Ele já está praticamente morto. Os mortos são apenas peso adicional.

— Jin ainda não está morto. — Eu não conseguia evitar pensar que eles me ajudariam se ainda achassem que eu era um garoto. — E todos aqui estariam mortos se não fosse por ele.

— Vamos brindar em gratidão quando estivermos em segurança. — Parviz não hesitou. — Mas até lá estamos com baixíssimas reservas de água, e é desperdício tentar ajudar um garoto que não vai sobreviver até o próximo nascer do sol. Você pode ficar com ele e morrer também, ou vir conosco. É melhor decidir rápido.

Ele estava certo. Jin estava praticamente morto. E eu tinha jurado que não ia morrer naquele deserto por causa de ninguém. Eu tinha dito que não valia a pena morrer por Jin. Não quando eu estava tão próxima de Izman.

Seria tão fácil.

Não. Era Jin. Seria impossível. Eu havia temido a chegada a Dassama porque não queria me separar dele. Queria ficar com Jin mais do que queria ir a Izman. Gostava da vida com ele no deserto. Era como se fôssemos iguais. Como se nos encaixássemos. Emaranhados demais para nos separarmos tão fácil.

Pensei nas ruínas de Dassama. Se Jin morresse, não haveria ninguém para levar a notícia do que os gallans estavam fazendo com nosso povo. O deserto não tinha piedade, tampouco a merecia. Ele deixava os fracos morrerem, quando não os matava de uma vez.

Mas não Jin, que era de outro país. Ele não pertencia ao deserto, pelo menos não o suficiente para morrer com ele. Não importava a idiotice que ele estivesse tentando fazer. Ele não merecia ser deixado para trás por uma garota do deserto querendo salvar a própria pele.

Como Tamid foi deixado. E Noorsham.

— Você pode ir até a civilização ou para o inferno, eu não me importo. — Senti como se a areia estivesse se espalhando em torno dos meus pés até não haver nada além dela no mundo, deixando Izman cada vez mais distante. — Não vou abandonar Jin aqui para morrer.



PUXEI A FACA DO CINTO DE JIN. Houve piedade e então uma fuga covarde, e os covardes já tinham seguido adiante. Pressionei a faca contra a ferida, e o veneno escuro vazou. Limpei-o na camisa antes de encostar a faca de novo em sua pele. Fiz isso de novo e de novo até meu pescoço queimar do sol e sair mais sangue do que líquido negro.

— Jin! — Dei um tapa forte na cara dele. Seus olhos pareceram ainda mais apertados, então bati de novo. Seus olhos abriram. — Jin! — Segurei os ombros dele. — Não ouse adormecer de novo.

Seus olhos se abriram só um pouquinho, o suficiente para me enxergar.

— Onde... — ele começou a falar, fraco.

— Eles continuaram andando. — Sentei. — Precisamos seguir a trilha da caravana até a civilização. Achar ajuda. Remédio.

— E você ainda está aqui? — Jin apertou os olhos na minha direção e começou a rir, sem forças. — Devo estar sonhando. Ou morto.

Eu tinha que mantê-lo acordado.

— Então você sonha comigo com frequência?

— Sonhos. Pesadelos. Não tenho certeza. — Ele ergueu a mão como se quisesse verificar se eu realmente era uma ilusão. Quando a passou pelo meu rosto, eu a segurei e a apoiei no meu ombro.

— Vamos lá, sonhe que está de pé. — Coloquei o ombro sob o braço dele e o puxei para cima.

Jin disse algo para mim em xichan e então riu como se fosse a coisa mais engraçada do mundo. Talvez ele não estivesse lúcido, mas pelo menos tinha levantado. E quando comecei a colocar um pé na frente do outro, ele fez o mesmo.

Estávamos caminhando já havia algum tempo quando ele começou a balbuciar. Palavras em outras línguas. Nomes que eu não conhecia. Só um deles eu reconheci: *Sakhr*. Nossa velha piada trazida à tona pela sua mente entorpecida pelo veneno. Tentei impedi-lo de falar, mas Jin estava perdido demais em algum delírio. E eu não tinha forças para me preocupar com mais nada além de mantê-lo andando.

O sol estava acima de nós quando percebi que não estávamos mais seguindo a trilha da caravana na areia. Eu me virei, confusa. Tínhamos nos desviado do caminho? A trilha tinha sido apagada pelo vento? O sol tinha nascido à nossa direita naquela manhã. Eu já não tinha certeza se ainda estávamos caminhando para o norte — ou para qualquer outra direção.

— Estamos perdidos.

Jin estava sentado com a cabeça entre os joelhos. Ele se esforçou para tirar alguma coisa do bolso que reluziu no sol. A bússola quebrada.

— Aqui. — Colocou a bússola na minha mão. — Não estamos perdidos.

Ele estava realmente delirando se achava que uma bússola quebrada nos ajudaria. Alguma coisa dentro de mim estava se partindo. Eu podia sentir na minha voz. Nós dois morreríamos. No deserto, perdido significa morto. Se as criaturas das sombras não matassem você, o sol matava.

— Jin. — Eu me agachei perto dele, tentando mantê-lo acordado. — Jin, esta bússola não aponta para o norte. Se a seguirmos, para onde estaremos indo?

Dava pra ver que Jin se esforçava para permanecer lúcido, seu corpo lutando contra o veneno do pesadelo.

— Conseguir ajuda. Não estamos longe.

— Não estamos longe do quê? — insisti.

Mas a única resposta foi algo em xichan que não entendi. Ele não estava mais falando coisa com coisa. Afundei na areia, segurando a bússola. A seta apontava diretamente para oeste agora. Para o vale de Dev. Em meio à cerração do calor do deserto eu conseguia ver o lugar onde a areia terminava: um penhasco. Certo. Não fazia muita diferença morrer seguindo o norte ou o oeste.

Era muito mais difícil descer o desfiladeiro do que parecia olhando de cima. E já tinha parecido impossível. Jin ainda conseguia andar, mas se apoiava com mais força em mim a cada passo que dava.

Eu tinha um corte feio no braço de me ralar em algumas pedras soltas quando começamos a descida. Uma costela rachada de quando bati em uma pedra quando estávamos terminando de descer. E ainda contava com outros machucados adquiridos no meio do caminho com os quais ainda não tivera tempo de me preocupar. O resto do meu corpo irradiava uma dor entorpecente sob o peso de Jin.

Pelo menos havia água no fundo do vale.

O vale de Dev corria como um corte profundo na pele do deserto, e no meio dele havia um rio raso como uma veia exposta. Sentei Jin no chão e mergulhei as mãos na água, limpando o sangue antes de enfiar o rosto e engolir o mais rápido que podia.

Coletei um punhado de água.

— Jin. — A cabeça dele estava inclinada para trás, os olhos fechados com força contra algo que ele não queria ver, algo que só existia dentro da sua cabeça. — Jin.

Pressionei a água em sua boca e o forcei a beber.

Sentei com as pernas na água e peguei a bússola. Pelo menos ainda estava inteira. Ela apontava direto para o labirinto do desfiladeiro, mas não dizia quão longe eu precisava ir, e Jin não estava em condições de me explicar. Só tinha um jeito de descobrir.

Eu estava tentando levantar Jin quando ouvi um som ecoando pelas paredes do desfiladeiro:

cascos de cavalo batendo em pedra. Alguém estava vindo de lá. Hesitei por apenas um instante antes de procurar um lugar para nos escondermos. Nos movíamos num ritmo dolorosamente lento, o peso de Jin pressionando minha coluna. Praticamente o arrastava até o labirinto empoeirado. Podia ouvir o som dos cascos aumentando a cada passo. Estávamos andando muito devagar. Precisávamos chegar a um esconderijo antes que fôssemos vistos. Alcançamos um dos corredores do desfiladeiro no mesmo instante em que um soldado vestido com o azul dos gallans surgiu por outro.

Meu corpo inteiro se rebelou quando lembrei dos gallans em Fahali. O general com a arma na cabeça da garota. Mas não havia nada que eu pudesse fazer a não ser prender a respiração e observar, escondida nas sombras do desfiladeiro, enquanto o soldado desmontava do cavalo, ajoelhando-se para tomar água.

— Amani... — Jin finalmente abriu os olhos. Eles pareceram lúcidos por um momento. — Ele não pode nos ver, se nos vir...

Tampeei a boca dele enquanto o soldado levantava a cabeça, olhando na nossa direção.

— Ele não vai ver a gente — prometi o mais baixo possível.

Esperamos em silêncio enquanto o soldado terminava de beber a água do rio e montava novamente. Do topo do cavalo, puxou algo pendurado em seu pescoço com um brilho prateado e colocou uma ponta do objeto na boca. O som agudo e alto de um apito ecoou pelas paredes do desfiladeiro. Ele esperou até o silêncio retornar. E então outro apito respondeu. Em seguida, um terceiro se manifestou.

Uma equipe de busca. Para nós, ou para alguma outra coisa.

— Eles não vão ver a gente — repeti, tão baixo que não sabia se estava falando com Jin ou fazendo uma prece. — Não vão nos encontrar.

*

Estávamos caminhando havia algumas horas quando precisei descansar. Encostei na pedra, deixando Jin deslizar até o chão, tentando recuperar o fôlego. Tivéramos que voltar atrás duas vezes quando o caminho terminara em nada. Segurei a bússola contra o peito. Eu ainda estava seguindo a agulha, mas precisava que minha cabeça parasse de girar. Cada passo dado aumentava a chance de que o próximo me levasse aos soldados gallans.

O sol estava baixando no horizonte quando demos em outro caminho sem saída. Mas aquele era diferente dos outros.

A parede do desfiladeiro estava pintada de cores vibrantes, quase violentas, uma por cima da outra, do chão poeirento até onde eu conseguia enxergar. Uma garota loira se transformando num animal. Um djinni vermelho imenso lutando contra as ondas. Um homem de pele azul cercado de demônios. Uma batalha que seria capaz de rachar a terra onde estávamos e deixar uma marca do tamanho daquele vale. Entre uma dançarina com cobras no lugar do cabelo e um demônio segurando uma cabeça decepada, estava pintada uma porta. Verifiquei a bússola. Não havia dúvida de que apontava para a frente.

Passei a ponta do dedo na porta. Parecia de rocha sólida. Pelo menos até a palavra secreta ser sussurrada. Como nas histórias.

Talvez eu fosse uma garota ingênua com o mau hábito de acreditar nas histórias que minha mãe me contava.

— Jin. — Sacudi seus ombros. Eu tinha tanta sede que minha voz saiu arranhada. — Jin, acorda. Preciso que você acorde. Preciso da palavra secreta.

— Perdidos? — Recuei instintivamente ao ouvir aquilo. O soldado gallan, aquele que tínhamos visto antes, estava de pé a alguns metros de distância, encostado numa parede do outro lado do vale, na sombra, parecendo confiante.

Talvez eu teria ficado com medo se já não estivesse tão desesperada.

— Como você nos encontrou? — Minha voz estava falhando.

— De pé, senão terei que atirar — ele ordenou. Mas não havia armas à vista. E ele estava falando um mirajin perfeito.

Alguma coisa estava errada.

— Por que você não vem aqui e me obriga? — Ele hesitava em meio às sombras. Então notei o sangue fresco em seu queixo. — Ou está com medo da luz do dia, andarilho?

A mudança no seu rosto foi instantânea. Era o rosto de uma pessoa, mas sem qualquer traço de humanidade. O andarilho arreganhou os dentes pontiagudos no rosto do soldado — o rosto que pertencia à sua vítima mais recente, me dei conta. Observei aterrorizada o andarilho caminhar calmamente até os limites da sombra projetada pelas paredes do desfiladeiro.

— Seria legal te devorar agora. — Sua língua longa e escura serpenteou em meio aos dentes afiados. — Estou *faminto*. Mesmo depois de comer a carne daquele forasteiro. E você parece saborosa. Mas acho que posso esperar algumas horas.

— Pode esperar sentado. À noite não estarei mais aqui. — Apoiei o braço de Jin no meu ombro. Se tinha uma coisa capaz de me manter motivada, era um andarilho.

— E para onde você vai, olhos azuis? — O andarilho tinha um sorriso faminto. — Você está presa. — Olhei de relance para o caminho de onde tínhamos vindo. No tempo em que ficara sentada, o sol se movera o suficiente para deixar a abertura do vale em sombras.

Jin e eu estávamos no último resquício seguro de luz do sol.

— Abra. — Esmurrei a porta. — Destrave. Me deixe entrar. — A superfície de rocha pintada não se mexia. Eu não imaginava que a palavra secreta fosse óbvia, mas não ia morrer sem pelo menos tentar.

— Acho que vou manter você viva por um tempinho. — O andarilho caminhava em círculos perto do limite das sombras. — Assim você vai poder me ver consumir sua carne com esses olhos bonitos e eu vou poder ouvir você gritar. — O andarilho abriu um sorriso cheio de presas com a boca do soldado gallan morto. Ele queria minha atenção. Estava praticamente em cima de mim agora, as sombras tão próximas que tive que encolher o cotovelo para perto da barriga. A luz o queimaria. Mas ele era paciente, já que ela encolhia a cada instante.

Meu tempo estava se esgotando.

Escorei na pedra. Íamos morrer ali. Tínhamos escapado da Vila da Poeira, pulado de um trem, atravessado um deserto e sobrevivido a Fahali e aos pesadelos, e era assim que a minha história chegava ao fim. Num desfiladeiro empoeirado, pelas garras de um andarilho faminto.

Histórias. A memória relampejou fraca na minha mente.

Sakhr.

Jin tinha errado o nome. O nome do djinni usado para pedir ajuda, para abrir portas para o

seu reino. E então Jin tinha errado o nome de novo. Tinha dito esse nome quando balbuciava coisas sem sentido por causa do veneno do pesadelo no deserto.

Me inclinei mais perto da porta. Me sentia tola, mas não havia ninguém assistindo além de um andarilho que queria me devorar inteira, e eu não me importava muito com o que ele pensava. Encostei a boca na fechadura pintada e sussurrei o nome.

— Sakhr. — Prendi a respiração.

Nada aconteceu. Com o último fiapo de esperança destruído, apoiei as costas contra a porta.

O sol me traiu em um piscar de olhos. Num instante estávamos no último feixe de luz, no seguinte as sombras chegaram até mim. E com elas veio a mão do andarilho. Garras longas raspavam meu braço, sangue brotando em cinco longas trilhas na minha pele.

Ele tentou morder meu pescoço. Eu lembrei do que Jin tinha me ensinado: não tentei me soltar. Joguei meu peso contra o monstro. Seus dentes arranharam carne e sangue, abrindo meu ombro. Agonia tomou conta do meu corpo todo e caímos juntos no chão.

Eu o empurrei para longe e cambaleei para trás, batendo na parede pintada. Meu sangue manchou o desenho de uma garota montada num leopardo. Um detalhe bem insignificante para notar antes de morrer.

O ruído de pedra raspando contra pedra preencheu meus ouvidos. Um arco foi aberto onde antes havia a porta pintada. Ali estava a garota mais linda que eu já tinha visto. Como se ela já tivesse nascido bonita, mas tivesse sido tratada e arrumada até que ficasse o mais perfeita possível. Seu rosto eram planícies e dunas do deserto, mas seus olhos escuros não eram complacentes. Fios de cabelo escuro pendiam sobre seus cílios enquanto ela observava fixamente a cena diante de si. Suas sobranceiras levantaram quando viu Jin desmaiado na areia, perto de mim. Ela então olhou para o andarilho. Puxou um par de cimitarras de trás de si, produzindo um assovio, e as empunhou diante do corpo.

— Você tem sangue nas garras. — O andarilho saltou pra cima dela.

A garota não se movia como Jin, ou como qualquer soldado que eu já tinha visto. Ela se movia como uma tempestade que alguém havia equipado com armas de ferro. Deu um passo para o lado, desviando do carniçal como se ele fosse insignificante, a espada na mão direita dilacerando o braço dele. O monstro rosnou e a contornou bem a tempo de ser atingido pela espada esquerda no estômago, enquanto a direita cortava seu pescoço. Os olhos no rosto roubado se arregalaram. Por um instante meu coração apertou — ele parecia tão humano. Então sua boca de presas se abriu.

A garota arrancou as lâminas do corpo dele, banhadas com o sangue escuro do carniçal. A criatura desabou no chão, morta.

— Então foi você que disse a senha — ela falou.

Abri a boca para responder.

Numa fração de segundo percebi que tinha perdido muito sangue e então tudo ficou escuro.



ACORDEI OLHANDO PARA AS ESTRELAS.

Fechei os olhos e então os abri de novo. As estrelas estavam costuradas na tenda acima de mim, constelações de tecido amarelo à luz do lampião. Tomei impulso para levantar, mas meu braço se rebelou de tanta dor, fazendo minha cabeça girar. Eu me sentia horrível. O que era um privilégio de estar viva, pelo menos.

Levou um instante para minha cabeça se estabilizar. Meu braço estava enfaixado do pulso até o ombro. Os curativos cheiravam a mel e alguma coisa que não reconheci.

Jin estava perto de mim, deitado imóvel sob um cobertor pesado puxado até os cotovelos. Seu peito nu estava ensopado de suor. Ataduras novas tinham sido colocadas, então eu não conseguia mais ver a ferida. Mas seu peito levantava e caía com uma respiração leve, e aquilo era suficiente para acalmar minha própria respiração. Ele estava vivo. Nós dois estávamos. A onda de alívio que aquilo provocou bastou para que eu conseguisse me apoiar nos cotovelos e olhar em volta.

No canto estava um desconhecido. Um garoto mais ou menos da idade de Jin, braços cruzados, rosto redondo, cabelo preto cacheado caindo sobre os olhos, a boca meio aberta enquanto dormia.

Sentei devagar, com cuidado para não acordá-lo. O fato de estar enfaixada e não algemada e amordaçada parecia um bom sinal. Mas só porque tinham me tratado bem não queria dizer que eu devia confiar naquelas pessoas. Quem quer que fossem.

Minha camisa tinha sido substituída, mas meu sheema ainda estava amarrado na cintura, e entre ele e meu corpo estava a bússola. Meu coração acelerou de alívio quando a peguei.

Percebi uma pequena pilha de garrafas e curativos no canto, e entre eles uma faca que parecia ser usada para fins médicos. Tinha sangue seco nela. Eu a peguei. Precisava descobrir onde estava. E não ia sair por ali desarmada.

Foi fácil passar pelo garoto dormindo. No instante em que abri a tenda para sair, a luz do sol atingiu meu rosto com violência, me cegando.

Alguém tinha pintado o mundo enquanto eu dormia.

Eu achava que verde era a cor do mato ralo que lutava para abrir caminho entre as pedras —

não aquela cor que anunciava sua existência ao deserto sem um pingo de medo. Atrás de mim, a enorme face dourada do rochedo empoeirado se agigantava atrás do campo, mas a areia se rendia rapidamente à medida que se afastava das paredes. Estávamos diante de um oásis, um surto de cor e vida, cheio de pessoas. À primeira vista eu diria que era do tamanho da Vila da Poeira, com mais ou menos umas cem pessoas. Só que comparar aquele lugar à Vila da Poeira seria como comparar um buraqi a um burro. No centro de tudo se erguia uma torre dourada e vermelha, alta o suficiente para arranhar o azul do céu.

Minhas pernas decidiram caminhar em vez de fraquejar no último segundo. Segurei a bússola próxima ao corpo com uma mão e a faca com a outra. Eu não sabia o quão útil seria. Estava desorientada, por causa da perda de sangue ou da estranheza esmagadora do lugar. Era como se minhas pernas se movessem sozinhas. Uns poucos passos e a areia escaldante ficou mais fria, conforme eu entrava na sombra do oásis.

Passei embaixo de árvores carregadas de laranjas, romãs e outras frutas que nem reconheci. Elas cresciam em todos os lugares, em torno de piscinas tão límpidas e profundas que eu sentia que se chegasse perto o bastante poderia enxergar o coração pulsante da terra dentro delas.

A agulha da bússola apontava para o oásis. Tendas de todas as cores estavam espalhadas entre as árvores, apoiadas nos troncos para suporte ou penduradas nos galhos.

E as pessoas. Todos vestiam cores que pareciam ter sido criadas quando o mundo ainda era novo. Algumas pessoas estavam reunidas em torno de uma piscina, lavando roupas e conversando; não levantaram a cabeça quando passei. A garota que tinha matado o andarilho estava com meia dúzia de homens e mulheres com espadas de madeira no que parecia um treino militar. Quase pisei em dois garotos, que deviam ser mais novos do que eu e mexiam desajeitados em alguma coisa que parecia uma bomba. Ambos levantaram o olhar para mim.

— É melhor você passar bem longe disso — um deles disse.

— Preferimos explodir apenas nossas próprias mãos. — Quando o segundo garoto falou, percebi que não era um garoto, no fim das contas. Era uma menina, o cabelo cortado rente à cabeça, bem magricela, mas ainda assim uma menina. Nenhum deles parecia preocupado com o fato de eu ser uma desconhecida. Talvez ter uma porta mágica significasse que você não precisava ser tão desconfiado. Dei uma longa volta para passar longe dos dois, por via das dúvidas, mesmo não tendo certeza de para onde estava indo.

Saí da área das árvores e entrei numa grande clareira de areia. À minha frente estava a maior tenda de todas. Tinha o dobro da altura de um homem e parecia capaz de conter metade do acampamento — era mais um pavilhão do que um lugar para dormir. A lona era vermelha, com um enorme sol azul costurado.

Idêntico à tatuagem de Jin.

Conforme me aproximava, vi uma silhueta sozinha de pé na tenda. Deveria ficar pequena sob o dossel alto, mas de algum modo parecia preencher o espaço tão facilmente quanto a luz do sol. Era um garoto debruçado sobre uma mesa, e tudo o que eu podia ver era a coroa em sua cabeça. Suas mãos estavam posicionadas nas extremidades de um mapa enorme. Outros papéis estavam presos por pedras, copos vazios e armas.

E uma bússola velha de latão.

A luz do sol refletiu na faca na minha mão, enviando um raio de luz que atravessou a tenda. O garoto levantou a cabeça, seus olhos mirando diretamente em mim.

Ele não teve a reação que qualquer um teria diante de uma garota estranha hesitando na entrada do pavilhão, empoeirada, machucada, com marcas de sangue, cabelo emaranhado cheio de areia e uma língua que de repente não funcionava. Olhou para mim como se eu tivesse todo o direito e toda a razão de estar de pé ali.

— Você está ferida. — Sua testa se franziu em preocupação. Por um instante não entendi, então percebi que havia sangue nos meus curativos.

Então seus olhos focaram a faca na minha mão. Fiz a única coisa que me veio à mente. Levantei a bússola como uma oferta de paz.

— Trouxe isto.

— Ah. — A compreensão tomou conta de seu rosto. — Você é a garota que Shazad trouxe com o meu irmão.

Ele continuou falando, mas só ouvi uma coisa.

Irmão.

Vasculhei a mente em busca de outra explicação, mas só havia uma pessoa de quem ele podia estar falando.

Jin.

— Quem é você? — perguntei, embora pudesse adivinhar.

Um sorriso incerto passou pelo seu rosto, como se ele não tivesse certeza se eu estava brincando. O sorriso dele não tinha nada a ver com o de Jin.

— Meu nome é Ahmed.

Ele não disse o nome completo. Não disse que era o príncipe Ahmed Al'Oman Bin Izman. O príncipe rebelde e herdeiro de Miraji por direito. O príncipe. Direto das histórias ao redor da fogueira. Aquele que inspirava gritos de revolução em todo o deserto.

Eu não sabia o que esperava do príncipe rebelde, mas certamente não imaginava que ele fosse como qualquer outro garoto do deserto que eu conhecia. Ele era jovem. Tinha o cabelo preto, a pele bronzeada, a mandíbula reta e forte, sem barba. De pé em um pavilhão coroado pelo sol com a autoridade de um sultão com o dobro de sua idade. O sol era dele. Não era o sol de um país estrangeiro tatuado no coração de Jin. Era o sol da rebelião. Do seu irmão.

Uma nova alvorada. Um novo deserto.

O que significava que Jin também era um príncipe.

Jin havia me contado sobre o irmão, que tinha colocado seu nariz quebrado de volta no lugar. Sobre como tinha nascido em Izman, mas era de Xicha.

Ele nunca tinha me dito que era um príncipe.

Eu tinha beijado um príncipe.

Senti o cano de uma arma encostando no meu pescoço, interrompendo meus pensamentos.

— Largue a faca — disse uma garota. — Você me deve pelo menos isso por salvar sua vida.

O instinto de lutar tentou dar as caras, mas meu corpo estava cansado demais para obedecê-lo. Abri a mão e a faca caiu aos meus pés. A arma foi afastada do meu pescoço enquanto a garota — a mesma que tinha matado o andarilho — dava a volta para me encarar, ainda apontando-a para mim. Lembrei que Ahmed a chamara de Shazad. Ela levantou a voz:

— Bahi, eu a encontrei.

— Ah, graças a Deus e a todos os seres primordiais. — Uma terceira pessoa correu para dentro da tenda. Era o garoto de cabelo cacheado que estava cochilando quando eu acordara. —

Juro que só caí no sono por um segundo. — Ele apontou o dedo na minha direção como uma mãe dando bronca. — Não é educado escapar sorrateiramente de alguém que salvou sua vida.

— Não é a primeira vez que faço isso — admiti. Minha mente ainda estava acelerada, mas ter uma arma apontada para mim me ajudou a me concentrar.

— E também não é a primeira vez que uma garota escapa sorrateiramente de você enquanto dorme — Shazad murmurou para Bahi, tão baixo que fui a única a ouvir. Eu não tinha notado enquanto ela matava o andarilho, mas seu sotaque era do norte e tão áspero quanto o do comandante Naguib, o que me deu vontade de pegar a faca de novo.

— Você vai atirar em mim ou não? — Meu próprio sotaque contrastava com o dela enquanto eu encarava o cano da arma. — Parece um desperdício de todo esforço para salvar minha vida.

Shazad levantou a sobrancelha para mim, refletindo, então abaixou a arma.

— Uau — o garoto de cabelo cacheado, Bahi, disse para mim. — Nunca a vi desistir tão fácil. Ela deve gostar de você.

Shazad o ignorou.

— Ela sabia a palavra secreta — ela disse, simplesmente. — Jin deve confiar nela.

Sakhr, lembrei.

— Mas a porta não abriu.

— Ela só abre por dentro — Shazad disse. — Qualquer mortal que souber o nome verdadeiro do djinni que construiu este lugar pode dizer seu nome e solicitar a entrada. Isso nos avisa aqui dentro. Descobrimos a história deste lugar em um tomo antigo, assim como o nome verdadeiro do djinni. Para nossa sorte, a história se revelou verdadeira quando tivemos que fugir de Izman.

Nomes verdadeiros têm poder.

— Então quem deixou vocês entrarem?

— Tem outras formas de entrar, se você souber voar. — Ou estiver disposto a escalar. Olhei para o topo dos rochedos que nos cercavam. Quem soubesse o caminho provavelmente conseguiria dar um jeito de chegar ali atravessando o topo do desfiladeiro. Quanto tempo levaria para os gallans de Fahali encontrarem um caminho?

— Desculpe, hum... — Ahmed pausou, esperando.

— Amani — ajudei.

— Amani. — Ele contornou a mesa. — Você está cansada. Gostaria de sentar e comer alguma coisa e...?

— Bahi! — Uma nova voz fez todos virarem a cabeça. A garota que entrou correndo era mais nova do que eu. Seu cabelo era roxo escuro, espalhado em ondas suaves em torno de um rosto redondo com uma expressão de puro pânico. — Alguma coisa está acontecendo com meu irmão. Jin está balbuciando enquanto dorme.

Lá estava aquela palavra de novo. *Irmão*.

Ela parecia ainda menos com Jin do que o príncipe rebelde.

— Isso é normal — Bahi disse. — O veneno do pesadelo está sendo eliminado do sistema.

— Tem certeza? — A voz da garota de cabelo roxo era entrecortada por lágrimas.

— Delila. — O príncipe estendeu a mão na direção dela, em um gesto de conforto. Me dei conta de que também era sua irmã.

— Você é a filha do djinni — deixei escapar. Minha cabeça estava girando, tentando distinguir o que era real e o que eu tinha ouvido em torno de fogueiras. — Das histórias.

Por um momento Delila esqueceu sua preocupação. Ela puxou o cabelo roxo exuberante para trás dos ombros, como se pudesse escondê-los.

— Você esperava presas e escamas? — O príncipe Ahmed sorriu como se fosse uma piada, mas tinha um quê de cautela ali também.

— Asas e chifres, na verdade — eu disse, meio brincando. Era assim que haviam descrito a irmã monstruosa do príncipe na Vila da Poeira. A garota baixou rapidamente o olhar, envergonhada. O ar em torno de seu cabelo mudou, como o calor no deserto. Os tons de roxo desapareceram e seu cabelo ficou completamente preto, como o do irmão. Ela mexeu nos fios, constrangida. Lamentei na hora ter falado alguma coisa.

— Vou lá dar uma olhada nele — Bahi disse, quebrando a tensão. Ele levantou a mão para coçar o pescoço, e vi tinta azul na sua palma, formando um círculo perfeito com símbolos interligados.

Meu ânimo desapareceu.

— Você é um pai sagrado.

Lá na Vila da Poeira, costumávamos nossos próprios ferimentos de bala e dedos perdidos. Só a perda de um par de membros ou de um balde de sangue merecia uma visita do pai sagrado. Só o chamávamos quando não sobrava qualquer esperança a não ser a prece — em parte para curar, mas principalmente para barganhar nos portões da morte. A presença de um homem sagrado nunca era um bom sinal. Era o último recurso.

O pensamento devia estar estampado na minha cara.

— Não se preocupe. — Bahi levantou a outra mão. Estava limpa. Não tinha a tatuagem correspondente que deveria estar ali. — Eu não sou muito bom nisso.

Ele colocou a mão marcada no ombro de Delila, conduzindo-a para fora e sussurrando em tom conspiratório no seu ouvido. Ele disse algo que fez a garota rir, apesar do medo. Gostaria de saber o quê. Gostaria que algumas palavras desfizessem o nó na minha garganta. Se tivesse arrastado Jin por meio deserto só para ele morrer em seguida, ia matá-lo.

— O que aconteceu com ele? — O sotaque do príncipe Ahmed era mais sofisticado do que o meu, porém mais suave do que o do comandante Naguib. *Naguib*. Ele também era filho do sultão. Era irmão de Jin tanto quanto o príncipe Ahmed.

Jin havia apontado a arma para o rosto de Naguib mas não tinha puxado o gatilho. Era pecado matar alguém da família.

— Tem mais algum parente de Jin que eu deveria conhecer antes de responder a pergunta? — Teria sido uma ótima ocasião para manter a boca fechada. Minha raiva nem deveria estar direcionada a eles.

Mas Shazad soltou uma risada. Um riso que não era polido ou refinado, destoando do restante dela. E não parecia que ela estava rindo *de mim*, mas comigo.

— Não que a gente saiba. Mas é difícil ter certeza quando se trata do sultão.

Ahmed entendeu o que estava nas entrelinhas das minhas palavras.

— Você não sabia que ele era meu irmão. — Não era uma pergunta.

— Eu nem sabia que ele fazia parte da rebelião.

A humilhação queimava dentro de mim. O príncipe Ahmed e Shazad me encaravam, esperando que eu dissesse algo que poderia explicar por que alguém arrastaria deserto afora uma pessoa que nem conhecia direito. Eu não sabia como explicar nosso envolvimento.

— Jin explodiu uma fábrica. — Esse parecia o ponto certo para começar, mas na verdade não era. — Isso foi depois que causamos um incêndio num celeiro — continuei. — Mas neste caso foi meio que um acidente.

O rosto de Shazad se iluminou com um sorriso. Como se ela tivesse acabado de descobrir algo a meu respeito e gostado. E então a história toda saiu de uma só vez.

O sorriso de Shazad morreu quando cheguei à parte de Dassama, mas ela não me interrompeu enquanto eu contava rapidamente os acontecimentos dos últimos dias. Fahali. Nossa fuga. Os pesadelos.

— Precisamos nos preparar. — Quando terminei, Shazad estava batendo o dedo no mapa aberto na frente do príncipe, apontando para Fahali. — Os gallans e o sultão estão chegando mais perto. E agora estão procurando por nós. Com uma arma capaz de destruir cidades inteiras. — Ela virou para mim. — Que tipo de alcance você acha que essa coisa tem?

— Não o suficiente para explodir o desfiladeiro inteiro. — Olhei para a linha de tinta irregular no papel que mostrava a enorme dimensão do vale de Dev. O dedo de Shazad repousava sobre Fahali. Havia um minúsculo *x* marcado ao lado, indicando a posição do acampamento rebelde. Menos de um dedo de distância não me parecia longe o bastante para estarmos seguros. — Mas suficiente para que eles não precisem ser muito exatos. Ou para passar pela sua porta mágica. — Hesitei. — E tem outra coisa: não havia um único fragmento de bomba em Dassama.

— O que isso significa? — o príncipe perguntou, olhando para o mapa, analisando o país que já havia conquistado uma vez e pelo qual estava lutando de novo.

— A ausência de fragmentos significa que não é uma bomba de uso único — Shazad disse, juntando as peças do quebra-cabeça mais rápido do que o príncipe. — Isso é algo novo. Eles podem usar várias vezes.

— O que significa que eles não precisam saber exatamente onde estamos, porque não precisam acertar de primeira.

Ahmed e Shazad se entreolharam e me encararam, compreendendo a situação.

— Precisamos de Imin — o príncipe disse.

A garota que entrou na tenda alguns instantes depois atrás de Shazad parecia completamente banal. Sua aparência era tão comum que era difícil reparar em algo específico nela. Com exceção de seus olhos amarelos.

— Precisamos de um espião — Ahmed disse para Imin. — Precisamos que você se infiltre no Exército gallan em Fahali e nos avise se chegarem perto demais.

— Está bem. — A garota deu de ombros, amuada. Enquanto isso, seu rosto começou a mudar. Seus lábios ficaram mais finos; sua pele, mais clara; seus ombros, mais largos; e seu peito achatou. Em algumas piscadas era outra pessoa. Um homem com um rosto gallan.

As únicas coisas que não mudaram foram suas roupas e os olhos amarelos pálidos. Lembrei da garota de cabelo vermelho que tinha sido executada em Fahali.

— Não estou gostando da ideia. — Shazad deu uma olhada no espião. — Seus olhos ainda chamam atenção demais. — Imin os revirou para Shazad. — Devíamos mandar Delila.

— Não. — Ahmed balançou a cabeça. — Uma ilusão é arriscada demais. Enviar um demdji para um acampamento gallan é como mandar um carneiro para a toca do leão. Ilusões falham; metamorfoses, não.

— Pelo menos Delila pode esconder sua marca — Shazad murmurou.

— Enviaremos Imin. — O tom de Ahmed não deixava brecha para discussão.

Finalmente Shazad consentiu com um aceno da cabeça.

— Tem um carniçal morto no desfiladeiro usando uniforme gallan. Fique à vontade. Você deve voltar até a Shihabian. — Ela se virou para sair, acenando para que eu a seguisse. — E tente não morrer.



ACOMPANHEI SHAZAD PARA FORA DO PAVILHÃO, cega novamente pela luz dourada e pelas cores vibrantes.

— Como ela fez aquilo? — perguntei enquanto a seguia pelo acampamento, olhando de relance para Imin. — Ela... não é uma andarilha, é?

— Não. Por incrível que pareça não queremos ser assassinados enquanto dormimos. A porta mantém os carniçais do lado de fora. Imin é uma demdji, como Delila — Shazad disse, como se fosse resposta suficiente. Ela abriu a aba de uma tenda que era menor do que a do príncipe, mas ainda assim alta o suficiente para se ficar de pé dentro dela. Estava organizada com grande precisão: uma cama bem arrumada, uma pilha de livros, um baú, armas enfileiradas no chão. Shazad abriu o baú. — Toma. — Ela puxou uma camisa branca simples e um shalvar marrom. — Devem servir em você. Está coberta de sangue.

— O que é um demdji? — perguntei, percebendo tarde demais que deveria ter dito “obrigada” antes.

— Você nunca ouviu falar dos demdjis? — Ela deixou a tampa do baú cair.

— Nasci muito longe daqui. — Num lugar onde príncipes e mulheres que mudam de forma só existem em histórias contadas ao redor da fogueira.

— Demdjis são filhos de djinnis e mulheres mortais. — Shazad sentou em cima do baú. — Tem cerca de uma dúzia no acampamento. Ahmed praticamente os coleciona agora.

— Todos conseguem mudar de forma? — Senti uma pontada na ferida no braço ao lembrar do andarilho no desfiladeiro. Tirei a camisa ensopada de sangue.

— Não, depende — Shazad explicou. — Djinnis são criaturas do deserto, naturalmente hábeis em ilusão e manipulação. Então é isso que seus filhos herdam: ilusões e manipulações, poderes que vêm dos ventos e do calor do deserto. Delila pode criar imagens que parecem reais, mas são vazias ao toque, como se feitas de ar. Imin pode tomar a forma de qualquer pessoa, homem ou mulher. Há um par de gêmeos que também podem mudar de forma, mas eles se tornam animais. Tem uma garota que entra sorradeira na sua cabeça e bagunça tudo até que você veja o que ela quer, como um devaneio provocado por insolação. Nos textos sagrados eles chamam isso de “dom dos djinnis”. Alguns dizem que é uma proteção para compensar a marca

dos djinnis.

— Que marca? — Eu me sentia ignorante ouvindo ela falar sobre todas aquelas coisas como se fossem óbvias.

— Os olhos dourados de Imin, o cabelo roxo de Delila. — Shazad tirou o próprio cabelo escuro do rosto. — Alguns deles podem se passar por humanos no mundo lá fora. Quando ainda estávamos em Izman, Delila costumava tingir o cabelo com henna, ou jogar uma ilusão sobre ele. Mas tem aqueles que não conseguem esconder. — Os que acabavam levando tiro na cabeça. — Os gallans os matam porque acham que todos os seres primordiais estão contra seu deus inventado.

Lembrei da garota de Fahali. Achei que fosse sangue no cabelo dela. Talvez simplesmente fosse vermelho. A marca dos djinnis.

— Metade de Miraji os caçaria para obter alguma coisa. Como um dedo, pelos supostos poderes curativos. Pergunta a Bahi se quiser conhecer a teologia. A maioria das pessoas chama isso de...

— Magia do deserto. — Então as histórias realmente ganhavam vida ali. Heróis e monstros lutavam e morriam pelo príncipe rebelde.

Jin e eu tínhamos conversado sobre aquelas histórias. Sobre o príncipe rebelde. E Jin tinha mentido para mim até eu me tornar uma garota tola metida numa confusão para a qual não estava nem um pouco preparada.

Shazad era mais ou menos do meu tamanho. Só que uma vida comendo boas refeições a deixara mais farta em todas as regiões do corpo que me ajudavam a parecer um garoto quando eu precisava. Fiquei ajeitando as roupas que ela tinha me emprestado, desconfortável, enquanto cruzava o acampamento, tentando refazer meus passos daquela manhã.

Encontrei Bahi do lado de fora da tenda com dossel de estrelas onde eu tinha acordado. Ele estava saindo e me viu enquanto eu puxava o tecido na frente da camisa, o cabelo molhado pingando e grudando o tecido nas minhas costas. Shazad tinha me mostrado um lugar para tomar banho, uma pequena piscina escondida do acampamento, antes de me largar para fazer... o que quer que ela fizesse por ali. Eu não tinha mais nenhum lugar aonde ir ou outra coisa para fazer.

— Por que você está vestindo as roupas de Shazad? — Bahi perguntou, me olhando de cima a baixo.

— Como você reconhece as roupas dela tão rápido? — retruquei sem pensar.

Bahi coçou a nuca, fazendo uma careta. Parecia uma criança flagrada fazendo algo errado.

— É difícil tirar os olhos dela — ele admitiu. — Não conte a ela que eu disse isso. Tenho certeza de que ela conhece umas cinco maneiras diferentes de me matar sem nem precisar encostar em mim. E se eu estiver morto, não haverá ninguém para cuidar do seu príncipe.

— Ele não é meu — eu disse, na defensiva. Então completei, sem conseguir evitar: — Como ele está?

— Você o trouxe para cá em tempo. — Bahi passou a mão tatuada pelo cabelo. — Agora só precisamos esperar.

— Posso vê-lo?

— Não vejo por que não. — Bahi deu de ombros e gesticulou para dentro da tenda.

O calor me atingiu em cheio assim que puxei a aba da tenda. Jin estava deitado do mesmo jeito que eu o havia deixado, só que agora seu irmão estava sentado perto dele. A camisa do príncipe Ahmed estava aberta no pescoço, e eu podia ver uma cópia do sol de Jin tatuada no peito dele à luz fraca do lampião. Ahmed levantou a cabeça quando ouviu o som da tenda fechando atrás de mim.

— Majestade. — A palavra saiu artificial. — Desculpa, é melhor eu...

— Não, por favor, fique. — Interrompi minha retirada. Não sabia exatamente como contrariar um príncipe. Sentei de frente para Ahmed, do outro lado de Jin. A presença de Ahmed trazia toda a realidade de volta. Jin não era simplesmente um estrangeiro com sorriso traiçoeiro. Ele era filho do sultão, e eu me sentia deslocada ali sentada com dois príncipes.

— Jin é o nome real dele? — perguntei quando o silêncio começou a ficar constrangedor.

— É o apelido que Lien, sua mãe, deu a ele — disse Ahmed. — Nosso pai o chamou de Ajinahd Al'Oman bin Izman.

Durante quase dois meses ele nem tinha me dito seu nome verdadeiro.

Ahmed me observava.

— Você acha que ele não confia em você. Mas não é verdade.

Dei uma risadinha irônica.

— A bússola. — Pelo canto do olho, vi o objeto de latão gasto nas mãos dele. Pensei na tatuagem nas costas de Jin. Uma bússola. Do outro lado do sol. Como se seu coração batesse entre as duas coisas. — Foi feita pelos gamanix. Enquanto os albish e os gallans estão em guerra por causa da disputa entre a magia e a mortalidade, os gamanix equilibram as duas coisas. Um pouco de ciência, um pouco de magia. Cada bússola está ligada a seu par. Elas são nosso porto seguro. Nos seis anos desde que as conseguimos, nunca perdi a minha de vista. Teria perdido Jin uma dezena de vezes se não fosse por ela. Se ele confiou a própria família a você, então não teria como confiar mais. Foi a mãe de Jin que nos tirou do palácio vivos, sabia?

Eu não sabia disso. Assim como não sabia de nada sobre Jin. Mas Ahmed não parecia estar esperando uma resposta. Eu nem tinha certeza de que estava falando mesmo comigo.

— Lien e minha mãe eram como irmãs. Elas entraram no harém do meu pai quase ao mesmo tempo, e Jin e eu nascemos com horas de diferença. Eu nasci mais cedo, e Jin nasceu atrasado. Eu era o quinto filho do meu pai. Ele foi o sexto. Nascemos cedo o suficiente para sermos bem tratados, mas não tão cedo a ponto de ele prestar mais atenção em nós do que nossas mães gostariam. Lien chamava isso de destino. Jin não acredita em destino. Eu não tenho uma única memória do rosto da minha mãe. Era novo demais quando ela morreu.

A jovem e bela esposa do sultão, segundo a história. Aquela que foi espancada até a morte por dar luz a Delila. Para mim ela não passava de algumas breves palavras no conto do príncipe rebelde. Mas para Ahmed ela tinha sido de carne e osso.

— Todas as minhas memórias de Miraji são com meu irmão. Na noite em que Delila nasceu, Jin estava doente. Lien e minha mãe planejavam fugir desde que minha mãe descobrira que estava grávida de um djinni. Não era seguro levar Jin com febre, mas não era seguro Delila ficar. Então Lien teve que arriscar. Eu lembro de fragmentos daquela noite. Segurar na saia de Lien enquanto ela dava um montante equivalente ao resgate de um sultão em braceletes de ouro para pagar por um navio até Xicha... Mas essas coisas parecem um sonho. Minha lembrança mais forte é de sentar numa cabine sentindo as batidas do coração do meu irmão com a mão

enquanto ele queimava de febre em um navio precário nos levando para longe de casa, e Lien pedindo que eu rezasse por Jin para ele sobreviver àquela noite enquanto ela ninava minha irmã para tentar conter seus gritos. — Ele engoliu em seco, a garganta subindo e descendo. — Perdi a conta de quantas preces já rezei pedindo para meu irmão continuar vivo desde então. Ele já estourou a cota de quase mortes.

— Algumas pessoas são simplesmente melhores em se colocar na linha de fogo — eu disse. — Majestade.

— Por favor, me chame de Ahmed. Basta olhar em volta para ver que minha majestade é bastante contestável. — Ele não parecia em nada com seu irmão naquele momento. Jin sempre sorria para mim como se ambos estivéssemos prestes a entrar em apuros e ele estivesse adorando. O príncipe sorria como se estivesse te perdoadando por isso. — Meu irmão talvez se preocupe pouco com a própria segurança, mas na maior parte do tempo, quando entrou na linha de fogo, foi para me proteger ou proteger Delila. Eu nunca o vi flertar com a morte de modo tão descuidado por causa de outra pessoa. Até você.

Eu não sabia o que dizer em resposta. Me concentrei em Jin. Suas feições estrangeiras eram a única coisa familiar naquele lugar misterioso cheio de princesas de cabelo roxo e metamorfos de olhos dourados, embora ele tivesse se tornado um desconhecido novamente no momento em que Ahmed o chamara de *irmão*.

— Conquistar seu trono, seu reino... — comecei. — Vale o sacrifício de todas essas pessoas? — *Vale a vida dele?* — O sultão matou a *sua* mãe, o sultim roubou o *seu* trono. Isso não é problema dos outros. Você quer saber quem matou a *minha* mãe? Seu país. — Eu não tinha a intenção de que aquilo saísse como uma provocação. Mas realmente queria saber se havia uma chance de ele tornar esse deserto um lugar melhor.

— Não estou atrás de poder. — O príncipe Ahmed estava calmo, apesar de eu ter acabado de jogar o assassinato da minha mãe na cara dele. De alguma forma, ele não soava arrogante. — Eu vi o modo como meu pai governa: como um homem que tem medo de perder qualquer fiapo de poder para outro. Ele acha que é o único modo de manter o controle, e é por isso que somos pobres e fracos. Nunca planejei retornar a Miraji para tomar o trono do meu pai. Fomos a todo tipo de lugar antes de vir para cá. Visitamos a península ioniana, onde eles têm um conselho de homens e mulheres, escolhidos entre o próprio povo, ricos e pobres, para que possam ser ouvidos igualmente. Fomos a Amonpour, onde o comércio e a indústria tornam todos abastados, em vez de miseráveis e famintos. Viajamos para Albis, onde as mulheres podem herdar terras, trabalhar e são tratadas como iguais aos homens em tudo. E Espa, onde, numa noite regada a bebida, achamos que fazer isso — o príncipe puxou o colarinho para que eu pudesse ver por completo sua tatuagem, idêntica à de Jin — era uma boa ideia. É o símbolo xichan de sorte e fortuna. Apropriado quando você está vivendo entre um emprego e outro, entre um navio e outro, como a gente fazia naquela época. Eu não planejei que se tornasse o símbolo de toda uma revolução. As pessoas neste deserto deveriam ter um país que pertencesse a elas, não a um homem. Todos aqui vivem como se alguém ateasse fogo neles quando nascem. Tem tanta grandeza em Miraji, e tantos atos terríveis sendo cometidos pelo meu pai e pelos gallans. O povo merece algo melhor. Shazad merece um país onde sua inteligência não seja desperdiçada por ela ser mulher. Os demdjis não devem temer por sua vida só porque meu pai se aliou a um país que queima aqueles tocados pela magia. Minha mãe merecia algo melhor do que ser

espancada até a morte por se rebelar contra uma vida que ela não escolhera. Poderíamos tornar Miraji o melhor país do mundo. Meu pai o deixou desse jeito. Um lugar violento e em conflito, quase nas mãos do rei gallan. E meu irmão Kadir é igual a ele. Com ele como sultim, continuaremos a viver subjugados a impérios estrangeiros que vêm sugar tudo o que as areias têm a oferecer. Mas poderíamos mudar tudo.

O rosto do príncipe Ahmed ganhou vida enquanto ele falava sobre o deserto. E quanto mais falava, mais difícil era duvidar dele. Finalmente entendi o garoto maluco na arena de tiro na noite em que conheci Jin. Aquelas ideias podiam fazer as pessoas gritarem pela rebelião mesmo quando significava uma sentença de morte.



A NOITE CAIU SOBRE O OÁSIS MAIS CEDO DO QUE EU ESPERAVA. Eu não tinha notado enquanto cruzávamos o deserto, mas agora me dava conta de que a Shihabian devia estar próxima. No crepúsculo, o mundo colorido se transformava em uma versão mais suave de si mesmo. Fogueiras ardiam perto das árvores, cada uma cercada por um pequeno amontoado de pessoas compartilhando comida e dando risada. Pensei na Vila da Poeira na hora do jantar. Todo mundo trancado dentro de casa, guardando com avareza cada farelo. Ali a comida era espalhada em um grande tapete no meio do acampamento, com uma pilha de pratos de formatos variados.

Shazad pegou dois pratos, empilhando pão e frutas em um deles e passando para mim. Sentamos perto de uma das fogueiras menores.

— De onde vêm todas essas pessoas? — perguntei entre mordidas. Eu não tinha percebido o quanto estava com fome até começar a comer.

Shazad olhou em volta para os cento e poucos rebeldes, como se a pergunta a surpreendesse.

— De tudo quanto é canto. Éramos uns dez quando fugimos de Izman depois dos jogos do sultim. Mas no ano passado a causa cresceu. Mais pessoas se juntaram a ela. Alguns foram expulsos de casa ou presos por apoiar Ahmed enfaticamente demais. Alguns nós libertamos da prisão. Farrouk e Fazia eram órfãos de Izman. — Ela apontou para a dupla que eu tinha visto mexendo numa bomba naquela manhã. Agora construíam algum tipo de estrutura usando pão. — Nós os contratamos para criar um explosivo numa missão alguns meses atrás e o Exército do sultão os identificou, então agora eles são refugiados. Bem úteis de se manter por perto, embora eu tema que um dia reduzam este lugar a cinzas.

— E quanto a você? — perguntei.

— Sou uma garota que poderia ter me tornado qualquer coisa se tivesse nascido homem. — Shazad deu uma mordida. — Mas nasci mulher, então estou fazendo isto. Minha mãe acha que é uma tática elaborada para não me casar.

Eu tinha visto Shazad matar um andarilho. Observei-a naquela tarde ensinar uma dúzia de rebeldes a usar a espada, com uma autoridade capaz de fazer um exército inteiro marchar pelo deserto. Se ela não conseguira conquistar seu lugar em Izman, que esperança eu tinha?

— Ela é modesta demais. — Bahi sentou perto de Shazad na fogueira, dobrando as pernas

sobre a almofada. Ele equilibrava um prato nos joelhos. — Shazad nasceu com um destino grandioso. Seu pai é o general Hamad.

Olhei para eles sem entender.

— Ele é o general-chefe do sultão há duas décadas — Bahi explicou, gabando-se por ela. — Teve uma filha forte e um filho fraco. Por ser adepto de estratégias pouco convencionais, treinou a filha para seguir seus passos.

— Meu irmão não é fraco, é enfermo — Shazad disse.

— A maioria das pessoas teria matado o filho tentando torná-lo forte. Como meu pai tentou fazer comigo e não conseguiu — Bahi disse, com um sorriso cheio de dentes mas sem humor nenhum.

Shazad me salvou de ter que comentar.

— O pai de Bahi é um capitão do Exército. Ele se reporta ao meu pai, por isso nos conhecemos desde que tínhamos seis anos.

— E somos amigos desde então porque sou encantador — Bahi disse.

— Você é um pouco menos insuportável do que o resto dos seus irmãos — Shazad admitiu. — O capitão Reza — ela falou o nome com escárnio, e Bahi fez uma saudação irônica — teve seis filhos, então achou que podia dispensar alguns deles. Apesar de gostar de se gabar por ter seis filhos fortes, enquanto meu pai só tinha um fraco.

— E você — eu disse.

— O capitão Reza não me incluía nas contas.

— Erro dele — Bahi interveio.

— Seu pai sabe... — Eu não sabia como dizer aquilo. — Que você está se voltando contra ele? — Provavelmente não dessa forma.

— Eu não me voltei contra meu pai. — Shazad sorriu docemente. — Eu me voltei contra o sultão. Meu pai também se voltou contra ele algum tempo atrás. Foi ele quem nos contou sobre os rumores da arma no Último Condado. Tão secreta e confidencial que o sultão nem tinha contado para ele. Mas meu pai tem outras fontes.

Isso foi uma surpresa para mim. As histórias tentavam nos fazer acreditar que a rebelião de Ahmed era só um bando de tolos idealistas no deserto. Mas os rebeldes tiveram uma presença forte o suficiente em Dassama para valer a pena destruir a cidade. E o general ocupava uma posição alta na corte. Se *ele* era leal a Ahmed...

— Então vocês têm aliados na corte do sultão?

O rosto de Shazad se iluminou. Sem dúvida ela era a garota mais bonita que eu já tinha conhecido, e quando sorria, exibindo todos os dentes, parecia a mais perigosa também.

— Alguns. As histórias levam a acreditar que Ahmed apareceu em Izman no dia dos jogos do sultim num passe de mágica. Do mesmo modo que afirmam que ele desapareceu do palácio na noite do nascimento de Delila numa nuvem de fumaça criada por um demdji. Mas os contos da fogueira nunca contam a história toda. — Lembrei do que Ahmed me dissera enquanto estávamos de vigília na tenda. Sobre sua mãe e a mãe de Jin terem planejado a fuga. A mãe de Jin nem aparecia na história. Nem Jin. — Ahmed voltou a Izman uns seis meses antes dos jogos do sultim, em um navio mercante. Se envolveu com um grupo de intelectuais. Garotos muito inteligentes e idealistas, incluindo meu irmão, que se reuniam e conversavam sobre filosofia e como tornar Miraji um lugar melhor. Muitos eram filhos de membros da corte do sultão.

Shazad deu mais uma mordida.

— Certa noite, achei meu irmão, Ahmed e três dos seus amigos idiotas algemados no meio da cidade porque estavam pregando que as mulheres deveriam ter o direito de recusar um casamento. — Me identifiquei imediatamente com o que eles defendiam. — Felizmente, ser a filha do general Hamad ajuda bastante na hora de lidar com soldados. Dei uma bronca neles por prenderem o único filho homem do general, e logo estavam correndo para libertar o restante deles. Não tinham ideia de que haviam prendido acidentalmente o príncipe Ahmed, ou duvido que ser filha do general teria ajudado alguma coisa. Ahmed estava alugando um quarto nas favelas de Izman sob um nome falso naquela época. — Imaginei que havia um motivo para deixarem esse tipo de detalhe fora das histórias. Ninguém queria imaginar seu heroico príncipe dormindo em uma cama infestada de pulgas. — Arrastei meu irmão para casa, e Ahmed foi com a gente. Quando chegamos lá, dei uma bronca nele por quase fazer meu irmão ser morto. Quando percebi, estávamos discutindo a filosofia de Ataullah sobre o papel do governante no Estado, e então concordei em treiná-lo para os jogos do sultim.

— Eu estava isolado na Ordem Sagrada naquela época — Bahi disse, de boca cheia. — Ou teria sido a voz do bom senso.

— Você quer contar a ela o que realmente fez depois que foi expulso, ou conto eu? — Shazad disse.

Bahi de repente estava prestando muita atenção na comida.

— Não lembro.

Shazad não perdeu a oportunidade.

— Ele ficou muito bêbado e apareceu para fazer uma serenata para mim do lado de fora da casa do meu pai.

Minha risada saiu pelo nariz.

— Qual era a canção? — Não consegui resistir à pergunta.

— Não lembro — Bahi murmurou novamente.

— “Rumi e a princesa”, acho — disse Shazad.

— Não. — Bahi levantou a cabeça, na defensiva. — Era “O djinni e o Dev”, e foi lindo. — Ele estufou o peito enquanto Shazad se dobrava de tanto rir. Aquilo era contagioso, e logo eu estava rindo também. Bahi pediu um drinque e disse que cantaria para nós depois de beber um pouco.

Pra falar a verdade, eu já me sentia entorpecida.

A noite e as cores e o riso e a sensação de força e certeza no que estavam fazendo eram intoxicantes. Aquela revolução era uma lenda em desenvolvimento. O tipo de história que tinha começado muito antes de mim e continuaria muito depois. O tipo de épica que era contada várias vezes para explicar como o mundo nunca mais tinha sido o mesmo depois que aquele punhado de gente viveu, lutou, venceu ou morreu tentando. E depois que terminasse, a história de alguma forma pareceria inevitável. Como se o mundo estivesse esperando para ser mudado, precisando ser salvo, e os participantes daquela trama tivessem sido todos arrancados de suas vidas comuns e colocados exatamente no lugar onde precisavam estar, como peças em um tabuleiro, esperando para fazer a história acontecer. Mas a realidade era mais louca e aterrorizante e intoxicante, e mais incerta, do que eu imaginara. E eu poderia fazer parte daquilo. Se quisesse. Estava ficando tarde demais para pular fora daquela história, ou para

arrancá-la de dentro de mim.

— Onde você esteve, garoto sagrado? — Uma voz desconhecida me arrancou do meu devaneio. Tinha achado Delila e Imin impressionantes, mas a garota que apareceu sem ser convidada na nossa fogueira era feita de ouro. Tudo, desde a ponta das suas unhas até seus cílios, dava a impressão de que ela tinha sido moldada em metal em vez de ter nascido. Exceto pelo cabelo, que era tão escuro quanto o meu, e pelos olhos negros. Outra demdji. — Você pode resolver isso? — ela perguntou, estendendo o braço para ele, sujo de sangue e com marcas de queimadura.

Bahi fez uma expressão aflita quando viu.

— O que aconteceu?

— Houve uma pequena explosão — a garota dourada disse, seca.

— As queimaduras não são tão ruins — Bahi disse. — É mais difícil se queimar quando seu pai é um ser primordial feito de puro fogo.

— Quando você retornou, Hala? — Shazad perguntou.

Hala não respondeu. Apenas gesticulou sarcasticamente para as roupas de viagem manchadas de sangue, como se sugerisse que Shazad era burra por não perceber que havia acabado de chegar.

— Chegamos tarde demais — Hala disse. — Ela já tinha sido presa. Pensei que ela duraria mais tempo. Metamorfs normalmente são muito bons em se esconder. Imin durou duas semanas, lembra? Mas aparentemente essa não é esperta. Dizem que está presa aguardando julgamento em Fahali. Voltei atrás de reforços. Acho que devemos partir esta noite, nos infiltrar e confundir a mente deles antes que a enforcem.

— Você está falando da garota de cabelo vermelho? — interrompi sem pensar. Pela primeira vez a garota dourada parecia ter notado minha presença. — Era ela que você estava procurando em Fahali. Uma demdji. — A palavra ainda soava estranha. — Ela tinha cabelo vermelho e mudava de cara.

— Você a viu! — O rosto dourado da garota reluziu ansioso à luz da fogueira quando ela se inclinou para a frente, e eu soube que estávamos falando da mesma pessoa.

As palavras que saíram da minha boca em seguida a desanimaram instantaneamente.

— Os gallans atiraram na cabeça dela.

O bom humor em torno da fogueira se apagou.

— Então como você ainda está viva? — A expressão de Hala ficou mais dura.

Algo na voz dela indicava que esperava que eu me humilhasse. Que eu gaguejasse tentando explicar como ousei sobreviver quando a pessoa que ela tinha ido salvar não tivera a mesma sorte.

— Eles não atiraram na minha cabeça — respondi.

Sua expressão de escárnio me lembrou um pente de ouro e marfim que a mãe de Tamid tinha. Hala gesticulou como se quisesse que eu continuasse. Notei que só tinha oito dedos. Faltavam dois na mão esquerda, e eu podia jurar que estavam lá momentos antes. Hala notou que eu tinha percebido, e um instante depois sua mão estava intacta novamente.

— É falta de educação encarar. — Um besouro preto rastejou para fora da areia, subindo na minha bota, escalando meu corpo. — E é falta de educação deixar alguém morrer para salvar a própria pele.

Tentei espantar o besouro, mas, quando minha mão encostou nele, ele simplesmente explodiu se transformando em outros dez, e então cada um deles em dez mais, até que fiquei coberta deles, batendo em mim mesma até ficar vermelha e dolorida.

— Hala, o que quer que esteja fazendo, pare — Shazad ordenou. Eu tinha pensado que sua voz era afiada, mas na verdade era limpa, como um bom corte. Os besouros sumiram.

Shazad tinha dito algo sobre um demdji que conseguia penetrar a mente das pessoas. Percebi que tinha acabado de conhecê-la. E já a odiava.

— De onde eu vim, as pessoas cuidam dos seus. — Hala ficou mexendo nas unhas como se não tivesse acabado de distorcer minha mente.

— Ela estava cuidando — Jin disse atrás de mim.



JIN ESTAVA ACORDADO, apoiando o peso no ombro do irmão, de pé à beira da luz da fogueira. Ele parecia drenado e cansado, mas estava vivo. E olhava para mim. Reagi instintivamente, meu corpo me puxando para a frente como se estivesse amarrado a ele por um fio. Como o ponteiro de uma bússola em perfeita sincronia com o outro.

Mas antes que eu pudesse me levantar, houve um pequeno grito de alegria do outro lado do acampamento. Delila correu e se jogou nos braços de Jin, balbuciando em um idioma que imaginei ser xichan. Ela começou a chorar na camisa dele. Logo o acampamento todo estava de pé, as pessoas se aglomerando ao redor de Jin. Fazendo perguntas, dando as boas-vindas.

— Calma aí, pessoal — Bahi disse. — Ele acabou de levantar.

Aos poucos as pessoas começaram a voltar para as suas respectivas fogueiras e refeições. Quando Delila finalmente o soltou, Jin virou para Shazad.

— General — ele disse. Sua voz estava rouca da falta de uso, mas o modo como ele falava soava dolorosamente familiar. *Bandida*, eu o ouvi dizendo no deserto.

— Não me chame assim. — Shazad o abraçou com um só braço, tendo mais cuidado com os curativos do que Delila. — O que aconteceu com “Eu só vou lá dar uma olhada, volto num piscar de olhos”?

A risada se espalhou pelo pequeno círculo de pessoas ao redor de Jin, enquanto eu sentava do lado de fora. Eu procurava nos meus sentimentos alguma coisa para dizer ali, naquele lugar ao qual não pertencia, para Jin, que tinha se tornado um desconhecido de novo. Aquelas pessoas estavam planejando uma revolução lado a lado desde os dias em que eu atirava em latas na cerca atrás da casa do meu tio.

— Melhor atrasado do que morto — Hala disse. Ela não o abraçou. Mas conforme a luz do fogo reluzia em sua pele dourada, fazendo-a parecer ouro derretido, percebi que parte da dureza em sua atitude tinha desaparecido.

— Sim, e você pode me agradecer por isso — Bahi disse, de boca cheia. Mesmo de pé, ainda enfiava comida na boca enquanto falava. — Não que alguém já tenha me agradecido.

— Achei que os pais sagrados fizessem seu trabalho pela graça divina, não pelos agradecimentos dos mortais. — Jin estava evitando meu olhar enquanto falava com Bahi.

— Ainda bem que não terminei o treinamento então, né? — Bahi gesticulou dramaticamente com comida nas mãos, arremessando farelos em Delila.

— Mais dia menos dia você ia acabar conseguindo manter alguém vivo — Shazad disse. — E foi Amani que arrastou Jin até aqui. — Eu queria abraçar e xingar Shazad ao mesmo tempo. Finalmente Jin não teve escolha e precisou olhar nos meus olhos.

Aqueles dois meses no deserto pendiam entre nós. Todas as coisas que ele tinha me dito, e as que não tinha. Os segredos e as mentiras. O reconhecimento de que eu não o abandonara dessa vez. Em dois meses eu havia me transformado: antes uma garota que o havia dopado e largado numa mesa, e agora uma garota que o arrastara por território inimigo e entre carniçais assassinos para salvá-lo. Nenhum de nós sabia o que dizer.

Hala se pendurou casualmente sobre os ombros de Delila.

— Pelo menos um de nós foi bem-sucedido em trazer um demdji para casa.

A nova palavra ainda era tão estranha que levei um tempo para perceber que Hala estava apontando... para mim. Todos ficaram em silêncio.

— Demdji? — perguntei, confusa.

A expressão de Ahmed mudou. Ele disse algo para Jin em xichan. Jin respondeu balançando a cabeça sem nem olhar para mim.

— Só porque eu não falo sua língua não significa que eu não saiba quando estão falando de mim nela. — Minha voz subiu um pouco mais do que eu queria. Eu estava gritando na frente do príncipe. De dois príncipes.

— Amani — Ahmed disse gentilmente. — Talvez você devesse se sentar.

O prato que Shazad tinha me oferecido caíra no chão. Eu me levantara sem perceber, sem saber o que queria fazer, mas tinha certeza absoluta de que precisava estar de pé para aquilo.

— Talvez eu não queira. — Vi o canto da boca de Jin se curvar e minha raiva cresceu. — Mentir é pecado — eu disse, olhando só pra ele.

Jin finalmente falou comigo.

— Eu já ia pro inferno muito antes de te conhecer. — Tinha algo parecido com arrependimento em sua voz.

— Você não tem como saber se eu sou...

Jin me interrompeu.

— Não se engane, Bandida de Olhos Azuis. — Sua voz saiu sem emoção, estranha, resignada. — Eu sabia que você era uma demdji antes de saber que não era um garoto. Bastou ver seus olhos.

Olhos que me traíam.

O cabelo de Delila. Os olhos de Imin. A pele de Hala.

A marca dos djinnis.

— Percebi que você não sabia quando me falou sobre o marido da sua mãe. Você o chamou de pai. Demdjis que sabem quem são não fazem isso.

Olhei para as duas demdjis perto dele. Delila estava mordendo o lábio, parecendo pouco à vontade, enquanto Hala parecia prestes a bater palmas diante do meu desconforto.

— Muitos soldados gallans têm olhos como os meus — argumentei.

— O povo do norte tem olhos de água pálida. Os seus são diferentes. São da cor do fogo quando queima quente demais. E não é só isso. — Agora que Jin tinha parado de me ignorar, ele

concentrava toda a atenção em mim. — Você conhece as histórias melhor do que eu: djinnis não podem dizer mentiras. Seus filhos também não. Aposto minha vida que você nunca mentiu.

Minha risada saiu curta e violenta. Shazad deu um passo na minha direção, mas recuei.

— Você está me acusando de ser honesta?

— Não, você é ótima em enganar. Mas não é uma mentirosa.

Lembrei de algo que Jin tinha dito na loja na Vila da Poeira. *Você é uma boa mentirosa. Para alguém que não mente.*

— Na loja, eu escondi você do Naguib...

— Você não mentiu para ele. — O mundo tinha se reduzido a mim, Jin e a memória daquele dia. Repassei os acontecimentos, tentando lembrar. — *Nem uma vez.* Você falou que era um dia meio parado. Disse que não havia muitos forasteiros na Vila da Poeira. Verdades enganosas, mas ainda assim verdades. Você o iludiu. Assim como fez com a caravana. Ou quando disse que eu podia te chamar de Oman. — Pensei em como Jin tinha confiado tão facilmente nas minhas palavras. Na facilidade com que desistira de encontrar a arma em Fahali quando eu disse que ele não conseguiria. — Djinnis são criaturas poderosas e dissimuladas.

— Então qual é a sua desculpa? — eu disse, com raiva, mas ele nem hesitou.

— Posso continuar se você quiser.

— Jin. — O aviso de Ahmed soou muito distante.

— A areia e o sol não drenam sua energia como acontece conosco, meros mortais. Você pertence a eles. — Me lembrei de uma das nossas últimas noites no deserto. *Você não é normal, ele dissera.* — Você aprende idiomas *assim*. — Ele estalou os dedos, e percebi que tinha falado as últimas palavras em xichan. Todas as noites no deserto quando tinha me contado histórias de lugares distantes e ensinado um pouco do seu idioma... ele estava me testando.

— Pare. — Eu mal conseguia falar. O que Shazad tinha dito sobre os demdjis? Eles... nós... éramos úteis. Então era por isso que Jin tinha me salvado pra começo de conversa? Ele me arrastara pelo deserto não como aliada, não porque precisávamos um do outro para sobreviver, mas porque ele sabia que eu seria útil para seu irmão.

Dei um passo à frente e o círculo em torno de Jin se abriu para eu passar. Me aproximei até estar tão perto que poderia beijá-lo novamente. Aquele beijo tinha sido um truque também. Meu truque. Eu era uma criatura dissimulada, mas não era a mentirosa ali.

— Por que eu acreditaria em qualquer coisa que você diz?

— Vá em frente, então. — Ele esboçou um sorriso. — Prove que estou errado: conte uma mentira. Diga que seu nome é Oman, sem enrolar. Diga que é um garoto chamado Alidad. Diga que não é uma demdji.

— Por que eu faria isso? — Eu podia sentir meus lábios lutando contra as palavras que Jin me desafiava a dizer.

— Você não pode. — A vitória estava estampada na cara dele enquanto me observava lutar para pronunciar as palavras.

Acertei um tapa na cara dele. Seu rosto foi jogado para o lado com o impacto e minha mão queimou. Antes que alguém pudesse dizer alguma coisa, corri.

*

— Você está planejando roubar todas as nossas armas, ou acha que talvez só precise de uma

para cada mão?

Me virei rapidamente. Ahmed estava me observando da entrada da pequena caverna na parede do desfiladeiro. Eu mal conseguia vê-lo.

Tinha decidido partir antes mesmo de minha mão parar de doer. Mas não sairia desarmada. Enfie a quarta pistola dentro do sheema que tinha amarrado na cintura como uma faixa, já que não tinha cinto.

— Seu arsenal deveria estar mais protegido se você não quer que peguem tudo.

— Na verdade, nunca precisamos nos preocupar com isso antes — disse Ahmed.

— Bem, pense nisso da próxima vez que seu irmão trouxe alguém perdido e ingênuo para casa.

Eu o empurrei para passar e continuei em frente. Ahmed me seguiu.

— Sou uma prisioneira? — Virei para encará-lo depois de dar alguns passos.

— Não. — Ahmed cruzou as mãos atrás das costas. — Mas Jin sugeriu que era melhor mandar alguém atrás de você. Assim, quando desabasse de exaustão por pura teimosia, nós poderíamos te trazer de volta antes que morresse.

— Ele tem tanta fé em mim. — Não tentei disfarçar a amargura na voz enquanto ajustava a arma na cintura.

— Ele tem mesmo — o príncipe disse. — Achava que você já estaria muito mais longe a esta altura, por exemplo.

Mexi na arma, inquieta. Ele não estava errado. Eu estava exausta. Ferida. Com fome. E a quilômetros de qualquer lugar aonde pudesse ir. E mais longe ainda de qualquer lugar aonde quisesse estar. Mas antes de Jin acordar, antes de a palavra “demdji” saltar da boca de Hala e cair em cima de mim, eu tinha sentido vontade de ficar.

— Por quê? — Minha voz falhou um pouco, e limpei a garganta.

— Bem — disse Ahmed —, pelo que entendi, você andou bastante até chegar aqui. Jin achava que você ao menos conseguiria passar do ponto onde não haveria mais volta...

Eu me controlei para não rir. Eu podia quase fingir que ele era apenas mais um garoto do Último Condado, só que com um sotaque melhor.

— Por que ele não me contou?

— Só Jin pode dizer os motivos dele. Mas se quer que eu seja sincero... — Ahmed suspirou. Ele parecia mais velho do que seus dezoito anos. — Os demdjis são trunfos, Amani. Não me entenda mal, todo homem e toda mulher nessa rebelião é. Mas Imin é a melhor espiã que tenho. E Hala talvez até tenha salvado mais pessoas do que Shazad. Minha irmã é o motivo de eu não ter morrido no final dos jogos do sultim. E ainda existem outros capazes de cruzar distâncias em questão de dias que um homem normal demoraria semanas para percorrer. Em uma guerra, você usa os melhores recursos para sua causa.

Eu queria que fosse Jin tentando me convencer. Seria tão mais fácil argumentar com ele. Mas a lógica de Ahmed era mais difícil de contestar. E isso fazia de mim o problema.

— Não posso... — As palavras me fugiam. — Não posso fazer o que os outros demdjis fazem. Acho que já teria notado se meu rosto mudasse ou se eu pudesse fazer ilusões flutuarem pelo ar. Achei que poderia ficar e... fazer o que a Shazad faz. — Quando disse em voz alta, me pareceu idiota também. Shazad podia ser totalmente humana, mas eu a vira matar um andarilho sem nem suar. Sem uma arma, eu era apenas uma garota. Não uma demdji. — Eu não imaginava

que ficaria para fazer besouros brotarem da pele dos outros ou para me transformar em outra pessoa.

— Se você escolher ir embora, está livre para isso — Ahmed disse. — Miraji é perigosa para os demdjis, mas você parece ter se virado bem até agora. — Pensei na garota que tinha levado um tiro na cabeça do general gallan em Fahali. Ela era como eu. Lembrei de Jin me avisando para ter cuidado. Me alertando sobre Izman. — Mas, se decidir ficar, aqui há muitos outros demdjis que poderiam te ajudar a entender qual é sua habilidade, o que você pode fazer para ajudar a rebelião. Se ainda quiser.

Se eu quisesse.

Se eu quisesse fazer parte dessa história. Desse enigma.

Verdade seja dita, era mais do que um desejo.



HAVIA TRÊS ROMÃS PENDURADAS NO GALHO. E então tinha duas, depois quatro. Olhei de relance para Delila, que sorriu docemente.

— Viu? Não é tão difícil.

Fazia uma semana que Jin tinha acordado, e Ahmed prometera que me ajudariam a desvendar meus poderes. Uma semana de meditação com Bahi, e Delila me explicando que para fazer ilusões bastava *querer*. Ela achou que uma demonstração ajudaria.

— Isso é inútil — eu disse. — Nem sabemos se meu dom tem a ver com ilusões.

— É o dom mais comum entre os demdjis — Bahi disse.

— Basta tentar — Delila assegurou.

— Sim — Hala disse, observando. — Faça uma delas desaparecer e estará no mesmo patamar de artistas de rua em Izman.

Olhei fixamente para a árvore. Eu não tinha certeza do que estava tentando fazer. Hala disse que vinha da mente. Delila parecia achar que tirava o poder do peito. Eu não conseguia encontrar nada em nenhum desses lugares. O relincho de cavalos por perto desfez minha concentração. Olhei de relance sobre o ombro. Era o grupo que Ahmed tinha enviado três dias antes. Um ataque a um posto avançado nas montanhas para trazer mais armas.

Eu tinha pedido para ir com eles. Entendia de armas. Ahmed não deixara. Dissera que não fazia sentido enviar uma demdji que ainda não sabia controlar seus poderes. A mesma desculpa que tinha dado em uma ocasião similar antes dessa. Eu estava começando a me perguntar do que valia ficar se eu não servia para nada.

Enquanto observava os alforjes tinindo com as armas, a frustração que crescia dentro de mim se transformou em fúria. Não conseguia mudar minha forma ou meu rosto, nem entrar na cabeça de ninguém, nem conjurar imagens. As pessoas no acampamento estavam começando a apostar quanto tempo demoraria para eu descobrir meus poderes. Para ter alguma utilidade. Os boatos de que eu não tinha nenhuma habilidade começavam a surgir.

Enquanto observava, uma das três romãs rachou e um lodo negro vivo começou a vazar. Eu sabia que era coisa da Hala. Saquei a arma por instinto. Mirei com convicção e puxei o gatilho. A romã explodiu em um surto violento de sementes e suco vermelhos, a ilusão de Hala

desaparecendo junto.

— Pronto — eu disse, guardando a arma. — Agora tem duas.

Uma risada me fez virar. Percebi que Jin estava vendo. Ele passava por nós, carregando no ombro uma pilha de lenha até o centro do acampamento. Tinha se recuperado rapidamente da mordida do pesadelo. Eu o vira no dia anterior treinando combate corpo a corpo com Shazad. Ela ainda ganhava dele. De longe. Mas ele conseguiu aguentar um pouco.

Uma nova onda de humilhação queimou minha nuca quando Jin fez uma saudação militar para mim e eu dei as costas. Estávamos fazendo esse jogo em que Jin fingia que não tinha nada de errado entre nós e eu fingia que ele não existia.

Pelo visto Jin achava que não era nada de mais me enganar para me levar ao acampamento. Me tirar daquele trem para me impedir de ir a Izman, não para me manter segura. Me convencer de que a melhor maneira de chegar lá era numa caravana, se aproveitando da minha ignorância sobre meu próprio país. Eu tinha aceitado tudo aquilo porque era tola o suficiente para achar que formávamos uma equipe.

Afastei esses pensamentos. Era bobeira odiá-lo. Estávamos no meio de uma guerra. Ele tinha feito o que precisava fazer. Mesmo que no fim das contas eu não tivesse me revelado muito útil.

— Você sabia que conjura ilusões enquanto dorme? — perguntei a Delila. O comentário saiu um pouco mais ríspido do que eu planejava. — Não vou me transformar em uma demdji superpoderosa da noite para o dia simplesmente me concentrando.

— Vamos fazer uma pausa — Bahi interveio antes que Delila pudesse responder. — Faltam apenas algumas horas até a Shihabian.

Hala olhou nervosa para o céu. O sol estava se pondo. Pela primeira vez, vi uma expressão em seu rosto que não era de escárnio. Delila viu também. Ela colocou a mão no ombro da garota.

— Imin está voltando — Delila disse. Minha mente voltou para meu primeiro dia no acampamento, quando Imin tinha sido enviada na forma de um soldado gallan. Ela deveria voltar até a Shihabian.

— Como sabe disso? — perguntei a Delila. Quanto mais tempo eu passava no acampamento, mais preocupada ficava com os gallans em Fahali. O oásis era diferente de tudo o que já tinha visto, mas bastariam os gallans e sua arma poderosa para destruí-lo.

Delila pareceu um pouco envergonhada.

— É algo que aprendi quando pequena. Meus irmãos começaram a trabalhar em navios e velejar para longe, me deixando para trás, e eu nunca sabia quando iam voltar. Então a cada manhã eu abria a boca para garantir que conseguiria dizer que eles ainda estavam vivos, que estavam seguros, que estavam voltando para casa. Então eu tentava dizer que aquele seria o dia em que eles chegariam ao porto. E, se não pudesse, sabia que não era verdade e que não aconteceria. Mas Imin está voltando — ela disse com a confiança de uma profecia.

Nós não conseguíamos falar algo se não fosse verdade, mas e se funcionasse na outra direção? Me dei conta de que eu tinha feito aquilo uma vez, com o soldado gallan. Eu tinha dito que ele não nos veria no desfiladeiro. E realmente ele não nos encontrou. Mas o andarilho sim.

— O que aconteceria se eu simplesmente declarasse que amanhã meus poderes apareceriam? Ou se eu dissesse...

Os olhos de Delila se arregalaram e Bahi tampou minha boca com a velocidade de um

chicote, usando a mão tatuada. Ela cheirava a óleos e fumaça, como o interior de uma casa de oração. Pela primeira vez ele estava sério.

— Demdjis não devem tornar reais coisas que não são. Você nunca pode prever o que vai acontecer.

— Não mesmo. — A voz de Hala soou amarga. — Por exemplo, você pode dizer que Ahmed vencerá os jogos do sultim, mas esquecer de dizer que ele ficará com o trono. E se você não tivesse dito nada, talvez ele tivesse sido um ótimo sultão e governado até ficar velho e de cabelos brancos.

O olhar no seu rosto evidenciava que ela tinha vivido aquilo na pele. Pensei em todas as histórias que conhecia sobre pessoas que faziam pedidos e desejos tolos aos djinnis, que eram concedidos de alguma forma distorcida que roubava sua felicidade. O soldado gallan não nos encontrou no desfiladeiro. Ele foi comido vivo. Bahi parou, como se quisesse garantir que eu tinha entendido, antes de tirar a mão da minha boca.

Quando olhei para Hala, ela fitava os próprios pés. Não era à toa que não tinha me perdoado pela demdji de cabelos ruivos. Ela guardava rancor de si mesma fazia um ano. Porque havia tentado enganar o universo para que Ahmed virasse sultão, simplesmente dizendo que ele ganharia os jogos do sultim.

— Eu teria feito o mesmo.

Hala me brindou com uma imagem das minhas mãos pegando fogo, e a agonia ardeu dentro de mim antes de a imagem desaparecer. Qualquer simpatia que sentisse por ela evaporou.

— Sim, mas você não fez. Eu fiz. E se não tivesse feito, talvez não precisássemos de uma guerra, e as pessoas não precisassem morrer.

Sem outra palavra, Hala foi embora, com raiva.

Bahi entrelaçou os dedos.

— Como eu disse, é hora de fazer uma pausa.

Delila e eu voltamos devagar para o acampamento, passando pelos preparativos da Shihabian. As pessoas penduravam lanternas nas árvores, e o ar do acampamento estava tomado pelo cheiro de carnes e pães assados. Mesmo quando sonhava com Izman, não imaginava um lugar como aquele. Tirando Hala, todos estavam felizes. Pareciam se encaixar facilmente em seu papel, trabalhando com um único propósito: colocar Ahmed no trono. Tornar o resto de Miraji igual àquele pequeno canto do mundo.

— Por que Jin não competiu nos jogos do sultim? — perguntei, tentando quebrar o gelo que tinha se criado com a explosão de raiva de Hala. — A tradição diz que os doze príncipes mais velhos devem competir. Ahmed é o quinto, Jin é o sexto, então ele teria esse direito. Se tivesse se apresentado como outro filho sobrevivente.

O que significava que Jin havia escolhido não fazer isso. Que Ahmed decidira se revelar e reivindicar sua chance de ficar com o que era seu por direito de nascença, e Jin não. Aliás, as histórias nem mencionavam Jin. Não falavam do desaparecimento de outro filho na noite em que a mãe de Ahmed e Delila foi espancada até a morte, muito menos do seu retorno.

— Por que você está perguntando isso pra mim e não pra ele? — Delila roía a unha. Ela tirou o dedo da boca, constrangida.

Porque estou evitando seu irmão.

— Jin tem o hábito de não me contar toda a verdade.

— Eles discutiram sobre isso — Delila admitiu, finalmente. — Shazad achava que seria uma vantagem tática ter um aliado nos jogos para proteger Ahmed. Hala disse que ninguém acreditaria se comesçassem a chover príncipes desaparecidos. Jin disse que ninguém acreditaria nele porque não era nada parecido com o sultão. Bahi disse que a revelação de Jin reduziria o impacto de Ahmed. Então Shazad disse que a Ordem Sagrada o tornara muito dramático. E por aí foi — ela explicou timidamente. — Mas no fim ninguém podia obrigar Jin a fazer algo que não queria. E a verdade é que ele nunca quis saber de Miraji. — Ela se esticou e colheu uma laranja de uma árvore. Começou a descascá-la, evitando me encarar. — Ahmed se apaixonou por Miraji no instante em que retornou. Disse que era como se um pedaço esquecido de sua alma tivesse sido devolvido a ele. Quando decidiu ficar, Jin não entendeu. Eu mesma não entendi até ver com meus próprios olhos. É que em Miraji... nós nos sentimos em casa. Eles também brigaram quando Ahmed decidiu ficar. Jin velejou para longe sem ele. Sempre achou que Ahmed mudaria de ideia e voltaria para o mar. E então Lien, a mãe de Jin, que era como nossa mãe também... — Delila parecia desconfortável, como se tivesse passado muito tempo lutando contra aquilo. — Quando ela morreu, Jin e eu viemos até Ahmed. Isso foi apenas alguns meses antes dos jogos do sultim. Jin esperava que Ahmed mudasse de ideia, mas nesse meio-tempo Ahmed já tinha conquistado seguidores em Izman. Achei que Jin fosse esmurrar o nariz dele quando finalmente o encontramos, com ajuda da bússola. Mas foi Shazad quem quebrou o nariz de Jin.

Jin me dissera que uma garota tinha quebrado seu nariz, e que seu irmão o colocara no lugar. Eu tinha imaginado alguma namorada brava num porto estrangeiro, não Shazad. Mas era bom saber que nem tudo era mentira.

— Jin achava que o melhor que poderia acontecer era Ahmed não ser morto durante os jogos do sultim e a gente ir embora depois. — Ela gesticulou para o acampamento. — Mas não foi isso que aconteceu.

— Então por que ele continua aqui?

— Jin defende o irmão desde que eram pequenos. Ele socava qualquer um que chamasse Ahmed de... — Ela tropeçou na tradução da palavra xichan. — Significa “forasteiro imundo”, acho. Ele faria o mesmo agora. Mas ainda não acho que perdoou Ahmed por se apaixonar por algo além da família. Bem... talvez agora ele entenda isso melhor. — Ela olhou para mim com um sorrisinho tímido estampado no rosto. Senti o rosto esquentar.

— Não é... — Me atrapalhei com as palavras. — Jin e eu não somos...

— Se fosse verdade, você conseguiria completar a frase — Delila cantarolou.

Ela riu enquanto corria para longe, saltando sobre uma pequena fogueira. Fiquei ainda mais confusa.

Era fim de tarde, o que significava que Shazad provavelmente tinha terminado o treinamento e voltado para nossa tenda. Ou melhor, a tenda dela. Eu tinha dormido lá na primeira noite, exausta demais para discutir depois de descobrir que era uma demdji. E então simplesmente fui ficando. Ela ainda não havia me expulsado, e uma pequena pilha de roupas que ela me

emprestara se acumulava no chão, separando o meu lado do dela, que permanecia limpo, com disciplina militar. Era quase como estar em casa.

Ao entrar na tenda, fui recebida por um tecido na cara.

— Pegue — Shazad disse, um pouco tarde.

Peguei a roupa do chão. Senti o tecido dourado com costura em vermelho vibrante se desenrolar entre meus dedos.

— O que é isso? — perguntei.

— Uma oportunidade rara em que a tradição manda vestir suas melhores roupas.

Percebi que Shazad já estava vestida para a Shihabian. Parecia haver magia na maneira como ela tinha se arrumado. Seu cabelo preto estava preso em ondas firmes ao redor da cabeça, com grampos dourados refletindo a luz do sol poente. Ela usava um khalat drapeado, tão verde que ofuscava as árvores.

— Não tive tempo de pegar minhas melhores roupas quando estava fugindo da morte.

Passei as mãos no tecido e imaginei como seria vesti-lo e me transformar numa criatura tal qual a fênix das histórias, pleno fogo e ouro.

— Bem, nesse caso, pode usar uma das melhores roupas da sua amiga — Shazad disse.

Amiga. Aquela palavra simples chamou minha atenção. Eu só perdia amigos desde Tamid.

Shazad parecia ter percebido minha hesitação.

— Tenho outros khalats. Se você não gostar desse — ela acrescentou rápido, ajeitando um fio solto de cabelo atrás da orelha, como se estivesse nervosa, embora fosse impossível.

— Imin já voltou? — perguntei.

Apesar do que Delila tinha dito, eu estava preocupada com a demdji de olhos amarelos em Fahali.

— Não. — Shazad ficou séria. — Ainda não. Vamos esperar até o fim da Shihabian. Se não der notícias até amanhã, vamos atrás dela. — Para garantir que não teve o mesmo destino da garota de cabelos vermelhos.

— Quem vai? — perguntei, começando a tirar a roupa.

— Eu e Jin. E você, se quiser.

Minhas mãos hesitaram nos botões, as palavras de Delila ainda frescas na minha mente.

— Eu achava que não podia deixar o acampamento até descobrir meus poderes. — Não soei muito convincente nem a mim mesma, e Shazad fez um som de descrédito no fundo da garganta.

— Por mais curta que a nossa vida possa ser se essa revolução falhar, você não pode evitar Jin para sempre, sabia?

— Vou tentar mesmo assim.

O tempo sagrado da Shihabian começava quando o sol desaparecia, uma lembrança da noite em que a Destruidora de Mundos surgiu e trouxe a escuridão com ela. No ano anterior, Tamid havia me girado até eu ficar tonta, e tínhamos rido tanto que precisamos nos apoiar um no outro para ficar de pé, cambaleando por conta da bebida e da dança. Comemoramos até a meia-noite, quando o mundo inteiro ficou preto, lembrando a primeira noite. E então, quando as estrelas e a lua voltaram, rezamos até a alvorada.

Mas as comemorações da Vila da Poeira não eram nada se comparadas às daquele oásis.

Eram tantas lanternas penduradas entre as árvores que mal dava para ver os galhos. Havia figos colhidos direto das árvores, bolos tão doces que meus dedos grudavam um no outro. O ar cheirava a óleo e incenso e fumaça e comida e a estar vivo no meio do deserto.

Eu estava encantada com a sensação da seda e da musselina do khalat emprestado sobre a minha pele. O tecido dourado preso na minha cintura me envolvia de um jeito diferente de tudo o que eu já havia vestido. A silhueta de Shazad preenchia melhor as roupas do que a minha, mas eu não seria confundida com um garoto vestida daquele jeito, principalmente depois que Shazad abriu os três fechos superiores. Cheguei a tentar resistir, mas Shazad tinha muito mais talento para a luta do que eu, então no fim fui forçada a deixá-la fazer o que quisesse comigo. Imaginei que Shazad falharia ao tentar me transformar em algo tão brilhante e suave quanto ela. Mas, quando levantou o espelho, uma criatura extraordinária me encarava.

Meu cabelo estava torcido e meio preso, caindo em ondas que tocavam meu queixo e meu pescoço como se eu tivesse sido pega numa tempestade de areia. Ela tinha pintado meus lábios de um vermelho tão forte que imaginei que fosse sentir o gosto de sangue. A pintura dos meus olhos estava tão escura ao redor do azul que eu temia por quem fosse pego pela mira.

Eu parecia uma rebelde.

Fomos de uma fogueira até a outra, onde as pessoas paravam para conversar, e fui envolvida pelo falatório do acampamento com tanta facilidade quanto Shazad. Comi bolos de mel e tomei vinho doce. Notei Jin do outro lado da fogueira, jogando alguma coisa com a irmã e rindo ao perder.

Havia dois gatos perto do fogo. Um azul, outro cinza com um tufo azul na cabeça. Eu me agachei distraída para acariciar o azul, mas minha mão encostou na barriga de um garoto muito azul e muito pelado.

— Feliz Shihabian, general. — O garoto fez uma saudação militar para Shazad, que mal se deu ao trabalho de olhar para baixo enquanto passava por cima dele. Tentei manter os olhos no rosto dele, e não no resto do corpo.

— Izz, essa é a Amani — Shazad disse, finalmente se dirigindo ao garoto de pele azul. — Amani, esses são os gêmeos. Ou um deles. Voltaram hoje de manhã de uma viagem para trazer suprimentos.

Enrubesci e desviei o olhar, pegando Shazad com cara de quem estava se divertindo até demais. O outro gato também virou um garoto. Era idêntico a Izz, mas tinha a pele escura. Seu cabelo era do mesmo azul pálido da pele do irmão.

— E esse é o Maz. — Shazad apontou.

Maz deu um sorrisinho.

— O primeiro e único.

Olhei para o irmão dele.

— Quem te ensinou a contar?

Os gêmeos abriram um sorriso largo.

— Então você é a nova demdji — Izz disse, levantando para me observar sem qualquer preocupação com sua nudez. — Queríamos te conhecer.

— Estávamos nos perguntando se não seria nossa irmã — Maz disse. — Por causa dos olhos. — Ele apontou para o cabelo, um azul atípico, uma tonalidade realmente próxima da cor dos meus olhos. Se ambos herdamos a cor do nosso pai djinni, talvez ele fosse o mesmo. A

percepção de que eu poderia ter irmãos depois de dezessete anos sem saber foi perturbadora.

— Sempre quis ter uma irmã — Izz disse, alegre. — Já conheceu Hala? Ela e Imin têm o mesmo pai djinni, sabia? As mães viviam na mesma rua em Izman.

Então eu era responsável pela irmã de olhos dourados de Hala arriscar a vida entre os gallans em Fahali. Pelo visto eu não conseguia parar de criar motivos para ela me odiar.

— Mas você não é nossa irmã. — Maz ficou um pouco desapontado ao dizer isso. — Ou não conseguiríamos dizer que não é nossa irmã.

— Ainda assim... — Izz disse, animado. — Talvez você consiga mudar de forma como nós! Seria tão legal quanto.

— Você quer beber alguma coisa? — Shazad felizmente me conduziu para longe dos gêmeos pelados.

A dança começou logo depois. Eu nunca tinha dançado direito na Shihabian antes. Havia a questão da perna de Tamid, e eu não podia deixá-lo de fora. Mas logo meu corpo se soltou e eu comecei a dançar entre as centelhas de fogo, alternando os parceiros. Conforme a bebida fluía mais livre e as pessoas ficavam mais soltas, girávamos cada vez mais. Passei rápido por Shazad dançando com Bahi, e as mãos do meu parceiro seguinte me agarraram, me girando para encará-lo.

Eu estava cara a cara com Jin. Nós dois paramos, deixando a dança continuar à nossa volta. Podia sentir o calor de suas mãos através do tecido delicado do khalat. Depois de semanas sendo um garoto perto dele, tudo o que fazia de mim uma garota estava em suas mãos. Seu olhar passeou lentamente por mim, descansando por apenas um instante no sheema vermelho amarrado na minha cintura. Era o que ele tinha me dado em Sazi.

— Você parece ter nascido do fogo.

— Jin — comecei a falar.

Não consegui terminar. A meia-noite caiu como um manto sobre o céu, como sempre acontecia na Shihabian. Em um momento havia fogueiras, lanternas, estrelas e o luar, e no momento seguinte, apenas escuridão.

Não importava que houvesse menos buraqis e que os djinnis já não coexistissem com os homens, ou quantas fábricas surgiam cheias de ferro e fumaça: aquela era uma magia que não se dissipava. Vivia na memória do próprio mundo. A primeira escuridão de verdade, sob a qual fósforos não acendiam, a lenha não pegava fogo e as estrelas se escondiam. As mãos de Jin se afastaram de mim, e senti ele se distanciar. Eu não podia segui-lo. Não naquela escuridão. Todos permanecemos completamente imóveis onde estávamos. Esperando a luz voltar.

Uma fogueira ressurgiu à minha direita. As estrelas piscavam de volta à vida, uma por uma. Ainda assim, ninguém falou nada. As horas que se seguiam até a meia-noite eram para as festas; depois, era o momento das preces e memórias. Vasculhei a multidão procurando por Jin enquanto as pessoas me empurravam em direção ao único fogo, como se fossem mariposas.

A contadora de histórias era jovem. Estava de pé em uma pedra elevada perto do fogo, olhando para o resto do acampamento enquanto demdjis se reuniam ao seu redor.

— O mundo foi criado na luz — ela começou com a introdução tradicional. As histórias podiam ser diferentes, mas sempre começavam com as mesmas palavras. — E então a noite caiu. A Destruidora de Mundos veio da escuridão que existia nos lugares onde o sol não podia tocar.

Identifiquei a nuca de Jin enquanto ele escapava da multidão. Eu o segui, abrindo caminho entre as pessoas que se ajoelhavam para rezar, caminhando até que o barulho, a luz, as ilusões e os risos ficassem bem distantes e a fronteira do deserto mais próxima.

— Bandida de Olhos Azuis.

Levei um susto ao ouvir a voz de Jin. Eu mal conseguia distingui-lo sob a luz das estrelas que retornavam.

Ele tomou um gole da garrafa que pendia de seus dedos, e por um instante insano pensei que estava bebendo para tomar coragem de realmente me encarar.

— Quer um gole? — Jin estendeu a mão oferecendo a garrafa. — Conheci uma garota no Último Condado que aguentava beber tranquila enquanto seu companheiro já estava desmaiado na mesa.

Ele estava falando do Djinni Bêbado, perto das minas destruídas de Sazi, quando eu era apenas uma garota com uma arma capaz de aguentar muita bebida e ele era apenas um forasteiro incapaz de aguentar as drogas que coloquei no seu copo. Em vez de uma demdji e um príncipe. Naquela época, eu era cheia de certezas, mas ele já mentia para mim.

— Se bem que aquela garota não saía no meio de uma história — ele disse, dando outro gole.

Naquele momento, eu realmente me transformei em fogo. Golpeei a garrafa, que voou para o chão, a areia absorvendo a bebida derramada enquanto ela rolava. Percebi que esperava que ele me impedisse, que segurasse meu braço antes que pudesse acertá-lo.

— Histórias e mentiras. — Reencontrei a voz e engoli o que mais estivesse subindo pela garganta, antes que se transformasse em lágrimas. — Não sou mais tão suscetível a elas quanto costumava ser. Mas você já deve estar sabendo que desperdiçou suas mentiras para me trazer até aqui. Não ouviu o que estão dizendo? Que sou a única demdji no mundo sem poderes? — Ele lutou contra a visão desfocada pela bebida para se concentrar em mim. — Alguma vez pensou em me contar o que eu era?

De repente Jin preencheu meus sentidos: o cheiro de álcool, o calor, os traços de seu rosto, as tatuagens começando a aparecer sob a camisa.

— Você quer falar sobre isso? Agora?

— Por que não? — Abri os braços, desafiando-o. — Por que não me conta qual era o plano? Se as coisas tivessem sido diferentes em Dassama, você ia me amarrar e me arrastar até aqui? Ou já tinha mentiras diferentes na ponta da língua?

— Eu não te obriguei a vir. — Jin me encarou, mas eu não ia recuar. Ele tinha dito que meus olhos me traíam. Queria que visse neles como eu me sentia traída agora. Por ele. — Eu não te enganei, e nunca pedi nada.

— O que mais eu poderia fazer? Deixar você morrer?

— Você poderia ter feito isso.

— Jamais poderia.

— A verdade é que eu não tinha a menor ideia do que estava fazendo, Amani. Tentei te deixar na Vila da Poeira porque não queria te arrastar para a guerra do meu irmão. Voltei pra te buscar porque não queria ver você morrer nas mãos de Naguib. De qualquer modo, um dos meus irmãos seria seu fim. Eu só tinha que escolher qual. — Ele levantou a mão como se fosse me tocar, mas desistiu no meio do caminho. — Fiquei aliviado em Sazi quando vi que você tinha ido embora, porque isso significava que estava seguindo seu próprio caminho, mas também

fiquei aliviado quando vi que tinha levado a bússola, porque me dava uma razão para ir atrás de você. E sim, eu menti para te manter longe de Izman porque tinha medo de que alguém percebesse o que você era, porque aí você seria capturada e vendida para o sultão. E eu a levei para Dassama por imaginar que haveria uma chance de te colocar num barco e te tirar deste país antes que ele te matasse.

O rosto de Jin estava tão próximo... Lembrei do que ele tinha dito uma vez, cruzando o deserto: que o mar tinha a cor dos meus olhos.

— Você não tem o direito de decidir isso por mim. — Eu o empurrei, tentando afastá-lo de mim, da minha cabeça.

— Mas *ele* tem? — Jin gritou. — Meu irmão diz que você é uma demdji e você acha que isso é melhor do que ser a Bandida de Olhos Azuis?

Eu me aproximei dele, meu cabelo esvoaçando ao se soltar do penteado.

— Você não pode me julgar por querer ser algo além de outro grão de areia neste deserto. Não quando nasceu com muito mais que isso. Não quando *você* nasceu poderoso e importante.

— É mesmo? — Jin deu dois passos rápidos, atravessando a areia com uma velocidade violenta. — Nasci no mesmo ano que dez irmãos e doze irmãs. Nascer não torna ninguém importante. Mas você era importante quando a conheci, a garota que se vestia de garoto, que tinha aprendido sozinha a atirar com precisão, que sonhava, salvava e desejava com tanta força. Aquela garota era alguém que se fez importante. Era alguém de quem eu gostava. O que aconteceu desde que você chegou aqui? Por que *ela* se tornou tão irrelevante para você? De repente só a aprovação do meu irmão e o desenvolvimento de um poder parecem importantes. É por isso que eu não queria envolver você nesta revolução, Amani. Não queria ver o fim da Bandida de Olhos Azuis por causa de um príncipe sem reino.

Eu queria tanto dizer que ele estava errado, mas minha língua virou ferro só de pensar. O que não significava que ele estava certo.

— E por que está lutando por este país senão pelo seu irmão? Este país que você não entende, e que ressenete porque sua família...

— Você está certa — ele disse, me interrompendo. — Nunca tinha entendido este país, por que meu irmão escolheu deixar tudo para trás e ficar aqui. Até te conhecer.

Senti como se Jin tivesse me empurrado, como se eu estivesse caindo e precisasse que ele retirasse aquelas palavras para me manter de pé.

— Você é este país, Amani — ele disse, mais baixo agora. — Mais viva do que qualquer coisa deveria ser neste lugar. Toda feita de fogo e pólvora, com um dedo sempre no gatilho.

Permanecíamos muito próximos, a raiva pulsando entre nós. Meu coração batia rápido — ou talvez fosse o dele. Estávamos respirando um ao outro.

Só nós dois.

Tinha mais fogo em mim do que jamais sentira desde que haviam contado que eu era uma demdji. Abri e fechei as mãos, querendo estendê-las e tocá-lo.

— Jin. — A voz de Bahi quebrou o encanto. Eu nunca o vira com uma expressão tão séria. — Ahmed está te procurando. Temos notícias da arma de Naguib.

— A arma está em movimento. — Imin bebia água em grandes goles. Ela tinha praticamente

corrido de Fahali até ali.

— Você a viu? — Shazad perguntou.

Imin balançou a cabeça. Ainda usava a aparência do soldado gallan. Todos do círculo mais próximo estavam de pé em torno dela, prestando atenção em cada palavra: o príncipe, Shazad, Jin, Bahi, Hala. E eu.

— Só rumores. Alguns incêndios acidentais em Izman pelos quais estão tentando nos culpar. E três navios ancorados no porto que pegaram fogo. Mas uma carta foi enviada esta manhã para os gallans em Fahali. O comandante Naguib está voltando como representante do pai para negociar os termos da aliança com o general Dumas.

— Isso certamente soa como “Estamos levando uma arma para você aniquilar a rebelião” — Hala comentou, colocando a mão no ombro da irmã.

— Eles já nos encontraram?

— Ainda não — Imin disse. — Mas estavam perto.

— Então precisamos levantar acampamento.

— E ir para onde? — Bahi interrompeu. — Se formos para o norte, caímos nas garras dos gallans. Se formos para o oeste, cruzamos a fronteira para Amonpour, isso se os clãs das montanhas não nos pegarem primeiro. Para o leste, seu pai nos mata. Para o sul, o privilégio é do deserto. Era diferente quando fugimos pela primeira vez de Izman, só uma dúzia de pessoas, mas agora a rebelião cresceu. Não dá pra mover um reino com tanta facilidade. Mesmo um pequeno.

— Ele está certo — Shazad reconheceu.

Ahmed se apoiava na mesa com força. Suas articulações estavam pálidas.

— Então vamos interceptá-los — Jin disse. Ele passava a bússola de uma mão para a outra e o ponteiro girava frenético, apontando para a de Ahmed. — Eles estão transportando a arma por trem?

Imin assentiu com a cabeça, o cabelo gallan loiro cacheado caindo em seu rosto.

Ahmed não disse nada. Todos aguardávamos no suspense de seu silêncio.

— Eles não podem descobrir que estamos atrás da arma — ele disse, finalmente. Ele se dirigiu a Jin, não à sua general, não aos demdjis. A seu irmão. — Vocês têm que fingir que são só bandidos comuns assaltando trens pelo dinheiro. Jin, você leva...

— Eu vou também. — As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse pensar melhor. Todos olharam para mim.

Minha discussão com Jin ainda estava fresca. Ele estava certo. Eu nunca ia ser importante se ficasse apenas esperando meus poderes de demdji aparecerem. Tinha ficado parada tempo demais.

— Você é um risco — Ahmed disse, sincero. O que era diferente de um não.

— Assumo esse risco sem pensar — Jin disse, olhando para o irmão. — Não preciso dela como demdji.

Shazad também me defendeu:

— Amani é a melhor atiradora que já vi, e ela consegue se passar por humana. Fez isso a vida inteira.

— Pode confiar em mim — insisti.

Os olhos de Ahmed fitaram os meus, e por um instante ele não parecia o irmão ou amigo de

alguém: parecia um príncipe. Me endireitei, tentando parecer uma boa soldada.

Ele assentiu com a cabeça.

— Vocês partem ao amanhecer.



— VOCÊ SABE POR QUE CHAMAM ESTE LUGAR DE SERRA DO MORTO? — Bahi perguntou, alegre. Ele tentava puxar papo desde que tínhamos aterrissado, depois de voar nas costas de Izz, que assumira a forma de um roc gigante, com o deserto aberto correndo embaixo de nós. O demdji de pele azul estava agora enrolado nas rochas na forma de um grande lagarto azul. Pelo menos não tentava ajudar a montar o acampamento na forma de um garoto pelado.

— Porque vou te matar se não parar de falar? — Shazad perguntou, jogando um pedaço de lenha na direção dele.

— Infelizmente, os cartógrafos não previram você, Shazad. — Bahi passou o braço sobre o ombro dela. Estávamos empoleirados em uma montanha. Lá embaixo o deserto se estendia para todos os lados. Exceto ao norte, onde era possível vislumbrar o que Jin dissera ser o mar. E diretamente abaixo de nós, cortando as montanhas, estava a ferrovia. — É porque muitos trabalhadores morreram abrindo os túneis com explosivos — Bahi explicou. — Dizem que seus fantasmas inquietos perambulam pelos trilhos.

— Mais uma brilhante realização, cortesia da aliança do sultão com os gallans — Jin disse, chutando uma pedra para longe antes de estender seu saco de dormir. Jin o chamava de sultão, eu havia notado. Ahmed se referia a ele como pai, mas Jin não.

— E você está nos dizendo isso *agora*? — Hala empurrou Bahi. — Logo antes da gente explodir um túnel?

— Só estou tentando estimular a reflexão. — O bom humor de Bahi estava um pouco insano demais para o meu gosto, considerando que eu mal conseguia controlar o nervosismo.

O trecho da ferrovia que víamos da Serra do Morto começava em Izman e abria caminho pelas montanhas até Fahali, do outro lado. E de lá era apenas um dia de viagem até o acampamento de Ahmed.

Estávamos prontos para garantir que a arma não chegasse tão longe. O trem deveria chegar em dois dias. Ao amanhecer instalaríamos explosivos no túnel para forçar o trem a parar, nos dando tempo de subir a bordo, fingindo ser ladrões. Hala confundiria a cabeça dos passageiros para que vissem uma dúzia de bandidos distraindo os soldados enquanto removíamos a arma.

— Os pais sagrados não devem refletir em silêncio? — perguntei, sacudindo meu saco de

dormir.

O humor de Bahi não se deixava abalar.

— Sou jovem e bonito demais para ser pai, de qualquer modo.

— Não é isso que Sara anda dizendo — Shazad murmurou.

Eu me perguntei se Sara era o motivo de ele ter falhado como pai sagrado. Bahi disse que havia bebido demais antes das preces matinais uma vez, e que o jantar da noite anterior tinha ido parar na túnica do Pai Superior, mas eu já tinha ouvido outras histórias explicando por que ele não terminara o treinamento.

— Ninguém pode provar que aquele bebê é meu — Bahi disse, parecendo desanimado.

— Ele tem seu talento para falar besteira — Shazad retrucou.

— É apenas um bebê — Bahi disse. — Só grita e chora.

— Então deve ser seu filho mesmo — falei em voz baixa.

Jin soltou uma risada. Bahi puxou uma garrafa da sacola.

— Um brinde ao meu filho, então.

— Por que você trouxe bebida? — Shazad perguntou, massageando as têmporas, como se já estivesse de ressaca.

Em resposta, ele puxou duas outras garrafas.

— Razões médicas. Está nos textos sagrados. Pode consultar. Damas primeiro.

Ele ofereceu a garrafa a ela. O rosto de Bahi tinha uma expressão de pura vitória quando os dedos de Shazad se fecharam sobre os seus. Ele deixou os dedos ali parados por apenas um segundo antes de soltar a garrafa. Eu estava começando a achar que estava certa sobre ele ter deixado o treinamento sagrado por uma garota, só que o nome dela não era Sara. Eu me perguntava se Shazad realmente não tinha notado ou se estava apenas fingindo para não magoá-lo.

— Você sabe que não estou autorizada a beber — Shazad disse, tomando um longo gole.

— Você não pode beber? — Não consegui evitar o tom de ceticismo enquanto ela passava a garrafa para mim. Era bebida barata que queimava a garganta.

— O general não aprova — Bahi interveio, se referindo ao pai dela.

Shazad fez uma saudação militar jocosa, mas seu sorriso era sério demais para me fazer acreditar que não amava seu pai.

— Ele diz que um soldado bêbado é um soldado morto.

— Claramente um momento de equívoco do general — Bahi disse, pegando uma segunda garrafa. — Senão meu pai teria sido morto mil vezes.

Shazad começou a responder, mas Bahi já estava chamando Izz, Jin e Hala para algum jogo de bebida que parecia consistir em lançar algumas moedas e bater as mãos nas rochas antes de dar um gole.

Podemos morrer aqui, pensei. Mas eles estavam acostumados ao risco. No ano anterior tinham se atirado na frente do perigo a todo instante, apenas pela chance de construir um mundo melhor. Eu tinha feito aquilo também. Entrara naquela arena de tiro com nada além de uma boa chance de morrer e a oportunidade de ir para um lugar melhor. Mas eu havia feito aquilo para mim mesma. Eles estavam se arriscando por eles e por todos os demais. Por Miraji inteira. Para que ninguém mais morresse como acontecera em Dassama. Para que ninguém mais tivesse que viver como eu havia vivido na Vila da Poeira.

— Senhoritas! — Bahi chamou, afastando meus pensamentos. — Não querem se juntar a nós? Por enquanto estou ganhando.

— Achei que o objetivo do jogo era não ser a pessoa que bebe mais — Hala respondeu.

— É evidente que você e eu temos definições diferentes do que é vencer — Bahi disse.

— Só estávamos te dando uma vantagem inicial. — Shazad encostou o ombro no meu. — Quando você acordar e todo o seu sangue tiver se transformado em bebida, vai ver isso como o primeiro erro no caminho para a derrota.

Não resisti e acabei rindo. Depois que uma garrafa foi esvaziada, Bahi reuniu coragem para recriar sua serenata sob a janela de Shazad. Estávamos bêbados de ansiedade e do bom e velho álcool sob o céu cheio de estrelas que pareciam nos pertencer. Era como se pudéssemos reorganizá-las à vontade.

E percebi que, por mais assustados que estivéssemos, eu nunca tinha sido tão feliz quanto naquela noite.

Na manhã seguinte, alguma coisa me acordou antes da luz do sol. Fiquei imóvel, tentando entender se era apenas a memória de um sonho que eu já estava esquecendo.

Todos dormiam ao meu redor. O fogo tinha apagado. Shazad estava de lado, uma mão descansando na espada como se esperasse que alguém a atacasse a qualquer instante. Do outro lado da fogueira, Hala estava curvada, enfiada em seu saco de dormir.

Izz deveria estar de guarda no céu na forma de um roc, mas os sacos de dormir de Bahi e Jin estavam vazios. Levantei, as juntas estralando, e comecei a caminhar em direção ao nascer do sol, subindo no cume que protegia o acampamento. Foi lá que os encontrei.

Bahi não tinha um tapete de orações, mas estava ajoelhado, cabeça baixa, lábios pressionados contra as mãos. Fiquei quieta. Podia escutar as preces matinais murmuradas como um segredo. A sensação era de espiar um ato íntimo. Dei um passo para trás, porque não queria me intrometer. Então vi Jin, agachado a alguns metros de distância em uma beirada estreita, de costas para a montanha, as mãos balançando no espaço aberto acima dos trilhos. Perambulei pelas pedras empoeiradas com os pés descalços.

— A ressaca não é tão ruim assim. — Senti a minha voz rouca quando fui sentar perto dele.

— Por mais que queira culpar a bebida barata de Bahi, eu aguento beber bastante. — Ele passou a mão pelo rosto. — Não durmo bem desde que acordei da mordida do pesadelo. Quando fecho os olhos, vejo o acampamento pegando fogo se não interceptarmos a arma. Minha família queimando. Você queimando.

Levantei a cabeça quando ele falou de mim. Jin deixou escapar um longo suspiro.

— Você não precisa ficar... Sabe disso, não é? Você estava certa na Shihabian. Você está aqui porque eu... Porque eu te envolvi nisso. Porque eu queria que você ficasse. Mas não quero que morra. Ainda pode ir embora. Para Izman. Ou para onde quiser. Escapar disso.

Meu olhar se perdeu no deserto. Parecia infinito, mas o sol nascia à minha esquerda, o que significava que em algum lugar na direção para onde olhava estava a Vila da Poeira.

— Acho que estou onde deveria estar.

— Sabe, eu meio que sinto falta da garota que estava pronta para deixar todo mundo para trás para salvar a própria pele — Jin disse. — Ela parecia ter uma chance muito menor de morrer

fazendo algo heroico e idiota.

— Vou encarar isso como um elogio — eu disse, rindo, mas então parei de repente. Na direção onde olhava, nos trilhos, vi o reflexo do sol em alguma superfície metálica. — Aquilo é...?

Um guincho cortou o céu antes que eu pudesse terminar a frase.

Ambos levantamos a cabeça para ver Izz circulando acima do acampamento e então voando em espiral para baixo, mudando de pássaro para garoto alguns metros acima do chão e caindo agachado. Levantei e olhei para o acampamento, o pânico tomando conta de mim. Mas as mãos de Jin estavam na minha cintura. Ele me virou rápido. Sua boca veio com força e vontade sobre a minha.

Suas mãos queimaram a pele das minhas costas. Seu toque soltou faíscas pelo meu corpo. Eu não sabia se aquele beijo me incendiava ou se apenas libertava o fogo que já havia dentro de mim.

Jin se afastou antes que fôssemos consumidos, as mãos segurando meu rosto.

— Ainda está se sentindo imortal, Bandida?

Corremos de volta para o acampamento. Shazad já estava acordada e armada. Izz tinha uma expressão selvagem nos olhos.

— Tem um trem vindo.

Shazad balançou a cabeça como se estivesse tentando entender.

— Não tem nenhum trem agendado antes do nosso — ela disse, confirmando o pensamento de todos. Li no rosto dela a mesma conclusão a que eu tinha chegado.

— O trem partiu mais cedo. — Era melhor eu falar de uma vez o que todo mundo estava pensando. — A arma está vindo.

Não havia tempo para armar os explosivos no túnel, não havia tempo de parar o trem para subir a bordo. Era com isso que eles estavam contando. Ninguém falou nada enquanto nos agrupávamos no cume acima do túnel, esperando o trem passar. No início eu só podia escutar todo mundo respirando em silêncio, depois as respirações misturadas com o trepidar dos trilhos, e em seguida nada além da montanha sacudindo embaixo dos nossos pés enquanto o trem acelerava pelo túnel.

Esperando.

Esperando.

O trem disparou para fora do túnel em uma explosão de fumaça negra.

— Agora!

Nós meio que corremos, meio que deslizamos montanha abaixo, mergulhando na fumaça de carvão. A nuvem negra invadiu meus pulmões e meu nariz e me cegou, então não foi uma descida bonita. Estava novamente de pé e saltando antes de ter tempo de sentir a agonia da pele arrancada do meu cotovelo.

Num instante havia pedra sob meus pés, e no seguinte havia ar. O mundo inteiro parou.

Não consegui me equilibrar quando meus pés acertaram o teto do trem e eu caí em direção à ponta, o pânico tomando conta de mim. Uma mão firme agarrou a minha. Jin me puxou de volta para cima. Não havia como agradecer com o ruído ensurdecedor do trem. Apertei a mão dele

por um instante.

E então nos separamos, sua mão arrancada da minha. Shazad e eu corremos para a frente do trem; Jin, Bahi e Hala, para a parte de trás. Não olhei para baixo, nem para os trilhos que passavam rápido sob nós, nem para mais nada, não até estarmos o mais adiante possível sem escalar o motor.

Desci primeiro, em direção à porta que nos permitiria entrar, segurando na parte de fora do trem enquanto ele tentava me derrubar a cada sacudida, o vento uivando em meus ouvidos.

Shazad aterrissou perto de mim com uma graciosidade felina. Verifiquei a arma na cintura e ela segurou firme a espada.

Terror e adrenalina disputavam minha atenção. Podia ver tudo o que eu sentia espelhado nos olhos dela. Estávamos em sincronia.

A porta do vagão se abriu com força sob nossos pés.

Fileiras de assentos vazios. Lâmpioes de vidro empoeirado balançavam silenciosamente com o movimento do trem. Abaixamos as armas. Uma das janelas estava estilhaçada, havia uma mesa virada.

Prosseguimos em silêncio, meu dedo no gatilho. Minha outra mão descansava sobre a arma sobressalente.

Shazad e eu nos movemos juntas pelo trem, um vagão vazio por vez. No meio do caminho, ela expressou em voz alta o medo que tinha começado a crescer dentro de mim.

— Os outros já deviam ter chegado aqui.

Segurei a arma mais forte e desejei ter algo em que atirar.

Quando abrimos de supetão a porta seguinte, havia um vão com o comprimento de um braço antes do próximo vagão. Parada diante dele, parecia tão largo quanto o vale de Dev.

Eu não podia olhar para baixo. Não queria olhar para baixo. Não com os trilhos passando como um borrão sob nós. Mas precisávamos continuar. Precisávamos encontrar a arma antes que ela nos encontrasse.

— Se afasta — eu disse a Shazad, guardando minha arma. — Eu vou primeiro.

Ela não teve tempo de discutir: agarrei a moldura da porta, tomei impulso para trás, depois arremessei meu corpo para a frente.

O vento assoviava nos meus ouvidos, me desafiando a cair.

Colidi contra o outro vagão. A porta não cedeu. Tentei agarrar o ar enquanto meu coração ameaçava afundar no peito e levar meu corpo inteiro junto com ele direto para os trilhos.

Senti minha mão se fechar em algo sólido: uma escada à esquerda da porta. Eu me puxei para cima, endireitando o corpo, tremendo enquanto me segurava à barra fria de metal. Tudo o que conseguia enxergar eram minhas mãos e o metal. Shazad gritou algo que não pude ouvir com o vento.

Virei o máximo possível para segurar sua mão. Seus dedos estavam na fronteira do meu campo de visão, estendidos na minha direção.

A porta se abriu com um estrondo. Tudo o que vi foi um uniforme dourado, uma ameaça de morte.

Mas Shazad era mais rápida que a morte.

Ela mergulhou no vão entre os vagões. Vi a luz de uma faca em sua mão, e então vermelho espalhado sobre dourado e branco. Se o soldado gritou antes de cair nos trilhos, o som se

perdeu com o ruído do trem.

Eu não o vi morrer. Tudo o que vi foi Shazad aterrissando com força demais sobre o tornozelo.

Seu pé cedendo sob seu corpo.

O vento em seus cabelos pretos, torcendo-os em volta do pescoço como uma corda.

Seus olhos fixos nos meus enquanto ela caía em direção aos trilhos.



PELO INSTANTE MAIS LONGO DA MINHA VIDA, não havia nada além de ar entre meus dedos.

E então consegui agarrar o pulso de Shazad. Senti uma onda de alívio quando ela estendeu o outro braço e segurou o meu, como se uma força maior estivesse nos mantendo juntas.

Shazad conseguiu apoiar os pés na borda estreita, só o suficiente para eu mantê-la segura. Seu peso se dividiu entre o meu apoio e a gravidade, enquanto ela tentava sair da posição inclinada perigosa que poderia se transformar numa queda se uma de nós afrouxasse um pouco a mão.

Meus dedos tremiam com a vontade de não largar. Ela gritou algo, mas o vento abafou suas palavras.

— Não consigo ouvir! — gritei de volta.

— Mais de vocês? — Havia outra voz no ar, como se viesse de um sonho sombrio. Eu havia me esquecido da porta aberta e dos uniformes atrás dela, minhas costas expostas de modo que pudessem me esfaquear a qualquer momento. — É praticamente uma invasão.

Eu conhecia aquela voz. Afiada, com sotaque do norte, ameaçando atirar na perna de Tamid, apontando uma arma para mim, conversando com o general gallan em Fahali.

A risada do comandante Naguib flutuou no vento.

Meus olhos estavam fixos nos de Shazad. Eu não podia desviar o olhar, nem um pouco sequer, sem deixá-la cair. Os trilhos corriam sob seus pés cambaleantes, seu sheema solto chicoteando com violência no ar. Meu braço tremeu, tentando puxá-la de volta para ficar de pé.

Shazad podia ver tudo. Ela podia ver atrás de mim, dentro do vagão. Só não tinha uma pistola.

— Alguém as arraste para dentro — Naguib ordenou casualmente.

Shazad olhou para a arma na minha cintura e então por cima do meu ombro. Eu sabia exatamente o que ela queria que eu fizesse. Poderia sacar minha arma, girar e acertar um tiro na cabeça de Naguib.

Mas não conseguiria fazer isso sem deixá-la cair.

Me solte. Seus lábios moldaram as palavras no ar.

Ela estava disposta a matar e morrer por essa causa. Porque, se o comandante Naguib não morresse, estaríamos todos mortos. Em algum lugar bem fundo dentro de mim, vi o rosto de

Tamid. Eu não era mais aquela garota que deixava as pessoas para trás.

Segurei mais firme seu punho.

Alguém agarrou minha cintura e me puxou para trás, carregando Shazad junto e nos puxando para a segurança do vagão, embora *segurança* não fosse a palavra certa.

Fui revistada em busca de armas. Pressionei a testa no carpete, arfando enquanto vasculhavam meu corpo. Minhas pernas tremiam tanto que eu não teria conseguido ficar de pé ou lutar. Foi preciso a mão de Shazad no meu cotovelo para me ajudar a levantar.

Estávamos em um dos vagões de luxo. Ele estava repleto de soldados com uniformes arrumados e rebeldes maltrapilhos. Contei cerca de vinte soldados.

Dois deles seguravam Jin. Ele estava de joelhos, e parecia que lutava para não desabar no chão. Mas ainda me deu um sorriso fraco e pesaroso, que tentei retribuir.

Havia uma arma apontada para a cabeça de Hala, e seus braços estavam amarrados atrás do corpo. Inicialmente não vi Bahi, e por um instante tolo imaginei que tivesse sido esperto o suficiente para escapar do trem. Então o vi, a camisa vermelha no colarinho por causa do sangue que esguichava do nariz. Era difícil reconhecê-lo daquele jeito.

De pé, perto do bar de madeira polida, como se fosse o anfitrião de uma festa bizarra, estava Naguib.

— Essa foi uma missão bem patética. — Sua atenção passou rapidamente por mim. — E veja só: a vadia de olhos azuis. Pensei que tinha dito que não era uma aliada do traidor.

— As circunstâncias mudaram. — Escolhi palavras que Shazad diria, suaves, afiadas e limpas, porque se usasse as minhas poderia levar um tiro. — Nada como uma arma na cabeça para fazer você se juntar ao outro lado, *comandante*.

— Sem dúvida. — Naguib se afastou do bar com aquele seu jeito nervoso e esquisito de andar. — E tenho certeza de que meu *irmão* aqui foi muito persuasivo.

Ele chutou as costelas de Jin ao terminar a frase, fazendo-o se dobrar de dor sobre o espesso carpete vermelho. Não reagiu. Não daria essa satisfação a Naguib.

— Sabe — ele disse, ajeitando as mangas —, você podia me contar logo onde meu outro irmão está e economizar um bocado de sofrimento. Afinal, vocês são cinco, e só preciso que um abra o bico. Na verdade, só preciso de um de vocês vivo. — Ele encostou na pistola em sua cintura.

— Você claramente é um péssimo apostador — Shazad disse.

Acho que foi seu sotaque que fez Naguib reagir.

— Shazad Al'Hamad?

Ela piscou como se realmente fôssemos convidados em uma festa.

— Desculpe, mas já nos conhecemos?

A expressão dele azedou.

— É claro. Eu não esperaria que a única filha do grande general notasse um dos vários filhos do sultão. Embora muitos de nós tenhamos te notado.

— Notei os filhos que importavam — Shazad respondeu friamente.

Observei as palavras passarem por Naguib, o comandante, e atingirem o garoto que havia por baixo dele.

— Seu pai será enforcado por isso, sabia? O que é ótimo para mim, já que meu pai prometeu que eu seria general quando ele morresse. — Naguib estendeu a mão para encostar no rosto de

Shazad. — Graças a você. Mas acho que vou lidar com você...

— Se você a machucar, vai queimar no inferno. — A voz de Bahi estava grossa por causa do sangue que bloqueava seu nariz. — Se não acredita em mim, a demdji pode dizer isso a você. — Percebi que ele estava falando de mim. — Ela não pode mentir.

O olhar de Naguib se voltou para mim, parecendo finalmente compreender meus olhos estranhos.

— É verdade — eu disse, sem hesitar. Bahi tinha me avisado para não fazer aquilo. Não torcer o universo criando verdades. Mas era o que ele me pedia naquele momento. Por Shazad. Para mantê-la viva e segura. — Se tocar nela, vai morrer gritando. Implorando pela sua vida.

No instante em que as palavras saíram da minha boca, elas se tornaram verdade. Considerando o aviso de Bahi, achei que seria diferente. Que algum poder explodiria de mim ao sentir minhas palavras alterando o universo para manter Shazad segura. Mas era justamente ali que estava o perigo. Eram apenas palavras. Saíam fácil. Como quaisquer outras.

Os dedos de Naguib pararam a centímetros do queixo de Shazad. Cauteloso diante do nosso jogo, sem saber direito qual era. Encontrei o olhar de Bahi.

— Mentir é pecado, afinal — Bahi disse.

Jin deu risada. Acabei rindo, mesmo com uma arma no pescoço.

— E o que você sabe sobre pecados? — Uma voz vazia veio de um canto, interrompendo meu riso e enviando um arrepio gelado pelas minhas costas. Apertei os olhos para enxergar no escuro, mas tudo o que via era uma pilha de armas e elmos.

Então um dos conjuntos antigos de armadura se mexeu.

Era feita de metal puro. Mãos de cota de malha de bronze ondularam quando flexionou os dedos; juntas de bronze estalaram quando andou. Até seu rosto era uma máscara lisa de cobre que refletia o sol que fulgurava pelas janelas do trem.

Não gostei de como os soldados abriram caminho para essa armadura, como se tivessem medo dela.

— Endireite-se, garoto. — Os lábios de metal não se moveram quando a armadura falou, mas uma voz estranha ecoou dentro da máscara, contaminada por um sotaque que lembrava o Último Condado mais do que eu gostaria. Bahi lutou para levantar o rosto ensanguentado até que dois guardas o prensaram contra a parede, já sem forças e mal se aguentando de pé.

A armadura de bronze estendeu as mãos e segurou as de Bahi, uma delas tatuada, a outra vazia. Inclinou a cabeça como se estivesse curioso, e vi um pedacinho de pele do seu pescoço. Não era uma armadura viva, então. Era uma pessoa vestindo uma armadura de metal.

— Noorsham — Naguib disse, prestes a dar uma ordem.

Noorsham. E então eu estava de volta a Fahali. Na casa de oração transformada em prisão. Um garoto com sorriso torto, acorrentado à parede. *Só sou especial mesmo*, ele tinha dito.

Pelas frestas no cobre, só conseguia ver a cor azul. Azul como o céu do deserto, como a água do oásis. Azul como meus próprios olhos.

— Você é um traidor. — A voz de Noorsham estava distante quando ele voltou o olhar azul ardente para Bahi. Muito diferente do tom suplicante e esperançoso de quando me ajudara. Lutei para escapar do soldado que me segurava. — Traidores devem voltar para os braços de Deus, para serem julgados.

Ele ergueu a mão de bronze e a encostou na testa de Bahi, como se o abençoasse.

Bahi sorriu, os lábios inchados e manchados de sangue.

— Lamento te desapontar, mas acho que me desviei demais para reencontrar meu caminho...

E então ele estava gritando.

Shazad berrou seu nome.

Antes que eu pudesse me mexer, uma onda de calor atravessou o vagão, violenta e sufocante, enquanto eu assistia à mão na testa de Bahi brilhar como brasa. A pele de Bahi fervilhou e escureceu, e todos nós gritamos.

Eu consegui me soltar do soldado que me segurava. Dei dois passos em direção a Bahi, e então o calor ficou forte demais. Caí de joelhos, arfando.

A pele dele ficou preta, e então branca. Sem poder fazer nada, vi Bahi se transformar de garoto em cinzas.

Tínhamos encontrado a arma.



O CALOR DESAPARECEU. Me sentia febril. Meus pulmões ardiam.

Estava de quatro, ofegando sem ar, meu coração tão acelerado quanto as sacudidas do trem.

Bahi estava morto. Morrera gritando, como eu tinha dito que o comandante Naguib morreria. Eu havia torcido o universo e desviado o mal direto para Bahi. Tudo no vagão estava quieto, exceto pelo lustre acima de nós, ligeiramente chamuscado, balançando frenético de um lado para o outro com o movimento do trem.

Jin tentou correr. Um dos soldados que o segurava deu uma joelhada no meio das suas costas, forçando-o a ficar no chão.

— Prendam ele. — Naguib se esforçava para parecer entediado, mas sua voz tinha um quê de hesitação. Seu cabelo estava grudado na pele devido ao suor. Hala deixou escapar um pequeno soluço sem se mover. — Posso sugerir que meu estimado irmão forasteiro seja o próximo?

Noorsham ignorou seu comandante.

— Amani. — Toda sua atenção estava direcionada para mim. — Você ainda está viva.

Não entendi de início, e então percebi que minhas roupas estavam chamuscadas, pretas e desintegradas em alguns lugares. Mas eu não. Minha pele era de demdji. Filhas de criaturas imortais não queimavam tão fácil.

— Cresci no deserto. — Minha voz tremia. — Estou acostumada com o calor.

— Não. — Ele estendeu a mão de metal, como se pretendesse encostar no meu rosto. Eu podia sentir o calor irradiando dela. — Você é especial, como eu.

E era verdade, até no sotaque e olhos azuis. Eu não conseguia dizer que era mentira. Éramos demdjis, não podíamos mentir.

— Quero falar sozinho com ela — Noorsham disse mais alto, para que Naguib pudesse ouvir.

— De jeito nenhum. — Shazad estava desabada no chão do vagão, mas com essas três palavras eu sabia que ela ainda tinha forças para lutar.

— Não mesmo — confirmou Jin, esforçando-se para ficar de joelhos. Naguib o chutou de novo.

— Ninguém machuca eles. — Levantei a voz quando Naguib ergueu o pé novamente. Ele parou, a bota flutuando acima das costelas do irmão. Naquele momento, não era um comandante

com um prisioneiro. Era o filho que não podia competir pelo respeito do pai nos jogos do sultim. Aquele incapaz de conquistar o respeito dos soldados, ouvindo pelas costas que o irmão rebelde era mais homem do que ele. E estava descontando tudo em Jin. — Eu vou com você. Mas enquanto estiver fora, ninguém machuca eles. — Voltei meu olhar para aquele outro par de olhos azuis, no fundo da face de metal. Será que os meus também eram tão perturbadores? — Temos um trato?

Os olhos de Noorsham expressaram um sorriso, mas a boca de metal não se moveu. Me perguntei se ele tinha crescido estupidamente ignorante do que era, como eu.

— Você tem minha palavra: ninguém vai machucá-los enquanto você estiver fora.

Ele estendeu a mão novamente. Mesmo sendo filha de um djinni, sua luva de metal ainda fez bolhas na palma da minha mão quando a segurei.

Eles me revistaram duas vezes antes de me deixar sozinha com Noorsham, mas fizeram isso às pressas. Eu tinha a sensação de que até os soldados queriam ficar longe de sua arma demdji. De repente estávamos sozinhos no carro seguinte, um grande vagão-restaurante. Parecia igual àquele onde eu havia comido no trem que partira de Juniper. Cada balanço fazia os copos tilintarem como um coro insano de sinos. Noorsham sentou numa cadeira de um vermelho intenso, enquanto eu me inclinava contra a porta, o mais longe dele possível.

— Você não voltou — ele disse, finalmente. — Em Fahali. Você não voltou por mim. — Ele parecia mais novo do que na frente de Naguib. Por um instante, a imagem da armadura de bronze aterrorizante se confundiu com a do soldado jovem e magricela no chão da prisão.

— Eu queria. Eu tentei, mas... — Eram desculpas. Um monte de desculpas para uma promessa quebrada, que eu tinha feito quando acreditava que éramos apenas filhos de estrangeiros. Não uma demdji sem talentos e uma arma poderosa. — É verdade — eu disse, enfim. — Sinto muito. Por que você estava preso lá? — perguntei.

— Desobedeci às ordens do comandante.

— A casa de oração — eu me dei conta. — Você não quis queimar a casa de oração em Dassama. — Ele inclinou a cabeça devagar. — Por quê? — Lembrei de como parecia enojado com Bahi. — Achava que nenhum rebelde seria religioso o suficiente para estar lá?

— Não. Mas eu sabia que não haveria gallans lá dentro — ele disse.

— Gallans? — Balancei a cabeça, confusa. — Por que... — Dassama não era apenas aliada a Ahmed: tinha sido uma base importante para o Exército gallan. O sultão não estava tentando incendiar a rebelião para ajudar os gallans. Ele não tinha usado a cidade como local de teste porque o apoio a Ahmed estava aumentando ali. Ele estava limpando o deserto dos forasteiros. — Você não está atrás da gente. Está atrás deles.

— O sultão me disse que Deus estava com raiva por termos deixado potências estrangeiras heréticas entrarem no deserto. Ele disse que precisava de mim para devolver nossa terra ao nosso povo. Meu fogo varreria os Exércitos estrangeiros, aqueles que querem nos causar mal, nos controlar, tirar de nós o que nos pertence.

Aqueles que marchavam com uniformes azuis e tomavam mulheres e armas do deserto.

Lembrei de mim mesma na tenda com Ahmed, assustada porque seu pai estava vindo atrás de nós. Como tinha sido ingênua. O sultão não dava a mínima para um punhado de rebeldes que

queria criar um mundo melhor. Ele também estava criando um novo mundo. Um mundo onde não teria que compartilhar seu poder.

Alguma coisa brilhou do lado de fora da janela. Asas azuis. Um enorme roc. Izz circulando acima do trem. Àquela altura, ele devia ter percebido que alguma coisa estava errada.

Noorsham seguiu meu olhar enquanto Izz guinava para cima, lançando-se sobre o trem e sumindo de vista.

— Você é de Sazi — eu disse, atraindo de volta sua atenção. Me afastei da porta e comecei a andar de um lado para o outro, mantendo os olhos dele em mim. Só porque dizemos a verdade não quer dizer que não somos manipuladores. — Dá pra perceber pelo seu sotaque. As minas. — As peças estavam começando a se encaixar: a forma como a cidade arruinada pelo fogo me lembrava alguma coisa, mas eu não conseguia entender exatamente o quê. Dois grandes desastres separados pelo deserto. — Não foi um acidente. Foi você.

— Destruí as minas no dia em que descobri meu dom. — Ele levantou, movendo-se como um pai sagrado. — O dia em que levei a luz e a fúria aos ímpios.

— E Sazi era cheia de ímpios, não? — Deslizei o dedo pela madeira do bar. Enquanto estivesse ali, meus amigos permaneceriam vivos. Estava ganhando algum tempo. Só precisava mantê-lo falando. Quando olhei de relance pela janela, Izz não estava mais lá. Quanto tempo demoraria para ter certeza de que estávamos em apuros?

— Você também é do Último Condado — ele disse. — As pessoas eram boas na sua cidade? Ele não estava errado.

— Você matou mais gente do que qualquer pessoa do Último Condado.

Noorsham deu de ombros e a cota de malha fina reluziu.

— Fui escolhido para algo maior. É o meu propósito.

Recuei. *Algo maior*. Soava muito como o que eu dizia a Tamid sobre deixar a Vila da Poeira. Sobre ter outra vida lá fora. Uma que não fosse tão medíocre e sem propósito e curta. Eu podia ter o mesmo sotaque de alguém que matava com tanto desprendimento, mas não estava disposta a usar as mesmas palavras.

— E o que os ímpios de Sazi fizeram contra você?

Por um instante, mesmo feito de metal, ele parecia humano.

— Você lembra, sete anos atrás, quando o Exército gallan passou? — ele perguntou, batendo os dedos no bar enquanto andava na minha direção.

— O Exército gallan atravessou o deserto mais de uma vez — eu disse, sem me afastar dele.

— Não finja que não lembra. — Seu sotaque fraquejou, e dava para sentir o Último Condado em sua voz mais do que nunca. Ele ajustou o tom novamente. — Daquela vez foi diferente.

— Eu lembro — admiti, embora não quisesse. Era um ano de seca. A inquietação era profunda, e havia mais forasteiros de uniforme azul do que o normal. — Minha mãe e eu nos escondemos em casa o dia inteiro. Ela tentou me fazer acreditar que era uma brincadeira. Mas eu tinha idade suficiente para entender um pouco o que estava acontecendo.

Noorsham assentiu.

— Minha irmã Rabia tinha idade suficiente também — ele disse. — E então, quando o Exército foi embora, o povo da montanha se juntou e atirou pedras nela e em todas as outras garotas por se deitarem com homens estrangeiros. Até elas morrerem. E minha mãe deixou.

Eu não tinha o que dizer.

— Por anos esperei que Deus os punisse. Rezei. Nunca imaginei que a punição viria de mim.
— Suas palavras me lembravam da voz do pai sagrado, ardendo pelo povo nos dias de oração. Eu também ouvia aquele fervor religioso na voz de Tamid às vezes.

— Eu estava afastado das minas havia um tempo — ele continuou. — Estava doente demais para trabalhar. Tentei ir, mas minha mãe não deixou, e eu não tinha mais energia para lutar. Quando voltei, todos os outros homens me olhavam de um jeito estranho. Ficavam perguntando por Suha, minha outra irmã. Na hora do almoço, um deles ficou bêbado o suficiente para me contar. Nosso dinheiro tinha acabado enquanto eu estava doente. Minha mãe vendeu Suha para os homens da mina, com medo de morrer de fome. Os mesmos que tinham matado Rabia por se deitar com estrangeiros. Quando descobri, senti uma explosão dentro de mim, uma luz enviada por um poder maior, destruindo a todos e me deixando intacto.

Noorsham parou a um metro de mim. As feições imutáveis de sua máscara de bronze estavam calmas. Mas um único punho de bronze estava fechado firme, com raiva. Senti a raiva junto com ele. Raiva das pessoas na Vila da Poeira que tinham enforcado a minha mãe. Das pessoas que tinham enforcado Dalala. Das pessoas que deixariam alguém como Fazim ou meu tio se deitarem comigo.

— Depois disso, o príncipe Naguib me encontrou. Eu estava escondido na montanha, esperando a próxima ordem de Deus, e ele veio e me levou ao nosso aclamado sultão, que me explicou que meu fogo era um dom. De Deus. E que deveria queimar os pecadores e salvar os bons.

— Assim como as balas, o fogo por si só não distingue o bem do mal — eu disse, incapaz de me conter.

Ele inclinou a cabeça, confuso.

— Você ainda está viva — ele disse.

— Isso já deveria ser prova suficiente. — Eu me inclinei contra o bar, escondendo as mãos que tremiam enquanto segurava a madeira com força. — E acho que você sabe disso também. Por que mais teriam acorrentado você em Fahali? Por que te prenderam dentro dessa armadura agora? Acho que você sabe tão bem quanto eu, tendo crescido no Último Condado, que misturamos bronze com o ferro para tornar os buraqis obedientes. — O Exército gallan que procurava os rebeldes estava acampado em Dassama. O plano era queimá-los também. Mas Noorsham tinha se recusado. Então o levaram de volta a Izman e fizeram uma armadura de bronze para ele. — Parece que o sultão acha que você precisa ser forçado a obedecer. Quer saber a minha opinião? Naguib tem medo de você. — E eu não o culpava por isso. — Ele só está te usando. Você é uma arma como qualquer outra.

Noorsham contraiu os dedos.

— Você parece muito segura de si.

— Porque estou certa. — Tentei pensar em alguma coisa para dizer, alguma verdade. Não ia adiantar dizer que ele era um demdji, não uma arma de Deus. Ou que estava do lado errado da batalha. Noorsham poderia dizer o mesmo para mim. Ele acreditava no sultão; eu acreditava no príncipe rebelde. Jin uma vez me dissera que não havia como argumentar contra a crença. Era um idioma estrangeiro à lógica. E, filha de djinni ou não, eu imaginava que ele ainda poderia me queimar viva se decidisse que eu era uma inimiga.

Precisava escapar. Me afastei do bar e andei até a janela. Ainda podia ver Izz voando lá no

alto. A janela abriu com um puxão, deixando ar fresco entrar.

— O que você está fazendo?

— Estou com calor — eu disse, tirando o sheema do pescoço. Soltei o tecido vermelho, roubado de um varal em Sazi, deixando-o voar até a areia como uma bandeira ensanguentada. Torci para que Izz visse aquilo e entendesse como um pedido de socorro.

— É algum tipo de truque? — Ele parecia muito jovem de novo.

— Você não precisa deixar que te usem. — Minha voz saiu com um tom de desespero quando virei para encará-lo. — O príncipe Ahmed, se fosse sultão, expulsaria os gallans também. Sem matar tantas pessoas. Ele tem gente como você do lado dele, como eu. Só que não nos usa para destruir cidades. Não somos armas, somos soldados.

— Não sou uma arma — Noorsham disse.

Talvez Jin estivesse certo. Talvez não houvesse como argumentar contra a crença. Olhei pela janela novamente. Izz estava voando mais baixo agora, acompanhando o trem.

— Então por que você não pode tirar a armadura? — perguntei, me apoiando contra o bar.

Ele ergueu a mão depressa, segurando o fecho soldado na lateral da máscara, no mesmo instante em que Izz, na forma de um roc gigante, se arremessou contra o trem.

O veículo balançou com tanta força que achei que íamos descarrilhar. Colidi com o bar, perdendo o fôlego. Ouvi metal rasgando, e com o canto de olho vi um pedaço da parede do vagão ser arrancado pelas garras afiadas de Izz.

Disparei na direção do buraco estreito, o deserto por todos os lados.

Então uma silhueta com roupas de deserto vibrantes se jogou na areia. Shazad caiu rolando de forma disciplinada, e estava de pé antes de desaparecer de vista, com dois soldados atrás dela. Uma garota dourada lutando contra um soldado caiu na areia em seguida.

A porta do vagão abriu com força e Naguib correu para dentro, procurando Noorsham. Tentei ser rápida como Shazad, estendendo a mão por cima do bar. Consegui pegar uma garrafa pelo gargalo. Me virei, golpeando com ela, errando o rosto de Naguib por pouco. Ele segurou meu punho, puxando-o para baixo. Senti uma pontada de dor atravessar todo o meu corpo e gritei. A garrafa estilhaçou no chão, e isso o distraiu o suficiente para que eu conseguisse me libertar.

Alguém chamou meu nome. Jin estava de pé no vão da porta. Um enorme buraco que rasgava o trem separava os dois vagões, mas parecia que o idiota estava pensando em ir atrás de mim.

— Pula! — gritei para ele. — Vou logo atrás de você.

Ele sabia que não adiantava discutir comigo. Saltou quando eu comecei a correr até a lateral do vagão.

Eu não estava muito atrás dele e logo alcancei o buraco na parede.

Noorsham.

Olhei rápido para trás. Ele havia sido derrubado pelo impacto. O elmo de metal estava amassado, mas ele já se recuperava. Vi de relance pelo buraco que estávamos chegando a um desfiladeiro, onde os trilhos passavam por cima de um penhasco.

Eu tinha que pular. Naquele instante. Mas não podia abandonar Noorsham. Não podia deixá-lo vivo. Não podia deixá-lo nas mãos de Naguib. Eu tinha que matá-lo. Ou salvá-lo. Nossos olhos azuis se encontraram em meio aos destroços no vagão.

O ruído dentro de mim soava como o grito de Bahi, implorando que eu atravessasse o vagão, arrancasse sua máscara e o arrastasse para longe. Mas o vale estava quase sob nós, e talvez eu

tivesse esperado tempo demais.

Se voltasse ficaria presa e não teria tempo para saltar.

Se pulasse, talvez caísse no vazio de qualquer jeito.

Não tinha saída.

Me joguei do vagão. Senti o vento me arrastar. Atingi o chão e meu corpo explodiu em uma constelação de dor. O impulso me carregou pela areia como se eu fosse feita de ar, mas doía demais para lutar contra aquilo. Minha visão clareou a tempo de ver o abismo do desfiladeiro se abrindo para me engolir. Meus dedos pegaram a areia. Lutei para segurar alguma coisa, mas não havia como impedir que meu corpo continuasse rolando. Não havia onde me segurar além da areia.

Minhas pernas caíram, levando o resto de mim com elas.



MEUS DEDOS AGARRARAM ALGUMA COISA. Senti a vertigem da queda enquanto me concentrava em fazer minha mão machucada continuar a segurar firme. Meu corpo balançou contra a parede do desfiladeiro e senti o impacto nas minhas costelas, junto ao som perturbador de ossos quebrando. Gritei, a agonia tomando conta de mim. Por um instante, tudo o que podia fazer era segurar, de olhos fechados, resfolegante, dizendo a mim mesma para não olhar para baixo. Tentando manter a mão firme.

Só então me dei conta de que não sabia onde estava segurando.

Eu tremia tanto que mal conseguia me mexer. Pareceu levar uma eternidade até abrir os olhos. Pendi a cabeça para trás devagar, como se qualquer movimento pudesse tirar meu equilíbrio e me arremessar ao fundo do abismo.

Eu estava me segurando na areia. Ou melhor, a areia estava me segurando. Um braço feito de areia tinha segurado meu pulso. Aquilo me mantinha viva.

Deixei a cabeça cair, fechando os olhos com força. Tentando lembrar como meus pulmões deveriam funcionar. A velocidade com que meu coração deveria bater.

Eu tinha visto dúzias de criaturas nascidas da areia e do vento e dos espíritos do deserto nos meus dezesseis anos. Tinha ouvido toda história possível sobre imortais e carniçais que vinham da areia. Mas aquilo era algo novo. E parecia completamente estranho e familiar ao mesmo tempo.

Aquilo não era uma criatura das areias. Era eu.

Respirei fundo. A dor interminável nas minhas costelas se estendeu para todo o meu corpo. Joguei o outro braço para cima, o movimento me arrancando um grito de dor, e segurei o braço de areia pelo punho, tentando fingir que não sentia os grãos de areia escapando pelos dedos.

Devagar como o sol poente, o braço recuou, me arrastando para cima junto com ele. Minha mão começou a deslizar e um novo braço de areia surgiu e me agarrou. E então outro. Uma dúzia de mãos me segurava, me puxando pelas roupas, pelos braços. Puxando meu corpo de volta para o deserto.

E então eu estava segura, deitada de barriga no chão. Me arrastei para longe da beirada do penhasco, o corpo tremendo. Eu não sabia se era dor ou alguma coisa maior esperando para

explodir dentro de mim. Algo que meu corpo descobriu antes da minha mente. Eu estava atônita. Observando sem entender. Ao meu redor, uma dúzia de braços de areia se desintegrou. Me encolhi.

Nada mais se movia. Nem mesmo eu. Então estendi o braço em direção à duna que tinha salvado minha vida. Eu não tinha nem encostado nela e a areia já se levantava em direção à minha mão, como uma cobra no cesto de um encantador de serpentes.

Então eu era esse tipo de demdji.

Uma arma disparou. A areia caiu quando me virei em direção ao som. O mundo voltou a entrar em foco ao meu redor. Havia corpos na areia. Naquele instante, vi Shazad dar uma cotovelada no pescoço de um homem, girando para cravar uma faca em suas entranhas. Um soldado avançou em sua direção pela direita.

— Não!

Eu já não me sentia vazia. Me sentia furiosa. A areia se ergueu violenta, explodindo entre eles, lançando ambos no chão. Corri para Shazad enquanto os grãos baixavam.

Ela tossia areia quando me ajoelhei perto dela. Quando me viu, começou a tossir de novo.

— Achei que você tivesse morrido! Vi você caindo — ela conseguiu dizer entre uma tossida e outra. — Vi você despencar.

À nossa direita uma arma foi erguida. Sem pensar, fiz um gesto com a mão, e uma onda de areia derrubou o soldado. E o enterrou. Sua arma caiu aos meus pés. Eu não a peguei. A energia fez eu me sentir tonta, bêbada e assustada ao mesmo tempo. Era como se tivesse um braço novo que ainda não sabia controlar direito.

Segurei a mão de Shazad, puxando-a para cima. Ainda tremia demais para conseguir falar. Quando me virei, a areia aos meus pés virou comigo — eu sabia sem nem precisar olhar. Eu *sentia*. Como sempre havia sentido sem me dar conta. O deserto ao meu redor, a areia como uma coisa viva, chamando meu nome, implorando para que eu a usasse. Para que fosse parte dela.

A luta havia parado, mas eu não conseguia parar.

— Amani. — A mão de Shazad escapou da minha. A areia se movia sob mim, formando um redemoinho, como uma minúscula tempestade de areia, e então começou a aumentar e subir até me cercar, puxando meu cabelo, minhas roupas, me chamando para dentro dela, para o deserto.

Para me afogar nele.

Não conseguia respirar. Não conseguia controlar a areia, era demais. Não conseguia respirar.

Uma nova mão se fechou sobre a minha, e aquela era de carne e osso. Jin apareceu, seu sheema enrolado apertado no rosto. Tinha aberto caminho às cegas. Vi que segurava algo metálico um segundo antes de me abraçar e me puxar para seu peito. Disse alguma coisa que eu não conseguia entender no meio da tempestade. Tudo o que senti foi sua mão contra meu braço. Era uma bala, fria e dura, o ferro ardendo na minha pele.

O frio dela cortou o calor dentro de mim.

A areia parou, caindo em espirais até se acumular novamente aos meus pés e eu conseguir escutar a batida do coração de Jin sob minha testa, sentir a dor da bala pressionada com força demais na minha pele, ouvi-lo sussurrando meu nome várias vezes no meu ouvido até eu parar de tremer.



ALGUMAS HORAS ANTES DA ALVORADA, paramos de voar. Izz estava carregando nós quatro e precisava descansar. Estávamos no meio do caminho para o oásis. O deserto se estendia para todos os lados, embora eu pudesse ver as montanhas do vale de Dev no horizonte. Não desempacotamos os suprimentos nem montamos uma fogueira. Todos desabaram exatamente onde estavam. Izz se transformou em uma enorme besta felina que eu nunca tinha visto e caiu no sono. Shazad se apoiou nele. Seus olhos estavam vermelhos, embora eu não a tivesse visto chorar.

Jin sentou do meu lado sem dizer uma palavra. Tinha algo nas mãos. O sheema vermelho, percebi. Aquele que eu tinha jogado pela janela. Ele pegou meu braço direito, gentilmente, sem perguntar. Minha mão estava inchada e sensível, mas eu tinha quase esquecido a dor palpitante. Uma torção. Não estava quebrada. No lugar onde minhas costelas tinham colidido com o desfiladeiro também doía. Senti a ausência de Bahi como uma ferida aberta enquanto Jin enfaixava minha mão com o sheema, desajeitado de exaustão. Seus dedos deslizaram sobre o tecido antes de abaixar minha mão com cuidado.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Vai melhorar.

Ambos sabíamos que ele não estava falando da mão, mas Jin deixou pra lá.

— Você consegue atirar com a mão esquerda?

— Se precisar — eu disse.

Jin me ofereceu sua arma. Observei-a em suas mãos, mas não a peguei com a mesma rapidez de antes. Do dia anterior.

— Você sabe o que aconteceu, não é?

— É por causa do ferro. — Peguei a arma pelo cabo de couro, com cuidado para não encostar no metal. Pensei em como Jin tinha pressionado a bala contra minha pele enquanto a areia se erguia. Bastou um toque e eu estava impotente por causa daquilo que havia moldado toda a minha vida, quisesse eu ou não. Era como os buraqis e as ferraduras: enquanto houvesse ferro na minha pele, eu não poderia evocar meus poderes de demdji. — Foi por isso que passei minha vida toda sem saber que eu era uma demdji. Porque sou da Vila da Poeira. — *A garota*

que aprendeu sozinha a atirar. Até que pudesse derrubar uma fileira de latas como se elas não fossem nada, e a arma fosse tudo. — Porque eu sou a garota que está sempre armada.

E Noorsham era o garoto das minas de ferro. Ele disse que ficou doente. Doente o suficiente para deixar as minas e parar de inalar pó de ferro por algum tempo, talvez. Então, quando voltou ao trabalho, voltou como demdji.

— E veio de uma cidade onde até a água tinha gosto de ferro. — Jin abria e fechava a mão vazia. Suas articulações estavam machucadas, e o movimento só piorava as feridas. Aquilo devia doer.

— Aposto que você não esperava tanta complicação quando me raptou daquele lugar maldito.

— Eu não *rapt*ei você! — Pelo menos Jin tinha parado de se machucar. Ele então percebeu que eu só estava provocando e soltou os ombros.

— Você me raptou um pouquinho. — Era como se estivéssemos de volta à Joelho de Camelo, só que agora não havia mais segredos sobre quem eu era.

Eu não ia conjurar ilusões a partir do ar, confundir a mente das pessoas ou mudar de forma. Nas histórias, aqueles eram os poderes dos djinnis que enganavam mortais ou uns aos outros. Mas havia outras histórias. Massil e a areia que preencheu o mar num surto de raiva de um djinni. A cidade dourada de Habadden queimada pelo djinni por sua corrupção. Como Noorsham fez. Me perguntei se eu poderia enterrar o mar na areia também.

— Os olhos de Noorsham eram da mesma cor que os meus. — Não era possível que eu fosse a única a encaixar todas as peças. — Ele tem mais ou menos a minha idade. Nasceu numa cidade vizinha. — Não era possível que só eu estivesse pensando naquilo. — Da Vila da Poeira a Sazi são apenas algumas horas de cavalgada em um buraqi. Quanto tempo acha que demora com os passos de um djinni? Noorsham é meu irmão, não é?

— Não importa o que ele seja, não é parte da sua família. Família e laços de sangue não são a mesma coisa. — Mas Jin evitava meu olhar.

— Se isso é verdade, por que você não atirou em Naguib na Vila da Poeira? — A verdade apareceu no rosto dele, por tempo suficiente apenas para que eu pudesse lê-la. — Também não quero que meu irmão morra, Jin.

Nós entendíamos um ao outro. O irmão dele e o meu eram somente armas nas mãos do sultão.

— Amani. — Jin colocou as mãos no meu rosto. — Não precisamos fazer nada. Ele está indo atrás dos gallans. Você não precisa impedi-lo. — Eu estava tão acostumada à certeza inabalável de Jin. O tom de sua voz, a hesitação dos seus dedos deslizando pelas minhas bochechas, isso era terreno inexplorado. — Podemos recuar. Sobreviver para lutar outro dia.

— Estaríamos apenas sobrevivendo para morrer outro dia. — Encostei a testa na dele. — Precisamos impedir Noorsham. Se o sultão tem uma arma como essa, é apenas questão de tempo até que termine com os estrangeiros e venha atrás de nós. Talvez a gente nunca tenha outra chance.

Eu não tinha nem certeza do que queria dizer com “impedir”. Matá-lo? Resgatá-lo? Salvá-lo?

— Eles estão indo para o acampamento Gallan — continuei, e no momento que disse soube que estava certa. — Vão matar a todos. Podemos chegar lá primeiro.

— Não estou muito a fim de salvar nenhum soldado gallan — Hala interrompeu. — Vivi como uma demdji num território ocupado por mais tempo que você. Todos eles merecem virar cinzas, na minha opinião. Vamos cuidar de nós mesmos.

— E Fahali? — Olhei em volta, para o grupo de rebeldes cansados e maltrapilhos. — E quanto a todo mundo lá? Eles estão voltando para incinerar os gallans, mas muitas pessoas do deserto vão ser fulminadas junto.

Ninguém me respondeu.

— Precisamos dormir. — Jin passou as mãos pelo rosto. Eu também estava exausta. Até o fundo da alma. — Ninguém toma decisões inteligentes no meio da noite. Vamos dormir e amanhã seguimos para o acampamento. Temos que contar a Ahmed sobre a arma. Aí decidimos o que fazer.

Amanhã seria tarde demais. Eu sentia aquilo dentro de mim, deitada entre o deserto e as estrelas, morta de cansaço, mas com a cabeça agitada demais para dormir.

Ninguém toma decisões inteligentes no meio da noite, Jin dissera. Foi no meio da noite que tomei a decisão tola de ir vestida de garoto para Tiroteio. E eu faria tudo de novo se precisasse. Não tinha sido uma decisão, na verdade. E aquela tampouco era.

Eu estava de pé antes de saber direito o que planejava fazer. À luz das brasas da fogueira, comecei a preparar os suprimentos. O bastante para uma caminhada de um dia pelo deserto.

— Fugindo como um ladrão no meio da noite?

Saquei a arma rapidamente. Shazad ainda estava deitada, encostada na fera azul peluda que era Izz, mas seus olhos estavam bem abertos, me observando. Eu não sabia por quanto tempo.

— Vai me impedir? — Nós duas sabíamos que ela poderia, se quisesse. Eu não atiraria nela. Ainda assim, não baixei a arma na hora, por mais desajeitada que ela ficasse na minha mão esquerda. — Ele é meu irmão, Shazad. É minha responsabilidade. E posso avisá-los. Mesmo se não puder fazer mais nada, posso avisá-los...

— Não estou tentando te impedir. — Shazad empurrou o chão com as mãos para sentar. — Só estou ofendida por não me chamar para ir junto.

— Essa é a coisa inteligente a fazer, general? — Eu podia sentir o fogo acendendo dentro de mim novamente. Aquele que tinha sido apagado pelo medo e pela perda de Bahi. E podia vê-lo em Shazad também.

— Não — ela admitiu, enquanto pegava suas armas e começava a prender as cimitarras nos ombros. — A coisa inteligente a fazer seria deixar o sultão gastar suas forças lutando contra seus antigos aliados e torcer para que eles o matem, deixando o trono vago para Ahmed. — Ela afivelou a segunda espada. — Mas Naguib me reconheceu. Então não tenho tempo para esperar por isso. Se não o impedirmos logo, ele vai enviar notícias para o sultão, e meu pai, minha mãe e meu irmão serão queimados como Bahi. E depois ele vai vir atrás de nós. Além disso... — Ela estendeu a mão para mim e eu a ajudei a ficar de pé. — É a coisa certa a fazer.

Eu podia estar envolvida com Jin. Mas com Shazad era mais simples. Estávamos conectadas.

Ela se voltou para ele, esparramado perto da fogueira, o chapéu cobrindo os olhos.

— Sei que está acordado. Você vem?

Ele suspirou, empurrando o chapéu para trás.

— Tá bom, tá bom. Eu só estava tentando cochilar um pouco antes de partir rumo a uma morte quase certa.

— Acho que ladrões na calada da noite deveriam ser mais silenciosos, sabiam? — Hala

murmurou do seu lado da fogueira. — Qual é exatamente o plano para matar todos nós, general?

— Simples. Vamos fazer com que destruam uns aos outros. — Todos nós paramos para olhar para ela, esperando. Shazad levou um instante para perceber que estava alguns passos à nossa frente. — O sultão quer expulsar os gallans, mas não quer uma guerra aberta. É por isso que está tentando nos culpar pela destruição causada por Noorsham. Se os soldados gallans puderem *ver* Noorsham, ver que ele é a arma do sultão, e não nossa, então vai começar uma guerra de verdade, com o fim da aliança. E isso nos deixaria apenas com o sultão para derrubar, sem um exército estrangeiro inteiro atrás de nós também. Tudo o que precisamos fazer é matar Noorsham antes que ele mate os gallans.

— Ou mate a gente — Hala comentou. — Então são cinco de nós contra dois Exércitos e uma superarma demdji insana.

Olhei para o círculo de rostos na escuridão. Na Shihabian, dois dias antes — Deus, fazia apenas dois dias? —, eu tinha me sentido uma impostora. Uma peça que não se encaixava direito na rebelião, por mais que quisesse. A tola Bandida de Olhos Azuis do Jin que havia abandonado sua cidade sem saber por quê. A demdji sem poderes que não podia salvar ninguém. Mas, naquele momento, de pé naquele círculo, eu conseguia sentir o que fazia todos permanecerem unidos e arriscarem a vida pela causa. Eu era um elo na corrente.

— Acho que sim — eu disse.

— Tem uma expressão antiga que fala sobre combater fogo com fogo. — Shazad disse. Talvez ela preferisse não ser chamada de general, mas o título lhe caía como uma luva. Ela observou seu pequeno exército: um metamorfo, uma garota dourada, um príncipe forasteiro e uma bandida de olhos azuis. — Isso nunca fez muito sentido para mim. Mas combater o fogo com demdjis que não queimam tão fácil talvez funcione.



FOI IMPOSSÍVEL NÃO NOTAR NOORSHAM PRIMEIRO. Mesmo de longe, eu acompanhava seu progresso com a mira da arma, graças ao reflexo do sol no elmo de bronze.

Era apenas meio dia de caminhada a partir do posto avançado da ferrovia até Fahali. Tínhamos aterrissado na montanha logo depois de o sol nascer. Já era quase meio-dia, o sol lá no alto iluminando a cena. De vez em quando dava para ver a sombra de Izz nas montanhas, voando em círculos, cauteloso. Esperando uma chance.

Passei a mira da arma por Noorsham e pelos soldados. Tinha algumas dúzias deles. Naguib estava lá também.

Meu dedo ficou tenso no gatilho.

— Nem você conseguiria acertar esse tiro, Bandida — ouvi Jin dizer no meu ouvido. — Ele ainda está fora do alcance. — Assim que meu dedo se afastou do metal do gatilho, a sensação aterrorizante e estonteante de ter um deserto inteiro nas mãos, pronto para fugir do controle, voltou em uma onda. Meus poderes ainda precisavam ser controlados, Shazad tinha concluído. Eu não sabia o suficiente sobre eles para contribuir como demdji.

Deixei escapar um longo suspiro. Então a cabeça de Noorsham se virou em nossa direção. Eu podia jurar que ele havia olhado diretamente para o nosso esconderijo. Do meu lado, Shazad prendeu a respiração.

Ele não pode nos ver, disse a mim mesma.

Hala estava se certificando disso. Estava deitada na pedra ao meu lado, de olhos fechados. Eu podia ver o esforço em seu rosto ao tentar controlar a mente de todos os soldados de uma vez só, criando uma ilusão para que tudo o que vissem quando levantassem a cabeça fosse uma montanha vazia.

Vi a fresta de pele entre a máscara de bronze e a armadura no pescoço de Noorsham. Era um tiro mais difícil do que uma garrafa de vidro em uma arena de tiro na outra ponta do deserto. Eu estava rezando para não precisar disparar aquele tiro.

O plano era simples. Usar as ilusões de Hala para afastar Noorsham de seu pequeno exército e induzi-lo a revelar a traição do sultão aos gallans. Em seguida, matar Noorsham e fugir, deixando Naguib e o general Dumas se enfrentarem.

Simples como salvar uma cidade inteira de Miraji e destruir um tratado estrangeiro de duas décadas. Simples como assassinar meu irmão. Matar Noorsham era a parte difícil. Ainda bem que esse era o papel de Izz. Eu só usaria a arma se ele falhasse. Se eu tivesse a chance de disparar um tiro certo.

O próprio general Dumas dissera que tinha uma longa tradição de matar pessoas com sangue real. Só não seria o príncipe em que ele estava pensando.

Sem Noorsham, Naguib não teria como enfrentar o Exército gallan. Seria um pequeno bando de soldados mirajins contra as tropas do general. Ele acabaria morto ou capturado. De um jeito ou de outro, devido à morte de um príncipe mirajin ou à traição do sultão, haveria guerra.

Eu só usaria a arma se tivesse a oportunidade de matar meu irmão.

Não. Afastei o pensamento. Jin estava certo. Família e laços de sangue não eram a mesma coisa. Talvez eu não quisesse que Noorsham morresse, mas estávamos numa guerra. O que eu queria não importava.

Meu coração batia forte no peito enquanto o pequeno exército de Naguib avançava em direção a Fahali.

Perto de mim, Jin franzia a testa, observando algo em sua mão. Esticando o pescoço, percebi que ele segurava a velha bússola de latão. A agulha balançava frenética. Eu só a tinha visto fazer aquilo uma vez, quando os dois estavam juntos no acampamento.

— Por que ela está fazendo isso? — sussurrei. O exército estava próximo agora, tão perto que qualquer ruído mais alto poderia se propagar desfiladeiro abaixo.

— Significa que Ahmed está em movimento. Só que não teria como ele saber o que estamos fazendo.

— Delila — eu me dei conta. Ela tinha me contado que costumava ficar acordada à noite, tentando dizer em voz alta que Jin estava vivo. Que estava em segurança. Que logo voltaria para casa. Delila sabia que só conseguiria dizer essas coisas se fossem verdade. Estávamos em apuros sérios o suficiente para que uma dessas frases não fosse verdadeira. E Ahmed estava indo atrás de nós.

— Temos que sair daqui antes que ele nos alcance — Jin disse, enfiando a bússola no bolso. Tive um súbito surto de ressentimento. Por que ele podia manter seu irmão vivo enquanto eu estava apontando uma arma para o meu?

— Hala — Shazad ordenou. — Agora.

— Ah, é fácil assim, né? — Hala disse, sarcástica. Mas ela respirou fundo e confundiu três dúzias de mentes para que vissem a mesma coisa.

Compartilhamos com todos os homens de Naguib a ilusão de que os portões da cidade estavam sendo abertos, deixando passar uma dúzia de homens em uniformes gallans. Tudo o que eu podia enxergar era o topo do quepe do uniforme quando estiquei o pescoço acima da beira do desfiladeiro e os observei cavalcando em direção ao exército de Naguib, os cavalos jogando areia para o alto.

Eles não eram reais. Mas bastavam para enganar alguém. Para confundir os soldados gallans de verdade, que eu podia ver escalando os muros da cidade naquele momento, observando os soldados que acreditavam ser seus aliados cavalcando em direção a ilusões.

Naguib se inclinou para a frente e disse algo para sua arma. Noorsham desmontou e começou a avançar a pé para encontrar os soldados gallans. Uma distância segura o suficiente para que

não acabasse queimando os soldados de Naguib junto com o inimigo.

Quase lá. Outro passo. Ele levantou as mãos. *Quase. Quase.*

A onda de calor bateu como um golpe físico. Eu podia senti-la, mesmo de longe. Fui jogada para trás, assim como os outros. A primeira coisa que vi foi a areia ficando preta aos pés dele. A segunda foi a ilusão dos soldados gallans gritando. Gritando como Bahi tinha gritado. Gritos inseridos na mente do exército de Naguib por Hala. Enquanto isso, ela encheu o ar com o cheiro de queimado.

Noorsham avançou.

Mais alguns passos. Meu coração batia forte.

Suas mãos estavam erguidas, como se os estivesse abençoando.

E outro passo.

O calor varreu a areia e atingiu os muros da cidade. Atingiu os soldados gallans de verdade. Subitamente os gritos se tornaram reais. O cheiro de queimado distraiu Hala um pouco. Não muito, mas o suficiente. O suficiente para a ilusão fraquejar.

Um dos soldados falou alguma coisa, apontando direto para nós, quando ficamos visíveis. Armas foram apontadas em nossa direção. Rolei para longe da beira do desfiladeiro um instante antes de a primeira bala tirar uma lasca da rocha. Levantei, a arma empunhada novamente.

Lá no alto, Izz guinchou. A ilusão desapareceu completamente, um segundo antes de ele se jogar do céu em cima de Noorsham, transformado em um gorila gigante. A pequena silhueta de bronze caiu com força no chão. Virei o rosto. Não queria ver Izz esmagando bronze e cérebro.

— Izz! — O grito de Hala me fez voltar a olhar.

Noorsham estava levantando. Izz ainda estava na areia, transformado em garoto. Por um momento achei que estivesse morto, mas então ele rolou. Minha própria pele ardia com a visão de uma queimadura vermelha forte no seu pescoço.

Noorsham levantou a mão sobre a cabeça de Izz.

Gritei seu nome.

O grito foi abafado por outro guincho. Um enorme roc marrom com um tufo de penas azuis na cabeça sobrevoou o desfiladeiro.

Maz. Com Ahmed nas costas.

Ele mergulhou em direção ao irmão. Noorsham já estava levantando a mão em direção a ele. A ponta de suas asas começou a pegar fogo. *Não!*

Fiquei de pé no mesmo instante, tentando me equilibrar na beira do nosso posto elevado na montanha. Noorsham estava na minha mira agora, e meu dedo estava no gatilho.

A bala o atingiu direto no peitoral de aço. Noorsham cambaleou para trás. Levantou a cabeça. Mesmo daquela distância eu podia ver seus olhos, pontos azuis atrás da máscara. Ele me viu.

Ergueu as mãos como se quisesse cumprimentar um amigo que não via fazia tempo.

E a força do calor me derrubou.



HAVIA AREIA SOB MINHAS COSTAS, e eu fitava o céu. A mesma cor dos meus olhos, dos olhos de Noorsham. Ele tinha me derrubado da montanha.

Era uma queda de seis metros. Eu deveria estar morta. Mas lembrei da areia subindo para me pegar, justo quando estava perdendo a consciência.

Me arrastei até me apoiar nos cotovelos, meu corpo todo protestando. Acima, podia ver Jin e Shazad esticando o pescoço. Ele avançou como se fosse saltar em minha direção, mas Ahmed o puxou, tirando-o do caminho de uma bala. Ahmed e Maz tinham aterrissado com segurança. Por que não estavam correndo? Por que não estavam voando para longe? Os gêmeos estavam feridos demais?

Outra bala acertou perto do meu cotovelo.

Rolei por instinto. Procurei minha arma com dificuldade. Provavelmente tinha deixado cair na queda.

O pequeno exército de Naguib subia a montanha, em direção ao nosso bando.

Não seria uma luta justa mesmo sem um demdji, mas eles ainda tinham Noorsham. Eu podia vê-lo agora. Seria uma linha direta de tiro se eu tivesse uma arma.

Mexi meus dedos doloridos. O sheema vermelho ainda estava amarrado na minha mão direita como uma atadura. Eu o desatei rapidamente, enrolando-o em torno do pescoço. Senti a areia se mexer à minha volta em resposta a cada movimento. Eu não tinha a menor ideia do que estava fazendo. Passara os últimos dezesseis anos armada, não como uma demdji. Vira o que Hala fazia, criando mundos novos dentro da cabeça das pessoas. Delila dobrando a realidade. Noorsham transformando o mundo em fogo.

Como se fosse algo instintivo.

Usar uma arma era instintivo para mim, mas aquilo não. Era um poder bruto que fazia parte de mim, não algo que eu havia aprendido. Algo muito antigo que me atraía em direção à areia. A linhagem do meu pai, que se prolongava até uma época anterior à morte.

Através da areia, meus olhos encontraram os de Noorsham. Ele estendia uma mão flamejante em direção aos meus amigos. Ia queimá-los vivos.

Levantei as mãos em um gesto rápido, canalizando cada fiapo de energia e concentração para

meu recém-descoberto poder. A areia se levantou como uma parede, separando Noorsham do resto dos homens de Naguib e dos meus amigos.

A euforia me percorreu. Eu tinha conseguido. Meu corpo todo estava tremendo. O suor do esforço descia pelo meu rosto. Eu sentia o gosto de bile subindo na minha garganta. Noorsham estava certo. Eu *era* como ele. Aquele era o tipo de poder capaz de destruir cidades. Um poder que eu não conseguia dominar. Que poderia sair do controle facilmente, acabando com uma cidade retrógrada do Último Condado. Capaz de encher um mar de areia por rancor.

Levantei a areia ainda mais alto, isolando definitivamente Noorsham e eu. Estávamos de um lado, o exército de Naguib e os rebeldes do outro.

Agora a luta era justa.

Noorsham ergueu as mãos e o chão aos meus pés ficou preto. Cambaleei para trás. Além da barreira de areia ouvi o som de um tiro e um grito. Rezei para que a bala tivesse encontrado um dos homens de Naguib.

Noorsham se virou em direção ao som. Calor irradiou dele, atingindo a parede de areia revolta. Levantei os braços, fechando os olhos com força mesmo quando a areia virou vidro, salpicando meus braços, minha cabeça e minhas pernas. Quando abri os olhos, meus braços estavam sangrando.

— Amani. — A voz de Noorsham ecoava de dentro da armadura de bronze. — Por que está lutando contra mim? Não é atrás de você que estou. É deles. — Ele abriu bem os braços, abrangendo os soldados gallans e a rebelião.

— Eles e uma cidade inteira do seu próprio povo.

Eu tinha que levá-lo para longe dali. Dei um passo vacilante para trás, arrastando a parede de tempestade de areia comigo, forçando Noorsham para a frente. Afastando-o da luta. Aquilo se resumia a nós dois.

Aquilo era assunto dos demdji. Nós cuidávamos uns dos outros.

Senti uma dor lancinante na perna, onde uma bala havia acertado minha panturrilha de raspão. Gritei e caí de joelhos.

Só o toque de ferro foi suficiente.

Perdi o controle sobre a areia. A tempestade nos separando desabou. Prendi a respiração, tentando sustentá-la, mas não consegui.

Eu podia ver a luta agora. Rebeldes contra o exército de Naguib. Metade dos inimigos lutava contra oponentes invisíveis, que só existiam graças a Hala. Os gêmeos mudavam de uma forma para outra, de grandes animais com pele de couro para pequenos pássaros cravando as garras nos olhos de alguém. Shazad lutava com dois homens ao mesmo tempo, suas espadas girando rápido num borrão que ia do aço ao vermelho. Jin e Ahmed estavam de costas um para o outro, movimentando-se em sincronia como se tivessem feito aquilo a vida toda. Provavelmente tinham mesmo.

Eles estavam se virando bem. Mas Noorsham já fazia menção de ir até eles, pronto para aniquilar o campo de batalha. Chamei meu poder novamente. O cano de uma arma na nuca me interrompeu. O toque do ferro me tornou humana novamente.

— Coloque as mãos na cabeça. — Reconheci o sotaque carregado do general Dumas sem nem precisar olhar.

Obedeci.

Foi uma questão de instantes até ser cercada por duas dúzias de soldados gallans, armados e protegidos por armaduras. Prontos para a batalha.

Meus olhos estavam fixos em Noorsham. Ele estava de pé, completamente imóvel a alguns passos de distância. Por sorte, ainda estava de costas para a luta entre seu exército e meu bando de rebeldes. Inclínava a cabeça para o lado enquanto me observava com os gallans.

O general Dumas me rodeou devagar, sem nunca afastar o cano da arma da minha pele, até que estivesse apontada diretamente para a minha testa. Naquele instante ele bloqueava minha visão da luta. E também não me deixava ver Noorsham.

O general arrancou o sheema do meu pescoço e o passou a alguém, para me vender.

A última coisa que vi antes de o mundo desaparecer foi o general erguendo a arma para me matar.

Fechei os olhos.



UM GRITO VEIO NO LUGAR DO DISPARO.

Senti o metal frio da arma se afastar da minha testa. Aproveitei o momento, me jogando na areia. Arranquei o sheema enquanto me movia. A visão que me aguardava era horrível e gloriosa ao mesmo tempo.

O general Dumas ardia em chamas. Queimava como Bahi. Quando caiu de joelhos, vi Noorsham atrás dele, a mão levantada, como um pai sagrado no meio da bênção. Os soldados gallans apontaram as armas para ele. Tiros ecoaram. A maior parte passou longe, sem causar dano, a mira imprecisa por causa do tiroteio frenético. Uma ou duas atingiram seu peitoral de aço, deixando uma marca e mais nada.

Mas o soldado gallan mais perto de mim não tinha pressa. Estava mirando com calma. Eu podia ver a linha do tiro. Ia atingir Noorsham em cheio.

Seu dedo estava apertando o gatilho quando levantei a mão rapidamente. A areia aos seus pés explodiu, tirando seu equilíbrio. Seu grito atraiu a atenção de Noorsham. Um segundo depois, transformou-se em um grito de dor enquanto o soldado queimava.

Um dos gallans se virou para mim, a arma já meio levantada. Gesticulei por instinto. Como se aquilo fosse tão familiar quanto apertar um gatilho.

Um corpo feito de areia surgiu em resposta. Mexi os dedos e seus braços agarraram o soldado pelo pescoço, puxando-o para o chão.

Outro corpo de areia se formou e entrou na luta. Um soldado atirou, mas a bala passou sem efeito por seu peito e logo a criatura de areia estava em cima dele, arrancando sua arma. E então outra criatura de areia surgiu, e outra, até que havia meia dúzia delas lutando contra os soldados enquanto Noorsham os queimava um a um. Eu me movia como uma tempestade de areia, como tinha visto Shazad fazer com uma espada. Só que era o deserto inteiro na ponta dos meus dedos, meus pés girando a areia que se movia comigo. Me esquivei de uma lâmina e ergui a mão abruptamente, a areia atingindo o rosto do soldado.

E então tudo ficou em silêncio.

Olhei em volta. Na confusão, percebi que a luta tinha nos levado para dentro dos muros de Fahali. Não havia soldados gallans ali. Só restaram Noorsham e eu. Nos encarávamos numa rua

vazia, esvaziada pela luta. As pessoas tinham se escondido dentro de casa. Vi um rápido movimento em uma das janelas. Alguém nos observando.

O sol reluzia em sua armadura. Havia uma marca perto do coração onde minha última bala o atingira. Talvez ficasse roxo.

Sem o tumulto da areia, tudo parecia calmo demais, quieto demais.

— E agora? — Noorsham perguntou. O tom de sua voz lembrava o Último Condado. Tudo nele era familiar e doía em mim. A cidade que eu tinha deixado para trás. O calor do deserto que habitava minha pele. Nossos olhos que pareciam o céu limpo e ardente do deserto. A linhagem que compartilhávamos, que remontava a um céu sem estrelas e uma guerra antiga.

Eu podia ouvir o som de gente correndo. Não havia terminado ainda. Fahali era uma cidade de fronteira. Tinha um grande contingente de guarda. Noorsham levantou a mão, que já estava começando a brilhar, vermelha.

— Noorsham! Tem certeza de que quer fazer isso?

Meu coração ainda estava acelerado. Ele hesitou.

— Noorsham — uma voz chamou do alto. Ambos nos viramos ao mesmo tempo. Naguib estava de pé no portão da cidade. Havia se retirado da luta com os rebeldes para encontrar sua arma. — Você ainda não terminou o que tem que fazer.

Outras duas dúzias de soldados gallans surgiram correndo na rua, nos cercando, armas empunhadas, gritando em seu idioma gutural. Eu me concentrei na areia. O general deles estava morto. Não poderia mandar que atirassem. Mas um deles cederia à ansiedade de atirar em breve.

Naguib levantou a mão. Havia um anel de bronze brilhando em seu dedo, do mesmo material da armadura de Noorsham. No anel, palavras gravadas. O nome verdadeiro de Noorsham, percebi. Como Atiyah, que sabia o nome verdadeiro de seu amante djinni. Como em todas as histórias em que um comerciante ganancioso ou governante orgulhoso demais buscava controlar um djinni que encontrava por acaso no deserto. Os segredos que os djinnis guardavam cuidadosamente, mas acabavam revelando à mulher que amavam.

Aquele era meu sobrenome verdadeiro também, percebi. O sobrenome do nosso pai.

— Queime a cidade.

Os olhos azuis de Noorsham se voltaram para mim. Vi que entendíamos um ao outro. Ele não queria me matar. Levantou as mãos na minha direção, como se fosse me abraçar, abençoar ou queimar. O simples gesto já tornou o ar perto do meu rosto escaldante.

Eu sabia o que precisava fazer. E só tinha uma chance.

Havia areia nas minhas mãos. Mexi meus dedos sutilmente. Senti a areia responder enquanto o calor que irradiava de Noorsham aumentava, mesmo contra sua vontade, mesmo enquanto tentava contê-lo. Os gallans alternavam entre apontar as armas para mim e Noorsham, hesitantes. Seu fogo se aproximava de mim. Dos meus pés. Juntei a areia nos meus dedos em um projétil.

O mundo entrou num foco familiar. Como se eu fosse aquela garota desesperada na arena de Tiroteio novamente.

Eu tinha um último tiro.

E uma ótima pontaria.

Fiz um único movimento fluido, lançando a mão para a frente como se disparasse um tiro. A

areia seguiu o movimento. Dessa vez não era uma explosão violenta e descontrolada.

Era uma bala certaíra.

Ela atingiu o rosto de Noorsham, fazendo-o cambalear para trás com um grito, enquanto a bala se desintegrava e voltava a virar pó e o calor diminuía.

Prendi a respiração enquanto ele levantava a cabeça. O fecho na lateral da máscara estava solto por causa do impacto. Observei Noorsham levar as mãos ao rosto, tremendo. A máscara de bronze que cercava toda a sua cabeça foi retirada.

Ele parecia terrivelmente jovem sem ela. Tão novo quanto naquele dia na loja da Vila da Poeira, quando era apenas um garoto sarcástico de olhos azuis. Um garoto que eu achei que fosse frágil e humano e destinado a morrer cedo.

Eu estava errada em todos os sentidos.

— Não é a cidade que merece queimar — ele disse, apontando para Naguib.

O calor se projetou dele numa onda violenta, balançando tudo no caminho. As armas gallans foram apontadas para Noorsham. Levantei as mãos, erguendo o deserto comigo. Protegendo-o das balas enquanto seu fogo avançava em direção ao nosso inimigo.

Naguib gritou.



NASCI NO DESERTO. Ele era parte de mim. Aquilo era tudo o que eu lembrava da luta que se seguiu. Caos e areia e balas que não me atingiram. Quando todos os meus inimigos haviam caído, desabei apoiada numa parede, cansada demais para me importar se mais alguém queria atirar em mim ou me queimar viva.

— Amani. — Abri os olhos de repente. Jin estava de pé nos portões de Fahali. A expressão em seu rosto se alegrou quando me viu, e ele correu na minha direção, aliviado. — Graças a Deus.

— Você não acredita em Deus — eu disse. As palavras saíram como um gemido enquanto ele eliminava a distância entre nós com um beijo.

Alguém pigarreou atrás de nós, e nos separamos.

Os gêmeos estavam de pé a alguns metros, ambos de braços cruzados. Pareciam um pouco chamuscados, mas relativamente intactos.

— Esse é o parabéns que vamos receber por sobreviver também? — Maz perguntou. — Porque não sei como me sinto em relação a isso.

O cabelo de Izz levantou.

— Eu sei como *eu* me sinto.

— E eu sei como *eu* me sinto em relação a quebrar o nariz dos dois — Shazad disse, empurrando Izz sem desacelerar o passo. Hala seguia seu rastro, a pele dourada manchada de sangue vermelho. Me dei conta de que a luta havia terminado. E ainda estávamos todos vivos. Queria chorar de alívio. Shazad embainhou a cimitarra antes de estender as mãos e me puxar para um abraço. Desabei em cima dela, grata.

Quando nos separamos, percebi que tínhamos público. O povo de Fahali se amontoava ao nosso redor, reunindo-se conforme a poeira assentava. Só que ninguém reparava em nós. Todos os olhos estavam fixos em Ahmed.

Ele estava de pé logo depois dos portões da cidade, com três soldados mirajins. Prisioneiros, imaginei, já que esperavam de joelhos, com a cabeça baixa, por seu veredito.

Ahmed realmente se portava como um príncipe. Dava para ver naquele momento. O rapaz sorridente e amigoso que não queria ser tratado como “majestade” tinha sumido. Mas ele

também não era um regente dourado pronto para subir no trono. Parecia um herói lendário, recém-chegado de uma batalha. Um homem capaz de liderar aquele país.

— O que aconteceu? — perguntei, me apoiando em Shazad. Depois da morte de Naguib, tudo não passava de um borrão na minha memória.

— Os soldados gallans que sobreviveram bateram em retirada — ela respondeu em voz baixa. — Eu os vi cavalgando para o norte. Quando contarem ao rei que o sultão tentou matá-los, será o fim da aliança. O que sobrou do exército de Naguib se rendeu depois que ele morreu. Todo mundo o viu queimar.

— E Noorsham? Eu o perdi de vista na luta...

— Deve ter fugido — disse Shazad, cerrando a mandíbula.

Ele havia escapado. Tentei esconder o alívio no rosto. Noorsham havia matado Bahi. O garoto que tinha feito uma serenata bêbado para ela, que tinha se juntado a uma rebelião por sua causa. Mas Noorsham ainda era meu irmão. Meu irmão, que tinha o poder de destruir aquele deserto inteiro se quisesse, ainda estava em algum lugar por ali. E sabia meu nome verdadeiro.

Ahmed falava com os soldados mirajins, a voz alta o suficiente para as pessoas próximas ouvirem:

— Não vou matar vocês. Execução sem um julgamento é o que os gallans têm feito aqui há séculos. E a influência deles no nosso deserto logo vai terminar. — Um dos três soldados olhou rapidamente para cima, como se ousasse ter esperança de escapar com vida. — Vou libertar vocês sob a condição de que levem uma mensagem ao meu pai.

Um murmúrio percorreu a multidão quando ouviram ele dizer “meu pai”. Se Ahmed notou, não demonstrou.

— Digam a ele que Fahali está intacta e sob minha proteção. Que reivindico a autoridade sobre todas as cidades a oeste das montanhas centrais. Meu pai não pode manter o país inteiro sob controle sem a aliança com os gallans. E caso se recuse a escutar a vontade do povo, escutará a minha. De um jeito ou de outro, tomarei o trono desta nação um dia. Até lá, este é o meu povo.

A atenção de todos estava fixa em Ahmed enquanto seu olhar alternava entre os três soldados. Talvez eles fugissem de Miraji em vez de retornar ao sultão com a mensagem. Mas as histórias sempre davam um jeito de encontrar seu caminho no deserto. O sultão ouviria falar que o príncipe rebelde estivera sobre as cinzas da batalha de Fahali e que ameaçara seu governo.

— E se ele vier atrás do meu povo, a guerra irá bater na sua porta.

— Uma nova alvorada! — O grito surgiu na multidão antes que Ahmed tivesse terminado de falar.

— Um novo deserto! — Dezenas de vozes responderam, entrecortadas e fora de ritmo.

— Uma nova alvorada! Um novo deserto! — O grito ecoou por Fahali, milhares de vozes mirajins juntas em coro. Um cântico por seu príncipe, por seu herói, por todos nós.

O sol estava se pondo quando saímos da cidade para voltar ao vale de Dev. Quando o sultão soubesse o que tinha acontecido naquele dia, ninguém contaria que éramos um pequeno bando de rebeldes cansados e maltrapilhos. Ninguém diria que não parecíamos prontos para lutar na guerra que estava chegando. Que metade de nós não tinha certeza de que éramos capazes. Ele só saberia que tínhamos vencido e ainda estávamos vivos.

E no dia seguinte o sol nasceria marcando o início de um novo deserto.

AGRADECIMENTOS

Este livro é sobre uma garota que a princípio quer fazer tudo sozinha mas acaba se envolvendo em algo muito maior. Percebo agora que a jornada de ter um livro publicado é bem parecida com isso.

A primeira pessoa que fez parte da jornada deste livro foi a minha agente, Molly Ker Hawn. Acho que nunca tinha ouvido o nome de Amani em voz alta até ela dizer na primeira vez que nos encontramos, e sempre vou lembrar disso como o momento em que esta história encontrou outra pessoa que acreditava nela. Desde então, ela levou este livro muito mais longe do que eu era capaz de imaginar, e sou muito grata a ela e a toda a equipe da Bent Agency por continuar me apoiando e me guiando a cada passo.

Sou incrivelmente sortuda por este livro ter chegado até minhas editoras, Kendra Levin e Alice Swan, que se entusiasmaram com a história e usaram sua inteligência para guiá-la até onde deveria chegar. Então agradeço a vocês por tudo, desde me dar uma chance até editar cartas com referências a Star Wars e Tchékhov e uma seção inteira chamada “sexytimes”, sem contar os telefonemas de seis horas de duração. Mas, acima de tudo, obrigada por serem tão pacientes com uma autora de primeira viagem tentando entender como tudo funciona. Fico muito feliz por este livro ter encontrado um lar na Viking e na Faber, e serei eternamente grata às equipes maravilhosas nos EUA e no Reino Unido por todo o trabalho duro. Um livro passa pelas mãos de mais pessoas do que eu imaginava, e provavelmente do que eu ainda imagino, e sou grata a cada uma.

Agradeço a todos que compraram os direitos para publicar o livro em outros países. Saber que vocês vão traduzir minhas palavras para línguas que eu nem consigo entender me deixa atônita. Obrigada.

Este livro já é dedicado aos meus pais. Se “mostre, não diga” é uma regra fundamental da escrita, devo dizer que meus pais sabem aplicar muito bem na vida real. Não lembro de ouvir nenhuma vez alguma frase clichê como “Acreditamos em você” ou “Vamos te apoiar de qualquer maneira”, mas ao mesmo tempo eu nunca tive dúvidas disso.

Estou em débito com todo mundo que me manteve sã enquanto eu passava de escritora a autora. Essas pessoas me ajudaram de maneiras sobretudo abstratas, então serei obrigada a agradecer pelas atitudes concretas que vieram junto com o apoio moral. Agradeço a Rachel Rose Smith pelos croissants de amêndoas, por me deixar dormir na casa dela e simplesmente ser uma das melhores pessoas que eu conheço. Michella Domenici, por ler este livro mais de uma vez durante todas as mudanças, me ouvir sempre e se tornar a primeira fangirl. Jon Andrews, pelos desenhos motivacionais da Taylor Swift em guardanapos. Amelia Hodgson, por passar uma tarde inteira me ajudando a ter ideias para o desenvolvimento da história. Meu irmão mais novo, Max, por me aguentar durante o Natal enquanto eu tentava dar um jeito na questão da bomba, e por tentar corajosamente me dar conselhos científicos que eu falhei miseravelmente em compreender. Janet Hamilton-Davies, por abraçar tão fácil a ideia de que

sua sobrinha tinha escrito um livro, como só uma professora que passou a vida toda garantindo que os jovens ao seu redor tivessem consciência do seu potencial poderia fazer. Nick Sims, por ser extraordinariamente compreensível com sua funcionária distraída tentando editar um livro. Justine Caillaud, por fazer pôsteres de PROCURADA para mim e passar os últimos vinte e quatro anos sendo criativa comigo. Aos Sweet Sixteens — só estou começando a entender agora o quão incrível é ter uma rede de apoio formada por outros autores estreantes e o quanto eu precisava disso. Obrigada a todos que estão junto comigo nesse barco de lançar um livro em 2016. E a todos os blogueiros maravilhosos, por compartilharem a capa, organizarem bate-papos e serem infinitamente empolgados para falar de livros na internet e fora dela. Também agradeço a todos que ofereceram qualquer tipo de apoio durante o processo, mesmo que parecesse insignificante no momento. Obrigada por me dizerem que eu era capaz quando estava insegura — seja na forma de palavras encorajadoras, uma mensagem de texto boba ou um caderno de presente. Roisin Ellison, Tempe Nell, Catherine Parkes, Meredith Sykes, Olivia Bliss, Annik Vrana, Elisa Peccerillo, Anne Murphy, Sophie Cass, Heidi Heilig, Roshani Chokshi, Jessica Cluess, Harriet Reuter Hapgood, Kathryn Purdie, Stephanie Garber, Alexia Casale e várias outras pessoas que com certeza estou esquecendo sem querer. Vocês sabem quem são, e espero que também saibam como sou grata.

O fim deste livro é sobre uma garota que encontra seu lar e seu lugar. Então finalmente agradeço a você, leitor, por decidir ler esta história e fazer esta jornada chegar até o final.



HAZEL GARDNERY

ALWYN HAMILTON nasceu em Toronto, no Canadá, e já morou na França e na Itália. Estudou história da arte no King's College, em Cambridge, e atualmente vive em Londres, onde trabalha numa casa de leilão.

Copyright © 2016 by Alwyn Hamilton

Publicado mediante acordo com Lennart Sane Agency ab.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Rebel of the Sands

CAPA Faber and Faber

ILUSTRAÇÕES DE CAPA Shutterstock

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-438-0563-4

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

